

**DIRCEL APARECIDA KAILER**

**VOGAIS PRETÔNICAS /e/ E /o/ :  
UM ESTUDO EM TEMPO APARENTE**



ARARAQUARA – SÃO PAULO  
2008

**DIRCEL APARECIDA KAILER**

**VOGAIS PRETÔNICAS /e/ E /o/ :  
UM ESTUDO EM TEMPO APARENTE**

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Lingüística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Descrição e Análise Lingüística

**Orientador:** Marymarcia Guedes

**Bolsa:** CNPq

ARARAQUARA – SÃO PAULO  
2008

**DIRCEL APARECIDA KAILER**

# **VOGAIS PRETÔNICAS /e/ E /o/ : UM ESTUDO EM TEMPO APARENTE**

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Descrição e Análise Linguística

**Orientador:** Marymarcia Guedes

**Bolsa:** CNPq

**Data de aprovação:** 01/07/2008

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dra. Marymarcia Guedes  
**UNESP/ARARAQUARA.**

Membro Titular: Prof<sup>a</sup>. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera  
**UEL.**

Membro Titular: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Rosário de Fátima Valencise Gregolin  
**UNESP/ARARAQUARA.**

Membro Titular: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori  
**UNICAMP.**

Membro Titular: Prof. Dr. Luiz Antônio Amaral  
**UNESP/ARARAQUARA.**

**Local:** UNESP - Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

*A meus avós (em memória),  
A minha mãe, a meu companheiro Nelson e a meu bebê, cujo amor é incomparável.  
Ao ALPR (AGUILERA, 1994) por ser uma fonte inesgotável para inúmeros  
estudos sobre o falar paranaense.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que tudo pode e tudo faz acontecer, por estar presente em minha vida e na das pessoas que me cercam;

A minha orientadora Marymarcia Guedes que, com paciência e carinho, guiou-me com sabedoria;

À professora Vanderci Andrade Aguilera pelo desprendimento em fornecer seus dados e materiais que tornaram possível minha pesquisa de mestrado e o presente estudo;

Aos professores Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, Eva Ucy Miranda Sá Soto, Vanderci de Andrade Aguilera, Maria Rosário de Fátima Valencise Gregolin, Angel Humberto Corbera Mori, Luiz Antônio Amaral e Ivone Alves pela leitura deste trabalho e importantes sugestões;

Aos professores Rosane de Andrade Berlinck, Gladis Massini-Cagliari, Iselci Schelle, Ariel Braga, Luiz Carlos Cagliari e Ludoviko Carnaciali dos Santos pelas valiosas contribuições oferecidas no decorrer de suas aulas;

A Marciana Favretto e Ivoneide Della Justina que foram o elo entre mim e as comunidades;

A minha família, que respeitou minha ausência em muitos momentos;

A Édina de Fátima Almeida, minha irmã querida, que sempre esteve presente, incentivando me nos momentos de maiores dificuldades, conferindo minhas transcrições e codificações;

À bibliotecária Ilza A. de Andrade, pela normatização deste trabalho;

Aos funcionários da Secretária da Pós-Graduação por atenderem minhas solicitações prontamente;

Aos meus amigos Weber, Judson, Sueli, Claudia, Juliana, Alessandra, Cristina, Maria de Lourdes, Elizabeth, Ivonete, Aparecida, Maria José, Luzia, Zenaide e Darci, pelas diferentes manifestações de apoio no decorrer desta pesquisa.

Ao CNPq pela ajuda financeira;

A todos os informantes que cederam parte de seu tempo para conversar comigo e àqueles que, mesmo não possuindo as características para serem entrevistados, fizeram questão de encontrar alguém que possuísse o perfil desejado. Meu imenso carinho e meu muito obrigada a:

Lorena M.G.; Benilda A.C.; Ademir P.; Roberto P.; Edegar W.; José M.M.G.; Suzana R. P.; Noraldino S. N.; João M. P. Cândida S. L.; Adélia B. R.; João M. C.; Marcelo F.; Benilde D. R. Ronaldo R. P.; Ana Carolina M. B.; William W. Célio P.; Lílian C. A.; Amanda D.J.S.; Mário C.S.; Solange A. L. João. C.; Solange.; Maria B. S.; Saul S.; Paulo C. V.; Jorandir T.; Alex M.; Jucemar P.A.; Nilza H.; Maria T.; Juliana H. P.; Lúcia C. R.; Leandro F.; Fani A.H.P.; Aline A.; Deonilde M.; Lenir S. A.; Nilva M. O.; João F.; Nilvada R. S.; Claudinei P. José L. Adriano O.; João M.; João S.; Milton B.; Roseide S.; Douglas S.; Rafaela B.; Vinícius B.

## RESUMO

Neste estudo, à luz dos pressupostos teóricos da Sociolingüística Variacionista Quantitativa, analisamos o uso das vogais pretônicas /e/ e /o/ no falar de 32 informantes, do sexo feminino e do sexo masculino, referentes a 2 regiões paranaenses. Conforme os resultados, verificamos que os contextos lingüísticos são determinantes no alçamento ([u], [i]) ou na manutenção ([o], [e]) dessas vogais. Dentre as variáveis lingüísticas as mais relevantes para a aplicação do alçamento foram: a) as vogais altas da sílaba seguinte a das vogais pretônicas ([o], [e]); b) as vogais médias pretônicas em contexto de hiato; c) a vogal pretônica [e] em contexto inicial seguida por uma fricativa [s, z] ou por uma nasal. Quanto às variáveis sociais, sexo, faixa etária e escolaridade, foram pouco significantes, todavia, pudemos verificar que as mulheres, os mais escolarizados, e os informantes com idade intermediária tendem a alçar menos que os homens, os jovens, os mais idosos, os analfabetos. Esse fato pode ser um indicativo de “prestígio” ou apontar para a questão das pressões sociais em relação à manutenção das pretônicas [e] e [o] nestas variedades, embora os resultados das variáveis sociais não possibilitem conclusões definitivas pelos percentuais muito próximos.

**Palavras-chave:** Vogais pretônicas /e/ e /o/. Alçamento. Variáveis lingüísticas. Variáveis extralingüísticas.

## ABSTRACT

In this study following the theoretical presuppositions of the Quantitative Variacionist Sociolinguistics, we analyse the behaviour of the mid pretonic vowels /e/ and /o/ in the talk of thirty-two informants (females and males sex) referent to two paranaense Linguistic region. According to the results of the quantitative analysis, we verified that raising ([u],[i]) or the maintenance ([o],[e]) of the mid pretonic vowels [e] and [o] is determined by linguistic context, for example, when the immediate next syllable has the vowels [i] or [u], when the dependent variable is followed by a vowel, when the pretonic [e] is in initial context and/or followed by fricative consonant [z, s] or by a nasal consonant. As for social variables sex, age and scholarship, we observed that they have less significance. In spite of, that we could verify that the women, the informants with high level of education and the middle age use more the mid vowels [o] and [e] . While the men, the informants with lower education level and the youngest, the oldest use more the high vowel [u] and [i]. This fact can be indicative of some “prestige” or “social pression” in relation to the maintenance of the pretonics [o] and [e] in this variety. Although these results very close don't allow us definitive conclusions.

**Key words:** Pretonic vowels /e/ and /o/. Raising. Linguistic variables. Extralinguistic variables.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b> Vogal pretônica /o/ - Vogais contíguas	144
<b>Gráfico 2.</b> Vogal pretônica /o/ - Vogais altas contíguas	145
<b>Gráfico 3.</b> Vogal pretônica /o/ - Nasalização	146
<b>Gráfico 4.</b> Vogal pretônica /o/ - Atonicidade	147
<b>Gráfico 5.</b> Vogal pretônica /e/ - Vogais contíguas	176
<b>Gráfico 6.</b> Vogal pretônica /e/ - Vogais altas contíguas	176
<b>Gráfico 7.</b> Vogal pretônica /e/ - Nasalização	177
<b>Gráfico 8.</b> Vogal pretônica /e/ -Atonicidade	179
<b>Gráfico 9.</b> Estudo de Painel referente à vogal pretônica /o/	183
<b>Gráfico 10.</b> Estudo de Painel referente à vogal pretônica /e/	184
<b>Gráfico 11.</b> Estudo de tendências – Foz do Iguaçu referente à vogal pretônica /o/	186
<b>Gráfico 12.</b> Estudo de tendências – Foz do Iguaçu referente à vogal pretônica /e/	186
<b>Gráfico 13.</b> Estudo de tendências – Pato Branco referente à vogal pretônica /o/	187
<b>Gráfico 14.</b> Estudo de tendências – Pato Branco referente à vogal pretônica /e/	188
<b>Gráfico 15.</b> Estudo em tempo aparente - Faixa etária & Gênero – <i>Corpus 1</i> referente à vogal pretônica /o/	189
<b>Gráfico 16.</b> Estudo em tempo aparente – Faixa etária & Gênero- <i>Corpus 1</i> referente à vogal pretônica /e/	190
<b>Gráfico 17.</b> Estudo em tempo aparente – Faixa etária & Gênero – <i>Corpus 2</i> referente à vogal pretônica /o/	190
<b>Gráfico 18.</b> Estudo em tempo aparente – Faixa etária e gênero – <i>Corpus 2</i> referente à vogal pretônica /e/	191
<b>Gráfico 19.</b> Estudo geracional em tempo aparente referente à vogal pretônica /o/	193
<b>Gráfico 20.</b> Estudo geracional em tempo aparente referente à vogal pretônica /e/	193
<b>Gráfico 21.</b> Faixa etária referente à vogal pretônica /o/	194
<b>Gráfico 22.</b> Faixa etária referente à vogal pretônica /e/	195
<b>Gráfico 23.</b> Escolaridade referente à vogal pretônica /o/	196
<b>Gráfico 24.</b> Escolaridade referente à vogal pretônica /e/	196
<b>Gráfico 25.</b> Faixa etária & escolaridade referente à vogal pretônica /o/	197
<b>Gráfico 26.</b> Faixa etária & escolaridade referente à vogal pretônica /e/	198
<b>Gráfico 27.</b> Escolaridade & Gênero referente à vogal pretônica /o/	199
<b>Gráfico 28.</b> Escolaridade & Gênero referente à vogal pretônica /e/	199
<b>Gráfico 29.</b> Idosos & Atividade & Escolaridade referente à vogal pretônica /o/	201
<b>Gráfico 30.</b> Idosos & Atividade & Escolaridade referente à vogal pretônica /e/	201



<b>Gráfico 31.</b> Jovens & Atividade & Escolaridade referente à vogal pretônica /o/	202
<b>Gráfico 32.</b> Jovens & Atividade & Escolaridade referente à vogal pretônica /e/	203
<b>Gráfico 33.</b> Vogal pretônica /e/ - Regiões	206
<b>Gráfico 34.</b> Vogal pretônica /o/ - Regiões	207

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Quadro vocálico partindo-se da posição tônica	33
<b>Quadro 2.</b> Vogais diante de consoantes nasais na sílaba seguinte	33
<b>Quadro 3.</b> Vogais pretônicas	34
<b>Quadro 4.</b> Primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas	34
<b>Quadro 5.</b> Vogais átonas finais diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo	34
<b>Quadro 6.</b> Informantes do <i>corpus</i> 1 (grupo de controle)	88
<b>Quadro 7.</b> Informantes do <i>corpus</i> 2	89
<b>Quadro 8.</b> Recortes Sociolingüísticos	106

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Padrões de mudanças lingüísticas individual e na comunidade	27
<b>Tabela 2.</b> Vogal Pretônica /o/ - Contexto fônico precedente – Ponto de articulação	115
<b>Tabela 3.</b> Vogal Pretônica /o/ - Contexto fônico seguinte – Ponto de articulação	122
<b>Tabela 4.</b> Vogal Pretônica /o/ - Contexto precedente – Modo de articulação	130
<b>Tabela 5.</b> Vogal Pretônica /o/ - Contexto seguinte – Modo de articulação	132
<b>Tabela 6.</b> Vogal Pretônica /o/ - Estrutura da sílaba – Trava silábica	134
<b>Tabela 7.</b> Vogal Pretônica /o/ - Vogal da sílaba seguinte - Harmonização vocálica e homorganicidade	136
<b>Tabela 8.</b> Vogal Pretônica /o/ - Vogal da sílaba tônica	140
<b>Tabela 9.</b> Vogal Pretônica /e/ - Contexto fônico precedente – Ponto de articulação	149
<b>Tabela10.</b> Vogal Pretônica /e/ - Contexto fônico seguinte	156
<b>Tabela 11.</b> Vogal Pretônica /e/ - Contexto precedente – modo de articulação	161
<b>Tabela 12.</b> Vogal Pretônica /e/ - Contexto seguinte – modo de articulação	163
<b>Tabela 13.</b> Vogal Pretônica /e/ - Estrutura da sílaba	165
<b>Tabela 14.</b> Vogal Pretônica /e/ - Vogal da sílaba seguinte: harmonização vocálica e homorganicidade	167
<b>Tabela 15.</b> Vogal Pretônica /e/ - Vogal da sílaba tônica	172
<b>Tabela 16.</b> Vogais Pretônicas /o/ e /e/ - Regiões	205

## LISTA DE SÍMBOLOS DO ALFABETO FONÉTICO

Apresentamos neste quadro a os símbolos do IPA (International Phonetic Alphabet), que usamos em nossas transcrições, bem como exemplos dos nossos dados em que ocorrem estes símbolos.

Alfabeto fonético: consoantes ocorridas nos dados analisados

Símbolos	Classificação <sup>1</sup>		Exemplos
p	Oclusiva bilabial desvozeada	poder	[po'de]
b	Oclusiva bilabial vozeada	borboleta	[boɹ'boleta]
t	Oclusiva alveolar desvozeada	cotovelo	[Koto'velʊ]
d	Oclusiva alveolar vozeada	domingo	[do'mĩŋʊ]
k	Oclusiva velar desvozeada	costeleta	[koste'letə]
g	Oclusiva velar vozeada	goela	[go'eɫə]
tʃ	Africada alveopalatal desvozeada	continuar	[kõtʃi'nuə]
dʒ	Africada alveopalatal vozeada	ofendido	[ofẽ'dʒidʊ]
f	Fricativa labiodental desvozeada	fogão	[fo'gãw̃]
v	Fricativa labiodental vozeada	volume	[vo'lume]
s	Fricativa alveolar desvozeada	solução	[so'lusʊ]
z	Fricativa alveolar vozeada	cozinhar	[ko'ziãa]
ʃ	Fricativa alveopalatal desvozeada	roxinho	[ho'ʃiũ]
ʒ	Fricativa alveopalatal vozeada	João	[ʒo'ãw̃]
h	Fricativa glotal desvozeada	rolete	[ho'lete]
x	Fricativa velar desvozeada	rosado	[xo'zado]
m	Nasal bilabial vozeada	moleira	[mo'leɾə]
n	Nasal alveolar vozeada	novembo	[no'vebro]
ɲ	Nasal palatal vozeada	conheço	[ko'ɲesʊ]
r	Tepe alveolar vozeada	trovão	[tro'vãw̃]
ʀ	Vibrante alveolar vozeada	morrer	[mo're]
ɻ	Retroflexa alveolar vozeada	formiga	[foɹ'miga]
l	Lateral alveolar vozeada	colocar	[kolo'ka]
ɬ / w	Lateral palatal / nasal velar	hospital	[#ospi'taw ~ #ospi'taɬ]
ʎ / lʝ	Lateral palatal vozeada	joelho	[ʒo'eɫʊ / ʒo'e lʝʊ]

## Alfabeto Fonético: vogais

[a]	Vogal oral, baixa, central, não arredondada	olhar	[o'ʎa.ɫ]
[ã]	Vogal nasal baixa central não arredondada	porção	[poɾ'sãw̃]
[e]	Vogal anterior, média, fechada, não arredondada	cobreiro	[ko'bɾeɾu]
[ɛ]	Vogal média baixa anterior não arredondada	colher	[ko'ʎɛ.ɫ]
[ẽ]	Vogal nasal média anterior não arredondada	movimento	[movi'mẽtu]
[i]	Vogal alta, anterior não arredondada	motivo	[mo'tʃivʊ]
[ĩ]	Vogal nasal, alta, não arredondada	sobrinha	[so'brĩɲa ~ so'brĩyˈa]
[o]	Vogal média posterior, fechada, arredondada	cozinhar	[kozi'jã]
[õ]	Vogal nasal média posterior arredondada	comprido	[koˈpɾidu]
[ɔ]	Vogal média, baixa posterior arredondada	gogó	[go'gɔ]
[u]	Vogal alta, posterior, fechada, arredondada	corisco	[ku'ɾiskʊ]
[u]	Vogal alta, posterior, fechada, arredondada	costume	[kos'tume]
[ũ/ ũ̃]	Vogal nasal alta posterior, fechada, arredondada, átona	profundo	[pɾo'fũdu]
w	Semivogal posterior arredondada, tônica	João	[ʒu'ãw̃]
y <sup>2</sup>	Semivogal alta não arredondada	senhora	[sẽyˈnoɾa]

## Diacríticos

<sup>1</sup> indica a sílaba tônica/ acento primário	[kɔstu'ɾeɾa]
~ indica nasalização	[kõse'gi.ɫ]
# indica fronteira silábica	[# o'ɾe.ɫa]

<sup>1</sup> Usamos, salvo algumas exceções, a classificação proposta por Cristóvão Silva (2001).

<sup>2</sup> O IPA utiliza o símbolo [y] para representar uma vogal anterior alta fechada arredonda. Nós o utilizamos com o glide ou semivogal, conforme Cavaliere (2005, p. 90).

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 TEORIA DA VARIAÇÃO	20
1.1 ESTUDO EM TEMPO APARENTE	26
1.2 ESTUDO EM TEMPO REAL	26
1.3 ALGUNS ESTUDOS EM TEMPO APARENTE	28
2 ESTUDOS DAS VOGAIS PRETÔNICAS	33
2.1 AS VOGAIS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL	35
2.2 ESTUDOS VARIACIONISTAS SOBRE AS PRETÔNICAS	44
3 VOGAIS PRETÔNICAS /e/ E /o/ NAS CARTAS FONÉTICAS DO ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ	54
3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	61
4 AS VOGAIS PRETÔNICAS NO FALAR PARANAENSE	63
5 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	77
5.1 LOCALIZAÇÃO DE FOZ DO IGUAÇU E PATO BRANCO	77
5.2 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E HISTÓRICOS DE PATO BRANCO E DE FOZ DO IGUAÇU	78
5.2.1 Foz do Iguaçu	79
5.2.2 Pato Branco	82
5.2.3 Os tropeiros	84
5.2.3.1 O caminho dos tropeiros	84
5.2.3.2 O homem tropeiro	85
5.2.3.3 Algumas considerações	86
5.2.4 Descrição dos <i>corpora</i>	87
5.2.4.1 <i>Corpus</i> 1 – Grupo de controle	87
5.2.4.2 <i>Corpus</i> 2	88
5.2.5 A Entrevista	90
5.3 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	92
5.4 TRATAMENTO DADO AOS <i>CORPORA</i>	94
5.5 VARIÁVEL DEPENDENTE	96
5.6 VARIÁVEIS INDEPENDENTES	96
5.7 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS	97
5.7.1 Contexto Precedente	97
5.7.2 Contexto Seguinte	98
5.7.2.1 Vogal da sílaba seguinte	100
5.7.2.2 Atonicidade	101
5.7.2.3 Nasalidade	102
5.7.2.4 Contigüidade	102
5.7.2.5 Vogal da sílaba tônica	103
5.7.2.6 Homorganicidade	103
5.7.2.7 Classe morfológica das lexias	104

5.8 VARIÁVEIS SOCIAIS OU EXTRALINGÜÍSTICAS	105
5.8.1 Sexo	105
5.8.2 Idade	106
5.8.3 Escolaridade	108
5.8.4 Inserção social	109
5.8.5 Região	110
5.9 O PROGRAMA DE ANÁLISE QUANTITATIVA VARIACIONISTA	110
5.10 MÉTODO DE ANÁLISE	111
6 PRETÔNICAS /e/ E /o/ NOS FALARES DE PATO BRANCO E DE FOZ DO IGUAÇU – VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS	113
6.1 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS	114
6.1.1 Vogal Média Pretônica Posterior /o/	114
6.1.1.1 Contexto precedente – Ponto de articulação	115
6.1.1.2 Contexto seguinte – Ponto de articulação	122
6.1.1.3 Contexto precedente - Modo de articulação	130
6.1.1.4 Contexto seguinte – Modo de articulação	132
6.1.1.5 Trava silábica	134
6.1.1.6 Vogal da sílaba seguinte	136
6.1.1.7 Vogal da sílaba tônica	140
6.1.1.8 Contigüidade	144
6.1.1.9 Nasalização	145
6.1.1.10 Atonicidade	147
6.1.1.11 Algumas considerações	148
6.1.2 Vogal Média Pretônica Anterior /e/	149
6.1.2.1 Contexto Precedente - Ponto de articulação	149
6.1.2.2 Contexto Seguinte - Ponto de articulação	156
6.1.2.3 Contexto Precedente - Modo de articulação	160
6.1.2.4 Contexto Seguinte - Modo de articulação	162
6.1.2.5 Trava silábica	165
6.1.2.6 Vogal da sílaba seguinte: harmonização vocálica e homorganicidade	167
6.1.2.7 Vogal da sílaba tônica	171
6.1.2.8 Contigüidade	175
6.1.2.9 Nasalização	177
6.1.2.10 Atonicidade	178
6.1.2.11 Algumas considerações	180
7 PRETÔNICAS /e/ E /o/ NOS FALARES DE PATO BRANCO E DE FOZ DO IGUAÇU – VARIÁVEIS SOCIAIS	182
7.1 ESTUDO EM TEMPO REAL	182
7.1.1 Estudo de painel	182
7.1.2 Estudo de tendências	185
7.2 ESTUDO EM TEMPO APARENTE	188
7.2.1 Estudo em tempo aparente – geracional	192

7.3 VARIÁVEIS SOCIAIS	196
7.3.1 Variável Social - Escolaridade	196
7.3.1.1 Variável Social - Escolaridade e faixa etária	197
7.3.1.2 Variável Social- Escolaridade e gênero	198
7.3.2 Variável Social- Inserção no Mercado de Trabalho	200
7.3.2.1 Variável Social- Idosos - atividade & escolaridade	201
7.3.2.2 Variável Social- Jovens -atividade & escolaridade	202
7.3.2.3 Variável Social- Região	204
7.3.3 Avaliação dos informantes quanto ao uso do alçamento	208
7.3.3.1 Algumas considerações	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS	215
REFERÊNCIAS	220
APÊNDICES	237
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO DO ALPR	238
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DAS LEXIAS SUBMETIDAS À ANÁLISE	242
ANEXOS	269
ANEXO A - MAPAS 1 E 2 - ALÇAMENTO DA PRETÔNICA [o] – (KAILER, 2004)	270
ANEXO B – FICHA DA COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB (2001)	272
ANEXO C - CARTAS FONÉTICAS DO ATLAS LINGÜÍSTICOS DO PARANÁ REFERENTES ÀS VOGAIS PRETÔNICAS [e] E [o] (AGUILERA, 1994)	277



## INTRODUÇÃO

Em meados do século XIX, alguns estudiosos<sup>3</sup> perceberam que as línguas possuíam sua própria história, que estavam em constante mudança e que podiam ser estudadas de forma cientificamente minuciosa. A partir de então, estabeleceu-se uma separação entre o estudo diacrônico, através do tempo, e o estudo sincrônico, ou da língua no seu funcionamento atual. Desta forma a língua passa a ser abordada historicamente e as mudanças que apresenta são concebidas nesse século dentro de uma idéia geral de evolução<sup>4</sup> (CÂMARA JR, 1964).

Nesse conceito de evolução estavam incluídas essencialmente três características. A primeira é que as mudanças ocorrem de forma paulatina e gradual; a segunda prevê que essas mudanças paulatinas e graduais dependem umas das outras, ou seja, são encadeadas; e a terceira é que para que haja uma mudança plena se desenvolve uma lenta caminhada, na qual o segundo passo depende do primeiro. (CÂMARA JR, 1964).

Câmara Jr (1964) salienta que é possível observar em uma mudança lingüística três importantes impulsos. O primeiro refere-se à ligação entre língua e cultura, se ocorre mudança na cultura de um povo, a língua também está sujeita a mudanças; o segundo é que as línguas podem mudar por motivação estilística; e o terceiro está relacionado à estrutura da língua, pois como sistema aberto e incompleto, mesmo estando em equilíbrio é instável, com muitos pontos fracos que são passíveis de modificações que, e ao se modificarem criam outros que vão seguindo na mesma caminhada ou deriva que faz parte da história das línguas.

Neste sentido, o autor supracitado ressalta que surgiram os estudos neogramáticos prevendo as mudanças sonoras como ponto de partida para outras mudanças, que as mesmas deveriam ser descritas a partir de leis fonéticas e que eram regulares, sendo as exceções explicadas por analogias ou empréstimos. Por isso, sofreram muitas críticas por parte daqueles que viam as mudanças sonoras como resultado de difusão de traços lingüísticos culturais. Tais

---

<sup>3</sup> De acordo com Paveau e Sarfati (2006, p.25), alguns estudiosos como Ascoli (1829-1907), Leskien (1840 -1916), Paul (1846 -1921), Brugman (1849-1919), Saussure (1857-1912) influenciados por idéias positivistas, criticam várias concepções da Lingüística Histórica, particularmente à obra de Shleicher e propõem, por um lado, que se examinem as transformações fonéticas e por outro, que a análise lingüística deva produzir uma explicação positiva das causas que conduziram às mudanças observadas na língua. (As autoras ressaltam que Saussure, sob a orientação de Leskien, participa plenamente, no decorrer dos anos 1876-1877, do movimento neogramático).

<sup>4</sup> Câmara Jr (1964) esclarece que muitos lingüistas, já no século XIX, rejeitaram o termo evolução para história das línguas. Muitos optaram, segundo o autor, pelo termo deriva, ou seja, de que as mudanças não são desconexas, pois há sempre um rumo encadeando-as. Ele ressalta que, com o progresso dos estudos, “a palavra evolução, em lingüística, pressupõe operar em processos de mudanças ‘graduais e coerente’”(CÂMARA JR, 1964, p.192).

divergências até hoje são discutidas na tentativa de provar qual modelo melhor explica o fenômeno de mudança lingüística.

Para que estas mudanças ocorram, porém, mesmo que de forma gradual, é necessário que aconteça a variação, pois, conforme Tarallo (1987, p. 63) apregoa, “nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança, no entanto, pressupõe variação.”

Sendo assim, desde Labov (1966), muitos pesquisadores têm estudado as formas variantes das línguas no intuito de apreender o caráter sistemático da variação, buscando prever a nova organização do sistema em um processo evolutivo que vem de muito tempo.

Neste sentido, este trabalho retoma o tema de minha dissertação de Mestrado: “O uso do /o/ pretônico no falar rural paranaense”, defendida em 2004, na qual analiso os dados do ALPR<sup>5</sup> (AGUILERA, 1994) e verifico, à luz dos pressupostos teóricos da Sociolingüística Variacionista Quantitativa, o comportamento da vogal pretônica /o/ no falar rural de 60 informantes, do sexo feminino e do sexo masculino, referentes a 30 pontos lingüísticos paranaenses.

Neste estudo, verificamos que os contextos lingüísticos são determinantes no alçamento ([u]) ou na manutenção ([o]) dessa vogal. Dentre as variáveis lingüísticas, as vogais altas da sílaba seguinte e o [o] pretônico sucedido por uma vogal foram as que se revelaram mais relevantes na aplicação da regra de alçamento. Quanto às variáveis sociais, sexo, faixa etária e escolaridade, foram pouco significantes, todavia pudemos verificar que as mulheres, os mais escolarizados e os mais velhos tendem a alçar menos a pretônica [o] que os homens, os jovens e os analfabetos. Esse fato, que pode ser indicativo de certo prestígio em relação à manutenção do [o] pretônico nesta variedade, motivou-nos a desenvolver o presente estudo com o objetivo de compreender e sistematizar o uso variável das pretônicas [e] e [o] em tempo real<sup>6</sup> e em tempo aparente; ou seja, confrontando dados coletados entre 2006 e 2007 com os resultados obtidos no estudo referido acima. Para isso escolhemos uma cidade da região Oeste do Paraná (Foz do Iguaçu) e outra da região Sudoeste (Pato Branco) deste estado. Tal escolha foi motivada, primeiro, pelos resultados lingüísticos obtidos sobre a pretônica [e], por Pontes (2002), e por Kailer (2004)

<sup>5</sup> Atlas Lingüístico do Paraná (AGUILERA, 1994).

<sup>6</sup> Para o estudo em tempo real, comparamos os dados dos dois informantes de Foz do Iguaçu, que foram recontatados, e de outros dois de Pato Branco, que possuíam características semelhantes às dos informantes inquiridos em 1989. Todavia gostaríamos de esclarecer que tais resultados servirão apenas como uma forma de controlar a variação ou possíveis mudanças no uso das pretônicas, devido ao número diferenciado de informantes nos dois *corpora*.

sobre [o] pretônico<sup>7</sup> Esses resultados apresentaram as duas regiões com probabilidades divergentes para a vogal pretônica [e] e para a vogal pretônica [o]. Pontes aponta Pato Branco como uma região de resistência ao alçamento e Foz do Iguaçu como uma região favorável. Já Kailer (2004) verifica que o alçamento da pretônica [o] apresenta baixo percentual em Foz do Iguaçu e alto em Pato Branco. O segundo motivo que nos levou a fazer tal escolha foi a localização geográfica das duas cidades. Foz do Iguaçu, na região Oeste, é uma cidade que faz fronteira com dois países, Argentina e Paraguai, enquanto Pato Branco, no Sudoeste, é muito próxima da fronteira com o estado de Santa Catarina. Além disso, Foz do Iguaçu, como veremos quando falarmos das duas regiões, foi colonizada principalmente por paraguaios e argentinos, enquanto Pato Branco originou-se por acolher os tropeiros que faziam o trajeto de Viamão (RS) a Sorocaba (SP). As duas cidades, segundo Wachovicks (1985, 2001), tiveram em seus primórdios influência da Língua Espanhola usada nos países vizinhos (Argentina, Paraguai e Uruguai), conforme especificamos adiante. Por fim, ambas receberam muitos imigrantes do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do próprio Paraná. Neste sentido buscamos: a) verificar, por meio do estudo em tempo aparente, se o alçamento das pretônicas [e] e [o] nas referidas cidades paranaenses, constitui-se em variação estável, mudança em recuo, ou mudança em progresso; b) identificar em tempo real as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que atuam no comportamento das pretônicas médias, posterior [o] e anterior [e], em início de sílaba, precedidas ou seguidas de vogal ou consoante; c) averiguar se os contextos que favoreciam o alçamento do [e] e do [o] pretônicos, já estudados no falar rural paranaense, ainda têm a mesma influência no uso alçado do [o] e do [e] pretônicos em tempo real; d) investigar se há alguma valoração social quanto ao uso das pretônicas de forma alçada por parte do próprio informante e/ou da comunidade.

---

<sup>7</sup> Conforme mapas 1 e 2, Anexo A, p. 270.

## 1 TEORIA DA VARIAÇÃO

[...] Na realidade, a descrição não se encontra fora da história, uma vez que a descrição de um objeto qualquer em um momento da história é uma parte desta história (COSERIU, 1992, p. 32).<sup>8</sup>

[...] O objeto de estudo da Sociolinguística é a língua como sistema de signos, mas considerada dentro de um contexto social. Para Sociolinguística interessa as relações entre os estratos sociais e a estrutura linguística [...] (MORENO-FERNÁNDEZ, 1998, p. 300).<sup>9</sup>

Vários pesquisadores buscaram estudar a língua, a começar pelos filósofos gregos, Heráclito, Pródico e os sofistas do século V.a.C, que já admitiam “estar o sentido preso à forma das palavras, que encarnam a natureza das coisas.” (BORBA, 1991, p. 305). Desde então, muitos deles registraram seus nomes na história dos estudos da linguagem na tentativa de melhor definir os fenômenos que ocorrem nas línguas. Dentre esses grandes nomes temos, já no século XIX, Saussure com a incontestável importância de suas idéias deixadas na obra Curso de Linguística Geral (1916) postumamente organizada por seus seguidores Bally e Sechehaye. Tais idéias constituíram-se um dos principais objetos de estudo da história da linguística e cooperaram para que ela fosse concebida como uma ciência. Na visão do mestre suíço, a língua é um sistema unitário, homogêneo, fechado e se impõe ao indivíduo, devendo ser estudada internamente, rejeitando-se todos os fatos exteriores a ela como a história e as relações sociais que, segundo tal visão, não tinham implicações sobre o sistema.

Muitas outras correntes linguísticas formaram-se embasadas nas idéias de Saussure, publicadas em 1916: a Escola de Genebra, liderada por Bally, Sechehaye e Frei; a Escola de Praga, formada por Jakobson, Trubetsky, Karcevsky; a Escola de Paris, tendo como líderes Martinet, Benveniste e a Escola formada por Hjelmslev, Uldall, Brondal, Togeby (CASAGRANDE, 2004, p. 29). Todavia foi Noam Chomsky que, a partir dos anos 50, realizou estudos mais abstratos da língua. Reformulando a dicotomia de Saussure, ele contrapôs competência (o conhecimento abstrato da língua) e desempenho (o efetivo uso das regras) (LABOV, 1972, p. 186). Na visão do referido autor, a descrição da competência (conhecimento

<sup>8</sup> [...] En realidad, la descripción no se encuentra fuera de la historia, ya que la descripción de un objeto cualquiera en un momento de su historia es una parte de esta historia. [...] (COSERIU, 1992, p. 32) (Tradução nossa)

<sup>9</sup> [...] El objeto de estudio de la sociolingüística es la lengua como sistema de signos, pero considerada dentro de un contexto social. La sociolingüística le interesan las relaciones entre los estratos sociales y la estructura lingüística [...] (MORENO-FERNÁNDEZ, 1998, p. 300). (Tradução nossa)

que cada falante tem do idioma que utiliza) é o principal objetivo de estudo da lingüística<sup>10</sup>, deixando de lado, portanto, o estudo da língua como um comportamento social, ou seja, o desempenho. Na concepção de Chomsky, o conhecimento lingüístico está armazenado na mente do falante. Ele pressupõe um falante ideal, numa comunidade ideal, também com objetivo de abstrair considerações sociais.

Podemos constatar que tanto estruturalistas quanto gerativistas vêem uma língua exterior à heterogeneidade dos indivíduos, bem como às variações e mudanças presentes nas comunidades onde essas pessoas estão inseridas, fatos estes considerandos importantes nos estudos sociolingüistas. Para os seguidores desta teoria, o indivíduo desempenha um papel ativo em sua relação com a língua, visto que pode selecionar entre as várias possibilidades expressivas da língua a que melhor represente o conteúdo a ser expresso em determinadas interações, para determinados ouvintes conforme seus objetivos neste ato lingüístico. Ou seja, para a Teoria Sociolingüística não há como separar o individual do social na atividade lingüística, pois, não apenas a criação dos fatos sociais, como também a sua conservação ou mudança, são determinadas pelas relações sociais que estabelecem entre os indivíduos na sociedade. “Os fatos sociais devem, portanto, ser tomados em suas especificidades – particularmente a língua –, consoante a teia de relações que neles se estabelece; e analisados em sua dinamicidade, numa relação dialética entre o social e o individual” (LUCCHESI, 2004, p. 49-50).

Labov, principal representante da Sociolingüística variacionista, não vê outra forma de considerar a língua como objeto da lingüística a não ser inserida em um contexto social.<sup>11</sup> Neste sentido estudam-se de forma sistematizada os aspectos lingüísticos e sociais que permeiam as possíveis variações que ocorrem nas línguas.

Labov apresenta três estudos propulsores da Teoria Variacionista. O primeiro foi realizado em 1962 em Nova Iorque, no qual investigou o uso do < r > conforme estratos sociais. Para isso ele coletou dados de assistentes e vendedores que não sabiam que estavam fazendo parte de uma pesquisa, de três lojas de departamentos que representavam diferentes *status* sociais: Saks (nível alto), Macy’s (nível médio) e S. Klein (nível social baixo). Seus resultados revelaram que o apagamento do < r > era mais freqüente na fala de informantes mais velhos,

---

<sup>10</sup> “the proper object of linguistic study is an abstract, homogeneous speech community which everyone speaks alike and learns the language instantly” (CHOMSKY, 1965, p. 3). (Tradução nossa)

<sup>11</sup> Language is a form of social behavior. (LABOV, 1972b, p. 202). (Tradução nossa)

adotada por informantes mais jovens; pessoas de *status* social mais baixo e de pessoas que estivessem menos atentas na fala.

O segundo importante estudo de Labov foi realizado em 1963 na Ilha de Martha's Vineyard, nos Estados Unidos, sobre a vogal base dos ditongos (aw) e (ay) que apresentavam alternância em direção a uma pronúncia mais centralizada – [a] [ɐ] e [ə]. A primeira ([a]) era uma característica da pronúncia padrão do estado de Nova Inglaterra e a última ([ə]), mais centralizada, remontava ao inglês do século XII e XVIII. No intuito de averiguar se a elevação dessas vogais tinha motivação social, Labov inquiriu 69 informantes, sendo 40 deles pescadores da parte superior da ilha e 29 eram fazendeiros da parte inferior. Labov observou as diferenças econômicas dos habitantes da ilha, que eram da classe baixa, em sua maioria pescadores, em relação às dos veranistas frequentadores da ilha, que faziam parte de uma classe econômica mais elevada.

Labov constatou que a centralização da vogal apresentou uma frequência mais alta na parte superior da ilha; que os informantes de 30 a 45 anos centralizavam mais; e que os nativos da ilha centralizavam as vogais como forma de reação lingüística à invasão dos veranistas. Para Labov, o referido uso dos ditongos eram indicativos de identificação de espaço e cultura.

Outro estudo de Labov, também muito importante na introdução e propagação da Teoria Variacionista, foi publicado em 1969, no qual ele combinou técnicas da gramática gerativa com análise quantitativa para investigar o aparecimento e desaparecimento da cópula na fala dos negros adolescentes do Harlem, em Nova Iorque. Ele observou que entre a forma padrão (He is wild), a forma natural (He's wild) e a forma estigmatizada (He wild), os negros usavam a estigmatizada ou em um percentual mais baixo a natural, ao contrário dos brancos que utilizavam a padrão e a natural. Observou, também, que, nos casos em que ocorria contração no inglês padrão, ocorria apagamento no inglês dos negros jovens do Harlem; se não ocorresse a contração o apagamento também não se efetuava. Labov constatou, com este estudo, que os negros não usavam uma língua diferente, mas uma variedade do inglês padrão.

São os citados estudos de Labov, juntamente com “os estudos de Herzog sobre a dialetologia do ídiche no norte da Polônia, e o trabalho de Weinreich no *Language and Culture Atlas of Ashkenazic Jewry*, que formam a base empírica para a teoria da variação proposta no célebre texto de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, escrito entre 1966 a 1968 sob o título de *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*” (LUCCHESI, 2004, p.

168). Nesses estudos os autores propõem desenvolver, a partir da questão da mudança, um novo modelo teórico, por meio do qual se possa formular uma nova orientação para a pesquisa lingüística, na qual a funcionalidade do sistema deveria ser concebida em função da heterogeneidade e pluralidade social e cultural da comunidade que dele se utiliza:

[...] A chave para uma concepção racional da mudança lingüística - na realidade, da própria língua - é a possibilidade de descrever ordenadamente a diferenciação em uma língua que serve a uma comunidade. Nós defenderemos que o comando nativo das estruturas heterogêneas não é matéria de multidialectalismo ou de “mero” desempenho, mas é parte da competência lingüística unilíngüe. Um dos corolários da nossa abordagem é que, em uma língua que serve a uma comunidade complexa (i.e, real) é a ausência da heterogeneidade estruturada que seria disfuncional. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 101). (Tradução nossa)<sup>12</sup>

Lucchesi (2004) ressalta que esse caminho (teoria e prática lingüística de forma integrada) trilhado pela Teoria da Mudança ou Sociolingüística Variacionista, que tenta unir dois planos teóricos distintos, o da “formalização da língua como sistema heterogêneo e variável” e o da “visão da competência lingüística também heterogênea” é o impasse que se apresenta aos representantes desta teoria, que propõe como modelo para as pesquisas lingüísticas na atualidade, pois é necessário, ainda, esclarecer se o sistema lingüístico heterogêneo é uma representação da língua da comunidade ou da competência lingüística do indivíduo. (LUCCHESI, 2004, p. 172 - 173).

Neste sentido, Weinreich, Labov, Herzog (1968) destacam cinco problemas a serem resolvidos. O primeiro é o das restrições (*The Constraints Problem*), ou seja, determinar o conjunto de mudanças possíveis e as condições possíveis para a mudança<sup>13</sup>; outro é da transição (*the transition problem*), em que o problema é traçar o caminho do desenvolvimento lingüístico através de um espaço fonológico ou gramatical multidimensional (LABOV, 1982, p. 27). O terceiro problema é do encaixamento (*The embedding Problem*), pois a mudança lingüística investigada deve ser vista como encaixada no sistema, portanto é preciso resolver as questões relativas à “natureza e extensão desse encaixamento” em relação à estrutura lingüística

<sup>12</sup> [...]The key to a rational conception of language change – indeed, of language itself – is the possibility of describing orderly differentiation in a language serving a community. We will argue that natively like command of heterogeneous structures is not a matter of multidialectalism or “mere” performance, but is part of unilingual linguistic competence. One of the corollaries of our approach is that in a language serving a complex (i.e., real) community, it is absence of structured heterogeneity that would be dysfunctional. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 101).

<sup>13</sup> ...to determine the set of possible changes and possible conditions for changes (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 183). (Citação traduzida por nós)

(*Embedding problem in the linguistic structure*) e à estrutura social (*Embedding in the social structure*). O quarto problema é da avaliação (*The Evaluation Problem*), que se refere à avaliação que o informante faz da variante inovadora e o quanto essa avaliação interfere no curso de uma mudança. O quinto problema é o da implementação (*The Actuation Problem*) considerado por Labov (1982) como o mais difícil de todos os problemas.<sup>14</sup> Refere-se ao porquê de uma determinada mudança acontecer em certo lugar, com determinado grupo e em uma data específica.

Como a Teoria da Variação propõe uma nova forma de ver e tratar os fenômenos lingüísticos, ou seja, captar a língua da forma mais natural possível, ela apresenta uma metodologia muito bem delineada, preocupada com momentos que vão da delimitação da variável em estudo aos procedimentos durante a coleta e análise dos dados. Quanto à coleta, Labov (1976) chama a atenção para o que ele nomeia de o paradoxo do observador, visto que o informante sabe que está sendo gravado e, ao mesmo tempo, o entrevistador precisa de uma fala que represente o vernáculo. Na tentativa de resolver esse impasse, ele propõe que se leve o informante a contar experiências pessoais que envolvam emoções, esperando que, ao se envolver com o fato que narra, preste menos atenção na própria fala. Sendo assim, a entrevista terá momentos de fala mais formal e de fala mais espontânea. Desta forma será possível captar as diversas variações que possam ocorrer na fala de um mesmo informante. (LABOV, 1976, p. 290).

Além dos estilos de fala, Labov propõe também que se leve em consideração a idade, sexo, escolaridade, dimensão geográfica bem como o nível sócio-econômico do indivíduo entrevistado. Considerando-se esses aspectos, a Teoria da Variação analisa não só a estrutura lingüística, mas também contextos extralingüísticos que lhe possibilitam averiguar a evolução e a avaliação social a que determinada variante pode estar sujeita.

Quanto ao tratamento dos dados, Labov (1969) ao analisar a contração e apagamento da cópula, com o objetivo de “quantificar os fenômenos lingüísticos variáveis” e de “dar conta da variação estruturada, governada por regras, no uso da língua” (GUY, 1988)<sup>15</sup>, propõe o uso da regra variável visando sistematizar o que Weinreich, Labov e Herzog (1968) “denominam de heterogeneidade ordenada.”

Para Guy (1988)

<sup>14</sup> “this is well-know to be the most difficult of all problems” (1982, p. 29).(Citação traduzida por nós)

<sup>15</sup> Guy (1988), tradução de Zilles (1998, p. 27).



A análise da regra variável vai envolver a contagem das ocorrências da variável, a descrição de tendências e da extensão da variabilidade, bem como das restrições ou fatores que a influenciam mediante métodos estatísticos. Tal análise é multivariada, ou seja, ela é uma tentativa de modelar os dados como uma função de várias forças simultâneas, interseccionadas e independentes, que podem estar atuando em diferentes direções. De fato, um dos produtos da análise é uma medida numérica do peso e da direção (favorável ou desfavorável) de cada força.

Tal análise deve basear-se em um grande *corpus* de observação da variável em muitos contextos diferentes e envolve a parcialização dos diversos efeitos, controlando-se um de cada vez (GUY, 1988, tradução ZILLES, 1998, p. 27).

A propósito, Labov (1969), como já mencionamos anteriormente, propõe a seguinte regra :  $X \rightarrow (Y) / A\_B$ . Ou seja, “uma regra variável é uma regra de reescritura sensível ao contexto que relaciona um par de variantes”. A variante X pode tornar-se variavelmente Y em um ambiente A\_B, quando há aplicação da regra. Se não houver aplicação da regra, permanece a variante X. O que vai determinar a probabilidade de uma ou outra variante ocorrer serão os contextos estruturais e não-estruturais (LABOV, 1969, p. 737) .

Para medir a influência de cada contexto em relação à aplicação da regra variável, Cedergren e Sankoff (1974), a partir de Labov (1969), desenvolveram um modelo de análise estatística que foi sendo aperfeiçoado por diversos autores<sup>16</sup>. Ou seja, partiram de um modelo aditivo de aplicação, posteriormente desenvolveram o modelo multiplicativo de aplicação, depois o modelo multiplicativo de não-aplicação e finalmente chegaram ao modelo logístico, que faz parte dos programas do pacote VARBRUL e sua versão para *windows* GOLDVARB (2001) que são ferramentas práticas, bastante sofisticadas e de fácil utilização.

Com esse modelo de análise, podemos constatar se a regra variável em estudo é uma variação estável, ou seja, as variantes estão duelando, mas as duas persistem, ou se é uma variação em progresso, na qual uma das variantes está vencendo a batalha, apesar da presença da outra, ou, por fim, uma mudança completa, quando uma delas se torna vencedora e a outra, a vencida, transforma-se em uma forma arcaica e cai em desuso. Para que possamos verificar o estágio da variação, é preciso que façamos um estudo com bases diacrônicas e sincrônicas. A seguir verificamos como é possível realizar tais investigações bem como alguns estudos em tempo real (diacrônico) e em tempo aparente (sincrônico).

---

<sup>16</sup> Sankoff (1978, 1988); Sankoff e Labov (1979), Sankoff e Rousseau (1979), Guy (1988, 1993); Wolfram (1991), Rand e Sankoff (1990), Robinson, Lawrence e Tagliamonte (2001). (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001).

### 1.1 ESTUDO EM TEMPO APARENTE

Em uma pesquisa sincrônica é possível depreender indícios de uma mudança em progresso por meio de um estudo em tempo aparente, ou seja, pela “distribuição de variáveis lingüísticas através das faixas etárias” (LABOV, 1994, p. 45), pois, se uma variante for mais freqüente na fala dos mais jovens, pode ser indicativo de mudança em avanço.

Juntamente com a variável faixa etária, há outras variáveis a se levar em consideração no estudo de uma mudança lingüística, como a classe socioeconômica, o sexo do informante, a escolaridade, o estilo formal e informal, entre outras.

### 1.2 ESTUDO EM TEMPO REAL

O estudo em tempo real é realizado por meio de pesquisas diacrônicas, ou seja, com dados de diferentes épocas. Tal investigação possibilita explicar ocorrências lingüísticas no presente, a partir de evidências do passado, e verificar se uma variante está se expandido ou não no uso da comunidade em estudo. Para Labov (1994) são as observações em tempo real que definem se uma mudança está em progresso ou não em uma comunidade.

Ele afirma que há duas abordagens básicas na obtenção de dados em tempo real. Uma é o estudo de tendências, que ele considera “mais simples e mais eficiente.” Nesta abordagem o pesquisador investiga em estudos semelhantes já realizados sobre a comunidade em questão, no intuito de comparar os resultados. Para isso é necessário que se elabore uma amostra parecida, escolhendo os informantes da mesma maneira, para se obter. Para poder dizer se a regra em estudo é um caso de mudança ou não, o autor alerta que é importante observar se não houve nenhuma mudança drástica na comunidade, pois isso poderia interferir nos resultados do reestudo (LABOV, 1994, p.73 - 76).

A segunda abordagem é o estudo de painel que ele considera mais difícil e elaborado, pois o pesquisador deve retornar à comunidade, após um certo tempo, e repetir a mesma pesquisa, com os mesmos informantes, e monitorar qualquer mudança em seus comportamentos, submetendo-os ao mesmo questionário, entrevista, ou experimento (LABOV, 1994, p. 76).

Labov (1994), ao comentar sobre o estudo tipo painel realizado por Thibault e Vincent (1984), que obtiveram gravações dos mesmos informantes em um intervalo de tempo de 50 anos, salienta que os dados obtidos do recontato de um mesmo indivíduo depois de longo período fornece-nos dados valiosos para o estudo de mudança da comunidade e para o estudo de presença ou ausência de mudanças no sistema de cada indivíduo. Essa identificação do comportamento estável ou instável dos indivíduos possibilita identificar se há uma mudança geracional ou uma gradação etária. A primeira refere-se à frequência mantida pelos indivíduos quanto ao uso estável de determinada variante. A segunda refere-se ao fato de os indivíduos alterarem seus comportamentos lingüísticos conforme vão envelhecendo.

Labov (1994) salienta que é necessário fazer um estudo combinando os dois tipos – painel e tendências, porque apenas por meio do estudo de painel não se pode distinguir nem a gradação etária de mudança comunitária, que ocorre quando todos os membros de uma comunidade podem alterar a frequência no uso de uma variante, nem a mudança geracional de estabilidade, na qual comunidade e indivíduo não alteram seus comportamentos lingüísticos, ou seja, não há indícios de uma mudança em curso.

Ele apresenta estes quatro padrões de mudanças (estabilidade, gradação etária, mudança geracional e mudança comunitária) na Tabela 1.

**Tabela 1.** Padrões de mudanças lingüísticas individual e na comunidade.

Padrões	Individual	Comunidade
1. Estabilidade	Estável	Estável
2. Gradação Etária	Instável	Estável
3. Mudança Geracional	Estável	Instável
4. Mudança Comunitária	Instável	Instável

Padrões de mudanças lingüísticas individual e na comunidade (LABOV, 1994, p. 83).

Podemos observar na Tabela 1 que, quando o indivíduo e a comunidade permanecem estáveis, temos um padrão de estabilidade. Se o indivíduo apresenta instabilidade e a comunidade mantém-se estável, ocorre uma gradação etária. Caso a comunidade apresente instabilidade e o indivíduo estabilidade a mudança é geracional. Se, por fim, comunidade e indivíduo permanecerem instáveis, o padrão é de mudança comunitária.

É interessante salientar que o tempo aparente pode fornecer informações a respeito dos padrões de gradação etária e mudança geracional. Já as informações acerca dos padrões gradação etária e mudança comunitária podem ser obtidas por meio do estudo de painel em tempo real. Por fim, o comportamento instável e estável das comunidades e instável do indivíduo pode ser verificado por meio do estudo de tendências que inclui dois estudos em tempo aparente, diferenciando todos os quatro padrões apresentados na Tabela 1 (LABOV, 1994, p. 84).

Para corroborar a afirmação de Labov de que é importante aliar estudos em tempo aparente com estudo em tempo real para estudar possíveis mudanças lingüísticas, Sankoff (2006) acrescenta que, “juntos, estudos de tendências e de painel de décadas passadas confirmam a validade e a utilidade do estudo em tempo aparente como uma ferramenta conceitual para a identificação da mudança lingüística em progresso.” Ou seja, estudos de tendência e de painel interseccionados com o estudo da faixa etária do falante tornam “[...]a metodologia sincrônica uma poderosa lente para interpretar o passado” (SANKOFF, 2006, p. 14).<sup>17</sup>

### 1.3 ALGUNS ESTUDOS EM TEMPO APARENTE

Conforme Sankoff (2006), a primeira pesquisa para mostrar a influência de estudos sincrônicos na história da mudança lingüística, e também considerada como uma maneira de entender o caráter sistemático da comunidade de discurso, foi o já citado estudo de Labov realizado em 1963 na ilha de Martha’s Vineyard sobre os ditongos (ay) e (aw). Ele constatou, entre outros achados, que a vogal base desses ditongos apresentava três alternâncias em direção a uma pronúncia mais centralizada, e as mais altas eram produzidas pelos mais jovens. Havia,

---

<sup>17</sup> Together, trend and panel studies of the past decade have confirmed the validity and usefulness of apparent time as a powerful conceptual tool for the identification of language change in progress.” ... “[...]synchronic methodology is a powerful lens for interpreting the past.” (SANKOFF, 2006, p. 14). (Citação traduzida por nós)

portanto, duas explicações para o padrão geral relacionado à idade. Os falantes mais velhos iniciaram suas falas a partir dos ditongos mais centralizados típicos dos falantes jovens de 1961. Progressivamente foram abaixando seus núcleos, década a década, conforme se tornavam mais velhos, o que Labov chamou de gradação etária. Por outro lado, talvez o padrão tenha sido atribuído aos falantes mais velhos que aprenderam a língua quando a comunidade como um todo tinha seus valores mais baixos e suas falas refletiam o estado da língua de uma época anterior. Sob esta interpretação, o aumento regular através dos quatro grupos etários representaria uma mudança em progresso geracional. Labov referiu-se a isto como uma interpretação em tempo aparente. Ele decidiu que esta interpretação era possível pelas evidências que vieram de gravações anteriores. Em 1933, os quatro informantes entrevistados pelo Atlas Lingüístico de Nova Inglaterra [LANE] estavam com 56 a 82 anos de idade. Eles apresentaram apenas centralização moderada de (ay) e a manutenção de (aw) que foi de zero para todos (LABOV, 1972, p. 24). Comparando os falantes mais velhos de trinta anos atrás aos falantes mais velhos das entrevistas de 1961, Labov percebeu que a interpretação em tempo aparente estava correta. Contudo ele percebeu que o efeito da gradação etária deve ser um fator secundário nesta distribuição. Este estudo foi, segundo Sankoff (2006), um prelúdio para o estudo posterior de Labov (1966) na cidade de Nova Iorque que serviu como primeiro exemplo de possibilidade de integração entre sincronia e diacronia lingüística no estudo de mudanças lingüísticas (SANKOFF, 2006, p. 2).

Após estes estudos, muitos outros foram realizados na tentativa de encontrar evidências no passado que explicassem ocorrências no presente.

Segundo Labov (1994), o mais conhecido é o reestudo de Hermann (1929) que partiu das observações feitas por Gauchat (1905) com dados coletados no vilarejo de Charmey, na Suíça, entre 1899 a 1904. O intuito era testar a hipótese neogramática sobre a existência de dialetos homogêneos. Constatou, porém, que ao contrário das postulações neogramáticas sobre homogeneidade, Gauchat (1905), em sua análise qualitativa, encontra em tempo aparente para cinco variáveis lingüísticas: três processos de variação no sistema vocálico e duas mudanças consonantais:

$a^{\circ} \rightarrow a:$	$l^{\prime} \rightarrow y$
$o \rightarrow a^{\circ}$	$\theta \rightarrow h$

$e \rightarrow e^i$

Herman, ao voltar anos mais tarde a essa comunidade, entrevistou 40 informantes, e constata, então, sobre suas variáveis de interesse, que: a) a monotongação de /ã/ estava completa; a ditongação de /o/ havia avançado consideravelmente; e c) a ditongação de /e/ não estava acabada. A principal variação de /o/ constatada, por ele, foi em ambiente antes de /r/, fato que Gauchat não encontrara em 1904. Quanto ao sistema consonantal, verificou que a aspiração de /θ/ não havia avançado, apresentando o mesmo nível de variação observado por Gauchat. Hermann observou que, apesar do sucesso obtido por Gauchat no estudo da variação lingüística, o estudo em tempo real foi fundamental para detectar a mudança lingüística em progresso (LABOV, 1994, p. 85).

Outro estudo apontado por Labov (1994) é o de Fowler, que em 1986 reaplica um estudo de Labov realizado em três lojas de departamentos entre 1962 e 1963, com 264 informantes adultos, sobre o uso da variante [r] em posição final e pré-consonantal, a qual foi introduzida em Nova Iorque como uma variável de prestígio após a Segunda Guerra Mundial. Labov constatou que, quando o informante prestava atenção na fala produzia o [r] com mais frequência, já na fala mais espontânea, com exceção das classes sociais mais altas, a tendência era apagamento do [r] em posição de coda (LABOV, 1994, p. 86).

Joy Fowler em 1986, então, usando a mesma metodologia e número de informantes, reaplica o estudo de Labov e constata que a produção e o apagamento do [r] continuavam estáveis, ou seja, a forma de prestígio, manutenção do [r], continuava presente na fala de Nova Iorque. Percebeu, porém, um comportamento lingüístico variável em relação ao estilo de fala, formal ou não formal (LABOV, 1994, p. 86).

Quanto à distribuição em tempo aparente, Labov (1994, p. 90-91) diz que Fowler constatou: a) na loja Sacks, tanto em 1962 quanto em 1986, que os mais jovens usavam com mais frequência e invariavelmente a variante [r] em relação aos mais velhos. Isso levou Fowler a interpretar que, conforme os informantes da classe alta vão envelhecendo, vai diminuído o uso do [r]; b) Já nas lojas Macy's, conforme o informante vai envelhecendo, mais freqüente se torna o uso do [r]. Labov salienta que, apesar de o estudo de Fowler mostrar uma variação estável, este autor verifica um sensível aumento na produção do [r] pelos informantes da loja Sacks, ou seja, na loja de maior *status* social ocorreu uma sutil mudança em tempo real nas realizações do [r] (LABOV, 1994, p. 86).

Outro estudo apresentado por Labov (1994) é o de Cedergren, de 1973, sobre a Língua Espanhola da cidade do Panamá. Uma das cinco variáveis principais que ela estudou foi o desafricação de (ch) em *muchacha, che, muchos*, entre outros, que envolviam a mudança da africada [č] para a fricativa [š]. Apesar de não encontrar evidências de mudanças em tempo real, a autora verificou indícios de mudanças em progresso em tempo aparente, quanto ao uso desta variável, (LABOV, 1994). Em 1983, Cedergren retorna ao Panamá e repete sua investigação por meio de um estudo de tendências. A autora constatou, conforme Labov (1994), a) que tanto em 1969 quanto em 1982 os grupos etários apresentavam os mesmos valores em tempo aparente; b) que a maioria da população continua avançando na desafricação de [č], mas parece que, para o segundo grupo mais alto (com idades de 27-32 (1982) e 20-29 (1969)), o processo atingiu seu limite; c) que o grupo dos mais jovens mostrava um recuo no processo de aplicação da regra. Como os jovens, que em 1969 tinham 15 anos e em 1982 estavam com 28 anos, foram os que apresentaram maior índice de desafricação do [č], tal qual ocorreu em 1969 com o grupo dessa faixa etária, Labov esclarece que essa mudança pode ser explicada por gradação etária e não por mudança geracional, pois a comunidade (com idades de 27-32 (1982) e 20-29 (1969)) continua liderando na desafricação do (ch), ou seja, continua estável, já os indivíduos apresentam um comportamento instável, pois os mais jovens de 1969 passam a fazer mais uso da aplicação da regra em 1982 (LABOV, 1994, p. 94).

Por fim, Labov (1994) apresenta o estudo de Trudgill, de 1974, sobre o inglês na cidade de Norwich. Este autor parte de uma amostra composta por informantes nascidos entre 1875 e 1958, que, na época da realização da coleta de dados, tinham de 10 a 93 anos de idade. Em 1983, Trudgill retorna a Norwich e acrescenta 17 informantes entre 10 a 25 anos de idade ao grupo a ser comparado com o grupo jovem da amostra original, ou seja, com aqueles que tinham de 10 a 20 anos de idade na primeira amostra. Labov (1994) declara que Trudgill verificou um número de mudanças em progresso que não haviam sido evidenciadas em 1968. Para algumas, como a mudança de /θ/ para /f/, não havia traço em todos os estudos anteriores, mas 15 anos mais tarde 70% dos falantes apresentavam tais traços. Para outras, como a labialização de /r/, havia apenas casos dispersos em 1968, que Trudgill descreveu como uma variação individual; em 1983 esse processo era uma tendência geral. A anteriorização do núcleo de /u:/ em *moan, soap, toe*, entre outros, não apareceu na amostra de 1968, no entanto, estavam presentes na fala de alguns

adolescentes entrevistados por Trudgill. Já em 1983 o processo estava bem encaminhado (LABOV, 1994, p. 97) .

Labov considera que o reestudo mais importante sobre mudança em progresso em Norwich foi sobre a anteriorização de (el) em *help*, *belt*, *hell*, entre outros. Em 1968 os mais jovens fizeram maior uso na fala espontânea, com um índice menor de mudança no estilo de leitura e de listas de palavras. No reestudo, o índice relativo de mudança era discreto . Havia apenas insignificantes avanços na anteriorização do (el) na fala espontânea para os adolescentes mais novos. Já a posteriorização (*hell* ~ *hull*), estigmatizada em 1968, torna-se em 1983 aceita pela norma da comunidade. Fato que, segundo Labov (1994, p. 97), Trudgill (1974) considera uma mudança completa.

A seguir fazemos um breve levantamento sobre os estudos realizados acerca das vogais pretônicas no Português brasileiro e paranaense com intuito de entender o processo da aplicação da regra de alçamento das vogais pretônicas ([e] e [o]) nesses falares.



## 2 ESTUDOS DAS VOGAIS PRETÔNICAS

Câmara Jr. (1998, p. 39) relata que o sistema vocálico oral da Língua Portuguesa é muito complexo e extrapola “as cinco letras latinas vogais na escrita” e se constitui de sete fonemas que se multiplicam em muitos alofones. Ele advoga, ainda, que o número de vogais átonas é, nesse idioma, mais reduzido e apresenta, baseado no falar carioca, os seguintes quadros vocálicos do Português brasileiro.

Altas	/u/		/i/	
Médias	/ô/		/ê/	(1º grau)
Médias	/ó/		/è/	(2º grau)
Baixas		/a/		
	/posteriores	/centrais/	/anteriores/	

**Quadro 1.** Quadro vocálico partindo-se da posição tônica<sup>18</sup>  
 FONTE: Câmara Jr. (1998, p. 43).

Altas	/u/		/i/	
Médias	/o/		/e/	
Baixas		/a/		
		[â]		
	/posteriores/	/centrais/	/anteriores/	

**Quadro 2.** Vogais diante de consoantes nasais na sílaba seguinte.  
 FONTE: Câmara Jr. (1998, p. 43).

Além dos quadros das vogais orais e nasais em posição tônica, Câmara Jr. (1998) apresenta mais outros três das vogais em posição átona, que resultam de processo de neutralização, assimilação ou de harmonia vocálica.

<sup>18</sup> O autor propõe que se faça a descrição da vogais partindo da posição tônica porque é ela “que nos dá em sua nitidez e plenitude os traços distintivos vocálicos”, uma vez que nas posições átonas muitos desses traços com valores distintivos desaparecem. (CÂMARA JR., 1998, p. 22).

Altas	/u/		/i/
Médias		/o/	/e/
Baixas		/a/	
	/posteriores/	/centrais/	/anteriores/

**Quadro 3.** Vogais pretônicas.  
 FONTE: Câmara Jr. (1998, p. 44).

Altas	/u/		/i/
Médias		/.../	/e/
Baixas		/a/	
	/posteriores/	/centrais/	/anteriores/

**Quadro 4.** Primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas.  
 FONTE: Câmara Jr. (1998, p. 44).

Altas	/u/		/i/
Baixas		/a/	
	/posteriores/	/centrais/	/anteriores/

**Quadro 5.** Vogais átonas finais, diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo.  
 FONTE: Câmara Jr. (1998, p. 44).

Diante do Quadro 4, o autor salienta que no falar carioca a produção das pretônicas /e/ e /o/, quando possuem uma vogal alta tônica na sílaba seguinte, é muito prejudicada e aparece, na fala informal, apenas em vocábulos “inusitados”. O mesmo ocorre com essas vogais em contextos de hiato como em “voar e passear”, que se realizam como “/vuar’/ e /passiar’/”. Câmara Jr. destaca que em alguns vocábulos não ocorre a neutralização devido, primeiro, à “clareza comunicativa” (“/pear/ embarçar e /piar/ soltar pios”); segundo, devido à interferência do plano morfológico, ou seja, a vogal pretônica média mantém sua altura em “vocábulos derivados, paradigmaticamente associados aos vocábulos primitivos em que ela é tônica, apesar de haver algumas exceções como “ /fu,i’n,a/ folhinha, para calendário, mas só /fol,i’n,a/ para diminutivo de folha”. (CÂMARA JR. 1998, p.45)

Nas comunidades investigadas, observamos, por meio de uma audição impressionista, que o quadro das átonas finais difere um pouco do verificado por Câmara sobre o falar carioca, visto que, principalmente em Pato Branco, mantém-se a altura das átonas finais.

Observamos, ainda, que apesar do uso das médias postônicas [o,e] finais em Pato Branco diferir do observado por Câmara Jr., o fenômeno de alçamento das médias pretônicas em contexto de hiato e a manutenção da altura da vogal pretônica em vocábulos derivados corroboram as afirmações deste autor, conforme verificamos na análise.

Como vimos, pela descrição realizada por Câmara Jr., a variação das vogais [ e ~ i ] e [ o ~ u ] em posição pretônica são freqüentes não apenas no falar carioca, mas nos demais falares brasileiros. Há autores que vêem esse fenômeno como um processo de harmonização vocálica (BISOL, 1981), outros como sendo influenciado pelas consoantes adjacentes (ABAURRE-GNERRE, 1981). Há, ainda, aqueles que apontam o alçamento como uma questão lexical (OLIVEIRA, 1991). De fato, o que temos são muitos estudiosos buscando diferentes teorias e metodologias na tentativa de encontrar o caminho mais adequado para descrever a variação das vogais médias pretônicas.

## 2.1 AS VOGAIS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

O uso das pretônicas [e] e [o] constituem um dos traços marcantes que diferenciam não só os falares regionais brasileiros, mas também o Português Brasileiro do Português Europeu. Para Hart (1955 *apud* Bisol, 1981, p.230), as vogais /e/ e /o/ em posição pretônica fundiram-se em [i] e [u], respectivamente, e a distinção entre as anteriores [e] e [i] em Portugal, e no Brasil entre as anteriores ([e ~ i]) e posteriores ([o ~ u]) deve-se à reintrodução por “learned reaction”<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> “The simplest explanation would seem to be to admit that e and o fell together with i and u in Old Portuguese, and that the distinction has been reintroduced by analogy with other forms of the same word in which the stress shifts from ending to root, as in first singular indicative lego [lEgo]- But this explanation, which serves well enough for verbs, will not account for the preservation of the distinction in substantives, for here is no shift of accent. One might perhaps see in the distinction between pretonic e and i (and, in Brazil, of o and u as well) a learned reaction, comparable to the adoption in the eighteenth-century Spanish of such ‘spelling pronunciation’ as digno, solemne for older dino, solene, or the attempt by some Spanish Americans today to sound the written p for such words as psicología septiembre, and to pronounce as ks the written x of texto, exclusivo, which cultivated Castilians pronounce simply as s.” (HART, 1955, p. 109-110 *apud* Bisol, 1991, p.230).

A esse respeito Bisol (1981, p. 230) acrescenta que:

Segundo Israel Révah (1958), o Brasil continua a dupla pronúncia quinhentista de *i*, mas /u/ representa a fusão de /o/ e /u/ já realizado no português antigo, restaurando-se o *o* etimológico e ortográfico no século XVIII em Portugal, e em épocas mais recentes no Brasil. (Tradução da autora).

Não temos, portanto, uma data precisa para o início do fenômeno de alçamento, mas, como algumas pesquisas atestam, a alternância das vogais médias pretônicas já foi registrada do latim vulgar ao português arcaico. Maia (1986), por exemplo, em seu estudo que englobou textos do século XIII ao século XVI sobre o português e o galego, observa que em sílaba inicial de alguns vocábulos o [e] alterna-se com [i] ou com o ditongo [ei], mas há palavras como *egreja*, *eglegiário*, *hermáá*, por exemplo, que apresentam o [e] pretônico invariavelmente. A autora reitera que a grafia de [e] em posição inicial absoluta conforme os exemplos citados não ultrapassam o século XIV, quando a frequência e regularidade da vogal alta nesta posição aumentam. Além disso, a autora destaca:

Quando as mesmas vogais do latim clássico [E, Æ, E<sup>˘</sup>, Ī] não se encontram em inicial absoluto, a não ser que a palavra ofereça especiais condições de caráter contextual que motivem a sua mudança de timbre, o resultado da sua evolução é *e*. [...] O timbre da referida vogal está, contudo, sujeito a bastantes oscilações em virtude da influência de sons vizinhos. Um dos casos mais notórios e que nos textos estudados apresenta grande intensidade, muito particularmente nos referentes à Galiza, é a alteração de e da sílaba pretônica em i sob a influência assimilatória de i da sílaba tônica. (MAIA, 1986, p. 530).

Quanto ao [o], à evolução do Ō, Ō̄ e Ū do latim clássico (no latim vulgar o) em posição pretônica, é conveniente distinguir duas posições: por um lado, a posição inicial absoluta, e por outro, a posição pretônica não inicial absoluta. No primeiro caso, como resultado da evolução dos referidos fonemas latinos, os textos registram de modo quase uniforme o – e esporadicamente, ou- [...] (MAIA, 1986, p. 532-3)

Maia ressalta que a vogal pretônica /o/ em posição não inicial absoluta não se altera, se não houver condicionamento fonético; age da mesma forma que a vogal /e/, ou seja, “em virtude de fenômenos assimilatórios”, alternando-se em [o] ou em [u]. Ressalta também que as condições, na língua da época, que propiciavam a alteração de [o] para [u] eram muitas e afetavam várias formas, constituindo possivelmente o início da tendência de “fechar todo o pretônico em u” [...] (MAIA, 1986, p. 532-3).

Observamos que, conforme os apontamentos de Maia (1986), a alternância das vogais no português e no galego do século XIII ao XVI, ocorre por condicionamento fonético. Há, porém, uma questão interessante acerca da valoração do alçamento. Em alguns registros é possível verificar que muitos autores tratavam-no com uma certa estigmatização. No dizer de Bortoni et.al. (1991, p. 78), Duarte Nunez do Lião (1576), por exemplo, apresenta, em seu estudo sobre a ortografia da língua portuguesa, uma lista de palavras que “a gente vulgar usa e escreve mal”. Palavras como *mulher e fugareiro*, entre outras, que classifica como erros, segundo ele, devem ser *emendados, respectivamente*, para *molher e fogareiro*. Visão parecida tem Carmelo (1767) que, segundo (SILVA, 1989), também, em uma lista na qual documenta cerca de cinquenta ocorrências dessas vogais em início de palavras, considera como “abuso freqüente” o uso alçado das pretônicas, por exemplo: “Ulveira por Oliveira, Ullaria e Ulleiro por Olaria e Oleiro, Uperário por Operário, Urelha por Orelha entre outras”. Pronúncia esta que um século depois, segundo Silva (1989, p.50), Vianna (1883) destaca que vai *tornar-se pronúncia culta*.

Essa maneira de abordar o alçamento evidencia que as variações das vogais pretônicas, como ocorre com outros tantos fenômenos, na maioria dos casos, iniciam-se no falar popular, o qual foi e ainda é condenado pelos “responsáveis pelo bem falar”, que muitas vezes deixam-se vencer pela forma antes condenada, acabando por adotá-la. Como exemplo, pode-se citar o caso de: *fugere>fogir>fugir, muliere>molher>mulher*, entre outras, hoje em dia usados, na língua culta. Como já disse Labov (1972, p. 5), diferença não é deficiência, ou seja, o que é diferente ou “errado” hoje, pode ser o comum ou “correto”, amanhã.

Enfim, independentemente da época e do âmbito social em que o alçamento das pretônicas tornou-se presente, o que merece realce é o fato de que essa alternância vocálica constitui um dos fenômenos mais característicos do vocalismo português. (Paulo de Tarso Gallebeck, comunicação pessoal).

Quanto ao uso das pretônicas no português brasileiro, as referências mais antigas, segundo Bisol (1981), foram feitas por Soares Barbosa em 1866 e por Franco de Sá, em 1915. O primeiro diz, conforme a referida autora, que os brasileiros mudam “o *e* pequeno e breve em *i*, dizendo *minino, filiz, binigno, mi déo, ti déo, si firio, lhi éo*.” O segundo, que os brasileiros, ao pronunciarem *pessoa, pezar e querer* etc, dão ao [e] “um som ambíguo, ora mais próximo do *i* ora mais semelhante do *e* átono espanhol, dependendo da região”. Este fenômeno também é percebido na realização do [o] que ora se realiza como [u], ora como o [o] espanhol.

Por outro lado, Silva (1989), observa que Paranhos Silva, em 1879, já recomendava a jovens recém-chegados das universidades portuguesas que na pronúncia brasileira deveria fazer-se o uso “de [e] e [o] fechados – em posição inicial absoluta ou depois de consoante”, conforme podemos observar nesta passagem: “[...] ô fechado não pode, como ê, ser por eles empregado fora da sílaba de acento prosódico e dizem ou hóspital, óficial, óbservatório, prócuração, ócasião ou cuqueira, mudista, murrer, curtar (cast. cortar) [...]”. (SILVA, 1879, p. 31).

O fato de o autor ressaltar em nota jocosa a possibilidade de aqui alternarem [o] e [u] em alguns casos comprova, mesmo sem fazer menção ao fenômeno, que o alçamento já estava presente em nossa língua há algum tempo e também que poderia ser uma forma estigmatizada, conforme podemos observar em:

Confessemos que no Rio de Janeiro pronunciamos culégio, cularinho, culete, culher, e só não dizemos cuqueira, por se receiar talvez que o ouvinte se distraía murmurando: sim, porém, mal... e pêrca o fio do discurso (SILVA, 1879, p.66 apud SILVA 1989, p.51).

De acordo com Silva (1989), Antenor Nascentes pode ser considerado um marco no estudo das pretônicas, pois, em sua investigação das variedades faladas no Brasil, constata que o alçamento e abaixamento das médias pretônicas destacam-se como marca de algumas regiões brasileiras. Tal estudo possibilitou, em 1953, a divisão de nosso falar em dois grandes grupos – o falar do norte e o falar do sul – que se distinguem pela cadência e pela existência de vogais médias pretônicas abertas:

Dividi o falar brasileiro em seis subfálares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul. O que caracteriza estes dois grupos é a cadência e a existência de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios pertencentes a cada um desses grupos. Eles estão separados por zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Os subfálares do norte são dois: o amazonense, que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará, e parte de Goiás [...] e o nordestino, que compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e parte de Goiás que vai da Serra do Estrondo à nascente do Paraíba. Os subfálares do sul são quatro; o baiano, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Bahia, Minas (norte, nordeste e noroeste), Goiás [...]; o fluminense, abrangendo o Espírito Santo, o Estado do Rio, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte do Leste de Minas Gerais); o sulista, compreendendo São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso (NASCENTES, 1953, p. 25).

Outros autores, utilizando metodologia distinta, também têm demonstrado interesse em investigar essa alternância das vogais médias pretônicas, como um critério importante na caracterização das áreas dialetais brasileiras.

Amaral (1955, p. 48), ao tratar das vogais átonas, afirma que o [o] medial alterna-se muitas vezes em [u]: *tabuleta, cozinha, domingo*, sobretudo nos infinitivos dos verbos em -ir, que o têm na sílaba imediatamente anterior à tônica: *ingulir, bulir, tussir*.

Comenta também que, nos infinitivos dos verbos em -ar e -er, conserva-se: *cobrá(r), cortá(r), broqueá(r), intortá(r), sofrê(r), pode(r)*. Afirma ainda que há manutenção da vogal [o] em formas derivadas e flexionadas, quando for tônico nas palavras originárias: *boquêra, porcada, mortinho*. O mesmo ocorre com [õ] medial em *lombilho ~ lumbilho, amontar ~ amuntá(r), comer ~ cume(r), compadre ~ cumpadre, comigo ~ cumigo, conversa ~ cunversa, começar ~ cumeçá(r)*.

Ao aprofundar seu estudo acerca do falar caipira afirma ainda que “o caipira (como, em geral, todos os paulistas) pronuncia, em regra, claramente as vogais átonas, qualquer que seja a posição no vocábulo.” Entre os exemplos, temos a lexia *sobrado*.

Mais adiante, quando apresenta um glossário no qual registra vocábulos em uso entre os roceiros, ou caipiras, cuja linguagem *difere bastante da gente das cidades, mesmo inculta*, são identificados exemplos de alçamento em:

[buçal~boçal]; [bulatim~volantim ~ bolantim], [coiração ~ curação ~ coração]; [corriqueiro ~ curriqueiro]; [corriquerismo ~ curriquerismo]; [cuati ~ coati ~ quati]; [cusilá (r) ~ cochilar ~ cochilho]; [documento ~ dicumento ~ documento]. (AMARAL, 1955, p. 103-117).

Para Houaiss (1959), a variação das pretônicas se deve primeiro a certa harmonização vocálica com a vogal alta, o que considera um processo popular, e, segundo, à regularização morfológica que mantém a vogal média na pronúncia influenciada pela escrita. O autor também verifica a recorrência da pretônica [i] no paradigma de alguns verbos de 2ª. conjugação e da pretônica [u] no paradigma de alguns verbos de 3ª. conjugação. Destaca, ainda, a escassez de alçamento quando a vogal posterior é nasalizada.

Herculano de Carvalho (1969), por exemplo, acredita que a substituição no falar do norte ocorre devido às correlações entre formas morfológicas em que a vogal [do semantema ] ora é acentuada, ora pretônica, por isso as ocorrências abertas tornaram-se generalizadas.

Ele vê a preservação das pretônicas no português do Brasil como um arcaísmo, visto que há muito desapareceu da pronúncia lusitana. Além disso, alude as causas do alçamento ao processo fonológico de harmonização vocálica, que tem sido atualmente, por muitos estudiosos, referenciado como um contexto propiciador de alçamento de [e] e de [o]. Ou seja, as vogais pretônicas se assemelham às vogais altas da sílaba seguinte, apresentando os mesmos traços distintivos (SCHANE, 1975, p. 78).

Além disso, o supracitado autor afirma que a vogal pretônica é assimilada à vogal da sílaba seguinte, ao que ele denomina consciência etimológica da derivação. Este fenômeno, de natureza analógica, faz com que essas vogais associadas a [ɛ] e [ɔ] tônicos, respectivamente, em palavras cognatas, tendam a conservar-se foneticamente mais próximas dessas vogais tônicas, resistindo à elevação. Assim, *ferreiro e sortudo*, por exemplo, não são comumente realizados como *firreiro e surtudo*.

Convém observar, porém, que esse processo analógico vai funcionar de forma diferenciada nas diversas variedades. Entre falantes do falar rural em Minas Gerais, registram-se: *acurteis 'cortês', agurinha 'agorinha' e bizirrinha 'bezerrinha'*, formas que não são comuns em outras variedades. (BORTONI et al., 1991, p. 79).

O uso das pretônicas no falar brasileiro já foi investigado em muitos estados. Silva Neto (1986) descreve a fala carioca como oscilante entre a harmonização vocálica e a pronúncia padrão da língua escrita. Segundo esse autor, o [o] pretônico apresenta-se, pela variação [ɔ], [u], como em *mócótó, cômôssô, cômônôl, curuja, buneca, sutaque*. Há exemplos em que a pronúncia sempre preserva o [o]: *porseiro, correcto, professor, coração, coragem, morar* – ao contrário da lisboeta em que há alçamento por harmonização, o [o] passará a [u] quando seguido de sílaba com vogal [i]: *ortiga > urtiga, cobiça > cubiça, moringa > muringa*; e ainda quando seguido de sílaba com vogal [u]: *gordura > gurdura, fortuna > furtuna, cortume > curtume*. Esse autor também remete à harmonização vocálica como um fator produtivo no alçamento dessas vogais.

Castro (1958, p. 105), em seu estudo acerca do falar cearense verifica que, embora haja alçamento com vogais não altas assemelhando-se ao som mudo do Português Europeu (butar, botão, furtaleza, agradecer, murcego, entre outros), a pronúncia das vogais pretônicas nesta região depende, de forma geral, da vogal tônica seguinte, como ocorre nas formas *ricibi, rêceber e récébá*. Além disso, este autor declara que as vogais dos radicais inacentuadas terão a mesma



altura das vogais orais temáticas nas classes de verbos, ou seja, admite-se a aplicação de uma regra de harmonização entre a vogal do radical e a vogal oral temática.

Mota (1979) faz um estudo acerca das pretônicas no falar de pessoas analfabetas de Ribeirópolis- Sergipe. Ela atesta que os fenômenos fonéticos que aparentam determinar a superficialização da vogal pretônica em baixas, médias e altas, o que ela nomeia de inacentuadas e respectivamente em [+bx], [-alt, -bx] ou [+alt], são:

- 1) realização da vogal inacentuada como [+bx] quando na mesma sílaba ou início da sílaba seguinte encontra-se uma soante [- lat, - nas] ou uma contínua [- ant, - cor], principalmente quando a vogal é [-rec];
- 2) realização como [+alt] da vogal inacentuada [-rec] contígua a segmento consoanântico [+ant] e da vogal inacentuada [+arr] contígua a segmento consonântico [-ant];
- 3) realização da vogal inacentuada [+arr] como [+alt] quando contígua a segmento consonântico [+ant, -cor];
- 4) realização da vogal inacentuada como [+alt] quando imediatamente seguida de outra vogal, acentuada ou inacentuada, sem a presença de segmento [-sil] entre uma e outra (MOTA 1979, p. 277-8).

Em relação ao contexto morfológico, ela afirma que, se os sufixos forem produtivos(-inho, -zinho), a vogal inacentuada será a mesma da vogal do radical(doce ~ docinho, peça ~ pecinha, pobre ~ pobrezinho, leve ~ levezinho; caso não sejam produtivos, as vogais se submetem “às regras fonéticas do mesmo modo que as formas não sufixais.” (*ferro ~ ferrão, corda ~ cordão*) (MOTA, 1979, p. 277-8)

Abaurre-Gnerre (1981, p. 38) estuda os “processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil”. Neste trabalho ela verifica, também, o alçamento das vogais pretônicas [e] e [o] do falar capixaba. Segundo a autora, o alçamento dessas vogais é um processo de redução e não de harmonização vocálica. Ou seja, tanto [e] quanto [o] alçam, na visão da referida autora, de acordo com as consoantes adjacentes. Relaciona, ainda, a harmonização vocálica com os ritmos predominantemente silábicos e o alçamento (e possíveis abaixamentos) de vogais aos ritmos predominantemente acentuais.

Oliveira (1991) retoma algumas conclusões de Viegas (1987) sobre o estudo das pretônicas no falar de Belo Horizonte e, após uma análise, sugere que toda mudança lingüística

sonora ocorre por difusão lexical e que o contexto fonético não é o fator principal para o desencadeamento das mesmas:

Eu direi que todas as mudanças de som são implementadas lexicalmente, isto é, não há mudança de som neogramática. [...] “As primeiras vítimas de uma mudança sonora da forma X – Y/Z são as palavras que apresentam os seguintes traços (não necessariamente nesta ordem):

- a. X ocorre em um nome comum.
- b. Z oferece um contexto fonético para Y

X é parte de uma palavra que ocorre em estilos informais. (OLIVEIRA, 1991, p. 103-104).(Tradução nossa)<sup>20</sup>

Bortoni et al. (1991), em uma revisão bibliográfica, apresentam a pesquisa de Oliveira (1989) que investiga a questão da implementação da regra de variação das pretônicas. Levando em consideração dados levantados por Viegas (1987), Oliveira busca descobrir se a elevação das vogais pretônicas é um fenômeno neogramático ou de difusão dialetal.

No primeiro caso, de acordo com Bortoni et al. (1991), a unidade básica da mudança é o fonema: as mudanças são condicionadas por fatores fonéticos e, por isso, são foneticamente graduais e lexicalmente abruptas. As exceções são atribuídas ao processo de analogia. Já no caso da difusão dialetal, a unidade básica da mudança é a palavra, e as mudanças são consideradas foneticamente abruptas e lexicalmente graduais.

Aquele autor analisa o condicionamento fonético da regra para o alçamento do [o] e considera, como ambientes favorecedores, o contexto precedente obstruinte e uma consoante seguinte nasal. Já as consoantes precedentes sonoras são consideradas ambientes desfavorecedores. Quanto ao [e], o autor considera favorecedor o contexto seguinte de vogal alta, e de sonorante a ausência de segmento precedente, quando a sílaba pretônica é travada por alveolar fricativa ou a vogal pretônica é nasal, e como desfavorecedores uma obstruinte precedente e vogal não-alta na sílaba seguinte.

Ao comparar duas listas de palavras, a primeira com palavras em que a vogal média é categoricamente realizada no falar em questão (*comício, tomada, pomar, cometa, bonina,*

<sup>20</sup> ... “I will say that all sound changes are lexically implemented, that is, there are no neogrammarian sound changes.” [...]“the early victims of a sound change of the form X -Y/Z are the words which present the following features (not necessarily in this order):

- a. X occurs in a common noun.
- b. Z offers a natural phonetic environment to Y
- c. X is part of a word which occurs in informal speech styles. (OLIVEIRA, 1991, p. 103-104)

*mendigo, semente...*) e a segunda, em que a vogal alta é categórica (*comida, tomate, pomada, começo, bonito, mentira, semestre...*), Oliveira (1991) verifica a ausência de regularidade fonética, conclui que está diante de um caso de difusão lexical e sugere, finalmente, que toda mudança sonora “a) é lexicalmente implementada e b) só atinge total regularidade se, e somente se, ocorrer num ambiente fonético que lhe seja favorável”.

Bortoni et al. (1991) criticam a hipótese levantada por Oliveira, pois acreditam que, apesar de suscitar bastante interesse, ela merece ser testada com diversos casos de mudança lingüística, uma vez que

a) a realização categórica como média ou como alta, constatada em Belo Horizonte, não se confirma, necessariamente, em outras variedades; b) o estudo em questão não levou em conta dois fatores importantes no condicionamento fonético, a saber, altura da vogal seguinte no caso do [o] e o ponto de articulação das consoantes vizinhas em ambos os casos (o condicionamento postulado leva em conta o modo e não o ponto de articulação); e c) não se considerou também a influência da tonicidade subjacente, que se manifesta no que alguns autores já mencionados denominam regularização morfológica. (BORTONI et al., 1991, p. 81).

Já Câmara Jr (1998), ao descrever o sistema vocálico brasileiro, vê não só uma alta como favorecendo o alçamento, mas a necessidade de que esta seja tônica.

Nesse sentido, Silva (1989) observa que não só os fatores lingüísticos mas também os extralingüísticos já são aludidos como influentes no comportamento variável dessas vogais, nesses estudos estruturalistas e gerativistas. Esses fatores são considerados por Labov (1972, p. 120) como pressupostos no próprio modelo da análise variacionista.

É interessante salientar, também, sobre esses estudos não sociolingüísticos variacionistas, que muitos deles já apontavam a vogal alta da sílaba seguinte e a tonicidade como fatores favoráveis ao alçamento, contexto que verificamos na maioria dos trabalhos a seguir.

Viegas (2001) faz uma análise histórica da ortografia fonética de 489 itens lexicais para “compreender o início da implementação do alçamento no português e entender melhor as mudanças lingüísticas”. Juntamente com essa análise, ela realiza testes de avaliação e produção do alçamento em itens específicos de Belo Horizonte. A autora mostrou que o modelo difusionista é o que melhor descreve o processo de alçamento, uma vez que admite a postulação de regras para as mudanças sonoras regulares e para as mudanças esporádicas.

Observou em sua análise que há “marcação social de prestígio para a pronúncia e/o e de certo estigma para i/u” e que tal valoração “está relacionada com os grupos sociais e o tipo de interação por eles estabelecida.” Além disso, salienta que:

a) alguns itens hoje alçam, ou não, dependendo da marcação que possa ser dada no momento da enunciação, marcação esta estabelecida historicamente. A marcação foi estabelecida historicamente mas não está perdida, sendo perpassada no momento da enunciação (litrinha); b) alguns itens já estão reestruturados com vogal alta ou com vogal média (minino, por exemplo); destes itens, já reestruturados, alguns já vieram com vogal alta, enquanto outros, ainda, tiveram esta forma alçada pelo freqüente uso pejorativo compartilhado em determinado grupo (piru, chulo), ou têm a vogal média por uma marcação de prestígio, já há muito utilizada e compartilhada (Peru). (VIEGAS, 2001, p. 211).

A autora ressalta, ainda, que utiliza “um conceito de léxico menos estático, mais dinâmico, plástico, mais conexcionista,” conforme Bybee (1995), e “um conceito de linguagem como enunciação” conforme Bakhtin (1992), enfatizando a questão da produção e do uso. Sendo assim, o alçamento das pretônicas é uma “questão lexical e depende da valoração do uso feita pelos indivíduos e pelos grupos sociais que utilizam o item”, Viegas (2001) .

Por fim, a autora afirma que “o lugar do mecanismo estaria na etapa inicial de produção, na direcionalidade do processo de harmonização vocálica e o lugar do funcionalismo nas marcações, nas restrições lexicais, no uso concreto, na realização no momento da enunciação, na implementação lexical” (VIEGAS, 2001, p. 218). Acredita que quando

as marcações são fortes, o mecanismo de mudança fica ‘amortecido’ ou a elas condicionado e, se as marcações são fracas, nas etapas iniciais de um processo não-marcado, por exemplo, o caráter funcional da mudança fica ‘amortecido’ ou menos evidente, embora ambos estejam presentes em qualquer mudança” (VIEGAS, 2001, p. 218).

## 2.2 ESTUDOS VARIACIONISTAS SOBRE AS PRETÔNICAS

São muitos os estudiosos que já observaram o comportamento das médias pretônicas sob a luz da Sociolinguística Variacionista Quantitativa. Iniciamos nosso embasamento teórico por Bisol (1981), uma das primeiras, de que temos conhecimento, a fazer um estudo variacionista

quantitativo acerca da harmonização vocálica. A autora realizou uma pesquisa sobre esse fenômeno no falar gaúcho em um grupo de 44 informantes de etnias distintas: monolíngües metropolitanos (representantes da fala popular e da fala culta, estes últimos com nível superior); bilíngües de uma área de colonização alemã (fala popular); bilíngües de uma área de colonização italiana (fala popular); e monolíngües de uma área de fronteira com o Uruguai (fala popular).

Baseando-se nas propostas teórico-metodológicas da Sociolinguística laboviana, a autora verificou que o uso da regra de elevação nesse falar é moderado, confirmando a predominância da realização fechada das vogais médias pretônicas.

Afirma que as variáveis lingüísticas que se mostraram relevantes nesse estudo foram: a vogal alta da sílaba seguinte (como em *procissão* ~ *prucissão*, *poderia* ~ *puderia*, *aborrecido* ~ *aburrecido*)<sup>21</sup>; a nasalidade, que foi favorável ao alçamento da média anterior [e], mas desfavorável ao da média posterior [o] *acendido* ~ *acindido*, *contido* e mais raramente *cuntido*; as consoantes palatais, labiais e velares, cujos efeitos se apresentaram da seguinte maneira – as palatais favoreceram o alçamento de [e] e [o] na posição seguinte, *melhor* ~ *milhor*, *sonhar* ~ *sunhar*, as labiais e as velares favoreceram a elevação da média posterior [o], principalmente em posição precedente *boneca* ~ *buneca*, *fogão* ~ *fuguete*, *governo* ~ *guverno*. Outra variável que se mostrou relevante foi o caráter átono permanente da média pretônica no paradigma derivacional, o qual se caracterizou favorável à elevação das médias posteriores, como em: *formiga*, *formigueiro* ~ *furmiga*, *furmigueiro*; e a presença de sufixos, especialmente -inho, zinho e íssimo que funcionaram como inibidores da regra de harmonização vocálica: *bolinha*, *pezinho*.

Além dessas variáveis, a autora ressalta que o grupo dos metropolitanos é o que mais eleva as vogais médias. Apesar de os resultados não serem expressivos, o fator etnia apresenta-se relevante, porém as regras de alçamento, nas palavras da autora, “com as mesmas características básicas não revelam indícios de expansão, seja por frequência expressiva seja por alargamento da abrangência contextual”.

Viegas (1987) faz um estudo acerca da elevação das pretônicas médias anterior e posterior na fala de dezesseis pessoas entre jovens e adultos (feminino e masculino) em dois grupos de Belo Horizonte diferenciados sócio-economicamente e constata que fatores extralingüísticos pouco influenciam. Descreve o alçamento do [e] por meio de uma regra de harmonização vocálica (*perigo* ~ *pirigo*), e do [o] por uma regra variável de assimilação dos

<sup>21</sup> Buscamos apresentar as transcrições dos vocábulos conforme os autores fizeram em seus referidos estudos.

traços consonantais adjacentes (*conserto* ~ *cunserto*). A autora destaca que em ambos os casos existem itens lexicais com ambientes favoráveis ao alçamento, mas ele nunca ocorre e outros cujo ambiente não é favorável, o alçamento sempre se faz presente. Este fato evidencia, segundo a autora, uma questão lexical, visto que a variação em termos de itens lexicais é mínima. Apoiada em Phillips (1984), Viegas salienta que “a regra de alçamento atua sobre os itens mais freqüentes primeiro.” Medir tal freqüência é uma tarefa difícil, segundo a autora, porque “temos de considerar e relevar a influência dos fatores não estruturais em relação ao léxico e seu uso, e porque alguns itens escaparam a qualquer sistematização (VIEGAS, 1987, p.168).” Enfatiza, por fim, a importância de se estudar a história de cada item lexical. Tarefa esta realizada em seu estudo de 2001, que já foi mencionado anteriormente.

Silva (1989) analisa os dados quantitativos de um segmento de oito horas de gravação do projeto NURC-SSA, distribuídas entre 24 informantes, com nível superior, masculinos e femininos e de três faixas etárias, investigando a alternância entre as vogais arredondadas, [u], [o], [ɔ] e entre as não-recuadas, [i], [e], [ɛ] na sílaba pré-acentuada. Com isso, ela identifica três regras principais no uso dessas vogais: i) uma regra categórica, exclusiva do falar baiano, Regra Categórica de Timbre, que determina o sinal do traço [baixo] entre as pretônicas de traço [-alto -nasal] (*ócupação, ólhava, proibido, apesar, educação*); ii) uma Regra de Distribuição Complementar, ou seja, média antes de vogal [-nasal] da mesma altura (*gôrjeta, despesa*) e [baixas] nos demais contextos vocálicos – (*góstava, importância, inteligente*); iii) uma Regra Variável de Elevação, a qual Silva considera supradialetal, porque troca o sinal do traço alto das pretônicas [-alto -nasal], preferencialmente no contexto de vogais altas, mas também no contexto de certas consoantes e sob certas condições (*colégio ~ culégio, seguro ~ siguro*).

A autora relata que a variação em contexto de pretônicas possivelmente resulta da vizinhança de consoantes, bem como de vogais, estas especialmente em posição seguinte e, hipoteticamente, influentes pela altura e pela tonicidade. Além disso, salienta a possibilidade da influência da língua escrita para a manutenção das médias, em concorrência com a atuação da harmonização vocálica no sentido do favorecimento do alçamento das pretônicas.

Battisti (1993) também estudou a harmonização vocálica das médias pretônicas no falar gaúcho, detendo-se no contexto posição inicial de vocábulo. Sua amostra constou de 35 indivíduos distribuídos em cinco grupos étnicos, representantes da fala popular e da fala culta. Os

resultados de Battisti apontam para os descendentes de italianos e para os metropolitanos de fala popular como os grupos detentores dos maiores índices de elevação das médias pretônicas.

A autora confirma os resultados de Bisol (1981), segundo os quais há no falar gaúcho a tendência a preservar as médias pretônicas, em posição inicial, tal qual ocorre em posição interna dos vocábulos. Ela salienta, também, os contextos: vogal [o] seguida de [s] (*costela ~ custela*) e de [n] (*consulta ~ cunsulta*) e o de [e] e [o] seguidas por vogal alta na sílaba seguinte (*feliz ~ filiz, cortina ~ curtina*), como favorecedores do alçamento. Neste último contexto, afirma a autora que há assimilação vocálica das pretônicas médias e não há princípios especiais regendo a harmonização vocálica tanto em posição inicial quanto medial. Já em relação à média pretônica anterior [e], a autora comenta que esta vogal está prestes a perder o caráter variável, porque nesse contexto o alçamento é praticamente categórico.

Schwindt (1997) investigou a harmonização vocálica em falares do sul do país- (Santa Catarina, Paraná e Rio Grande). Nesse estudo, orientado pela Sociolinguística Quantitativa Variacionista proposta por Labov (1966), o autor apresenta os principais resultados de uma pesquisa quantitativa das variáveis lingüísticas e extralingüísticas que operam na regra de elevação das vogais pretônicas [e] e [o] seguidas por vogal alta em sílaba subsequente (*pepino ~ pipino, coruja ~ curuja*), nos falares falados em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

O autor trabalhou com 12 informantes de cada capital que constitui o projeto VARSUL, somando um total de 5120 contextos, sendo 2993 de ocorrências de [e] e 2127 de ocorrências de [o]. Esta pesquisa permitiu a Schwindt verificar, como fizeram Bisol (1981) e Battisti (1993) a respeito da variedade gaúcha, que a regra tem uso moderado nos falares estudados. A regra acentua-se à medida que se distancia do extremo sul do país e tem, como principal condicionador, do ponto de vista lingüístico, a presença de uma vogal alta em sílaba contígua.

Concluiu o autor que a regra de harmonização vocálica apresenta sistematicidade, o que permite considerá-la uma regra gramatical, e que a variação parece ser mais freqüente pela ação conjugada de vários fatores, sendo a presença de uma vogal alta em sílaba contígua o principal condicionador. Verificou, ainda, que se trata de uma regra estável e que não parece ser estigmatizada socialmente.

Yacovenco (1993) estudou o falar culto carioca em dezoito inquéritos realizados pelo Projeto da Norma Lingüística Urbana Oral Culta da Cidade do Rio de Janeiro, referentes a nove

informantes do sexo masculino e nove do sexo feminino, todos universitários. A autora constatou que:

a vogal anterior oral tem sua realização intimamente ligada ao tipo de vogal tônica que a sucede ou, ainda, as vogais tônicas deformadas subjacentes, como se nota nos resultados referentes aos grupos de fatores relativos ao grau de atonicidade da pretônica ou ao grau de parentesco entre a pretônica da forma derivada e a tônica da forma primitiva. Por outro lado, a realização das médias posterior oral, anterior e posterior nasal não se liga tanto às vogais que atuam sobre esses segmentos, mas sim ao contexto fonético em que se encontram as pretônicas, sendo importantes, então, os segmentos antecedentes ou subseqüentes às vogais analisadas (YACOVENCO, 1993, p. 176-7).

Pereira (1997) investigou o alçamento, manutenção e abaixamento das vogais pretônicas [e] e [o] e descreve o comportamento variável dessas pretônicas no falar de João Pessoa. Estudou de modo específico uma amostra de 60 informantes, homens e mulheres, de três faixas etárias e de diferente escolarização. Atestando que nesse falar, nos contextos CV, CCV e CVC de sílaba inicial, predominam as vogais médias abertas – *séleção, prójeto, góstosona*. A vogal da sílaba seguinte favorece o alçamento e a manutenção das pretônicas *cuzinha ~ cozinha, motorista ~ mutorista*, podendo apresentar-se, entretanto, muitas vezes como baixas, altas e médias diante de vogais altas orais - *pôrtuguês, purtuguês e português*.

Pereira (1997) conclui, acerca dos contextos seguintes e precedentes, que as labiais favorecem a elevação de [o] mais que a de [e] e que a sibilante seguinte é favorável à abertura de [e], enquanto as alveolares e as palatais precedentes favorecem a abertura de [o] e o fechamento de [e]. Já a vibrante posterior, em posição precedente e seguinte, assim como a palatal, em posição seguinte, favorecem o fechamento de [o]. Quanto ao fator extralingüístico, a autora verificou que as mulheres usam mais as variantes não-padrão ([ɛ,ɔ, i,u]) do que os homens no falar pessoense.

Castro (1995) promoveu uma ampla investigação sobre a harmonização vocálica na Bahia com dados do Atlas Prévio dos Falares Baiano (ALPR), elaborado por Rossi em 1963. No que tange ao uso das pretônicas na Bahia, mostra que a harmonização vocálica – elevação ou fechamento das pretônicas [e] e [o] (e > i; o > u) seguidas de uma tônica alta [i] ou [u] – é atestada em toda a extensão da Bahia, e em índices significativos. Conseqüentemente, o contexto tônica alta revela-se um fator que desfavorece a abertura das pretônicas [e] e [o] (e > é; o > ó),



considerada, segundo Castro (1975), por Sílvio Elia como um traço regional típico do Nordeste brasileiro.

Corroborando a afirmação de Freitas (2001), é de se notar que, até onde os estudos comentados podem apontar, a tese de Nascentes (1953) para os subfalares brasileiros tem se confirmado: no falar riograndense – do sul do país: Bisol (1981), Schwindt (1997) e Battisti (1993) demonstraram a predominância de [e] e [i], [o] e [u], e no falar de Salvador e de João Pessoa – do nordeste do país; Silva (1989) e Pereira (1997) apontaram para [ɔ] e [ɛ] como predominantes.

Nina (1991), em seu estudo sobre o abaixamento e o alçamento das médias pretônicas [e] e [o] em contextos CVC, numa amostra estratificada com 30 belenenses, salienta que há uma tendência à manutenção e que o abaixamento se sobressai em relação ao alçamento. Ela apresenta a vogal da sílaba seguinte, ponto e modo de articulação do contexto precedente, ponto e modo de articulação do contexto seguinte e a escolaridade como relevantes no que se refere ao abaixamento e alçamento.

A autora afirma ainda que as pretônicas médias tendem ao abaixamento preferencialmente diante de vogal baixa; bem como tendem a se elevar, principalmente em contexto de vogal alta da sílaba seguinte e, secundariamente, em outros contextos.

Quanto aos fatores de ordem social, a análise de Nina (1991) revela que a regra de alçamento e a de abaixamento não constituem estigma social, uma vez que se realizam tanto na fala de informantes com nível superior quanto na de informantes com primeiro grau, tal qual Schwindt (1997) constatou em relação ao alçamento dessas vogais no falar da Região Sul.

Em relação à idade, a pesquisadora salienta que os informantes mais velhos são os que mais usam a regra de alçamento do [e]; e os homens são os que mais aplicam a regra de abaixamento do [o].

Callou, Leite e Coutinho (1991) realizaram um estudo sobre a elevação e abaixamento das vogais pretônicas no falar do Rio de Janeiro, com a finalidade de delimitar a ação da regra de harmonização vocálica no âmbito do Projeto da Norma Urbana Culta dessa localidade. Tendo como *corpus* 4.310 ocorrências das vogais [e] e [o] em sílaba pretônica, totalizando 1.729 itens lexicais registrados com 18 informantes, 9 de cada sexo, distribuídos por 3 faixas etárias e três áreas geográficas de residência.

Concluem, por meio desse estudo, que a probabilidade de elevação é de 0,362 e a de manutenção, 0,678. Isso significa que há um processo estável, uma vez que, embora as variáveis sociais não se tenham mostrado significativas, o uso nas faixas etárias e em homens e mulheres assinala uma curva descendente, com homens e velhos usando mais a regra, e jovens e mulheres, menos. Afirma, então, que não há qualquer indício de progressão da regra, mas de possível perda de produtividade.

Almeida (1999) descreve o quadro das vogais orais e nasais tônicas e átonas usadas pelos cuiabanos ribeirinhos com pouca ou nenhuma instrução e com idade média de 50 anos. Quanto às pretônicas, o autor afirma que, em posição medial, o [o] eleva-se aproximando-se de [u]. Tal fenômeno é mais recorrente se essa vogal vier precedido de velar oclusiva surda [k] como: [koʃi'lãdo ~ kuʃi'lãnu], [ku'ruʒɐ ~ ko'ruʒɐ] e [koto'velo ~ kutu'velu], [ko'ʎɛɪ ~ ku'ʎɛɪ].

Ressalta, ainda, que embora com baixa frequência registra-se o alçamento com verbos de 3ª conjugação como: [posu'iɪ ~ posu'i ~ pusu'i ~ pu'sui...]

Quanto ao [õ] em início de vocábulos, Almeida afirma que se assemelha ao do português padrão, ou seja, não eleva nem abaixa, muito embora, em posição medial, ocorra alçamento assemelhando-se ao [u], principalmente quando vier compondo sílaba com consoante velar oclusiva surda [k], conforme ocorre com [o]: [kõ'binado ~ kũ<sup>m</sup>'binadu], [kõ 'padre ~ kũ<sup>m</sup>'padi].

Cardoso (1999), em estudo acerca das vogais médias pretônicas no Brasil em uma visão diatópica, ressalta a importância que tem o conhecimento da realidade das vogais médias pretônicas, no território nacional, para a identificação de possíveis áreas dialetais, para a orientação do ensino e aprendizagem, particularmente no período de alfabetização, e para a própria identidade lingüístico-cultural de regiões. A autora lembra que tal relevância já foi sentida há muito por Nascentes (1953), quando assinalou, conforme mencionamos anteriormente, como um dos traços fonéticos capaz de, naquele momento, permitir a divisão do Brasil em duas grandes áreas dialetais: os falares do Norte e os falares do Sul.

Nesse sentido, a autora destaca, citando diferentes trabalhos de diversos autores, que em Natal, Paraíba, Pernambuco, Acre, Alagoas, Sergipe, Minas Gerais predomina o uso da vogal pretônica média baixa ([ɛ], [ɔ]). Na Bahia, além da predominância das médias baixas, há

também a manutenção da vogal pretônica ([e],[o]), quando esta vem antes de uma vogal oral, e do alçamento, quando a pretônica antecede uma vogal alta.

Em relação ao Rio de Janeiro, a autora afirma que predomina pretônica média fechada, somando 95 % das ocorrências para 5% de realizações abertas. Tal comportamento se repete, segundo as autoras Callou, Moraes e Leite (1996), no falar paulistano e no falar porto-alegrense.

Quanto ao Rio Grande do Sul, Cardoso (1999) afirma que é categórico o predomínio das médias fechadas e de 0% das abertas, de acordo com Callou, Moraes e Leite (1996). Já os resultados de Bisol (1981) apontam para o predomínio das médias fechadas.

Sobre o falar amazonense, Cardoso (1999) destaca, de acordo com os estudos realizados por Silva, Cunha e Silva (1980), que, na fala do caboclo, o alçamento das vogais pretônicas médias é sistemático.

Por fim, Cardoso declara, apoiada nos dados de Aguilera (1990), que, no Paraná, as ocorrências de pretônicas médias abertas atingem 8.04% de [ɔ] e 1.61% de [ɛ]. As demais ocorrências, por sua vez, referem-se à manutenção da altura das pretônicas médias.

Em seu estudo acerca das vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança -PA, Freitas (2001) salienta que, em contexto silábico CV e CVC de posição inicial ou medial de palavra, na variedade falada da área urbana, tanto a manutenção ou fechamento, quanto o abaixamento e alçamento são desencadeados pelos contextos vocálicos imediatamente seguintes por processo de assimilação, independentemente da tonicidade. A pesquisadora verifica que o alçamento é favorecido pelas sibilantes e pelas velares, em contexto precedente. Já a fricativa glotal favorece a manutenção.

Quanto às classes morfológicas, a categoria dos verbos favorece a manutenção com índice próximos da faixa de irrelevância, e o alçamento com índice significativo. Os nomes favorecem a manutenção e desfavorecem o abaixamento e o alçamento, sempre com índices próximos da faixa de irrelevância. Os advérbios, por sua vez, favorecem o alçamento e desfavorecem, também com índices próximo da irrelevância, a manutenção. Finalmente, os pronomes favorecem o abaixamento com alto índice.

Em relação aos fatores sociais, Freitas (2001) acredita que a escolaridade é relevante no que se refere à variação das pretônicas [e] e [o], pois a baixa escolaridade propicia o alçamento e desfavorece a manutenção e o abaixamento. Já a escolaridade fundamental produz índices na faixa de irrelevância para todas as variantes, exceto quando favorece o abaixamento da anterior.

A escolaridade média produz índices favorecedores tanto para a manutenção quanto para o abaixamento.

Por fim, a autora conclui que prevalecem, no falar de Bragança, as médias fechadas em detrimento das baixas e altas, estas últimas bem menos freqüentes nessa localidade. Tal comportamento faz a autora confirmar o que Silva (1989) já havia verificado: *o Pará, em relação aos falares do norte, constitui-se numa ilha dialetal.*

Schwindt (2002), ao estudar a regra variável de harmonização vocálica no falar do Rio Grande do Sul, apresenta os fatores que influenciam no alçamento das pretônicas quando estas têm uma vogal alta na sílaba seguinte, o que ele chama de *vogal no gatilho*. Seu *corpus* constituiu-se de 64 informantes, 16 de cada cidade do RS que compõe o banco de dados do Projeto VARSUL: Flores da Cunha (zona de colonização italiana), Panambi (alemães), São Borja (fronteiriços) e Porto Alegre (metropolitanos). Compreende 12.133 ocorrências, sendo 6.611 de [e] e 5.522 de [o], somando 490 células para [e] e 437 para [o].

O autor conclui que o alçamento vem aumentando na variedade gaúcha, com aplicação maior para [o] que para [e]. Apesar disso, o alçamento não é expressivo, visto que ocorre em índices inferiores a 50%. Quanto aos fatores lingüísticos, de acordo com a importância, o autor apresenta o seguinte desempenho para o [e]: contexto precedente, contexto seguinte, contigüidade, localização morfológica, homorganicidade e tonicidade. Os contextos extralingüísticos foram: escolaridade, sexo, faixa etária e região.

Em suma, o autor verificou que a regra de harmonização vocálica está apresentando crescimento nas últimas décadas, o que não caracteriza uma mudança, visto que o número de alçamento é inferior a 50%. Além disso, não encontra motivação nos fatores sociais, a não ser a escolaridade, que apresenta um modesto favorecimento, caracterizando-se, portanto, como uma variação estável.

Quanto aos fatores lingüísticos, o autor salienta a contigüidade, a altura das vogais, a nasalidade, o contexto fonológico adjacente, a tonicidade e a localização morfológica como influenciadores do alçamento das pretônicas [e] e [o] em contexto de vogal alta na sílaba seguinte. Tais condicionamentos lingüísticos sinalizam, segundo ele, para a existência de uma regra de natureza fonética (articulatória ou mesmo acústica, como mostrou Bisol (1981), que coexiste com a regra fonológica.

A seguir apresentamos algumas cartas fonéticas do ALPR (AGUILERA, 1994), que tratam do uso das pretônicas [e] e [o], assim como alguns estudos realizados sobre tais vogais no falar paranaense, a maioria deles calcados nos dados do referido Atlas Lingüístico.

### 3 VOGAIS PRETÔNICAS /e/ E /o/ NAS CARTAS FONÉTICAS DO ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ<sup>22</sup>

O Atlas Lingüístico do Paraná (1994), fonte de pesquisa dos dados do *corpus* 1, possui 24 cartas fonéticas referentes ao uso das pretônicas médias anterior [e] e posterior [o]. Mesmo havendo, em cada carta fonética, muitas variantes<sup>23</sup> de uma mesma lexia, apresentamos, nesta seção, somente aquelas que alçaram ou mantiveram altura das pretônicas [e] e [o].

A primeira delas é a carta 111, sobre o vocábulo [orte'lã], que tem 130 registros: [oṛte'la] (24)<sup>24</sup>, [orte'lã](62), [oṛteṛ'lã](1), [ortelã'ziṽa](1), somando 88 ocorrências do [o] pretônico, as demais de [a,ɔ] e nenhuma de alçamento. Essa resistência ao alçamento em início de sílaba confirma-se em outros vocábulos no falar rural paranaense, conforme Kailer(2004)

Na carta 112, referente à palavra [bo:bo'letə], verifica-se que, apesar de possuir uma bilabial precedente, a trava silábica inibi o alçamento da antepretônica, pois mesmo quando ocorre a metátese, não há alçamento, mas sim a troca do [o] pela baixa central [a]. Diferente do que ocorre com a pretônica, que apresenta mais casos de alçamento, como podemos observar nestes exemplos: [borbo'leta](43), [bor'buleta](7), [barbu'leta](43), [brabule'tĩna](1), [brabu'leta] (1), [barbu'leta](8).

A carta 120 apresenta a lexia [tro'vãw̃] em 69 realizações com [o] e 40 em [u], nas seguintes ocorrências: [tro'võw̃](2), [tro'vãw̃](50), [tro'vã'w̃](1), [tro'vaṽ] (6), [tro'ṽõw̃](1), [tro'võw̃](8), [tru'vãw̃](17), [tru'võw̃](22), [tro'võw̃](1), [tru'võw̃](1).

Verificamos, com esses exemplos, que há o predomínio da pretônica [o], todavia o fato de a alveolar [r] ser desfavorável ao alçamento não inibe a força da labiodental seguinte [v],

<sup>22</sup> Estudo dialetológico realizado por Aguilera (1994) acerca das variedades lingüísticas de 65 cidades paranaenses.

<sup>23</sup> Ver as demais variantes nas cartas fonéticas, conforme Anexo C, p. 276.

<sup>24</sup> Número de ocorrência de cada variante.

contexto bastante favorável, de acordo com os resultados de Kailer (2004) visto que, das 109 ocorrências, 40 são de alçamento.

Na carta 131, sobre [ko'adoɪ], e na carta 132, referente a [xedemo'ĩỹo], podemos verificar que o contexto seguido de vogal é muito favorável ao alçamento, pois na carta 131 das 83 ocorrências de [koa'doɪ], 76 são de alçamento: [kwa'do](83), [ku'ado](11), [kwa'doɪ](11), [ko'ado](4), [kwa'dor](3), [ko'adoɪ](2).

O mesmo acontece na carta 132 [xedemo'ĩỹo], com exceção dos casos em que o [o] tornou-se tônico, a maioria dos exemplos (15 das 18 ocorrências) apresenta a pretônica [o] alçada, como podemos observar nestes exemplos: [r̃edemo'ĩņo], [xɔdamu'ĩņo], [xɔdadĩmu'ĩņo], [redemw'ĩņo], [rede mo'ĩņo], [r̃ođumu'ĩņo], [xadzi̇mu'ĩņo], [r̃edi̇mw'ĩņo], [r̃edemu'ĩņo](2), [r̃ɔdamu'ĩņo], [pɔdamw'ĩņo], [pɔdamu'ĩņo], [pɔdadimu'ĩņo], [pɔdamu'ĩņo], [pemo'ĩņo], [pidimu'ĩņo], [r̃ɔdaḋemu'ĩņo].

Por fim, na carta 135, referente a [so'vako], das 138 ocorrências, ocorre alçamento em apenas 51, predominando, dessa forma, a manutenção, como vemos nos exemplos: [so'vako](74), [su'baku](44), [so'baku] (9), [su'vako] (5), [so'bako](4), [su'ʒaku] (2).

Quanto à vogal pretônica [e], o Atlas Lingüístico do Paraná apresenta 19 cartas, a maioria delas confirma o contexto inicial, seguido de vogal alta, e pretônica em contexto de hiato como ambientes mais favorecedores do alçamento, conforme podemos observar a seguir.

Na carta 95, referente à lexia [trazãte'õte], que apresenta 68 realizações, verificamos que 26 delas apresentam a vogal pretônica [e] alçada, predominando, portanto, o apagamento desta vogal na maioria das lexias (42 ocorrências). Já nas lexias em que a vogal pretônica permanece, há o alçamento do [e], isso pode ser justificado pela presença do hiato, ambiente bastante fortalecedor do alçamento tanto da pretônica [o] quanto da pretônica [e], conforme Kailer (2004) e Pontes e Kailer (2001) [trèjzãtʃi'õtʃi](7), [trèjzãtʃj'õtʃi](3),

[trèjzātʃj'õtʃi](2), [trèjzātʃj'õte](10), [trèjzātʃj'õtʃi](2),  
[atràjzdʒjūtʃj'õtʃi](1), [tɛrñõtʃj'õte](1).

Ambiente parecido com o da lexia [trazâte'õte], ou seja, de vogal seguida de vogal, também verificamos na carta 128, concernente à lexia [ʒe'ada], que apresenta alto índice de alçamento, pois apenas 6 ocorrências das 104 não alteiam a pretônica [e]. Isso reforça a “Lei de Oliveira”, mencionada na revisão teórica, que se refere ao predomínio do alçamento das pretônicas em contexto de hiato: [ʒi'ada] (45), [ʒj'ada] (28), [ʒjada] (9), [ʒeada] (4), [ʒjada] (2), [ʒiada] (2), ʒiada(2), [ʒeada](2).

A carta 96, sobre a lexia [#es'trela], e a carta 106, sobre a lexia [#es'tomago], revelam o quanto o contexto inicial é propício ao alçamento da média anterior, pois, na primeira carta, das 81 ocorrências, 57 apresentam a vogal pretônica alçada nas regiões paranaenses. [istrela] (55), [ɛstrela] (24), [istrela](2).

Mais uma vez o contexto inicial mostra-se propício ao alçamento, pois, das 115 realizações da lexia [#es'tomago], apenas oito mantêm a altura da pretônica [e]: [is'tomogu](15), [is'tomogu](2), [is'tomogu](5), [is'tomogu](9), [is'tomogo](1), [is'tomogo](1), [is'tomogo](9), [is'tomogo](1), [is'tomogo](1), [is'tomagu](5), [is'tomagu](3), [is'tomago](2), [is'tomago](3), [is'tomago](1), [is'tamugu](9), [is'tamugu](2), [is'tamugu](1), [ɛstamugu](1), [ɛstamago](1), [is'tamago](2), [is'tamago](1), [is'tomigu](1), [is'tamogo](1) [is'tomigo](1), [is'tomegu](1), [is'tomego](1), [is'tomego](1), [ɛstomego](1), [ɛstomogo](1), [ɛstomago](1), [ɛstomago](1), [ɛstomago](1), [ɛstomago](1).



Na carta 123, sobre a lexia [#ẽʃu'xada], verificamos que 96 das ocorrências apresentam a vogal pretônica alçada, as demais variações dessa lexia (16) apresentam o apagamento da referida vogal e em nenhuma realização a manutenção da altura da vogal [e] pretônica ocorre: [ĩʃo'pada] (8), [ĩʃo'pada] (7), [ĩʃo'pada] (4), [ĩʃo'paða] (6), [ĩʃo'paða] (2), [ĩʃo'paða] (1), [ĩʃo'řada] (3), [ĩʃo'řada] (3), [ĩʃo'řada] (2), [ĩʃo'řada] (1), [ĩʃo'xada] (1), [ĩʃu'pada] (3), [ĩʃu'paða] (3), [ĩʃu'paða] (1), [ĩʃu'paða] (2), [ĩʃu'pada] (2), [ĩʃu'řada] (14), [ĩʃu'řada] (13), [ĩʃu'řada] (2), [ĩʃu'řada] (5), [ĩʃu'řada] (4), [ĩʃu'rada] (2), [ĩʃu'rada] (2), [ĩʃu'rada] (1), [ĩʃu'rada] (1), [ĩʃo'xada] (1), [ĩʃu'xada] (1), [ĩʃu'xadĩna] (1).

A carta 97, concernente à lexia [ale'krĩ], que se realiza 82 vezes, apresenta um alto índice de alçamento da pretônica média anterior, pois 63 dessas ocorrências são realizadas com a vogal pretônica alçada. Nesse vocábulo verificamos o quanto a vogal alta [i] seguinte atua no favorecimento da elevação da pretônica [e], conforme Schwindt (1997, 2002) e Bisol (1991) já relataram sobre o falar da Região Sul que também apresenta a harmonia vocálica como forte aliada do alçamento: [àli'krĩ] (22), [ali'krĩ] (6), [àle'krĩ] (4), [ali'krĩ] (29), [ali'krĩ] (1), [ale'krĩ] (1), [ale'krĩ] (9), [le'krĩ] (1), [àli'krĩ] (1), [ale'krĩ] (2), [ali'krĩ:] (2), [ale'krĩ] (1), [ali'krĩ:] (1), [ale'krĩ] (1), [ale'krĩ:] (1).

A harmonia vocálica mais uma vez comprova sua atuação. Na carta 98, sobre [zẽ'ziva], das 113 ocorrências, 93 são da pretônica [e] alçada, como podemos verificar por meio dos exemplos a seguir: [zĩ'zibra] (5), [zĩ'zibra] (3), [zĩ'zibi] (6), [zĩ'zibi] (1), [zĩ'zibri] (8), [zẽ'zibra] (1), [zẽ'zibri] (1), [zĩ'ziva] (10), [zẽ'zivi] (2), [zĩ'ziba] (4), [zĩ'ziba] (4), [zẽ'ziba] (1), [zĩ'ziba] (1), [zĩ'zibe] (3), [zĩ'zibre] (1), [zĩ'ziva] (9), [zĩ'zibi] (1), [zẽ'ziβe] (1), [zĩ'zivri] (3), [zẽ'ziβa] (2), [zẽ'zive] (4), [zĩ'zive] (6), [zĩ'zive] (4), [zĩ'zive] (1), [zẽ'zive] (1), [zĩ'ziṽa] (3), [zĩ'ziva] (1), [zĩ'zivra] (1), [zĩ'zivru] (1), [zẽ'zivre] (5), [zẽ'zivre] (2), [zĩ'zivi] (3), [zĩ'zivi] (5).

Na carta 151, referente à lexia [ne'blina], verificamos que há um equilíbrio em relação ao alçamento (16 ocorrências) e à manutenção (13 ocorrências) da altura da pretônica: [li'brina](14), [ne'brina](6), [n'eblina](4), [le'brina](3), [ni'brina](2).

Na carta 146, sobre as lexias [se'liĩ, si'ʎãw̃], verificamos, em relação à lexia [se'liĩ], que o alçamento da pretônica ocorre na maioria das realizações, conforme comprovam os exemplos: [si'liĩ] (26), [se'liĩ] (2), [se'lij̃] (4), [si'liĩj̃] (8).

Na carta 136, sobre a lexia [ve'xuga], que também possui uma vogal alta na sílaba seguinte, verificamos que o predomínio é da manutenção da altura da pretônica, 50 realizações das 86 ocorrências, o que demonstra que a vogal alta [u] tem menos poder de alçamento do que a vogal alta [i] em sílaba seguinte. Isso se justifica porque, conforme mostra o diagrama de Daniel Jones (1957, p. 38)<sup>25</sup>, a vogal /i/ é mais alta que a vogal /u/, e por isso quando está em contexto seguinte possui mais força do que a vogal /u/ para alçar tanto a pretônica [e] quanto a pretônica [o]: [be'ṙuga] (32), bi'ṙuga](21), [be'ṙuga] (15), [bi'ruga] (6), [bi'ṙuga](7), [bi'xuga]( 2 ), [ve'ṙuga](1 ), [be'ruga] ( 2).

Na carta 161, sobre a lexia [#erezi'pɛla], que possui dois contextos propiciadores de alçamento (inicial e seguinte de vogal alta), constatamos que em apenas duas ocorrências dessa lexia ocorre alçamento, nas demais variantes predomina a aférese dos dois primeiros fonemas<sup>26</sup> e pouquíssimas ocorrências de manutenção da pretônica [e]: [irizi'pɛla] (2), [izi'pɛli] (1), [izi'pɛla](9), [i'zipra](3), [i'ziɸ ](1) [ezi'pɛli] (1), [eze'pɛla] (1), [esi'pɛla] (2), [ṙezi'pɛla] (1).

A lexia [#e'klipse], presente na carta 152, que também possui os dois contextos citados na lexia anterior, apresenta resistência ao alçamento, pois em nenhuma das realizações ocorre alçamento, ou a altura da pretônica é mantida, ou ocorre o apagamento da mesma. Talvez, aqui, a Difusão Lexical<sup>27</sup> (WANG, 1969) pudesse explicar o porquê de tal manutenção, visto que esse vocábulo possui dois dos principais ambientes para que o alçamento da pretônica ocorra,

<sup>25</sup> No referido diagrama, Daniel Jones (1957, p. 38) mostra que a vogal anterior /i/ é a mais alta das vogais.

<sup>26</sup> Conforme Anexo C, p. 276.

<sup>27</sup> Segundo a Teoria da Difusão Lexical as mudança sonoras são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Neste sentido, o foco deixa de ser a unidade sonora e passa para a unidade morfo-lexical.

mas o mesmo não acontece: [e'klip̥ise̞](2), [e'klip̥isi̞](1), [e'krip̥ise̞](1), [e'klip̥isi̞](1), [e'klipi̞](1), [e'klip̥i̞](1), [e'klipe̞](3), [e'klipe̞](1), [e'klip̥is̞] (6), [e'krip̥is̞](2), [e'krip̥i̞](1), [e'krip̥i̞](1), [e'krip̥is̞](2), [e'kripe̞](1), [e'kripe̞] (1).

Na carta 109, referente à lexia [pe̞ɲni 'lõgo], constatamos o que Pontes e Kailer (2001) já haviam observado sobre a manutenção da pretônica [e] em sílaba travada por um rótico. Ou seja, as ocorrências demonstram que não há alçamento da pretônica neste contexto, mesmo que em sílaba seguinte haja uma vogal alta. Esse desfavorecimento dos róticos em posição de coda fica evidente quando o erre é apagado e o alçamento da pretônica acontece, conforme podemos constatar em alguns exemplos a seguir: [pe̞ɲne'lõgɯ] (10), [pe̞ɲne'lõgɯ] (14), [pe̞ɲne'lõgɔ̞](10), [pe̞ɲne'lõgɯ](1), [pe̞ɲne'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲne'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲne'lõgɔ̞](2), [pe̞ɲne'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲne'lõgɔ̞](2), [pe̞ɲne'lõgɔ̞](3), [pe̞ɲni'lõgɯ](5), [pe̞ɲni'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲni'lõgɯ](3), [pe̞ɲni'lõgɔ̞](13), [pe̞ɲni'lõgɔ̞](3), [pe̞ɲni'lõgɯ](4), [pe̞ɲni'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲni'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲni'lõgɔ̞](7), [pe̞ɲni'lõgɯ](1), [pe̞ɲne'lõgɔ̞](6), [pe̞ɲna'lõgɯ](1), [pe̞ɲna'lõgɯ](1), [pe̞ne'lõgɔ̞](2), [pe̞ɲni'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲni'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲni'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲne'lõgɔ̞](2), [pe̞ɲne'lõgɯ](1), [pe̞ɲli'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲli'lõgɔ̞](2), [pe̞ɲle'lõgɯ](1), [pe̞ɲli'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲle'lõgɔ̞](1), [pe̞ɲdi'lõgɔ̞](2), [pe̞ɲiɪr'lõgɯ](1).

Ambiente semelhante, de sílaba travada por um rótico e uma vogal alta seguinte, verificamos na carta 160 sobre a lexia [tub̥ɛ̞ɲku 'loze], que também não apresenta alçamento nesse contexto. [tub̥ɛ̞ɲku'lozɯ](1), [tub̥ɛ̞ɲku'lozi](4), [tub̥ɛ̞ɲku'lozi̞](6), [tub̥ɛ̞ɲku'lozi](1), [tub̥ɛ̞ɲku'lozi̞](1), [tub̥ɛ̞ɲku'loza̞](3), [tub̥ɛ̞ɲku'loza̞](3), [tub̥ɛ̞ɲku'loza̞](1), [tub̥ɛ̞ɲku'loza̞](3), [tub̥ɛ̞ɲku'loza̞](1), [tub̥ɛ̞ɲku'loza̞](7), [tub̥ɛ̞ɲku'lozɯ](7), [tub̥ɛ̞ɲku'lozɯ](1), [tub̥ɛ̞ɲku'lozɯ](2), [tub̥ɛ̞ɲku'lozɯ](1), [tub̥ɛ̞ɲku'loza̞](1), [tub̥ɛ̞ɲku'lozo̞](2), [tub̥ɛ̞ɲku'loze̞](2), [tub̥ɛ̞ɲku'loze̞](1), [tub̥ɛ̞ɲku'lozo̞](1), [tub̥ɛ̞ɲku'lozo̞](1), [tub̥ɛ̞ɲku'lozo̞](4), [tub̥ɛ̞ɲku'lozo̞](1), [tub̥ɛ̞ɲku'lozo̞](1), [tub̥ɛ̞ɲku'loze̞](3), [tub̥ɛ̞ɲku'loze̞](5), [tub̥ɛ̞ɲku'loze̞](1),

[t`uperku'loza](1), [teberku'loza](2), [teberku'lozu](1), [teberku'loze](1),  
 [teberku'loze](1), [teberku'loza](4), [teberku'loza](3), [teberku'loza](1),  
 [teberku'loza](1), [teberku'loza](1), [teberku'lozo](1), [teberku'lozo](2),  
 [tuberku'lozi](1), [tuberku'loza](1), [teberku'lozo](1), [toberku'loze](1),  
 [trebeku'loza] (1).

Na carta 99, relativa à lexia [xe'mɛla], verificamos apenas uma ocorrência de alçamento, sendo o mais comum manter a altura da pretônica, conforme os exemplos atestam: [xe'mɛla] ( 7), [r̄e'mɛla] (22), [r̄i'mɛɫa] (1), [r̄e'mɛɫa] (12), [r̄e'mɛɫa](2), [r̄e'melo] (1), [r̄e'meto] (1), [r̄e'melo](1), [pe'mɛla] (18), [pe'mɛɫa](1), [pe'mɛlu](1), [pe'melo](2).

Nas cartas 101, referente à lexia [sexa'sãw̄], e 107, concernente à lexia [xe'lãpago], não constatamos nenhum caso de alçamento, como já esperávamos, pois as referidas lexias não possuem os principais ambiente fonéticos que favorecem o alçamento da pretônica [e], conforme observamos na revisão teórica. As realizações da carta fonética 101 são: [seřa'sãw̄] ( 34 ), [sepa'sãw̄] (14 ), [sera'sãw̄] ( 9 ), sepa'sãw̄] (11 ), [sexa'sãw̄] ( 4 ). Já a lexia [xe'lãpago], na carta fonética 107, realiza-se como: [r̄elãpago](3), [r̄e'lãpago](1), [r̄e'lãpago](1), [r̄e'lãpago](2), [r̄e'lãpogu](1), [r̄e'lãpo](7), [r̄e'lãpo](16), [r̄e'lãpu](1), [xe'lãpago](1), [xe'lãpogu](1), [xe'lãpogu](1), [xelãpogu](1), [xe'lãpogu](1), [xe'lãpu](5), [xe'lãpo](1), [pe'lãpogu](3), [pe'lãpago](2) [pelãpogu] (2), [pelãpiu] (1), [pelãpu] (17), [pelãpu](1), [pe'lãpo] (2), [pe'lãpo] (9 ), [pe'lãpadu] (1), [pe'lãpugu] (2), [pe'lãpegu] (1), [pe'lãpego](1 ), [pe'lãpju] (1 ), [pe'lãpjo] (1 ), [pe'lãpidu] (3), [pe'lãpidu] (1).

Por fim, temos as duas cartas que apresentam como contexto precedente uma bilabial: ([be'zowro] e [pe'tɛka]). A primeira, na carta 127, além de possuir o contexto de bilabial oclusiva precedente, apresenta uma seguinte alveolar fricativa, ambientes também favoráveis ao alçamento da pretônica [e], pois são eles que justificam as 73 ocorrências de alçamento nas 82

realizações da referida lexia, conforme podemos observar: [bi'zorɨ] (3), [bi'zopu](22), [bi'zopɔ](1), [bi'zop u](2), [bi'zopɔ](2), [bi'zoxu](3), [bi'zopinɨ](1), [bizo'rinɨ] (1), [bi'zoru] (1), [bi'zoɾu] (1), [bi'zoɾɨ] (1), [b'izoro] (13), bi'zorɔ(4), [bi'zoɾɔ] (8), [bi'zoɾo] (18), [bi'zoro](1), [bizo'pĩɲu](1), [be'zopu](1), [be'zoxu] (1), [be'zoro] (1), [be'soro] (1), [be'zoɾo] (3), [be'zoɾɔ] (1), [be'zowɾɔ](1).

Na carta 100, sobre a lexia [pɛ'tɛka], apesar de haver o contexto de bilabial precedente, o alçamento ocorre, mas não prepondera como acontece com a lexia [be'zowɾo] . Isso provavelmente ocorra porque nessa lexia há apenas o contexto precedente favorável e, além disso, possui uma vogal média aberta seguinte, ambiente que, segundo Kailer (2003), é altamente desfavorecedor do alçamento da pretônica [e]. Sendo assim, verificamos na referida carta fonética 64 ocorrências de [pɛ'tɛka], 2 de [pɛ'tɛka] e apenas 11 de [pi'tɛka].

### 3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Verificamos que as cartas fonéticas ALPR (AGUILERA, 1994) dão conta dos principais contextos que a maioria dos autores, citados por nós no referencial teórico, destacam como os principais ambientes tanto no favorecimento quanto na inibição ou no desfavorecimento da aplicação da regra de alçamento das vogais pretônicas [o] e [e]. Assim, o contexto início de palavras que, na variedade da Região Sul (SCHWINDT, 1997), é muito desfavorável ao alçamento do [o] pretônico e muito favorável ao alçamento da pretônica [e], é corroborado como tal pelos exemplos aqui arrolados. Os contextos, seguido de vogal alta e de hiato, citados por Bisol (1984) sobre o falar gaúcho e por Silva (1989) sobre o falar soteropolitano, apresentam-se também como ambientes bastante favoráveis ao alçamento das pretônicas [e] e [o]. Por fim, verificamos que os róticos, tanto em contexto precedente, quanto em trava silábica, constituem um ambiente desfavorável ao alçamento, independentemente de a pretônica ser [e] ou [o].

Como já mencionamos, a maioria dos estudos acerca das vogais pretônicas no falar paranaense utiliza, não apenas as cartas do ALPR, mas também os dados gravados por Aguilera e equipe para a elaboração do ALPR (AGUILERA, 1994). Nesse sentido, verificamos em seguida como tais estudos e outros retratam o uso das vogais pretônicas no Paraná.

#### 4 AS VOGAIS PRETÔNICAS NO FALAR PARANAENSE

As pretônicas no falar paranaense foram objeto de estudo de vários pesquisadores: Mercer (1992); Pontes (1999a, 1999b, 2000, 2002); Pontes e Kailer (2001); Kailer (2003); Dutra e Pontes (2003); Lima (2003); Kailer (2004), Kailer (2005).

Mercer (1992), em seu trabalho acerca das áreas fonéticas do Paraná, verificou que as vogais átonas variam em contexto pretônico, tendendo a harmonizar-se com a vogal tônica em *abrimento bucal*. O autor, investigando o comportamento da pretônica [o] nos vocábulos: (procissão, gordura, compadre) e de [e] em (mentira, americano), constatou que *a porção setentrional* do estado eleva mais freqüentemente as pretônicas do que *a porção meridional*, com exceção da palavra (americano), que se eleva mais na *porção meridional*.

Apresentando cada vocábulo individualmente, o autor observa que, mesmo no vocábulo (gordura), a pretônica precede uma vogal alta e por isso esperava-se um alto índice de alçamento. Isso, porém, não ocorre, apresentando a manutenção da média fechada em 65% dos pontos inquiridos.

No vocábulo (procissão), que também apresenta uma vogal alta na sílaba seguinte, porém não tônica, o alçamento só ocorre em 17,6% dos pontos, praticamente a metade das ocorrências do vocábulo (gordura), e, em sua maioria, na região Nordeste do Estado. Por último, o autor apresenta o comportamento do vocábulo (compadre) que se mostra alçado em 24,5% das ocorrências. Mercer (1992) atribui isso ao traço de labialidade que segue a vogal em questão. O pesquisador conclui que, apesar do baixo índice de alçamento das posteriores, o Sul do Estado apresenta-se mais conservador no uso das médias posteriores do que as demais regiões.

Quanto à média pretônica anterior [e], Mercer (1992) atesta que o vocábulo (americano), embora seguido de vogal alta, não apresenta um índice significativo de alçamento, comportamento que ele atribui ao fato de o [e] estar precedendo uma alveolar, a qual, segundo Bisol (1981), é um contexto inibidor do alçamento. Em (mentira), porém, o [ẽ] apresenta-se favorável ao alçamento, atingindo 66% das ocorrências, o que o autor atribui à nasalidade e à contigüidade da tônica alta, as quais neutralizam o efeito inibidor de [t]. Por fim, Mercer (1992)

chama-nos a atenção para o fato de que o alçamento neste vocábulo atinge a expressiva marca de 94% na região Nordeste, confirmando a tendência percebida com o vocábulo (procissão).

Pontes realiza vários trabalhos sobre a pretônica [e] no falar paranaense com base nos dados do Atlas Lingüístico do Paraná (AGUILERA, 1994). Sua primeira investigação relata as ocorrências de [e] e [ẽ] em contextos pretônicos encontrados nas cartas fonéticas do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR (1994) (PONTES, 1999a). Ele toma como variáveis: a) a vogal seguinte ([a]. [e]. [ɛ], [i],[o] e [u] e duas nasais [ĩ] e [õ]); b) o contexto precedente, constituindo-se dos pontos de articulação (alveolar, labial, palatal e da ausência de consoante); c) o contexto seguinte, constituindo-se dos pontos (alveolar, labial, palatal, velar e seguida de vogal) e a nasalidade (oral e nasal).

No nível social, considera: a) o sexo (feminino e masculino); b) a idade (até 30 anos; de 31 a 40 anos; de 41 a 50 anos; e mais de 50 anos); c) a escolaridade (analfabetos, MOBRAL, primário incompleto e primário completo). No âmbito diatópico, propõe a análise dos 65 pontos estudados pela equipe do ALPR.

De acordo com as variáveis selecionadas pelo programa pacote Varbrul, Pontes (1999a) atesta que as vogais seguintes [o], [ĩ], [u], [i] e [e] favorecem a aplicação da regra de alçamento. Já as vogais [õ] e [a] têm probabilidade de aplicação próxima do ponto neutro, ou seja, nem favorecem nem inibem essa regra, enquanto a vogal [ɛ], com probabilidade (.05), inibe-a.

A segunda variável relevante na aplicação da regra foi, de acordo com o autor, a consoante seguinte que apresentou como contextos favoráveis ao alçamento as velares (.72) e as palatais (.77) ou ausência de consoante (.81). A consoante seguinte labial (.19) revelou-se inibidora do alçamento.

Pontes (1999a) evidencia que os pontos de articulação das consoantes, favoráveis ao alçamento na posição seguinte, favorecem-no também na posição precedente e que tais resultados confirmam os de outros autores que investigaram o mesmo fenômeno em outras regiões brasileiras. Verifica também uma característica de mudança em progresso, uma vez que à medida que se reduz a idade do falante há maior probabilidade de ocorrer o alçamento.

Por fim, o autor conclui, em relação à distribuição diatópica, que, com exceção das áreas referentes a Curitiba e Paranaguá, as regiões Sul e Sudoeste do Paraná desfavorecem o alçamento



da pretônica média anterior. Por outro lado, as regiões Norte, Nordeste, Noroeste e Oeste, exceto Guaíra, no extremo Oeste, e parte do Nordeste, favorecem-no.

No estudo sobre o tratamento estatístico de dados geolingüísticos, Pontes (1999b) parte de resultados obtidos na análise anterior, com dados registrados nas cartas fonéticas do ALPR, para analisar o alçamento do [e] pretônico em início de palavras seguido de [s, z] e constata que as consoantes fricativas alveodentais, como, por exemplo, em: [estrelʌ] – [istrelʌ], [ezgotu] – [izgotu], são um contexto relevante, porque, à medida que apresenta um índice alto de probabilidade de [i], permite observar se há áreas de resistência à elevação do [e].

Em outro estudo acerca da vogal pretônica média anterior no falar rural paranaense, Pontes (2001) estuda o [e] pretônico no falar rural de 11 pontos lingüísticos das regiões Oeste e Sudoeste do Paraná – Campinas da Lagoa, Cascavel, Guaraniaçu, Foz do Iguaçu, Dois Vizinhos, Laranjeiras do sul, Francisco Beltrão, Pato Branco, Mangueirinha, Palmas e Guarapuava. Para isso, faz um levantamento das palavras em que o alçamento não ocorre, buscando agrupá-las de acordo com os contextos fônicos e estruturas fonológicas que levam essa vogal a tornar-se invariável. Além disso, estabelece os pontos lingüísticos de maior resistência do [e].

Por meio de uma análise qualitativa de 52 vocábulos em que o [e] ocorre precedido de vibrante em sílaba sem travamento, e nunca alça, e de 20 ocorrências com vibrante contígua à vogal pretônica que se apresenta alçada, Pontes propõe, apesar de algumas exceções, a seguinte regra que condiciona o não-alçamento da pretônica: “o [e] não será alçado quando contígua a ele houver uma vibrante e a vogal da sílaba seguinte for média ou baixa”.

O autor salienta que tal definição é muito importante, uma vez que o conhecimento dessas palavras que se apresentam invariáveis agiliza o trabalho de quantificação do pesquisador, pois elas podem receber apenas um tratamento de cunho lingüístico, e não para cálculo estatístico, já que tais contextos categóricos criam nocautes<sup>28</sup>, impedindo o programa de processar as probabilidades.

Outro trabalho de Pontes (2002) trata do alçamento do [e] pretônico no falar rural das regiões Norte, Oeste e Sudoeste do Paraná. Nele, o autor analisa o alçamento do [e] pretônico no falar rural dessas regiões, sendo nove pontos de cada uma. O objetivo principal era descrever os

---

<sup>28</sup> De acordo com a análise variacionista quantitativa realizada pelo programa pacote VARBRUL, ocorrem nocautes quando não há variação de determinado fator analisado, ou seja, há 100% ou 0% de aplicação da regra. O que explicaremos com mais detalhes na metodologia.

fenômenos de variação fonética na dimensão diatópica, já que outros estudos mostram a primeira região como uma área geográfica de domínio da variante alçada e a última como uma área de resistência da variante [e].

O autor conclui, sobre o alçamento do [e] nas regiões Oeste e Sudoeste, que a alta probabilidade de aplicação da regra de alçamento em determinados contextos fônicos indica pouca influência dos fatores lingüísticos, o que, segundo ele, pode revelar – entre outras – características regionais desse fenômeno. Isso o levou a considerar o contexto início de palavra como o único fator do contexto precedente favorável ao alçamento, com probabilidade muito alta – peso relativo .83 –, enquanto o segundo maior índice, da variante consoante precedente linguoalveolar, é de .38.

A partir desse resultado, o autor decidiu dividir seu *corpus* de 6.434 ocorrências em dois *corpora*: o primeiro constituiu-se de 316 palavras e 1.934 ocorrências, sendo 1.528 (79%) da variante alta e 406 (21%) da variante média; já o segundo foi formado por 4.500 realizações, 1227 (27%) da forma [i] e 3.273 (73%) da forma [e].

Nesse estudo, além de a vogal alta na sílaba seguinte ser bastante favorável, como já havia constatado em outros estudos seus, e como Bisol (1981) atestou no falar gaúcho, Pontes verifica também que as médias posteriores [ɔ] e [õ] favorecem o alçamento, “fenômeno este que não é resultado da assimilação provocada pela harmonização vocálica”(PONTES, 2000). Além disso, as vogais [ẽ] e [ã] também são favoráveis ao alçamento, o que corrobora a hipótese do autor de que “em contextos onde a variante tende a se tornar absoluta os fatores lingüísticos desvanecem”.

O autor destaca os processos fonológicos de síncope e de ditongação agindo na palavra [sejɔɾa ~ siɔɾa], que teve um alto índice de alçamento. Observou também que o prefixo *des-* é altamente favorável ao alçamento, principalmente quando antes de [õ], como ocorreu com as palavras [deskõfi'avɐ, dezẽ'kõtro]. Outro contexto favorável ao alçamento, apontado por Pontes, é a ditongação em palavras como [ãte'õte ~ 'ãʃiõte]. Nesse contexto, a vogal [e] forma um hiato com o [o] e como não pode se tornar semivogal, alça.

Finalmente, o autor conclui, sobre a distribuição diatópica, que os pontos lingüísticos das regiões Oeste e Sudoeste desfavoráveis ao alçamento são contíguos, caracterizando, desse

modo, uma área geográfica de resistência de [e] no início de palavra. Já os pontos favoráveis ao alçamento localizam-se em região de fronteira estadual – Palmas, com Santa Catarina – ou internacional – Foz do Iguaçu, o que pode levar os habitantes dessas áreas a terem características lingüísticas diferentes.

Em outro estudo acerca do alçamento do [e] pretônico nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná, Pontes e Kailer (2001) abordam o alçamento do [e] pretônico com dados coletados pela equipe do ALPR na Região “Oeste-Sudoeste” do Paraná, região que, de acordo com Pontes (1999b), como já mencionamos anteriormente, constitui uma região de resistência ao alçamento. Os pesquisadores buscam estabelecer os principais contextos fônicos que favorecem o uso da variante [i], a área de maior resistência de [e] e descrever alguns contextos fônicos que inibem categoricamente o alçamento dessa vogal.

De acordo com esses autores, a regra de alçamento não se aplica nos seguintes contextos: quando há a necessidade de marcar a distinção de significado, a estrutura da sílaba, contextos fônicos muito desfavoráveis, e principalmente na ocorrência de dois desses fatores ao mesmo tempo. No primeiro caso, a aplicação da regra cria vocábulos homônimos, como, por exemplo, o alçamento de [e] em [pe'kado] que torna essa palavra homófona da palavra [pi'kado]. O mesmo acontece com a palavra [pes'kaɪ ~ pis'kaɪ].

O segundo caso é a vibrante em travamento de sílaba. Dos 25 itens registrados no *corpus*, nenhum se apresentou alçado, portanto, para os autores esse contexto fônico inibe categoricamente o alçamento do [e] pretônico, como, por exemplo, em [pe.ɪse'veʒo, ne.ɪ'vozo].

Pontes e Kailer (2001) afirmam que a hipótese de que a vibrante inibe o alçamento da vogal [e] é confirmada pela existência de “síncope dessa consoante, que se observa na carta fonética 109 do ALPR (AGUILERA, 1994, p. 241), e pela metátese da vibrante” encontrada nos dados que fazem parte do *corpus* que os autores analisaram.

Em relação ao contexto lingüístico, os autores atestam que 36% das ocorrências foram de alçamento e as demais, de média anterior [e]. O único fator que se apresentou favorável ao alçamento foi início de palavras (.83), sendo as consoantes, independentemente de seu ponto de articulação, sempre desfavoráveis em contexto precedente. Tais resultados assemelham-se, de acordo com os autores, aos de Bortoni et al. (1991, p. 83) na fala de informantes alagoanos e aos de Schwindt (1997, p. 59) no estudo de falares do sul.

Já no contexto seguinte, as altas anteriores e médias posteriores foram favoráveis ao alçamento. As baixas e as altas posteriores apresentaram probabilidade neutra. As médias anteriores foram desfavoráveis.

Em relação às áreas de predomínio da variante [i], os resultados mostram quatro pontos lingüísticos: Palmas, uma área favorável à variante alçada (probabilidade .60); Cascavel (.52) e Dois Vizinhos (.49), áreas nem favoráveis nem desfavoráveis, e Guaraniaçu; uma área geográfica de resistência da forma [e] (.36). Este resultado corrobora o de outros estudos que também apontaram tal região como resistente ao alçamento.

Pontes et.al. (2001) discutem a intersecção entre as regras de alçamento e abaixamento de [e,o] pretônicos e ditongação de hiato no português brasileiro popular falado. Primeiro eles analisam os fenômenos do alçamento e da ditongação no falar rural paranaense. Num segundo momento, buscam depreender as características diatópicas da ditongação, tomando como amostra as cartas fonéticas dos atlas lingüísticos regionais publicados. Por fim, os autores tratam das combinações possíveis das regras de alçamento, ditongação e abaixamento e da configuração diatópica desses fenômenos.

Para esse estudo, os referidos autores trabalharam com os dados sobre a variedade rural paranaense colhidos em duas fontes: Arquivo Sonoro do Atlas Lingüístico do Paraná, e cartas fonéticas do Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR – AGUILERA, 1994). Em relação aos dados do português popular brasileiro falado em outras regiões, estes são extraídos, segundo os autores, das cartas fonéticas dos atlas regionais publicados – Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB, 1963), Atlas Lingüístico da Paraíba (ALP, 1984), Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG, 1977) e Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS, 1987).

Para a investigação do uso do [e] pretônico, os autores utilizaram os dados de 18 pontos lingüísticos das Regiões Norte e Oeste e Sudoeste do PR, já levantados por outros estudos e trabalharam com 18 palavras com contexto para a aplicação das regras de alçamento e ditongação, sendo sempre [e] a primeira vogal da seqüência, por exemplo: *carreador*, *geada*.

Referente às amostras coletadas no ALS, ALPR e nas cartas fonéticas do ALPR, Pontes et al. [2001] mostram que, no contexto vogal com hiato na sílaba seguinte, a regra de alçamento do [e] pretônico alcança seu maior índice (96 e 85% respectivamente) de aplicação e a regra de ditongação do hiato (68% e 55% respectivamente), por sua vez, é também produtiva no falar rural paranense.

Por fim, apresentam a aplicação da variável [e] pretônico e da ditongação de hiato no falar rural paranaense e verificam que ambas as regras são variáveis, todavia os índices de aplicação tanto da regra de alçamento quanto de ditongação são elevados. As realizações fonéticas de *clarear* (*[klare 'aɹ ~ kla 'rya]*), por exemplo, apresentam alçamento e ditongação em 8 das 10 ocorrências.

A palavra *geada*, por sua vez, apresenta um índice um pouco maior de alçamento em relação à ditongação. O vocábulo *relampear*, no entanto, tem o mesmo índice de alçamento e ditongação, e *balancear e vereador* sofrem apenas alçamento. Já nas palavras *realidade, realmente e preocupar*, o alçamento e a ditongação não se aplicam. Em *preocupar*, a aplicação da regra de alçamento e de ditongação formam um ditongo decrescente, diferentemente do que ocorre com as demais palavras, que apresentam ditongos crescentes nessas variações.

Navi (2000) também fez um estudo, com os dados do ALPR (AGUILERA, 1994), sobre o alçamento do [e] pretônico seguido de vogal alta no falar rural paranaense, como em: *escuro ~ iscuro, bonito ~ bunito*, nos seguintes pontos lingüísticos: Dois Vizinhos, Laranjeiras do sul, Cascavel, Francisco Beltrão, Guarapuava e Campina da Lagoa, cidades das regiões Oeste e Sudoeste do Paraná. Fazendo uso da mesma metodologia adotada pela equipe do projeto “Variação fonético-fonológica” da UEL, a autora verificou que os contextos início de palavras e labiodentais (70% respectivamente) são bastante favoráveis ao alçamento, enquanto as linguopalatais (30%), linguodentais (36%) são bastante desfavoráveis. Já as linguoalveolares (41%) e velares (44%) são desfavoráveis, ao passo que as bilábias são pouco favoráveis (53%). A autora ressalta que tais contextos favoráveis confirmam os apontados por Kailer e Pontes (2001).

Franzotti (2000), em uma abordagem sobre o alçamento da vogal pretônica inicial no falar rural paranaense, investigou quais variáveis influenciam no alçamento da pretônica [e] em início de palavras. Com o mesmo *corpus* estudado por Navi (2000) e adotando a mesma metodologia, a autora argumenta que as variáveis extralingüísticas, sexo, escolaridade e idade, não se mostraram relevantes para o alçamento em início de palavras. Em relação à distribuição diatópica, constatou que o índice de maior alçamento foi Foz do Iguaçu (85%), seguido de Palmas (84%), Mangueirinha (80%) e Cascavel (74%). Já Francisco Beltrão (73%), Laranjeiras do Sul (71%), Campina da Lagoa (68%), Dois Vizinhos (63%) e Pato Branco (62%) apresentaram-se favoráveis ao alçamento. Guarapuava (47%), porém, foi a cidade que maior resistência apresentou ao alçamento.

Quanto aos contextos lingüísticos, a referida autora constatou que a vogal [ɛ] da sílaba seguinte é a responsável principal pela aplicação da regra de alçamento como em [ẽ 'ʃɛɹga], [es 'kɛse]. Em seguida, vem a vogal [ã] com (85%) em realizações como em [ẽ 'tãw̃]. Embora a autora diga que a vogal [ɛ] está favorecendo o alçamento, acreditamos, a partir dos exemplos citados por ela, que, neste caso, o que favorece é o contexto seguido de [s] e o fato de a vogal pretônica [e] ser nasalizada.

Quanto às consoantes seguintes, a autora conclui que todas se apresentam favoráveis à aplicação da regra de alçamento. Isso se justifica pelo fato de o contexto de início de palavras ser bastante favorecedor, enfraquecendo, dessa forma, os demais fatores, sendo então o ponto lingüístico o fator mais relevante.

Pontes e Takachi (2002), fazendo uso dos dados do ALPR (1994), ao tratarem da estigmatização de formas lingüísticas e de suas implicações para o ensino de língua materna, entre outros fenômenos, discutem o alçamento do [e] e buscam mostrar que se trata de um fenômeno de variação lingüística. Embora as variáveis sociais como idade e escolaridade apresentem alguma relevância, existe forte condicionamento de elementos lingüísticos como a harmonização vocálica, fronteira morfêmica ou vocabular, estrutura silábica e uma distribuição diatópica não muito expressiva.

Já em relação à ditongação de hiato, os autores mostram que se trata de uma regra variável muito produtiva na variedade lingüística paranaense, a qual se intersecciona com o alçamento da vogal [e] pretônica. Em direção ao norte do país, a ditongação esvanece e o alçamento torna-se mais acentuado, interseccionando-se, por sua vez, com a regra de abaixamento da pretônica, que se torna saliente a partir da Bahia.

Os pesquisadores concluem que a heterogeneidade e a sistematicidade dos fenômenos lingüísticos não são o ponto fundamental a ser considerado no ensino de língua materna, mas o comportamento dos grupos de falantes frente às formas lingüísticas. Os pesquisadores afirmam, porém, que um estudo de cunho sociolingüístico e sistemático permitirá interpretar a relação da comunidade lingüística com as formas variantes da estrutura lingüística.

Kailer (2003) fez um estudo da vogal pretônica média anterior em tempo real e em tempo aparente no falar rural de Guaraniaçu – PR, com o objetivo de investigar uma possível mudança em progresso. Adotando a metodologia da Sociolingüística Variacionista, a autora

estudou o uso do [e] em tempo real, através de uma análise comparativa de dois *corpora*: um com dados coletados na zona rural em Guaraniaçu – PR para elaboração do Atlas Lingüístico do Paraná e do Arquivo Sonoro Inédito, no período de 1985 a 1990 (AGUILERA, 1994), e o outro, também na zona rural dessa comunidade, coletado em 2002 pela pesquisadora. Em tempo aparente, analisa, com os dados de 2002, o uso da vogal pretônica de acordo com as faixas etárias 25 a 35 anos, 36 a 50 anos e acima de 50 anos.

A autora justificou a escolha dessa cidade por pertencer a uma região (Oeste) de resistência do [e] pretônico (PONTES, 2000). Esse predomínio da variante não-alçada pode ser resultante da própria colonização do Oeste paranaense, realizada principalmente por gaúchos e catarinenses descendentes de alemães e italianos.

Kailer (2003) averiguou todos os contextos lingüísticos e extralingüísticos que estudos de Pontes, entre outros, apontaram como relevantes na análise do [e] pretônico. Para tanto, elaborou um questionário com 150 perguntas. Constituiu, para o referido estudo, um *corpus* com 1714 ocorrências do [e] pretônico, sendo 434 retiradas dos dados de Aguilera (1989 a 1990). Destas, 167 apresentaram alçamento. Dos dados coletados em 2002 (1280 ocorrências), um terço das palavras (422) apresentou alçamento.

A autora observou que os contextos, início de palavras, seguido de vogal e vogal alta na sílaba seguinte, mantiveram-se estáveis quanto ao favorecimento do alçamento. O mesmo ocorreu com o contexto bastante desfavorável ao alçamento, a vogal da sílaba seguinte [ɛ], em palavras como [es<sup>1</sup>pɛ.ɪto], apresentando um peso relativo (0,14), para os dois *corpora*.

Outros contextos que permaneceram com a mesma influência na aplicação da regra de alçamento foram os “invariáveis”, estabelecidos em Kailer e Pontes (2001): “(a) quando o alçamento criar palavras homônimas”, *capitão / capetão*; “(b) contexto não-inicial com pretônica seguida de vibrante em trava silábica”, *enfermeira, percevejo*; e “(c) pretônica não-inicial com [ê] na sílaba seguinte”, *representa, semente*, mas que não esteja em prefixo, *destemperado, desdentada*.

Além disso, Kailer (2003) verifica mudança de comportamento das seguintes variáveis:

- 1) Em tempo real: o contexto precedente com a variável linguopalatal (0,06) para os dados de 1989 é de (0,43) para os dados de 2002. Isso significa que esse contexto, de muito desfavorável ao alçamento, tornou-se pouco desfavorável.

- 2) Em tempo aparente: a autora observou que os homens, os mais velhos e os menos escolarizados alçam mais o [e] pretônico do que as mulheres, os mais jovens e os mais escolarizados. Fato que se confirma em parte pelas constatações de Pontes (2000), quando este sugere a possibilidade de uma mudança lingüística, quanto à resistência do [e] (KAILER, 2003).

Por fim, ao analisar a valoração por parte do informante quanto à forma alçada da pretônica [e], verificou certa estigmatização: os informantes referiram-se à manutenção do [e] como uma forma mais “bonita”, mais “correta” e usada por pessoas com mais escolaridade. Conclui, assim, que, mesmo o informante fazendo uso da forma alçada, ele acredita que a não alçada é a “melhor”, estigmatizando, dessa forma, sua própria fala.

Lima (2003), em um estudo acerca de quinze pontos lingüísticos (na maioria, da região sul do Paraná), verificou que as variantes lingüísticas não apresentam áreas específicas de uso, e sim áreas de predomínio. Quando se trata do [e] pretônico em início de palavras, é quase perceptível uma delimitação, porém o mesmo não ocorre quando essa variante está em meio de palavras, concluindo que o fator geográfico não é condicionante para o alçamento, mas sim os fatores internos à própria estrutura da língua, que condicionam (ou não) a ocorrência da forma alçada.

Como a maioria dos trabalhos citados sobre o [e] no falar rural paranaense, e outros como o de Bisol (1981) e o de Schwindt (1997), entre outros, Lima (2003) constata que o fenômeno da harmonização vocálica atua através das vogais altas [i],[ĩ], [u], que são altamente favoráveis ao alçamento. Em relação ao contexto precedente, a autora depreende que as consoantes alveodentais favorecem o alçamento. No entanto o número mais significativo refere-se ao contexto em que se segue uma vogal, e exemplifica com a palavra *clareando ~ clariando*, o que se explica, segundo a autora, pelo fato de o falante realizar a ditongação da sílaba *-rian-*.

Quanto às variáveis sociais, a autora constatou que quanto mais idoso for o informante, menos ele usa a pretônica alçada. Já a vogal [ẽ] na sílaba seguinte constitui um contexto fônico que inibe terminantemente o alçamento do [e] pretônico: *crescente, diferente, semente*, a menos que este se encontre em início de palavras.

A autora concluiu que este fenômeno é influenciado por fatores internos ao sistema lingüístico, como o processo de harmonização vocálica, contextos fônicos precedente e seguinte e tipo de pretônica, e por fatores externos como idade, escolaridade, principalmente, que apresenta distribuição diatópica.



Evidenciou, ainda, que, quando uma variante tende a ser absoluta, os fatores internos não têm relevância, como acontece com o [e] pretônico em início de palavras. Nesse caso, ocorre a distribuição diatópica das variantes. Por outro lado, quando as variantes não tendem a ser absolutas, os fatores internos são determinantes.

Por fim, temos o trabalho de Dutra e Pontes (2003) sobre o alçamento do [e] pretônico e distribuição vocálica, no qual os autores examinam um *corpus* de 14.639 ocorrências. Nesse estudo, eles retomam a discussão sobre harmonização vocálica e distribuição diatópica das variantes, em 38 pontos, dos 65 inquiridos para a elaboração do Atlas Lingüístico do Paraná.

Constataram, então, que, de certo modo, não é a harmonização vocálica que está desencadeando o alçamento do [e] pretônico em início de palavra, visto que as probabilidades de assimilação do traço alto da vogal [u] na sílaba seguinte ficam abaixo de 0,50. Já as vogais [ã, e] na sílaba seguinte – que não têm o traço alto, portanto, deveriam desfavorecer a realização da variante alta – apresentam peso relativo favorável (0,66 e 0,56, respectivamente), contradizendo com esses resultados a hipótese da harmonização vocálica.

Além disso, observaram que os pesos relativos favoráveis não formam um contínuo, como em início de palavra, em que predominam de pontos favoráveis formando uma faixa no Norte do estado, de Leste a Oeste (porém, inserem-se nessa área três pontos desfavoráveis). Outros quatro pontos aparecem isolados na fronteira com Santa Catarina. Quanto aos pontos desfavoráveis, verificam que se espalham por quase todo o território paranaense.

De acordo com Dutra e Pontes (2003), os resultados da análise com a pretônica [e] em contexto de átona permanente

mostram um forte condicionamento lingüístico – realização do processo de harmonização vocálica, ditongação de hiato e assimilação do traço alto da consoante nasal palatal [ɲ] seguindo a pretônica –, mas as áreas de predomínio das variantes não são bem definidas.

Por meio desta revisão dos estudos sobre o [e] pretônico no falar paranaense, verificamos, de acordo com os autores, que tanto os fatores lingüísticos quanto os extralingüísticos foram relevantes no estudo da pretônica [e].

Buscamos resumir, de modo geral, quais contextos lingüísticos e extralingüísticos foram por eles indicados como favoráveis, desfavoráveis e inibidores do alçamento.

Os mais favoráveis foram: início de palavras; seguido de [s] e [z]; nasalidade; a vogal alta, na sílaba seguinte; também no contexto seguinte – as velares, as palatais, ou em hiato que forma a ditongação [ãe'õte], síncope [se'ɲɔra], prefixo *des-*, seguido de [õ]. Nas regiões Oeste e Sudoeste, as médias posteriores [ɔ], [õ], [ẽ] e [a] mostraram-se favoráveis ao alçamento, o que corrobora a hipótese de Dutra e Pontes (2003) de que “em contextos onde a variante tende a se tornar absoluta os fatores lingüísticos desvanecem”.

Dentre os contextos desfavoráveis, os autores detectam as alveodentais, as labiais e as linguoalveolares.

Sobre os contextos que inibem o alçamento, Pontes e Kailer (2001) propõem a seguinte regra: “o [e] não será alçado quando contíguo a ele houver uma vibrante e a vogal da sílaba seguinte for média ou baixa”. Além disso, há também, inibindo o alçamento, a necessidade de marcar a distinção de significado, a estrutura da sílaba, contextos fônicos, como ocorre com vocábulos homônimos: em [pes'kaɪ ~ pis'kaɪ], fato este que os autores atribuem à semanticidade da palavra. Por último, bastante desfavorável é a presença de uma vibrante em travamento de sílaba como em: [pe.ɾse'vezo, ne.ɾ'vozo].

Em relação aos fatores sociais, a maioria dos autores afirma que os homens, os mais idosos e os menos escolarizados alçam mais o [e] pretônico do que as mulheres, os mais jovens e os mais escolarizados.

Sobre a *distribuição diatópica*, Dutra e Pontes (2003) salientam que, exceto nas áreas referentes a Curitiba e Paranaguá, as regiões Sul e Sudoeste do Paraná desfavorecem o alçamento do [e]. Por outro lado, as regiões Norte, Nordeste, Noroeste e Oeste, exceto Guaira no extremo Oeste e parte do Nordeste, favorecem-no.

Por fim, estes autores concluem, sobre as isófonas, que os pontos lingüísticos das regiões Oeste e Sudoeste desfavoráveis ao alçamento são contíguos, caracterizando-se, desse modo, numa área geográfica de resistência de [e] no início de palavra. Já os pontos favoráveis ao alçamento localizam-se em região de fronteira estadual – Palmas, com Santa Catarina – ou internacional – Foz do Iguaçu, o que pode ter levado os habitantes dessas áreas a apresentar características lingüísticas diferentes.

Em relação ao ensino, Pontes e Takachi (2002) atestam que não são a heterogeneidade e a sistematicidade dos “fenômenos lingüísticos o ponto fundamental a ser considerado no ensino de língua materna, mas o comportamento dos grupos de falantes frente às formas lingüísticas”.

Por fim, salientamos a hipótese, levantada por Lima (2003) e por Dutra e Pontes (2003), de que, quando os fatores lingüísticos são fundamentais no uso alçado da pretônica [e], os pontos lingüísticos são pouco significativos, acontecendo o mesmo, caso se invertam os papéis de relevância destas duas variáveis. Esse fato também foi observado no uso da pretônica média posterior [o] no falar rural paranaense (KAILER, 2004).

Kailer (2004) realizou um estudo acerca do [o] pretônico na fala de sessenta informantes em trinta pontos lingüísticos paranaenses, no qual retomou os dados inquiridos na pesquisa de campo feita por Aguilera, no período de 1985 a 1990 para a elaboração do Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR). (AGUILERA, 1994). A autora constatou que as variáveis lingüísticas eram mais relevantes na aplicação da regra de alçamento que as variáveis sociais. Das primeiras, destacaram-se como mais favoráveis as labiodentais precedentes, bilabiais e palatais seguintes, o [o] pretônico seguido de vogal e vogais altas na sílaba seguintes. Revelaram-se desfavorecedoras do alçamento, as alveolares e velares seguintes bem como o contexto início de palavras e a vogal [o] na sílaba seguinte, principalmente a média posterior nasalizada.

Quanto às variáveis sociais Kailer (2004) afirma que em nenhum ponto lingüístico predomina o alçamento, pois, na cidade de maior percentual, a marca foi de 43% para Umuarama. Quanto às demais, faixa etária, sexo e escolaridade, os resultados foram muito próximos à neutralidade; porém, os homens menos escolarizados são os mais suscetíveis ao alçamento.

Esse resultado, mesmo o uso alçado do [o] pretônico não sendo considerado estigmatizado, fez com que se cogitasse a idéia de que a manutenção da média pretônica posterior [o] pudesse ser um indicativo de prestígio no falar rural paranaense, visto que o alçamento não era eminente no falar feminino e dos mais jovens, os mais preocupados<sup>29</sup> em fazer uso da língua da classe privilegiada.

Finalmente, a autora declara que, apesar de o alçamento do [e] pretônico ser considerado por (PONTES; KAILER, 2001; DUTRA; PONTES, 2003, PONTES, 2002) como um fenômeno regional, visto que a Região Oeste e a Região Sudoeste se apresentaram claramente como menos

<sup>29</sup> Junto a estes, estão os mais escolarizados que, em nossos resultados foram favoráveis ao alçamento, no entanto a diferença de escolarização é pouco representativa, bem como os valores probabilísticos.

favoráveis ao alçamento do [e], o mesmo parece não ocorrer com o [o] no falar paranaense, visto que o alçamento desta vogal não predomina no falar paranaense. Nas regiões investigadas há cidades onde o alçamento é favorecido e cidades onde a manutenção predomina.

No capítulo a seguir, fazemos um breve relato sobre as duas cidades investigadas e, posteriormente, abordamos a metodologia utilizada e especificamos as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que acreditamos ter alguma interferência no uso das pretônicas [e] e [o] em tempo aparente.

## 5 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

No presente capítulo apresentamos um breve relato sobre as comunidades investigadas, as características dos informantes e, posteriormente, os procedimentos para coleta e análise dos dados empregados nesta pesquisa. Para este estudo utilizamos dois *corpora* referentes às vogais pretônicas anterior /e/ e posterior /o/. O primeiro (denominado *corpus 1*<sup>30</sup>) constitui-se dos dados coletados por Aguilera e equipe na década de 80 para elaboração do Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR) (AGUILERA, 1994), e o segundo, (nomeado *corpus 2*), foi coletado por nós em 2006 e 2007. Ambos são de Foz do Iguaçu e de Pato Branco e serão explicados detalhadamente a seguir.

### 5.1 LOCALIZAÇÃO DE FOZ DO IGUAÇU E PATO BRANCO



**Mapa 1.** Localização das duas regiões paranaenses.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pato\\_Branco#column-one#column-one](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pato_Branco#column-one#column-one)<sup>31</sup>

<sup>30</sup> Como este *corpus* é composto de dois informantes de cada região, será usado como um grupo de controle, visto que seria desproporcional compararmos com o *corpus 2*, com 32 informantes, e tirarmos conclusões definitivas. Todavia, não podemos negar que tais informações são de muita valia para levantarmos hipóteses sobre o uso das pretônicas [e] e [o] nos dois momentos.

<sup>31</sup> Foram necessárias algumas adaptações no mapa do Paraná extraído deste sítio no dia 10/10/2007. O mapa do Brasil foi extraído de Marques (2006) e também sofreu algumas alterações.

## 5.2 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E HISTÓRICOS DE PATO BRANCO E DE FOZ DO IGUAÇU<sup>32</sup>

Nosso interesse em fazer um reestudo sobre as vogais pretônicas /e/ e /o/ nestas duas cidades das regiões Oeste e Sudoeste do Paraná surgiu a partir dos resultados obtidos sobre a pretônica [e], por Pontes (2002) e por Kailer (2004) sobre [o] pretônico. Tais autores investigaram de modo específico essas vogais em alguns pontos lingüísticos estudados pela equipe do projeto de pesquisa Variação fonético-fonológica no falar rural do Paraná (AGUILERA; CYRINO; PONTES, 2000), no qual retomam os dados inquiridos na pesquisa de campo feita por Aguilera, no período de 1985 a 1990, para a elaboração do ALPR (AGUILERA, 1994).

Pudemos observar, com esses estudos, que estas duas cidades revelavam resultados diferentes em relação ao uso das duas pretônicas ([e] e [o]), pois, em contexto inicial, Foz do Iguaçu apresentava-se como uma das cidades favoráveis ao alçamento do [e]<sup>33</sup> e Pato Branco figurava como uma das regiões desfavoráveis à aplicação da referida regra (PONTES, 2002)<sup>34</sup>. Por outro lado, Kailer (2004) verificou, em relação à pretônica [o], que estas cidades também tinham comportamentos diferentes, ou seja, Pato Branco apresenta-se com probabilidade bastante favorável ao alçamento do [o] e Foz do Iguaçu com probabilidade desfavorável. Pontes (2002) afirma que o comportamento lingüístico de Foz do Iguaçu pode ter sofrido alguma influência dos falares dos países próximos (Argentina e Paraguai). Kailer (2004), por sua vez, levanta a hipótese dos tropeiros terem influenciado de alguma forma na aplicação do alçamento, visto que, em relação ao alçamento da pretônica [o], com vogais altas na sílaba seguinte, evidenciam-se diferenças na aplicação do alçamento em relação ao caminho que faziam de Viamão, perto de Porto Alegre, à Sorocaba em São Paulo, para onde conduziam animais, bovinos e eqüinos, em

<sup>32</sup> Apesar de termos consultado outros autores como Westphalen, Machado, Balhana (1968, 1969); Pilati (1969); Webber (2003); Ostroviski (2002); Steca e Flores (2002); Voltolini (1996, 1997, 2005); IBGE, 2007, extraímos a maioria das informações aqui relatadas sobre as duas cidades das obras de Waschowicz (1985, 1987, 2001).

<sup>33</sup> Pontes realizou este estudo apenas com o [e] em contexto inicial.

<sup>34</sup> Todavia verificamos que, no presente estudo, apenas nas duas regiões e envolvendo todos os contextos, em Pato Branco o percentual de aplicação da regra de alçamento nas duas vogais pretônicas é mais elevado do que em Foz do Iguaçu, diferentemente do que previa o estudo de Pontes (2002) nas nove regiões investigadas. Sendo assim, tínhamos Pato Branco mais favorável ao alçamento e Foz do Iguaçu menos favorável à aplicação da regra de alçamento de ambas as vogais.

meados do século XVIII (WASCHOWICZ, 2001). Sendo assim, procedemos agora à apresentação das regiões, na tentativa de encontrar algum indício que possa corroborar ou descartar uma e/ou outra hipótese, bem como um breve relato sobre os tropeiros no Paraná.

No século XIX, segundo Waschowicz (2001), a Região Sul do país possuía mais características européias do que o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Nordeste. Ele salienta que no Oeste e no Sudoeste do Estado do Paraná, fixaram-se nesse século muitos imigrantes italianos, alemães e poloneses. “Essas populações migrantes são integrantes da chamada frente de colonização sulista, procedente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina” (WASCHOWICZ, 2001, p. 158). O autor ressalta que entraram nas diversas regiões paranaenses, em 1948, principalmente imigrantes poloneses, em maior número, seguidos de ucranianos, alemães, italianos e, posteriormente, na imigração moderna chegaram os japoneses, além de franceses, austríacos, ingleses, russos, sírio-libaneses, suíços, holandeses, portugueses, espanhóis e outros, porém em número menor.

A seguir, verificamos, de maneira sucinta, quais foram os povos que colonizaram as cidades em questão bem como os costumes e cultura dos povos que as habitam atualmente.

### **5.2.1 Foz do Iguaçu**

“Soy brasileña, señor, gracias a Diós”<sup>35</sup> (WACHOWICZ, 2001, p. 242).

Foz do Iguaçu situa-se no extremo Oeste do Estado do Paraná, fronteira com Paraguai e Argentina, limitada pelos rios Paraná e Iguaçu. Tem como vizinhos, ao Norte, o município de Itaipulândia, ao Sul faz divisa com a Argentina; ao Leste com os municípios de Santa Terezinha e São Miguel do Iguaçu e ao Oeste com o Paraguai, possuindo um distrito que faz divisa com São Miguel (OSTROVISKI, 2002).

Segundo o historiador Waschowicz (2001), a região onde hoje fica Foz do Iguaçu foi descoberta pelo homem branco em 1542 pela expedição do capitão espanhol Alvar Nuñez Cabeza

---

<sup>35</sup> Resposta dada, segundo, Waschowics (2001, p. 242) a um viajante quando perguntou a nacionalidade de uma cabocla brasileira residente em Foz do Iguaçu.

de Vaca, cuja expedição, oriunda da costa de Santa Catarina, atravessou o Estado, de Leste a Oeste, até o Rio Paraná, onde encontraram as Cataratas do Iguaçu, às quais deram o nome de Cachoeira de Santa Maria. Apesar de ter sido descoberta no século XVI pelo homem branco, até 1888 os donos das terras eram os índios caingangues. Formou-se um povoado definitivo por habitantes nacionais com a instalação da Colônia Militar do Iguaçu, pelo capitão Belarmino Augusto de Mendonça Lobo, cujo objetivo primordial era conter o domínio dos países vizinhos e tomar posse da região. Em 1889, a expedição do capitão Belarmino encontrou em Foz do Iguaçu uma “população composta de 324 habitantes, na maioria paraguaios e argentinos, sendo os brasileiros apenas nove” (WASCHOWICZ, 2001, p. 232). É interessante ressaltar que, até 1919, todas as mercadorias consumidas em Foz do Iguaçu vinham da Argentina e a população do local só tinha contato com a civilização por meio dos vapores argentinos (WASCHOWICZ, 2001), embora o município do Iguaçu tenha sido instalado oficialmente em 10 de junho de 1914, quando começaram a chegar os imigrantes europeus, na maioria alemães e italianos que também continuaram extraindo erva-mate e madeira como principal fonte de renda. Chegaram também os primeiros agricultores vindos do Rio Grande do Sul, iniciando-se, então, o ciclo da agricultura de subsistência e conseqüentemente o início da expansão da fronteira. Esta atividade conseguiu expandir-se a partir do momento em que foi implantado o sistema viário, mesmo começando de forma precária, facilitou a comercialização do excedente agrícola, incentivou a cultura de grão com vistas à exportação, o que refletiu no crescimento do comércio local.

Waschowicz (2001, p. 242) ressalta que a revolução de 1924 revela ao Brasil que na década de 1920, a partir de Catanduvas para o Oeste, a língua dominante era o espanhol. Além disso, na construção da rodovia de Guarapuava-Foz do Iguaçu, todos os trabalhadores eram paraguaios. Ressalta ainda que o português era falado unicamente pelos funcionários públicos e que o dinheiro local era o peso, inclusive os impostos e as taxas cobradas pela prefeitura e correios eram em moeda argentina. Essa situação só veio a apresentar mudanças em 1930, quando o Brasil percebeu a urgência de se nacionalizar a chamada fronteira guarani, e o General Mário Tourinho ordenou que a prefeitura despachasse documentos apenas em português; que os anúncios comerciais, listas de preços, avisos só poderiam ser redigidos em português; os impostos e taxas também deviam ser cobrados unicamente em moeda brasileira. A partir daí começa a nacionalização do Território Federal do Iguaçu.



Em 1939, é criado o Parque Nacional do Iguaçu, fato que auxiliou na economia local devido às constantes visitas de turistas. Em 1962, ocorre o desmembramento do município de São Miguel do Iguaçu, em 1965, inaugura-se a Ponte Internacional da Amizade e, em 1969, conclui-se a rodovia BR277, quando houve a integração do município ao Sistema Estadual de Telecomunicações e construiu-se o Aeroporto Internacional. Todos esses acontecimentos somados intensificaram o comércio e contribuíram para o desenvolvimento de Foz do Iguaçu, que se voltava para o atendimento dos fluxos turísticos (OSTROVISKI, 2002, p.41). É interessante ressaltar que, de acordo com Ostroviski (2002, p.41), é em 1940 que ocorre a principal ocupação do Oeste paranaense pelos colonos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, grupos que também povoaram a região Sudoeste paranaense.

No ano de 1974, segundo Webber (2003), implanta-se a Usina Hidrelétrica de Itaipu, quando começa um novo ciclo de desenvolvimento, pois a construção da usina gerou uma corrente migratória, que trouxe trabalhadores e familiares de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, bem como atraiu pessoas de outros estados. No ápice de sua construção, a Usina empregou 40.000 trabalhadores. Foz do Iguaçu que, segundo o IBGE, em 1960, tinha 28.212 habitantes e, em 1970, contava com 33.966, em 1980 passou a ter 136.321, ou seja, registrou um crescimento de 383%. Toda essa demanda fez com que Foz do Iguaçu se transformasse em termos de atendimento público e privado para suprir às necessidades da construção da Usina bem como para satisfazer os trabalhadores e seus familiares.

Nessa mesma época, conforme o autor supracitado, observou-se um crescimento na importância das transações entre Brasil e Paraguai, principalmente para as cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, entre as quais até hoje há o turismo de compras. Do lado paraguaio, turistas brasileiros interessados principalmente em produtos eletrônicos, vendidos na maioria das vezes por comerciantes árabes ou asiáticos. Do lado brasileiro, aumento na procura por hotéis, restaurantes, lanchonetes, agências de turismo e outras prestadoras de serviços. Demanda esta que emprega boa parte dos trabalhadores iguaçuenses. Além disso, o país vizinho também importa do Brasil produtos alimentícios, de vestuário, eletrodomésticos e para a construção civil.

O aumento populacional, entretanto, não trouxe apenas benefícios para Foz do Iguaçu. Com o término da Usina houve um crescente desemprego e o desenvolvimento da economia informal, como consequência aumentaram as favelas urbanas e as dificuldades dos setores sociais, principalmente nas áreas de educação, saúde e segurança pública. Conforme o autor já

mencionado, estima-se que haja uma população de 20 mil habitantes vivendo em condições precárias, em lugares com ruas sem saída, sem luz e água instaladas oficialmente. Além dessas, outras tantas que vivem em áreas irregulares, porém com o mínimo de infra-estrutura. (WEBBER, 2003, p. 11-21).

Foz do Iguaçu, atualmente, abriga pessoas de 72 nacionalidades, o que lhe dá o título de cidade mais cosmopolita do Brasil. Sua população é muito jovem, 40% têm até 17 anos de idade, 49% de 18 a 50 anos e apenas 11% têm mais de 51 anos de idade. Conta com uma população estimada de 311.336 habitantes, conforme informa o censo de 2007 (IBGE, 2007) <sup>36</sup>.

### 5.2.2 Pato Branco

“Meu mano mais velho casou com uma italiana [...] aquele foi casamento muito sofrido [...]. Pois eles não queriam, Deus o livre. Briga daqui, briga dali e promessas de se matarem, até que os velhos descobriram que o... e eles conseguiram o direito de se casar” (WASCHOWICZ, 1985, p. 107).<sup>37</sup>

Pato Branco primeiramente foi distrito de Clevelândia, município que se originou com o nome de ‘Bela Vista de Baixo’ e teve sua criação por conta do abastecimento das caravanas dos tropeiros que já no início do século XVIII percorriam o trajeto de Viamão, ou seja, saíam de Porto Alegre (RG) conduzindo animais com destino à Sorocaba (SP) (WASCHOWICZ, 2001).

Segundo Waschowicz (2001), após findarem os conflitos entre o Estado do Paraná e o Estado de Santa Catarina, que contestou na Justiça partes do Sul e todo o Sudoeste do Paraná, episódio conhecido como Estado Contestado<sup>38</sup>, parte da região Sudoeste do Paraná torna-se o Oeste de Santa Catarina e muitas pessoas que ali habitavam migraram para a região que restou do

<sup>36</sup> Dados extraídos do site do IBGE <<http://www.ibge.gov.br/home>>, em 10/10/2007.

<sup>37</sup> Entrevista cedida por Missael Cordeiro a Celita Salvadori em 22 de fevereiro de 1984. Este trecho usado por Wachowickz mostra os povos de “origem” ou “gringos” como eram chamados os italianos e alemães que vinham do Sul do país para o Sudoeste paranaense e que não aceitavam que seus filhos se casassem com caboclos que, na maioria, eram pessoas pobres (WASCHOWICZ, 1985, p. 104).

<sup>38</sup> Desde 1853, o Paraná se considerava legítimo dono da área de 48 mil quilômetros quadrados abrangendo o planalto catarinense, partes do Sul e todo o Sudoeste do Paraná, terra herdada da Província de São Paulo. Em 1901, o Estado de Santa Catarina contesta na Justiça o direito de posse. Cria-se o “estado das Missões” com a capital em União da Vitória. Em 1916 sob a mediação do presidente da República Wenceslau Braz fica estabelecido como linha limítrofe entre Santa Catarina e Paraná, o divisor de águas entre as bacias dos rios Uruguai e Iguaçu ficando o Paraná com cerca de 18 mil quilômetros quadrados e Santa Catarina com 30 mil da área contestada anteriormente (WASCHOWICZ, 2001).

Sudoeste do Paraná. Foi então que o governo do Paraná fundou a Colônia do Bom Retiro em 1918 para atender os caboclos que ali moravam e os imigrantes de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Essa colônia foi, de acordo com Waschowicz (2001), quase toda dissolvida com a revolução de 1924, mas aos poucos conseguiu recuperar-se. Na década de 1920, quase todas as terras do sudoeste foram atribuídas pelo governo aos norte-americanos da Brazil Railway Co. em pagamento pela construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande e pela construção do ramal Ponta Grossa-Guarapuava (WASCHOWICZ, 2001, p. 179-81). Entretanto, essas terras foram possedidas pelos caboclos que ali viviam e quando os colonos catarinenses e gaúchos chegaram à região iniciaram a compra dessas posses. Os caboclos, por sua vez, vendiam-nas a troco de um animal ou de uma arma e se embrenhavam no sertão em busca de novas posses.

A Colônia Bom Retiro, com seu povoado, Vila Nova, somente começou a se desenvolver nas décadas de 1940 e 1950 com a instalação da Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), que ocorreu em 1943. Esse grupo do general Osório, formado principalmente por trabalhadores do Rio Grande do Sul, permaneceu por quatro anos na Vila Nova, o suficiente para trazer um bom desenvolvimento para o local (STECA; FLORES, 2002).

A partir desses colonizadores, de acordo com Waschowicz (1985), Ferraz (2005) e Voltolini (1996) forma-se em Pato Branco uma população de origem principalmente alemã, italiana e ucraniana que se estabeleceu no município visando à comercialização dos produtos agrícolas ou à exploração da mata, erva-mate e madeira, principalmente dos pinheiros. Em 1951, ocorre a criação do município de Pato Branco que tinha uma área de 1.876, 30 km<sup>2</sup>, hoje, após vários desmembramentos, conta com uma área de 539 km<sup>2</sup>. Localizado na Região Sudoeste do Paraná, tem como municípios limítrofes: Bom Sucesso do Sul, Clevelândia, Coronel Vivida, Honório Serpa, Itapejara do Oeste, Mariópolis, Renascença e Vitorino e uma população de aproximadamente 66.685 mil habitantes<sup>39</sup>. Sua economia está centrada basicamente na agricultura e na pecuária, mesmo assim conta com empresas e indústrias nas áreas de informática e eletro-eletrônicos.

É importante salientar que os pato-branquenses preservaram muitos de seus costumes e tradições regionais, que se manifestam em bailes do Centro de Tradições Gauchescas (CTGs). Além disso, há também a famosa Dezembrofest (festa do *chopp*) que desde 1992 tem o número de participantes aumentado. Conta com diversas atrações, como apresentação de grupos

---

<sup>39</sup> Conforme os dados do IBGE (2007) <<http://www.ibge.gov.br/home>>, capturado dia 10 out. 2007.

sertanejos e gauchescos bem como de grupos artísticos e musicais da colônia alemã da região Sudoeste. Tais eventos objetivam entre outras coisas promover a integração dos povos que ocuparam a referida Região<sup>40</sup>.

Como vimos, Pato Branco, quando ainda pertencia à Clevelândia, provavelmente foi habitada por indígenas e caboclos naturais da região. Todavia foi fundada, de acordo com Waschowiz (2001), para dar abrigo aos tropeiros que por ali passaram quando ainda era Colônia Bom Retiro. Neste sentido, buscamos conhecer mais sobre tais homens que possam ter trazido do Rio Grande do Sul ou de São Paulo ou de suas origens alguma influência sobre o uso das vogais pretônicas, conforme Kailer (2004) hipotetiza.

### 5.2.3 Os Tropeiros

Como já mencionamos anteriormente, Kailer (2004) observa que o alçamento do [o] pretônico com vogal alta na sílaba seguinte ([ko' ruza ~ ku' ruza, do' mīgo ~ du' mīgu]) apresenta linhas que compreendem o caminho que os tropeiros traçaram no Paraná para chegar a Sorocaba-SP (Ver mapa 1 do Anexo A, p. 271). Buscamos, portanto, conhecer um pouco sobre eles, na tentativa de entender como podem ter influenciado no uso das pretônicas, visto que Pato Branco se originou de uma das comunidades que se formou para servir esses homens, conforme vemos a seguir.

#### 5.2.3.1 O caminho dos tropeiros

Segundo Waschowicz (2001, p. 100-10), nos primeiros séculos, os meios de locomoção brasileiros eram muito precários e insuficientes. As pessoas transitavam por meio de tropas pelos caminhos que foram abertos e trilhados primeiramente pelos indígenas. Um dos principais foi o chamado caminho de Peabiru ou de São Tomé, que ligava o Peru, no Oceano Pacífico, a São

<sup>40</sup> Cf. <http://www.patobranco.pr.gov.br/>. Acesso em 27/11/2007

Vicente, no Atlântico. Os tropeiros partiam do litoral paulista, atravessavam os Campos Gerais, vinham pelos rios Tibagi, Ivaí e Piquiri, e “pelo vale deste último atingiam a região das Sete Quedas no rio Paraná, e seguiam até atingir o litoral peruano.” Conforme o autor, este caminho era frequentemente utilizado pelos primeiros colonizadores europeus. Além desse, também criou-se o caminho chamado de Estrada da Mata, que ligava os campos do Rio Grande do Sul, desde Viamão, até a tradicional feira paulista de Sorocaba.

O Rio Grande do Sul, juntamente com o Nordeste, abastecia com carne bovina outros estados, como Minas Gerais. Para isso os tropeiros transpunham o Paraná com seus rebanhos, até Sorocaba SP, onde o rebanho era distribuído para outros lugares, o que beneficiou o Paraná no início de sua formação histórica. Além dos rebanhos, os tropeiros também realizavam o comércio entre o interior paulista e o gaúcho. Mais tarde, no início do século XX, os tropeiros começaram a dar preferência para a Argentina, para onde levavam café, açúcar, ferramentas, aguardente e de onde traziam farinha de trigo, sabão, roupas de lã, entre outras coisas. Essa atividade, segundo Waschowicz (2001, p. 107), criou povoações enfileiradas “como as contas de um colar, ao longo da rota” percorrida por esses tropeiros. Todas elas crescendo conforme as necessidades de proporcionar assistência aos tropeiros e suas tropas.

### **5.2.3.2 O homem tropeiro**

Os tropeiros, de várias regiões, mas principalmente do Rio Grande do Sul e de São Paulo, iniciavam-se nessa profissão geralmente aos 10 anos de idade acompanhando seus pais. Eles desempenhavam um importante papel na comunicação dos homens dos vilarejos com os acontecimentos da época e intermediavam muitos negócios levando documentos, recados e bilhetes de um lado para outro do país.

Além disso, foram eles os responsáveis por aproximar os gaúchos com o resto do Brasil, “impedindo que os mesmos se tornassem castelhanos” (WACHOWICZ, 2001, p. 110). Como o território gaúcho estava “situado numa região onde as fronteiras entre a colônia lusa e as terras castelhanas eram indecisas,” eram muitas as influências do espanhol. Esses homens também foram os responsáveis por trazer para o Paraná muitos termos de origem castelhana, como

“churrasco, chimarrão, charque, rabicho, arroio, bombacha, poncho, rincão, cochilha, estância, entre outros” (WACHOWICKZ, 2001, p. 110), vocábulos que estão incorporados ao falar paranaense.

### **5.2.3.3 Algumas considerações**

Podemos perceber, com esses relatos sobre as duas regiões e sobre os tropeiros, que as duas cidades sofreram, principalmente, a influência do Espanhol, conforme atestam historicamente Westphalen, Machado e Balhana (1969): “É muito provável que o estado paranaense tenha pertencido em seus primórdios à Espanha, época em que ocorreram muitas batalhas entre missionários espanhóis e bandeirantes portugueses”. Foz do Iguaçu, pelos países limítrofes e pelos argentinos que ali habitaram. Pato Branco, pelos gaúchos que trouxeram, como vimos, influência castelhana, conforme Waschowicz (1985, 2001). Além disso, as duas regiões, em suas origens, fizeram parte de disputas travadas entre estados. Pato Branco, como vimos, enquanto pertencia à Clevelândia, esteve diretamente envolvida na guerra do Contestado e na Revolução de 1924. Foz do Iguaçu abrigou os rebeldes dessa revolução e dependia em muitos aspectos da Argentina. Apenas depois da revolução de 30 foi nacionalizada a chamada fronteira guarani. Por fim, vimos que os tropeiros eram principalmente homens paulistas e gaúchos, responsáveis por, entre outras coisas, unir o Rio Grande do Sul, sob forte influência castelhana, ao restante do país, por meio do transporte de comunicação entre esses povos e os demais brasileiros.

Em suma, as duas regiões tiveram influência principalmente dos espanhóis em suas origens e atualmente ambas são habitadas por diversos povos, Foz do Iguaçu com muitas etnias e Pato Branco por pessoas, em sua maioria, de origem alemã, italiana e ucraniana. Nossos informantes das duas cidades possuem pais com ascendência alemã ou italiana que nasceram no Rio Grande do Sul, a maioria, e, em menor proporção, no Paraná ou em Santa Catarina. Reiteramos que, como os pais ou cônjuges, as pessoas entrevistadas nasceram nas referidas cidades ou viveram mais de um terço de suas vidas na localidade, conforme vemos a seguir.

## 5.2.4 Descrição dos *corpora*

Nossos *corpora* constituem-se de 36 informantes. Quatro pertencem ao *corpus* 1 (que será usado como um grupo de controle) e 32 ao *corpus* 2. Como Aguilera (1994) o fez, também entrevistamos informantes nascidos na região e/ou que lá tenham morado mais de um terço de suas vidas. Além disso, é importante salientarmos, que tomamos o cuidado de selecionar informantes que tivessem seus pais brasileiros e que, quando possuíam cônjuges, estes também tivessem as mesmas características do informante, ou seja, também morassem na localidade há mais de um terço de suas vidas ou fossem naturais da região.

### 5.2.4.1 *Corpus* 1 – Grupo de controle

O *corpus* 1 é composto por um homem e uma mulher de Foz do Iguaçu e um homem e uma mulher de Pato Branco, que foram inquiridos por Aguilera e equipe para a elaboração do ALPR (1994). Os informantes de Foz do Iguaçu foram entrevistados em 1988, ela aos 38 anos e ele aos 45, ambos agricultores. Os informantes de Pato Branco foram inquiridos em 1989, quando a informante estava com 50 anos de idade e o informante com 47, também agricultores (AGUILERA, 1996).

Os dados destes informantes foram organizados da seguinte maneira:

- a) Sexo - masculino e feminino;
- b) Escolaridade - todos com pouca escolarização, ou seja, com o primário incompleto<sup>41</sup>;
- c) Faixa etária – menos de 40 anos e acima de 41 anos<sup>42</sup>;
- d) Atividade profissional

---

<sup>41</sup> Ensino Fundamental séries iniciais. Neste *corpus* a escolaridade não foi considerada como uma variável independente, visto que todos possuem a mesma escolarização.

<sup>42</sup> Fizemos esta divisão porque percebemos que havia diferença na fala da informante mais jovem. Porém, no segundo *corpus*, fizemos uma divisão etária diferente, conforme veremos a seguir.

Os dois informantes de Foz do Iguaçu foram recontatados por nós em 2006. Ela com 55 anos e ele com 62 anos de idade. Continuavam morando na mesma propriedade, apenas construíram uma modesta casa de alvenaria ao lado da antiga casa de madeira. Seus filhos também moram nas proximidades do sítio e a mãe da informante, agora, mora com os dois. O senhor, já muito cansado, ainda continua nos serviços da agricultura e a senhora cuida das criações e dos afazeres domésticos e, segundo ela, dá as ordens ao senhor que é seu esposo e que anda muito “preguiçoso”. Já os informantes de Pato Branco não foi possível recontatá-los. Neste sentido, procuramos encontrar informantes que pudessem representá-los, ou seja, com características semelhantes às deles.

Informantes	Sexo	Faixa Etária	Escolarização	Região	Inserção no mercado de trabalho
<b>Inf. 1</b>	<b>Masculino</b>	<b>45 anos</b>	<b>EFI</b>	<b>PB</b>	<b>agricultor</b>
<b>Inf. 2</b>	<b>Feminino</b>	<b>50 anos</b>	<b>EFI</b>	<b>PB</b>	<b>agricultora</b>
<b>Inf. 3</b>	<b>Masculino</b>	<b>47 anos</b>	<b>EFI</b>	<b>FI</b>	<b>agricultor</b>
<b>Inf. 4</b>	<b>Feminino</b>	<b>38 anos</b>	<b>EFI</b>	<b>FI</b>	<b>agricultora</b>

**Quadro 6.** Informantes do *Corpus 1*.

#### 5.2.4.2 *Corpus 2*

O *corpus 2* é composto pelas entrevistas de 32 informantes. Embora tenhamos inquirido 37 pessoas, não pudemos utilizar todas as entrevistas, por problemas de dicção do informante, ou porque havia muitos ruídos no ambiente, ou por falha nos aparelhos de gravação ou então porque percebemos que o informante não estava agindo naturalmente e demonstrava pouca vontade em cooperar. Neste sentido, preferimos excluir tais entrevistas de nossa amostra, por acreditar que poderiam comprometer nossos resultados. As gravações foram feitas em diversos lugares (casa ou trabalho do informante, jardim, varanda), no intuito de tornar mais cômodo para o informante, por isso muitas vezes tivemos de desconsiderar algumas lexias porque a audição havia sido prejudicada pelos barulhos externos de animais, de carros ou de crianças.



Como já mencionamos, procuramos seguir os mesmos critérios de Aguilera (1996) para a escolha dos informantes, estratificamos, porém, a idade e escolaridade conforme explicamos na página 110.

<b>Informantes</b>	<b>Sexo</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Escolarização<sup>43</sup></b>	<b>Cidade<sup>44</sup></b>	<b>Inserção no mercado de trabalho</b>
Inf. 1	masculino	47 anos	EFISI	PB	inspetor
Inf. 2	masculino	38 anos	ES	PB	professor
Inf. 3	masculino	18 anos	EM	PB	estudante
Inf. 4	masculino	48 anos	EM	PB	comerciante
Inf. 5	masculino	73 anos	EFI SI	PB	aposentado
Inf.6	masculino	36 anos	EM	PB	cinigrafista
Inf.7	masculino	56 anos	ES	PB	professor
Inf.8	masculino	23 anos	ES	PB	agricultor
Inf.9	feminino	39 anos	EM	PB	costureira
Inf.10	feminino	53 anos	ES	PB	contadora
Inf.11	feminino	51 anos	EMI	PB	zeladora
Inf.12	feminino	22 anos	ES	PB	comerciante
Inf.13	feminino	42 anos	ES	PB	professora
Inf.14	feminino	36 anos	EFI SI	PB	dona de casa
Inf. 15	feminino	18 anos	EM	PB	estudante
Inf. 16	feminino	65 anos	EFI	PB	aposentada
Inf.17	feminino	50 anos	EFI	PB	agricultora
Inf.18	feminino	38 anos	EM	FI	funcionária municipal
Inf.19	feminino	42 anos	EFI SI	FI	cozinheira
Inf. 20	feminino	24 anos	ES	FI	professora
Inf.21	feminino	55 anos	ES	FI	nutricionista
Inf.22	feminino	65 anos	EMI	FI	Aposentada
Inf.23	feminino	36 anos	ES	FI	Professor
Inf. 24	feminino	55 anos	EFI SI	FI	Agricultora
Inf. 25	feminino	18 anos	EM	FI	Estudante
Inf. 26	masculino	39 anos	ES	FI	Professor
Inf.27	masculino	62 anos	EFI SI	FI	Agricultor
Inf.28	masculino	25 anos	EM	FI	Vendedor
Inf.29	masculino	24 anos	ES	FI	Contador
Inf.30	masculino	32 anos	EM	FI	Colorista
Inf.31	masculino	51 anos	EM	FI	comerciante
Inf.32	masculino	26 anos	EFI	FI	Vendedor

**Quadro 7.** Informantes do *Corpus 2*.

<sup>43</sup> Ensino Fundamental Incompleto (EFI), Ensino Fundamental Incompleto séries iniciais (EFISI), Ensino Médio Incompleto (EMI), Ensino Médio (EM), Ensino Superior (ES). É importante salientar que essas escolaridades foram amalgamadas formando três grupos maiores, que serão mais bem explicitados na metodologia, quando tratarmos da escolaridade dos informantes.

<sup>44</sup> Pato Branco (PB), Foz do Iguaçu (FI)

### 5.2.5 A Entrevista

Primeiramente elaboramos um questionário por meio do qual seria possível obtermos as pretônicas (/e/,/o/) com todos os contextos adjacentes, modo e ponto de articulação do Português Brasileiro, todavia isso tornou o questionário extenso e o informante era capaz de perceber o fenômeno lingüístico que nós estávamos investigando. Percebemos tal fato ao aplicarmos um estudo piloto em Guaraniaçu. Após discussões realizadas no NEVAR<sup>45</sup>, ponderamos que ou introduziríamos mais questões para desfocalizar o fenômeno em estudo ou mudaríamos o estilo do questionário. A primeira opção tornaria a entrevista ainda mais longa. Optamos por perder alguns desses contextos e tornar a entrevista o mais natural possível, buscando aproximá-la de uma conversa direcionada. Sendo assim, a entrevista ficou dividida em quatro momentos. Primeiramente preenchemos uma ficha proposta pelo Comitê Nacional do Projeto ALIB (2001)<sup>46</sup>, na qual anotamos informações a respeito da localidade e do informante. Posteriormente, realizamos perguntas abertas sobre a localidade, costumes dos moradores, problemas de segurança, de saúde, de educação, de moradia<sup>47</sup>, os animais comuns na localidade. Conforme a conversa progredia inseríamos perguntas referentes ao assunto que nos apresentassem o uso das pretônicas.

Por exemplo, quando perguntávamos como as pessoas da localidade eram atendidas quando estavam com problemas de saúde. Caso o informante não falasse, questionávamos onde eram atendidas. (esperando a palavra “hospital”, dependendo do informante, primeiro ouvíamos farmácia, postinho, posto de saúde, e somente depois de insistirmos respondiam a lexia hospital). Continuávamos a conversa, perguntando, por exemplo, o que o médico fazia com os pacientes que estavam muito mal (no intuito de ouvirmos as lexias “internava, medicava”), indagávamos se as pessoas que ficam internadas estão saudáveis, (esperávamos ouvir com isso a lexia “doentes” ou estão com alguma “doença”), o que o médico manda os doentes tomarem (queríamos com a referida perguntar ouvir os vocábulos “remédio” e/ou “medicamentos”).

---

<sup>45</sup> Projeto de Estudos de Variação coordenado pelas Professoras Doutoras Rosane Berlinck e Marymarcia Guedes, 2006.

<sup>46</sup> Ver em Anexo B, p. 272.

<sup>47</sup> Conduzimos nossas entrevistas baseando-nos nos questionários do ALPR (AGUILERA, 1996) e do ALIB (2001).

Dessa forma íamos conduzindo a conversa de modo a coletarmos o máximo possível de pretônicas. Além disso, pedíamos para o informante que nos contasse quais plantas, frutas, verduras, chás, insetos, animais domésticos e selvagens eram comuns na região. Perguntávamos, apontando, sobre as partes do corpo, partes da casa, utensílios domésticos e usados na lavoura ou então no trabalho. Buscamos adequar as perguntas à realidade de cada informante, por isso nem sempre conseguíamos todas as lexias com todos os informantes. Por fim, pedíamos ao informante que nos contasse uma passagem em que se viu diante da morte, ou uma história que marcou sua vida, algum acontecimento com algum ente querido. Percebemos que, de fato, como Labov afirma, o informante envolve-se emocionalmente com o assunto e esquece que está dando uma entrevista, pois em muitas estórias não só o informante, mas também a entrevistadora acabou emocionada. Após o acontecimento triste pedíamos que nos contasse um acontecimento que lhe causara muita alegria. Em seguida, solicitávamos ao informantes com mais escolaridade que lesse um texto sobre futebol, no qual havia muitas ocorrências de pretônicas.

Geralmente o informante acreditava que estávamos fazendo uma pesquisa sobre os costumes e histórias dos moradores da região. Optamos por não contar ao informante que se tratava de um estudo lingüístico, porque, se precisássemos retornar à comunidade para refazer a entrevista, ele já saberia de nosso interesse. Porém, ao final de toda entrevista, pedíamos para o informante avaliar vários fenômenos lingüísticos como rotacismo, alçamento, palatalização, monotongação, abaixamento, uso de termos como “piá”, menino, moleque, no intuito de não evidenciar nosso interesse nas pretônicas. Nesse momento, apesar de não mencionarmos, acreditamos que o informante percebia que estávamos observando, também, sua fala, então é provável que passasse a usar e avaliar de maneira mais formal, mesmo advertindo que queríamos apenas saber se as pessoas usavam aqueles termos na região, ou, se ele fazia tal uso, como ele avaliava o referido uso, se havia alguma diferença entre uma forma e outra ou se ambas tinham os mesmos valores. Esta última avaliação pretendia verificar se o falante tinha consciência de sua própria fala ou se seu uso era inconsciente e, ainda, se o alçamento é estigmatizado na região.

Após a análise, entramos em contato, por telefone, com as duas mulheres que nos introduziram nas comunidades e pedimos que avaliassem algumas ocorrências de alçamento das pretônicas em determinados itens lexicais. Tal avaliação foi necessária para compreendermos melhor a valoração (prestígio & estigmatização) desses itens com a pretônica alçada, não apenas

pelos informantes, mas também por outras pessoas (com ensino superior) que não foram inquiridas durante a coleta de dados.

### 5.3 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Examinamos, neste estudo, o comportamento das vogais pretônicas médias posterior /o/ e anterior /e/, que podem variar respectivamente em vogal posterior média meio-fechada [o], vogal posterior média meio-aberta [ɔ], vogal central meio-fechada [ʊ], vogal posterior fechada [u]; vogal anterior média meio-fechada [e], vogal anterior média meio-aberta [ɛ], vogal central meio-fechada [ɪ], vogal anterior alta [i]<sup>48</sup>. Todavia, investigamos apenas a manutenção ([o], [e]) e o alçamento ([i] ou [u] [ʊ] ou [ɪ])<sup>49</sup> dessas vogais, porque quase não há casos de abaixamento na variedade paranaense, visto que tivemos apenas duas ocorrências de abaixamento da palavra [so' lusu] nos dados de 1988 a 1999 nas duas regiões, e uma de [komeɪsi' ãte], e uma de [seɪ' vête] nos dados de 2006 na fala da mesma informante. Foram excluídos também os casos de centralização das pretônicas [kama'mila, lã'sow, sa'lusu], de anteriorização da posterior [#ispi'taw], os apagamento ou não percepção da pronúncia do [e] em sílaba inicial [s'piga, 'ntro]. Sendo assim, analisamos o [o] e o [e] em contextos como os exemplificados abaixo:

[#ospi'taw ~ #uspi'taw];

[#eduka'sãw ~ #iduka'sãw];

[ʒo'ãw ~ ʒu'ãw];

[te'atro ~ tʃi'atru];

[koste'leta ~ kuste'leta];

<sup>48</sup> Citamos aqui as vogais pretônicas mais comuns conforme apresenta o diagrama vocálico proposto por Cagliari (1981, p. 50).

<sup>49</sup> Não distinguimos, em nossa análise, as pretônicas [ʊ] do [u] e o [ɪ] do [i]; consideramos apenas que houve alçamento e transcrevemos respectivamente como [u] e [i].

[ves 'tʃido ~ vis 'tʃidu]<sup>50</sup>

Os contextos em que ocorreu juntura intervocabular, como em [por #ē 'kwāto ~ porī 'kwāto, ker #ē 'prego ~ kerī 'prego], foram considerados como um único vocábulo e dessa forma analisamos o contexto precedente às pretônicas do vocábulo de origem.

Após as primeiras análises, precisamos eliminar os contextos de [o] em início absoluto de vocábulos, visto que não apresentaram variação. Já os vocábulos que apresentaram [õ] em sílaba seguinte não foram incluídos na análise binominal, pois os poucos casos foram categóricos na manutenção do [o], como em [xõ'dõw̄, ko'lõỹna, kolõỹĩna], analisados apenas quantitativamente, entre outros contextos que se mostraram invariáveis. Por essa razão precisamos excluí-los para dar continuação às rodadas binominais, mas todos eles serão explicados e exemplificados na análise.

É interessante ressaltar que, apesar de não apresentarmos os resultados das variáveis prefixo e sufixo, não excluímos os dados com os prefixos des-, e en- [e] em início de vocábulo, entre outros contextos que aparentemente são categóricos na aplicação da regra de alçamento ou os casos como o da pretônica [e] em sílaba travada por um rótico ([ɟ, r, r]) que praticamente inibem o alçamento. Primeiro porque queríamos ter certeza de que este fato ocorria em nossos dados, segundo porque o programa de análise (GOLDVARB *for windows*, 2001) possibilita-nos e requer que excluamos os contextos categóricos<sup>51</sup> para a análise de regra variável, conforme procedemos, após a observação dos resultados em percentuais, com outros contextos já mencionados.

<sup>50</sup> Como nosso interesse principal é o uso das pretônicas [e] e [o], não nos preocupamos com as vogais átonas de final de vocábulo visto que há bastante variação nestas regiões e só as transcrevemos como altas se as mesmas estiverem em sílaba seguinte ou na sílaba tônica, variáveis analisadas por nós. Nos demais casos buscamos fazer uma transcrição conforme a ortografia do vocábulo.

<sup>51</sup> Os contextos categóricos ocorrem quando não há variação, ou seja, a regra é aplicada em 100% ou 0% das ocorrências.

#### 5.4 TRATAMENTO DADO AOS CORPORA

Os primeiros dados, usados como grupo de controle, como já mencionamos, fazem parte do Arquivo Sonoro Inédito (AGUILERA, 1994), composto de 250 fitas cassetes de 60 minutos, do qual escolhemos as duas cidades (Foz do Iguaçu e Pato Branco), pelos motivos lingüísticos já mencionados. Primeiramente gravamos o conteúdo das fitas, referentes aos quatro informantes das cidades escolhidas, em um programa de análise auditiva, *Sound Forge*, por meio do qual foi possível editar as ocorrências de [o]<sup>52</sup> e de [e] pretônicos e fazer o recorte preciso dos sons ouvidos, juntamente com a transcrição grafemática que fica armazenada neste programa numa extensão chamada *view - regions list*. Após esta etapa, os dados recortados foram gravados em CD-RW, com vistas a arquivá-los para audições futuras, quando necessário.

Recortamos as ocorrências de [o] e de [e] pretônicos na fala dos dois informantes de cada região. Ouvimos as respostas das 90 perguntas que pressupunham respostas com o uso das pretônicas, selecionadas do arquivo elaborado por Aguilera (1994), bem como todas as ocorrências das pretônicas ocorridas no momento em que o falante contava lendas e superstições.

No intuito de averiguar a questão do estilo menos e mais formal, recortamos todas as ocorrências da pretônica [o] e [e] dos quinze primeiros minutos de conversa (estilo formal) e todas as pretônicas ocorridas no momento em que o falante se envolveu com sua narração e esperava-se que estivesse fazendo uso de uma fala mais espontânea.<sup>53</sup>

O segundo *corpus* compõe-se, como já relatamos, de dados coletados por nós em 2006 e 2007, na fala de 32 informantes. Esses dados foram gravados, por precaução, em dois aparelhos, MP3 e em MP4, mesmo assim perdemos algumas gravações devido a problemas de bateria em um e defeito em outro. Após essa etapa, os dados do segundo *corpus* foram, como ocorreu com o primeiro, armazenados em CD RW por meio do programa *Sound Forge*. Antes, porém, precisamos converter esses dados em *wave* por meio do Programa *Goldwave*, pois a extensão dos gravadores não permitia que abrissemos os arquivos diretamente no programa *Sound Forge*. Só

<sup>52</sup> Como os dados referentes ao [o] pretônico, dessas duas cidades, já haviam sido recortados por nós e armazenados, conforme explicamos, foram então recodificados e usados no *corpus* 1 para a análise.

<sup>53</sup> Entretanto ainda não analisamos tais variáveis.

então recortamos, utilizando os mesmos procedimentos descritos anteriormente para o primeiro *corpus*.

Nossa pesquisa constitui-se de dois *corpora*. Um, com dados levantados em 2006 e 2007 (*corpus 2*), com 9698 ocorrências, das quais 5961 são da pretônica [e], sendo 1898 realizações da pretônica alta anterior não arredondada [i] e 4063 da pretônica média anterior não arredondada [e]; 3737 da média pretônica posterior arredondada [o], sendo 2972 da posterior arredondada [o] e 765 da posterior alta arredondada [u]. O *corpus 1* faz parte dos dados levantados pelo ALPR (1994), dos quais retiramos as quatro entrevistas realizadas em Pato Branco (1989) e em Foz do Iguaçu (1988). Como eram quatro informantes, o número de ocorrências deste primeiro *corpus* foi reduzido (876). Destas, 313 ocorrências são da pretônica posterior, 101 da vogal alta [u] e 212 da pretônica [o]. Em relação à pretônica média anterior, tivemos 563 ocorrências, sendo 354 da pretônica média anterior [e] e 209 da pretônica alta anterior [i]. Assim sendo, cotejamos os resultados atuais com esses anteriores, como uma forma de controlar a variação das pretônicas e não com a pretensão de considerá-los dois *corpora* semelhantes.

Após o recorte, essas ocorrências foram transcritas grafemática e foneticamente<sup>54</sup> e passamos para a fase de codificação, de acordo com os contextos lingüísticos e extralingüísticos previamente estipulados conforme os pressupostos teóricos metodológicos da Teoria Sociolingüística Laboviana. Consoante esta teoria, a variação é, segundo Labov, inerente ao sistema da língua, cabendo aos lingüistas estudar, não apenas o que é invariante no sistema, mas também as variações de forma a depreender as regras variáveis que compõem a competência lingüística de cada falante que pode ser motivada por condicionamentos diversos relacionados a fatores estruturais, sociais ou estilísticos. Ao darmos um tratamento quantitativo aos nossos dados, conforme a metodologia variacionista, observamos que a manutenção ou o alçamento das vogais médias pretônicas não atinge todos os itens lexicais de ambientes lingüísticos semelhantes.

Assim, acreditamos que é necessário também verificar a visão do informante frente ao alçamento em determinados itens lexicais. Por isso, ao final do questionário, pedimos a todos os informantes que avaliassem determinados itens com ou sem a pretônica alçada, dentre outros fenômenos lingüísticos já especificados anteriormente, bem como a duas senhoras que não foram entrevistadas, mas que fizeram (por telefone) suas avaliações para que pudéssemos melhor

---

<sup>54</sup> Optamos pela transcrição fonética ampla, a qual, segundo Silva (2001, p. 36), “explicita apenas os aspectos que não são condicionados por contexto ou características específicas da língua ou dialeto”. Conforme ela exemplifica com “[kilv] (transcrição fonética ampla), em oposição a [ ' k'il'v ]”, que recebeu uma transcrição fonética restrita.

compreender se o uso alçado ou a manutenção da altura das pretônicas no falar paranaense possui algum prestígio ou é estigmatizado.

Desse modo, descrevemos as variáveis lingüísticas e extralingüísticas investigadas num primeiro momento e, por fim, apresentamos quais delas foram consideradas mais relevantes pelo programa *Goldvarb* no alçamento das pretônicas médias posterior [o] e anterior [e] e que, portanto, estarão na análise do *corpus*. Em seguida, abordamos os procedimentos metodológicos e instrumentos utilizados no recorte e na análise dos dados.

### 5.5 VARIÁVEL DEPENDENTE

Consideramos como nosso objeto de estudo o alçamento das pretônicas média posterior [o] e anterior [e], em contexto VC [#es'kɔla, #ospɪ'taw], CV [se'bɔla, koto'velo], CCV [pre'siza, profɪ'sãw], CVC[poɾtu'gues, peɾmi'tiɾ, koste'leta, ves'tʃido, sê'ɲɔra, kôỹ'ɲeso, kô'pradre, mē'tʃira ].

### 5.6 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Com o objetivo de depreender quais contextos possuem maior interferência no uso das pretônicas [e] e [o], dividimos as variáveis independentes em lingüísticas e extralingüísticas, conforme alguns estudos variacionistas que embasam esta pesquisa (BISOL, 1981, 1984; BORTONI et al., 1991; CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991; SCHWINDT, 1997, 2002; PONTES, 1999, 2000, 2002; PONTES; KAILER, 2001; FREITAS, 2001; KAILER, 2004).



## 5.7 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

As variáveis lingüísticas foram analisadas de acordo com o modo e ponto de articulação das consoantes e vogais adjacentes às pretônicas [e] e [o], ao caráter morfológico, à atonicidade e à nasalidade de [e] e de [o], além disso, observamos a tonicidade da vogal da sílaba seguinte.

### 5.7.1 Contexto Adjacente Precedente

Conforme nossas leituras, verificamos que o contexto de consoante precedente tem papel relevante no que diz respeito ao uso das pretônicas. Nesse sentido procuramos averiguar a atuação das consoantes, nesta posição, de acordo com o ponto e modo de articulação:

Ponto de articulação

– bilabial [bo 'nito, modʒifi 'kado, po 'dzia],

[pe 'pino, be 'ʃiga, me 'nina];

– labiodental [fo 'getʃi, vo 'lume],

[fe 'lipe, ves 'tʃido];

– linguodental [to 'kava, do 'migo, no 'vëbro],

[te 'ʎado, de 'poys, ne 'blina];

– alveolar [trovo 'ada, lô 'briga, so 'nãdo],

[se 'gūda, pare 'sia, le 'vava];

– palatal [ʒo 'eʎo, kãno 'teyro, ʃo 'vëdo],

[ʃe 'ga, ʒela 'deira, koɲe 'sia];

– velar [kõy 'nesi, go 'go, xo 'ʃino],

[pekeni 'niŋo, xe 'mɛdʒyo];

– início de palavra [#or 'vaŋo],

[#es 'kɔla].

Modo de articulação

-oclusivas [poɽtu 'ges, to 'mate, kobeɽ 'toɽ, bo 'nito, do 'ēsa, go 'ɛla],

[pe 'keno, te 'soura, ke 'ria, be 'ʃiga, des 'vio];

-laterais [lõ 'briga],

[ale 'gria];

-nasais [mos 'kito, no 'tʃisya],

[me 'nino, nẽỹ 'nũ];

-tepe [pro 'fũdo],

[pre 'siza];

-vibrante [#ĩro 'lãdo],

[re 'vista]

-fricativas<sup>55</sup> [so 'vako, ʃo 'vêdo, zo 'eŋo, foɽ 'miga, vomĩ 'taɽ],

[sebo 'lĩna, ʃe 'gaɽ, ze 'ada, fe 'rida, ves 'tido].

### 5.7.2 Contexto Adjacente Seguinte

Da mesma forma que dividimos as variáveis do contexto fonológico precedente, procedemos com as do contexto seguinte, ou seja, usamos a mesma classificação, de acordo com o ponto de articulação:

<sup>55</sup> Consideramos as africadas [dʒ, tʃ] juntamente com as fricativas porque não tivemos ocorrências desses sons antes da pretônica [o]. Já em relação à pretônica [e], esses ocorrem apenas com a vogal alta [i], o que gerou nocautes. Como possuem fricção, ao serem produzidas, optamos por não excluí-las da amostra, mas considerá-las juntamente com as fricativas. [te 'zoura ~ tʃi 'zoura, des 'maio ~ dʒis 'maio].

– bilabial [to 'mava, ko 'breyro, #ope 'raɹ],

[pe 'pino, se 'bola, semi 'teɾyo];

– labiodental [kõ 'foɹme, novi 'dade],

[defu 'maɹ, televi 'sãw];

– linguodental [kãno 'teyro, xodo 'via, bo 'nito],

[pe 'teka, xe 'dõda, pe 'neyra];

–linguopalveolar[#o 'reɸa, sebo 'liɸa, ēposa 'dʒiɸo, po 'zey],

[desko 'bri, be 'zouro, se 'roula, fe 'lipe];

– linguopalatal [kõɸe 'si, koʃo 'niɸo, o 'ɸado],

[ē 'ʃada, ē 'zɸo, nē 'ɸũ, me 'ɸoɹ];

– velar [kogu 'melo, ko 'xia, so 'keira],

[se 'gõɸa, ale 'kri, sexa 'sãw];

– seguida de vogal [ko 'adoɹ];

[ve 'ado].

Modo de articulação

-oclusiva [ope 'rava, ko 'brava, kãno 'teyro, xodovi 'arya, so 'keyra, fo 'gãw̃],

[pe 'tɛka, se 'bola, xe 'dõda, pe 'pino, pe 'keno, se 'goɲa];

-lateral [ko 'ʎi, po 'lisya],

[fe 'lipe, me 'ʎoɟ];

-nasal [to 'mava, bo 'nito, kõne 'seɟ],

[sẽ 'ɲora, semi 'tɛrio, pe 'neira];

-tepe [ko 'risko],

[pe 'ru];

-vibrante [te 'reno, mo 'riɲa],

-retroflexa [poɟtu 'ges, veɟ 'dura].

-fricativa [po 'zey, ẽposa 'dzɲo, ʃo 'vẽdo, po 'dzia, apos 'tʃila ],

[be 'zouro, desko 'bri, vare 'zeyra, be 'ʃiga, defẽ 'dzia, de 'via].

### 5.7.2.1 Vogal da sílaba seguinte

Buscamos observar a articulação e o timbre de cada fonema vocálico posicionado em sílaba seguinte, visto que a vogal da sílaba seguinte é referida por muitos autores como um dos principais contextos responsáveis pela aplicação ou resistência ao alçamento (KAILER, 2004).

[a,ã] [oɟ 'vaʎu, tro 'vãw̃],

[pe 'daso, #ẽ 'tãw̃];

[e, ě, ε] [ʃo'vĕdo, kobεɽta, kōse'gimos],

[eskĕta, pe'kenu, #ezεɽsito];

[i, ĭ] [do'mĭgu, lobi'zome],

[ne'blina, ale'krĭ],

[o, ō, ɔ] [boɽbo'leta, ko'lokā, ko'lōɲa],

[ĕ'kōtra, desko'bri, fute'bow],

[u, ũ] [popu'laɽ, kōfũ'dzi],

[se'gūda, pe'ludo].

### 5.7.2.2 Atonicidade

Buscamos, com este contexto, investigar quanto a atonicidade pode influenciar no acentamento ou na manutenção das pretônicas [e] e [o]. Para isso, consideramos as suas seguintes características:

- átona permanente – vogais ([e], [o]) átonas na palavra de origem -  
[boɽbo'leta], [se'bola];
- átona casual – vogais ([e], [o]) tônicas na palavra de origem -  
[sebo'lĭɲa], [pekeni'nĭɽu];
- sem *status* definido – conforme a flexão verbal as vogais ([e], [o]) tornam-se átonas - [po'deɽ], [pare'seɽ].

### 5.7.2.3 Nasalidade

Como este contexto tem demonstrado relevância nos estudos, por exemplo, de Bisol (1984), de Schwindt (1997) e de Pontes (2000), os quais consideram que o [e] nasalizado alça quase categoricamente, buscamos verificar se a nasalidade de fato interfere na aplicação da regra de alçamento. Neste sentido observamos a vogal pretônica:

- oral [tro'vãw],
- [se'bola];
- nasal ou nasalizada [tõ'tura, kõ'neso],
- [tê'pero, sê'pora].

### 5.7.2.4 Contigüidade

Neste contexto, observamos o que seria mais relevante para a aplicação da regra de alçamento: se uma átona ou uma tônica contígua,

- tônica contígua [bo'nitu],
- [ne'blina];
- átona contígua [kome'sey],
- [depê'deɹ].

### 5.7.2.5 Vogal da sílaba tônica

Buscamos observar qual vogal, combinada com a tonicidade, seria mais favorável ao alçamento e qual o inibiria, para isso analisamos os seguintes contextos:

[trovu'ada, koxē'teza, ko'xia, ko'lɔka, ko'mũ];

[sexa'sãw, #ē'zẽno, pe'rigo, de'poys, nē'nũ].

### 5.7.2.6 Homorganicidade

Neste contexto observamos quando o [o] era sucedido:

– por homorgânica [ko'ruza ~ ku'ruza],

[ves'tʃidu ~ vis'tʃidu];

– por não-homorgânica [bo'nitu ~ bu'nitu],

[se'gũda ~ si'gũda];

– sem a presença de vogal alta nas sílabas seguintes como em:

[ko'madre ~ ku'madre],

[#es'poʔte ~ #is'poʔte];

Fizemos esta classificação, porque, de acordo com Schwindt (2002), “a alta frontal [i]” tem maior poder de alçamento tanto do [e] quanto do [o] no falar do Rio Grande do Sul, e também porque a maioria dos estudos acerca das pretônicas indica que as altas tônicas são mais favoráveis ao alçamento do que as demais vogais nesta mesma posição.

### 5.7.2.7 Classe morfológica das lexias<sup>56</sup>

De acordo com o modelo de Difusão Lexical, a palavra é o ponto de partida para a mudança da língua (OLIVEIRA, 1991, 1992). Buscamos, então, observar se isso é aplicável ao uso da média pretônica. Para tanto investigamos as classes morfológicas que havia em nosso *corpus*:

- substantivo [lobi 'zomẽỹ],

[ʒela 'deyra];

- adjetivo [gos 'tozu],

[me 'ʎoɹ];

-advérbio [noɹmaw 'mẽte]

[dexẽ 'pẽte]

- verbos [po 'deɹ, gostaɹ, kōse 'giɹ],

[pare 'seɹ, ʃe 'gaɹ, desko 'briɹ];

- particípio<sup>57</sup> [ko 'mido, kō 'tado],

[vẽ 'dʒido, pe 'lado];

---

<sup>56</sup> A classe morfológica não apresentou relevância na aplicação do alçamento das pretônicas [e] e [o] no falar das duas cidades paranaenses. Verificamos isso, primeiro porque o programa Goldvarb (*for windows*, 2001) a eliminou como insignificante das análises binominais; segundo porque os percentuais de alçamento são justificados, na maioria dos vocábulos, pelo contexto fonético que apresentam e não por pertencerem a uma classe morfológica ou outra. Diante disso, optamos por não apresentar tais contextos na análise deste estudo.

<sup>57</sup> Como esses vocábulos muitas vezes parecem ser adjetivos e outras verbos, optamos por investigá-las separadamente dessas duas classes gramaticais.



- pronome [ko 'migu],  
[nẽ 'nũ];
- numeral [de 'zoyto]
- conjunção [kõ 'foɹme]; [#ẽ 'boɹa];

Esses últimos dois fatores foram amalgamados para obtermos células mais ortogonais, mesmo assim o número de pronomes e conjunções foi muito reduzido.

## 5.8 VARIÁVEIS SOCIAIS OU EXTRALINGÜÍSTICAS

Baseando-nos na proposta de Labov (1972, 1994), a respeito da necessidade de considerar as variáveis sociais nos estudos de fenômenos lingüísticos, buscamos observar se idade, escolaridade, sexo, inserção no mercado de trabalho, região e indivíduo interferem no uso das pretônicas [e] e [o] no falar dessas duas cidades do Oeste e Sudoeste paranaense.

### 5.8.1 Sexo

Labov (1966) declara que as mulheres usam menos as formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que eles aos padrões sociais. Isso, segundo os estudiosos variacionistas, indica que a variável sexo pode influenciar no uso de uma ou outra forma lingüística. Portanto, investigamos se, em relação ao [e] e ao [o] pretônicos, os homens ou as mulheres são mais favoráveis ao alçamento, o que poderá revelar se o alçamento ou a manutenção dessas vogais é a variável de prestígio no falar rural paranaense, uma vez que, conforme vimos, as mulheres buscam usar formas mais prestigiadas socialmente.

### 5.8.2 Idade

Para Labov a idade é um fator determinante no uso da língua. É muito comum, por exemplo, ouvirmos as pessoas de idade mais avançada dizerem que os jovens estão falando “muito mal”, ou então que hoje em dia as pessoas falam “tudo errado”. Isso evidencia que há diferença no uso da língua dependendo da faixa etária. É por meio de um estudo em tempo aparente, ou seja, de pessoas com diferentes faixas etárias que podemos captar uma mudança em curso ou constatar que o uso de determinado fenômeno não passa de variação estável. No entanto não há consenso, segundo Araújo (2007), entre os autores ao estratificarem esta variável. Até mesmo Labov em seus estudos não apresenta um padrão de faixa etária a ser investigado, conforme apresenta Araújo (2007, p. 394) sobre os recortes sociolingüísticos realizados por alguns autores como podemos constatar no Quadro 8.

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Recorte das faixas etárias dos informantes</b>
Gauchat	1905	<i>Patois</i> de Charmey	Até 30, 30-60 e 60 acima.
Labov	1972	Martha's Vineyard	14-30, 31-45, 46-60, 61-75 e 75 acima.
Labov	1972	Pronúncia do /r/ em NY	15-30, 35-50, e 55-70 para os informantes das lojas de departamento e 20-29, 30-39, 40-49, e 50 anos acima para informantes de Lower East Side.
Milroy	1987	Língua e Redes Sociais	18-25 e 40-55.
Duarte	1989	Clíticos no PB	15-17, 22-33, 34-46, e 46 acima
Ramos	2002	Alternância <i>não/num</i>	15-29, 30-49, 50 acima
Omena	2003	Alternância <i>nós/ agente</i>	7-14, 15-25, 26-49 e 50 acima
Gomes	2003	Variação no dativo	7-14, 15-25, 26-49 e 50 acima

#### **Quadro 8.** Recortes Sociolingüísticos.

FONTE: Araújo (2007, p. 394).

Araújo (2007) destaca que todos os estudos citados mostram que há relevância na questão da variável faixa etária e que, por meio dela, não só determinado estágio da mudança ou

variação lingüística é depreendido, mas também quais fatores sociais estão envolvidos nos fenômenos lingüísticos investigados nos referidos estudos. Além disso, esses estudos mostram que, quando se trata de mudança, os jovens estão à frente no uso da variável inovadora; quando se refere a uma variação estável, há o padrão curvilíneo, sendo os mais velhos e os mais jovens os líderes na aplicação da regra em estudo e os de idade intermediária apresentando baixas freqüências de tal uso.

Diante disso, Araújo (2007) faz uma crítica a esses estudos pela falta de parâmetros nos recortes de faixa etária. Destaca que até o mesmo autor, em diferentes estudos, utiliza-se de recortes diferenciados. Isso está evidente nos trabalhos de Labov. Em *Martha's Vineyard*, por exemplo, faz um recorte a partir de 14 anos. No estudo de Nova Iorque, em que compara idades diferentes, para o estudo da pronúncia do /r/, por pessoas que trabalhavam em lojas de departamento (*department stores*) havia informantes com idades entre 15-30, 35-50, e 55-70 anos. Já no estudo de *Lower East Side*, participaram informantes com idades entre 20- 29, 30-39, 40-49, e acima de 50 anos. Os dados que poderiam dar conta da assimetria das faixas etárias analisadas não aparecem nos referidos estudos. Conforme o Quadro 8 mostra, os demais autores também não seguem um padrão na escolha da faixa etária e não apresentam uma justificativa para tal recorte. Apenas Duarte explica o porquê da seleção que fez das faixas etárias dos informantes, a partir de 22 anos, porque somente a partir desta idade encontraria informantes com ensino superior. Para incrementar o *corpus* compara, então, os dados desses jovens com a fala de outros de um grupo paralelo, de 15-17 anos.

No caso dos estudos no Brasil, Araújo (2007) questiona a relação entre as faixas etárias e os papéis sociais dos indivíduos, que são comparados sem levar em conta fatores de ordem social que podem ser fortemente atuantes. Finaliza dizendo que é necessário verificar essa questão, pois o que seria devido a fatores como pressões de mercado de trabalho, contextos formais (devido ao ambiente de trabalho), pode ser erroneamente associado à faixa etária. Destaca ainda a necessidade de um rigor metodológico maior para os recortes utilizados nos estudos sociolingüísticos.

Concordamos com Araújo (2007), porém uma estratificação de idades, escolaridade, classes sociais e inserção no mercado de trabalho somaria muitos informantes, o que impossibilitaria nossa investigação neste momento, visto que não dispomos de muito tempo, nem de pessoal para auxiliar na tarefa. Sendo assim, fizemos um recorte de acordo com os padrões

que acreditamos ser relevantes nas comunidades investigadas. Como queríamos estratificar a escolaridade, separamos os jovens de 18 a 24 anos de idade, dos quais observamos a escolaridade e a inserção no mercado de trabalho. No segundo grupo, separamos os adultos com idade entre 25 e 50 anos. Essa separação deveu-se à questão da inserção no mercado de trabalho, pois nesta faixa etária a maioria das pessoas ainda está ativa no mercado de trabalho nas localidades pesquisadas. O terceiro grupo, de pessoas com idade acima de 51 anos, visa observar o comportamento delas já aposentadas ou em final de carreira. Desta forma, mesmo não tendo estratificado a questão da inserção no mercado de trabalho, pudemos averiguar tal variável na fala dos jovens e dos mais idosos.

### 5.8.3 Escolaridade

Como a escola busca ensinar aos seus alunos, de forma explícita ou implícita, que é preciso usar a forma lingüística de prestígio, para que se possa ascender socialmente, espera-se que as pessoas com mais escolaridade sejam as que usam as variantes de prestígio social. Nesse sentido, buscamos, como já o fizeram muitos estudiosos variacionistas, observar se a escolaridade é relevante para o uso das pretônicas médias posterior [o] e anterior [e] no falar paranaense.

No grupo de controle, primeiro *corpus*, tivemos pessoas com as séries iniciais incompletas (antigo primário). Já no segundo *corpus*, havia pessoas com pouca escolaridade (séries iniciais, antigo primário), ensino fundamental incompleto, ensino médio incompleto e médio completo e ensino superior. Para obtermos células mais ortogonais, após as primeiras rodadas, observamos os percentuais de aplicação da regra de alçamento e, a partir disso, amalgamamos essas escolaridades em três grupos: A) informantes com ensino fundamental incompleto; b) informantes com ensino médio incompleto e completo e c) informantes com ensino superior.

Embora tenhamos feito duas entrevistas, em Foz do Iguaçu, com jovens de pouca escolaridade (ensino fundamental incompleto séries iniciais ou finais), não as incluímos no trabalho. Uma foi descartada por causa do barulho externo, uma vez que a entrevista só pôde ser realizada na varanda e havia uma máquina de lavar roupas funcionando e muitas crianças

gritando na rua; a outra, perdemos por problemas nos gravadores. Os demais jovens contatados se recusaram a dar entrevistas, mesmo após oferecermos pagamento por tal conversa. Esses jovens estavam fora da escola, desempregados e moravam na periferia, “lugares perigosos para pessoas de fora freqüentar”, segundo a pessoa que estava nos ajudando a encontrar os informantes. Além deles, não incluímos informante masculino com mais de 51 anos de Foz do Iguaçu com ensino superior, pois todos com os quais tentamos falar desconfiaram que não se tratava de uma pesquisa, mas sim de um golpe ou de pessoas tentando vender algo ou convencê-los a mudar de religião.

#### **5.8.4 Inserção social**

De acordo com Araújo (2007), a questão das faixas etárias e as relações sociais ainda carece de estudos sociolingüísticos brasileiros. Em nossa pesquisa, como já mencionamos, não estratificamos tal variável, mas pudemos dividi-la em três grupos.

O primeiro foi constituído por um grupo de jovens estudantes que ainda não estão inseridos no mercado de trabalho *versus* o grupo dos jovens que já estão trabalhando e daqueles jovens que trabalham para a própria família.

Quanto ao grupo intermediário, não pudemos fazer tal comparação, pois todos estão trabalhando, com exceção de uma mulher com pouca escolarização que cuida da casa e dos filhos.

Já no terceiro grupo, foi possível comparar os informantes aposentados, com aqueles que ainda estão inseridos no mercado de trabalho. Neste grupo pudemos também comparar a fala dos informantes aposentados que trabalham em negócio próprio.

### 5.8.5 Região

Nascentes (1953) observou que o uso das pretônicas é um divisor regional do falar do Norte em relação ao Sul. Pontes (2002) também aponta a pretônica média anterior [e] em início de vocábulo no falar rural paranaense com uma certa predominância regional. Kailer (2004) verifica a predominância do alçamento do [o] com vogais altas na sílaba seguinte, formando um traço diagonal no Paraná, seguindo o trajeto dos tropeiros. Em nosso trabalho, observamos o comportamento das pretônicas [e] e [o] em duas cidades paranaenses, selecionadas entre as 65 levantadas por Aguilera, para a elaboração do *Atlas Lingüístico do Paraná*. (AGUILERA, 1994). A escolha ocorreu devido a fatores lingüísticos apontados por Pontes (2002) e por Kailer (2004) e também por acreditarmos que, ampliando o número de informantes e a escolarização dos informantes, em relação ao estudo de Aguilera (1994), obteríamos resultados relevantes quanto a uma possível influência do espanhol na fala das pessoas de Foz do Iguaçu devido às cidades limítrofes, conforme Pontes (2002) hipotetiza. Já Pato Branco foi escolhida por ter sido criada, quando ainda pertencia a outro município, para abrigar e atender as necessidades dos tropeiros, conforme já descrevemos anteriormente.

## 5.9 O PROGRAMA DE ANÁLISE QUANTITATIVA VARIACIONISTA

Terminado o trabalho de codificar os dados, partimos para a análise. Para essa etapa, usamos o programa computacional pacote VARBRUL 2s, elaborado e aprimorado por Rousseau e Sankoff em 1978 (PINTZUK, 1988), no qual digitamos os códigos. Para a análise quantitativa variacionista, usamos uma versão deste programa chamado *GOLDVARB 2001 (for windows)*. Este programa é um facilitador do trabalho de pesquisa. Por meio dele é possível amalgamar fatores, excluindo contextos que não queremos que sejam cruzados ao mesmo tempo, assim como cruzar apenas um fator de uma variável com um outro fator de uma outra variável em questão de segundos. Além disso, se houver algum erro de codificação, há um comando que encontra o erro para que possamos corrigi-lo.

Mesmo tendo tantos predicativos, este programa pede que não sejam rodadas mais do que nove variáveis ao mesmo tempo, o que conduziu à estratégia de fazer várias rodadas para encontrarmos os grupos mais significativos. Diante disso, optamos, após várias rodadas, por separar as variáveis sociais das estruturais.

No intuito de identificar quais eram os grupos e fatores mais relevantes para a análise binominal, primeiro tivemos de eliminar aqueles contextos em que ocorreram nocautes, ou seja, não houve variação. A regra de alçamento aplicou-se 100% ou 0% nas referidas ocorrências.

## 5.10 MÉTODO DE ANÁLISE

O método de análise escolhido foi a análise binominal. Esse tipo de análise fornece resultados em peso relativo, os quais devem ser entendidos da seguinte maneira: se o resultado for igual a 0,500, significa que aquele fenômeno é neutro em relação à aplicação da regra, se for inferior, é desfavorável; e se for superior, é favorável. Quanto mais inferior, mais desfavorável, quanto mais superior, mais favorável. Só não pode chegar a 0% e 100%, porque, dessa forma, não teríamos variação.

Quanto a estes resultados, é importante que se proceda a uma análise acurada, pois, do contrário, teremos apenas uma pesquisa quantitativa, e o intuito deste estudo não é apenas apresentar números, mas compreender o porquê de termos certos valores para determinadas variáveis, e também verificar qual é, de acordo com seu percentual ou peso relativo, a influência de cada variável para a aplicação da regra de alçamento. Além disso, para interpretar os resultados, é imprescindível considerar os valores fornecidos pelo programa *GOLDVARB 2001* (for *windows*), os quais devem ser usados para a elaboração de tabelas, gráficos e para a análise.

De acordo com Brescancini<sup>58</sup> (2002), devemos primeiro observar o nível de significância “que indica se a hipótese nula não é evidenciada pela amostra, ou seja, diz-se que a

---

<sup>58</sup> Para Brescancini (2002, p. 24), os valores numéricos relacionados aos fatores não respondem diretamente as perguntas que motivaram a pesquisa, mas funcionam apenas como uma espécie de direção para chegar até elas. A autora salienta que é importante que tenhamos uma teoria lingüística e o conhecimento da estrutura social da comunidade em exame, pois serão eles que nos guiarão na formulação das hipóteses de pesquisa.

hipótese é rejeitada no nível de significância de 0.05, o que implica em 95 % de chance de que os resultados obtidos pelo programa sejam de fato verdadeiros”. Após isso, devemos observar o grau de semelhança, o qual deve ser entendido como: “quanto mais alto<sup>59</sup> for o valor negativo apresentado, mais provável é que os resultados foram gerados pelo programa” ( BRESCANCINI, 2002, p. 35-6). Esses resultados, geralmente, estarão reunidos na rodada selecionada pelo programa como a mais relevante no “*step up*”.

A partir da análise binominal, é possível observar quais contextos foram relevantes, quais o programa eliminou, por não apresentar relevância, e quais variáveis foram mais favoráveis e mais desfavoráveis à aplicação da regra, especificamente neste caso, de alçamento das pretônicas. Além disso, podemos, também, alternar esses contextos, eliminando aqueles que não apresentaram relevância, ou então rodar apenas os contextos menos ou mais favoráveis à aplicação da regra, para observar se há mudança no comportamento de alguma variável.

Dessa forma, ajustamos os contextos previamente estipulados, acrescentando alguns e excluindo outros que não se apresentaram produtivos, como foi o caso, por exemplo, dos prefixos, em que houve raras ocorrências em poucos pontos.

A partir dos resultados destes contextos oferecidos pelo programa, procedeu-se à análise. No capítulo a seguir, apresentamos, através de tabelas e gráficos, as variáveis selecionadas como relevantes pelo programa *GOLDVARB* e algumas que, apesar de serem desconsideradas na análise binominal, ponderamos que seria interessante discutir seus percentuais. Apresentamos também as considerações sobre tempo real<sup>60</sup>, tempo aparente, sobre a questão da valoração do item que apresenta alçamento e acerca da questão da formalidade e da frequência de alguns itens lexicais.

---

<sup>59</sup> O valor precisa aproximar-se do 0.

<sup>60</sup> Como já mencionamos anteriormente, sabemos que o número de informantes (quatro) utilizados no estudo em tempo real, não nos permite tirar conclusões definitivas, mas ajudam a esclarecer informações levantadas em tempo aparente.



## 6 PRETÔNICAS [e] E [o] NOS FALARES DE PATO BRANCO E DE FOZ DO IGUAÇU - VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

No presente capítulo, analisamos a variação das pretônicas médias posterior arredondada e anterior não arredondada, como nos vocábulos: [goɹ̄' dura ~ guɹ̄' du.ɹ̄a, kō' padre ~ ku\*padre, ko'mew ~ ku'mew]; [be'ʃiga ~ bi'ʃiga, me'ninu ~ mi'ninu, #es'kova ~ #is'kova] no falar de duas cidades paranaenses da Região Oeste (Foz do Iguaçu) e Sudoeste (Pato Branco). Levamos em consideração, nesta análise, os fatores extralingüísticos (distribuição diatópica, sexo, faixa etária, escolaridade, inserção social) e os contextos lingüísticos em que há ocorrência da variante [o] e da variante [e] (ponto e modo de articulação nos contextos fônicos precedente e seguinte, vogal da sílaba seguinte, nasalização, homorganicidade, atonicidade, tonicidade, contiguidade, vogal da sílaba tônica, estrutura da sílaba). Tais contextos foram analisados e selecionados ou descartados pelo programa GOLDVARB (*for windows*, 2001), uma versão do Pacote VARBRUL 2s de Rousseau e Sankoff elaborado em 1978 (PINTZUK, 1988). Todavia, apresentamos todos os resultados que consideramos significantes, até mesmo dos contextos sociais que foram considerados pelo programa como de pouca relevância e por isso não foram incluídos na análise binominal. Nossa pesquisa constitui-se de dois *corpora*, conforme especificamos na página 97. Um, com dados levantados em 2006 e 2007, com 9698 ocorrências. O outro, com 876 ocorrências das vogais pretônicas [e] e [o], faz parte dos dados levantados pelo ALPR (AGUILERA, 1994), dos quais retiramos as quatro entrevistas realizadas em Pato Branco (1988) e em Foz do Iguaçu (1989). Assim sendo, cotejamos os resultados desses dois *corpora* no intuito de averiguar o comportamento das variáveis lingüísticas e extralingüísticas na aplicação do alçamento das vogais pretônicas nessas duas regiões em diferentes momentos.

Discutimos primeiramente os resultados dos contextos lingüísticos referentes à pretônica média posterior [o], em seguida os contextos lingüísticos referentes à pretônica média anterior [e] e por fim os contextos sociais referentes às duas vogais em questão.

## 6.1 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

### 6.1.1 Vogal Média Pretônica Posterior

*“[...]das vogaes antre u e o pequeno ha tanta vezinhença ã quasi nos confundimos dizendo hũs somir e outros sumir: e dormir ou durmir/e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes [...]”(D’OLIVEYRA, 1536, cap.XVIIJ<sup>61</sup>).*

A Sociolinguística Laboviana preconiza que toda variação é condicionada por traços lingüísticos ou sociais ou pelos dois. Sendo assim, aqui procedemos à apresentação e análise de fatores lingüísticos que foram apontados pelo programa *GOLVARB (for windows 2001)* como os mais significantes de acordo com a aplicação da regra de alçamento do [o] pretônico.

Ao discutirmos nossos resultados acerca da vogal pretônica posterior<sup>62</sup>, confrontamos com os apresentados por Kailer (2004) e com outros estudos acerca da pretônica posterior [o] citados nesta pesquisa. Além disso, buscamos averiguar se os contextos favoráveis ou inibidores de alçamento permanecem os mesmos durante estes quase dezoito anos.

Apresentamos primeiramente os contextos adjacentes, ponto e modo de articulação, posteriormente o contexto de vogal seguinte, homorganicidade, vogal da sílaba tônica, atonicidade, tonicidade, nasalização, trava silábica. Não consideramos a ordem de relevância apontada pelo programa *Goldvarb (for windows 2001)*, pois buscamos combinar os contextos selecionados pelo programa como os mais significantes para aplicação da regra de alçamento com uma exposição que possibilite a melhor maneira de visualizar o peso de cada fator, tanto no contexto precedente quanto no contexto seguinte à pretônica em estudo.

<sup>61</sup> Trecho retirado de A “Grammatica” de Fernão D’Oliveyra. SILVEIRA (1954, p. 52)

<sup>62</sup> Obtidos por meio da análise dos dados de 2006-2007 e dos dados de 1988-1989 ALPR (AGUILERA, 1994).

### 6.1.1.1 Contexto precedente – Ponto de articulação

O contexto precedente é apontado pela maioria dos trabalhos aqui arrolados como um contexto relevante no que diz respeito à aplicação da regra de alçamento das pretônicas. Neste estudo, entretanto, não apresentou a mesma atuação nos dois *corpora*, mesmo assim sempre ficou entre os quatro mais significantes em todas as rodadas que realizamos.

**Tabela 2.** Contexto fônico precedente – Ponto de articulação.

Contexto Precedente –	Amostra de 1988-1989			Amostra de 2006 a 2007		
	Apl. / Total	P.R .	%	Apl. / Total	P.R .	%
Início de palavra	0/11	-	0%	0 /156	-	0%
Bilabial	14 / 50	0,447	28	192 / 732	0,633	26
Labiodental	3 / 6	0,675	50	33 / 202	0,550	16
Palatal	7 / 13	0,708	53	76 /177	0,796	42
Linguodental	3 / 27	0,207	11	95 / 497	0,404	19
Linguoalveolar	11 / 43	0,417	25	67 /506	0,421	14
Vibrante alveolar	0/1	-	0	0/15	-	0
Velar	63 / 162	0,570	38	291/1335	0,524	21
Precedido de vogal	0 / 1	-	0	11 /117	0,224	9

Conforme a Tabela 2, verificamos que o contexto início de palavras (0%) continua inibindo o alçamento. Em Kailer (2004), apenas a palavra [#ospɪ'taw ~ #uspi'taw] apresentou alçamento (0,039). No estudo de Schwindt (1997), o valor de 0,05 também é muito baixo, ou seja, a manutenção do [o], que neste contexto era muito freqüente, apresenta-se nesses *corpora* como categórica.

De acordo com os resultados, as labiodentais (0,550) demonstram ser neutras quanto à aplicação da regra de alçamento. Observando detalhadamente os dados, verificamos que, diferentemente do que ocorreu em Kailer (2004), (0,821), nestes *corpora* o alçamento ocorreu apenas no verbo [vomi'taɹ ~ vumi'taɹ] e suas flexões, na palavra [foɹ'miga ~ fuɹ'miga, foɹmi'gĩɹa ~ fuɹmi'gĩɹa] e em uma realização da palavra [fo'gãw̃ ~ fu'gãw̃]. Nos demais casos, elas não foram favoráveis, ou seja, os alçamentos, com exceção da lexia [fo'gãw̃], tinham sempre uma vogal alta na sílaba seguinte. Já as bilabiais, que Kailer (2004) aponta como pouco favorável (0,300), nos dados do *corpus* 1 apresentam pouco favorecimento (0,447), mas nos dados do *corpus* 2 apresentam-se como o segundo grupo mais (0,633) favorável ([bo'neka ~ bu'neka, po'dzia ~ pu'dzia]).

É preciso ressaltar, no entanto, que as bilabiais [b,p] apresentam-se mais favoráveis do que a bilabial [m], pois esta apresentou alçamento apenas em vocábulos como [modʒifi'kaɹ ~ mudʒifi'kaɹ] (e suas flexões), [mo'tʃivu ~ mu'tʃivu, mo'idu ~ mu'idu, moɹ'dzida ~ muɹ'dzida, mos'kito ~ mus'kitu, mo'xeɹ] (quando ocorre vogal alta nas flexões verbais). Em vocábulos como [mo'lera, mo'xeɹ, mo'raɹ] (e suas flexões), [mos'traɹ, mō'tʃiɹu, mō'tãɹa, movi'mētu, moto'rista] entre outras, por exemplo, nunca se verificam alçamentos. Observamos que nos dados 1988 – 1989, bem como nos de Kailer (2004), a lexia [kamo'mila] não se realiza de forma alçada, ao contrário do que observamos nos dados do *corpus* 2, pois das 35 ocorrências dessa palavra apenas 6 não acontecem com a vogal alta [u].

Com um olhar mais atento para os exemplos, podemos verificar que os vocábulos que têm como contexto precedente a bilabial [m] e apresentam alçamento, possuem a vogal da sílaba seguinte [i], ou a variável dependente [o] é seguida por uma vogal, fatores muito favoráveis ao alçamento, como veremos quando tratarmos dos demais contextos.

Diante disso, buscamos averiguar o comportamento dessas consoantes em contextos sem as vogais altas e sem o contexto seguido de vogal, para atestarmos se realmente têm algum poder de alçar em contextos adversos.

Observamos, nessa outra análise, que tanto a probabilidade das bilabiais [b,p] (0,644) quanto das labiodentais (0,622) aumentou, ou seja, essas consoantes são relativamente favoráveis ao alçamento, sendo as bilabiais mais propiciadoras da aplicação da regra de alçamento.

Os resultados que indicam as labiais como favoráveis ao alçamento têm apoio nos estudos de Mota (1979), acerca das pretônicas de Ribeirópolis, de Bisol (1981), sobre a harmonização vocálica no falar gaúcho, de Battisti (1993), também sobre o falar gaúcho, de Bortoni (1992), acerca do falar de Brasília, de Silva (1989), sobre as pretônicas no falar culto de Salvador, e de Kailer (2004) sobre o falar paranaense. Esta observa, que mesmo sem as vogais altas em sílaba seguinte, as labiais apresentam-se relativamente muito favoráveis ao alçamento (0,935 para labiodentais e 0,770 para as bilabiais). Esses autores apontam o contexto das labiais como favorável ao alçamento de [o] tanto em contexto precedente quanto seguinte. Atribui-se tal favorecimento, segundo eles, ao fato de a labial ser articulatoriamente mais arredondada, o que favorece o alçamento, principalmente de [o], como constata, em parte, Schwindt (1997), outro autor que faz um estudo sobre a harmonia vocálica no falar da região Sul. Nesse caso, apesar de as labiais não demonstrarem papel significativo no alçamento, seus resultados são mais positivos em relação a [o]do que a [e].

Conforme Bisol (1981, p. 96), as labiais têm forte influência sobre as vogais porque agem horizontal e verticalmente. No português arcaico há registro de posteriorização de vogais anteriores, que recebem o traço de labialidade e, por influência deste mesmo traço, transformavam vogais médias em altas. É possível observar este fato tanto no português culto quanto no popular. Para Sá Nogueira (1958) esses processos de assimilação ocorriam por dois princípios: o da antecipação e o da acomodação. Do primeiro, resultam dois fatos importantes e mais ou menos perceptíveis. Já o segundo visa à economia, mas o vocábulo precisa manter a “sua feição geral” para não se tornar incompreensível. Segundo o autor,

Princípio de antecipação é o que resulta da tendência que temos de procurar preparar-nos para praticar um acto posterior quando estamos praticando outro anterior [...] a) o primeiro fonema produz-s mais ou menos imperfeitamente, visto que os órgãos se não mantêm integralmente na posição adequada à articulação desse fonema (SÁ NOGUEIRA, 1958, p. 123-4);

Princípio de acomodação é o que nos leva a procurar praticar as operações articulatórias por uma ordem menos trabalhosa, mais conveniente (SÁ NOGUEIRA, 1958, p. 125).

Conforme destaca Bisol (1981), ambos ancoram-se na lei de menor esforço, seja na busca por uma articulação menos trabalhosa, de acomodação [bu'laʃa, kus'tɛla] ou, por meio da harmonização vocálica, antecipação [mi'ninu, ku'ruza].

As linguodentais atingiram peso relativo (0,404) no *corpus 2* e 0,207 no *corpus 1*, em vocábulos como [do'ēsa ~ du'ēsa, do'mīgu ~ du'mīgu, no'tʃisya ~ nu'tʃisya, to'aʎa ~ tu'aʎa] o que representa um resultado de pouco favorecimento. Se considerarmos a atonicidade de [o], vemos que, em se tratando de casuais, não apresentou alçamento em vocábulos, como [dʒireto'ria, tō'tura, nova'mēte]. Já a variável sem *status* definido apresentou mais vocábulos com a pretônica [u] devido ao verbo [doɹ'miɹ ~ duɹ'miɹ, to'siɹ ~ tu'siɹ] e suas outras conjugações, que geralmente apresentaram-se alçados.

Acreditamos que a linguodental poderia ser mais desfavorável se não fossem as ocorrências em que a variável dependente ([o]) realiza-se em contextos muito favoráveis ao alçamento, como o de ser seguida por uma vogal ([do'ēsa, to'aʎa]), ou então, quando ela vem sucedida por uma vogal alta em sílaba seguinte, como, por exemplo, o vocábulo [no'tʃisya ~ nu'tʃisya], entre outras realizações.

Diante dessa hipótese, retiramos estes contextos e examinamos o comportamento das linguodentais, sem a presença das altas em sílaba seguinte e sem o contexto seguido de vogal. Verificamos, com isso, que as linguodentais [t,d] formam contextos bastante desfavoráveis, apresentando probabilidade de alçamento de 0,358, ou seja, muito próximo do resultado de Kailer (2004) (0,367) e do *corpus 1* (0,207).

As linguoalveolares, com probabilidade 0,417 para o *corpus 1* e 0,421 para o *corpus 2*, permanecem neste interstício de tempo como contexto desfavorável ao alçamento, principalmente quando se trata da vibrante, como ocorreu na fala de quatro informantes de Pato Branco [xodo'via, xo'siwda, xoli'mã, xola'mēto, xo'peru, xo'beɹtu] ou mesmo no caso do tepe [r] em vocábulo como [xo'tʃina] na fala de um informante de Pato Branco no *corpus 2* e [ro'sadu] no *corpus 1* da mesma cidade, ou [trovō'ado ~ trovu'ãdu], em que dificilmente o [o] antepretônico apresenta alçamento. O mesmo ocorre com a pretônica

[o] em outras lexias como [tro'mêta, tropi'kaw], sobre as quais incide pouquíssimo alçamento em nossos *corpora*.

Situação semelhante apresenta o [s], pois, nos dados do *corpus 1*, apresentou alçamento apenas em vocábulos que tivessem vogal alta na sílaba seguinte, com exceção da lexia [su'vako] que se realizou como [su'vaka] na fala da informante de Foz do Iguaçu ([sufri'mêto ~ sufri'mêto, so'vako ~ su'vako, so'briɲa ~ su'briɲa]). Observamos no *corpus 2* que a atuação desse ambiente continua parecido, visto que ocorreu alçamento apenas em duas lexias que não tinham vogal alta na sílaba seguinte [sose'gada, so'take]. Os demais contextos que apresentam alçamento possuem uma vogal alta em sílaba seguinte. Já as lexias que não apresentam tal ambiente ([so'fa, so'koɲu, sōbrã'seya, so'frêdu]) (*corpus 2*), e [so'freɹ, so'kadu, so'kera, sōbrã'seɲa] (*corpus 1*)) não alçam, com exceção de [sose'gada, so'take].

Verificamos que a alveolar sibilante [s], mais a vogal alta na sílaba seguinte, está influenciando positivamente na aplicação da regra de alçamento, visto que houve muitos casos, no *corpus 2*, de [suli'tarya, sulu'sādu, susi'aw, sufistʃi'kadu]. Estes dois últimos também ocorreram no *corpus 1*, no entanto, não apresentaram alçamento.

Por fim, verificamos que a última das linguoalveolares [l], em ocorrências como [lō'briga ~ lū'briga, lobi'zomêɲ ~ lubi'zome], apresenta-se favorável ao alçamento, embora também haja uma vogal alta na sílaba seguinte. Todavia, nos casos de vogal não alta seguinte, as lexias em que o [o] é precedido por uma alveolar líquida [l] não apresentam alçamento [loka'dora, lo'kaw, lota'sāw, lo'tadu]. Diante disso, vemos o porquê de tão baixo peso relativo, pois estas consoantes apresentam-se favoráveis ao alçamento geralmente em contextos de vogal alta de sílaba seguinte, ou quando o [o] é seguido por uma vogal.

Enfim, tais resultados confirmam o fato de as alveolares serem articuladas com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente fique levantada. Isso faz com que tenham tendências a não alçar as pretônicas, visto que não têm pontos semelhantes com os das vogais altas (BISOL, 1981).

As velares, com probabilidade de 0,570 (*corpus 1*) e 0,524 (*corpus 2*), constituem um ambiente neutro para a aplicação da regra de alçamento do [o] pretônico, como vemos nestes exemplos: no *corpus 1* tivemos [kū'nesu, kura'sãw, ku'ado, ku'mida, kūpri'dzĩɲu, kustu'madu, ku'risku, kuɲi'sia, kus'tela, kūpri'midu, kuɲi'si, kūpã'na, kū'prida]; nos dados do *corpus 2* tivemos os casos de [ku'ʎɛɹ, kutu'velu, kuleste'row, gu'ɛla, ku'leɣyɹ], já os demais casos apresentavam vogal alta na sílaba seguinte como [gumi'tey, guɹ'dura, ku'zĩɲa, kuʃu'niʎo, kustu'ra, ku'ruza]. Esta consoante, juntamente com o contexto vogal alta na sílaba seguinte, torna-se ambiente favorável de alçamento (0,587) no *corpus 2*<sup>63</sup>. Comportamento semelhante apresenta o estudo de Battisti (1993) sobre o alçamento das pretônicas no falar gaúcho.

Isso é explicado pelo fato de essa consoante ser produzida pelo dorso da língua, o que faz com que seja favorecedora do alçamento segundo Schwindt (1997) e Silva (1989). Bisol (1981), por sua vez, acrescenta que tal favorecimento ocorre porque:

para emitir uma consoante velar, levanta-se a parte posterior da língua contra o palato mole. E por não ser lhe fixo o ponto de articulação, na área que lhe é peculiar, pode avançar ou retroceder de acordo com a vogal com que combina (BISOL, 1981, p. 88).

Apesar da aparente neutralidade das velares, a consoante [k] consolida-se como favorecedora do alçamento, quando a vemos alçando o [o] pretônico em vocábulos como [kō'neso ~ kū'nesu, koto'velo ~ kuto'velu, ko'madre ~ ku'madre, kō'padre ~ kū'padre, kō'fɔɹme ~ kū'fɔɹme], contextos que não apresentam vogal alta e nem são seguidos por vogal, os dois ambientes mais propiciadores de alçamento. Além disso, nos dois últimos exemplos temos [ō] nasal, contexto também desfavorecedor do alçamento.

A velar [g] por sua vez apresentou alçamento no *corpus 2* apenas nos casos em que a vogal seguinte era alta, nos demais manteve a média [o]. Já a velar [x] mostrou-se inibidora de alçamento, pois em todas as realizações manteve a altura da vogal pretônica [o], até mesmo na

<sup>63</sup> No *corpus 1*, como diminuíram muitas ocorrências devido às exclusões, restando apenas 79 realizações, pensamos que os valores apresentados pelo programa poderiam não ser confiáveis.



lexia [xo'lisu], em que esperávamos que ocorresse o alçamento. Sendo assim, nossos resultados mais uma vez confirmam os de Kailer (2004) de que as velares [x,g] por si só não são contextos propiciadores de alçamento.

A palatal, com probabilidade de 0,796 para o *corpus* 2 e 0,707 para o *corpus* 1, apresenta-se tanto nos dados do *corpus* atual como no de 1988-1989 como a consoante precedente mais favorável ao alçamento [ʃo'raɫ, ʃo'vẽdu, ʒoɫ'naw, ʃu'vido, ʃu'xyu, ʒu'eɫu, ʒu'ãw̃]. Entretanto podemos notar que, nos casos em que ocorre alçamento, o [o] é seguido de uma vogal, contexto quase categórico no favorecimento do alçamento, o que veremos quando tratarmos do contexto seguinte, ou seguido por uma vogal alta. Todavia, ao analisar o comportamento da palatal sem os contextos favoráveis vogal alta e seguido de vogal, não apresentou nenhum alçamento nos *corpora* analisados. Ou seja, seu favorecimento está condicionado a esses outros dois ambientes. Tal resultado encontra respaldo em Silva (1989, p. 160) que destaca:

[...] quanto à influência das palatais sobre a elevação de O, a amostra de Salvador se aproxima mais da amostra de falantes cultos de Porto alegre. [...] probabilidade de .30. O que se poderia inferir dessas duas amostras é que, a elevação da vogal [+rec] é favorecida pela consoante precedente de igual traço, as velares, e não, pela consoante [-ant].

A autora salienta, no entanto, que, tratando-se do [o], não se pode conferir com segurança à consoante palatal nenhum papel, visto que a probabilidade de 0,61 se deve à escassez de dados, 3 ocorrências, num total de 42.

Schwindt (1997), por sua vez, vê a palatal como condicionadora do alçamento desde que tenha na sílaba seguinte uma vogal alta ([ʃo'vya ~ ʃu'vya]), diferente do que ocorreu na Lusitânia, onde havia alçamento mesmo em presença de vogal baixa central em sílaba seguinte, como exemplifica Vasconcellos (1901). Mota (1979) também apresenta esta consoante como favorável ao alçamento na posição precedente.

Bisol (1981) verifica que, apesar de a palatal ser de frequência alta, ou seja, produzida com todo o corpo da língua, em contexto precedente “desfavorece a elevação da vogal notadamente [o], como se estivesse desenvolvendo uma ação dissimiladora”.

### 6.1.1.2 Contexto seguinte – Ponto de articulação

Este contexto é, junto com o contexto precedente e vogal da sílaba seguinte, o mais referenciado pelos autores variacionistas aqui citados, com poder para alterar a altura da vogal pretônica.

**Tabela 3.** Contexto fônico seguinte.

Contexto seguinte	Amostra de 1988-1989			Amostra de 2006 - 2007		
	Apl. / total	P. R.	%	Apl. / total	P. R.	%
Bilabial	32 /67	0,618	47	188/ 711	0,597	26
Labiodental	2 /19	0,243	10	33/362	0,407	9
Linguoalveolar	15 /67	0,427	22	252 /1396	0,395	18
Linguodental	3 /35	0,163	8	85/ 433	0,448	19
Velar	1 /35	0,117	2	31 / 283	0,377	10
Palatal	30 /68	0,730	44	46 /331	0,708	13
Hiato	18 /22	0,959	81	121 / 192	0,896	63

Pela Tabela 3, podemos observar, apesar da pouca ocorrência de dados do *corpus* 1, que os contextos não alteraram muito suas influências quanto ao favorecimento à aplicação da regra de alçamento, pois as bilabiais de (0,618) passam para (0,597), ou seja, praticamente apresentaram a mesma ação positiva quanto ao uso alçado da pretônica [o] ([ 'vomitu ~ vumi 'tadu ~ gumi 'tadu, lobi 'zomẽỹ ~ lubi 'zome, sobrã 'sefa ~ sũbrã 'seya, ko 'bɛɾta ~ ku 'bɛɾta, ko 'mɛsa ~ ku 'mɛsa, kō 'prido ~ kũ 'pridu]).

O contexto seguinte de labial é favorável ao alçamento da pretônica média posterior [o], segundo Mota (1979) e Bisol (1981), porque a vogal alta [u] apresenta mais labialidade do que a média posterior fechada [o], ou seja, é articulatoriamente mais fácil, com uma labial, usar a posterior alta do que a posterior média, mesmo que a labial não apresente traços altos.

É interessante observar que, no último exemplo ([ko'prido ~ kũ'pridu]), ocorrência do *corpus* 1, o falante não considera que, ao alçar o [o], a palavra muda de significado, diferentemente do que acontece com [pes'kaɹ ~ pis'kaɹ, pes'kado ~ pis'kadu], contexto em que nunca ocorre alçamento (PONTES; KAILER, 2001).

As labiodentais, que atingem a probabilidade de 0,243, de pouco favorecimento, passam para 0,407, próximo da neutralidade. Mesmo o número de dados do primeiro *corpus* sendo muito restrito, permite observar que as duas porcentagens são muito próximas. Kailer (2004) constata o mesmo, pois seus dados revelam uma probabilidade de 0,377 ([aprovey'tãdo ~ apruvey'tãdo awmo'fada ~ awmu'fada, pro'fũdo ~ pru'fũdu, so'vako ~ su'vaku, movi'mêto ~ muvi'mêtu]). Os exemplos atestam que elas se apresentam desfavoráveis em contexto seguinte, diferindo, como mencionamos anteriormente, do contexto precedente. Tal desfavorecimento acentua-se quando essa consoante vem em um vocábulo como [o'vĩpou, ofê'dzidu, ofere'se, no'vela, no'vẽbro], nos quais nunca há alçamento. Tratando-se dos primeiros, temos a justificativa de que apresentam a pretônica posterior em início de palavra, contexto que se apresentou muito desfavorável ao alçamento do [o]. Todavia, em relação a [no'vẽbro], acreditamos que o fato de haver um [ẽ] em sílaba seguinte poderia estar inibindo o alçamento, visto que esse contexto ocorre também em palavras como [koxẽ'teza, ko'xête, ko'xêdu], em que o [o] nunca alça nos dois *corpora*. Além disso, tal contexto já foi verificado por Kailer (2004) e por Pontes e Kailer (2001) em relação à pretônica média anterior, em lexias como [depẽ'deɹ, xepre'zêta] e revelou-se também altamente desfavorável ao alçamento. É interessante ressaltar que Bisol (1981, p. 96) observa alçamento do [o] na palavra [no'vẽbro] em seu estudo acerca da harmonia vocálica. Já Casagrande (2004, p. 153), em um estudo em tempo real sobre o mesmo falar, não apresenta tal palavra com a vogal alçada. Pelo exposto, também no falar gaúcho, a lexia [no'vẽbro], parece ter adquirido mais resistência ao alçamento com o decorrer do tempo.

Diante desses resultados, concluímos que as labiodentais têm alguma propensão a alçar quando há outros contextos favoráveis, do contrário, revelam-se muito desfavoráveis.

Fizemos uma análise, separadamente, dos róticos [ʄ,r] e percebemos que seus comportamentos eram parecidos com os das alveolares, por isso as amalgamamos. Das 217 ocorrências de [o] seguido de retroflexos no *corpus* 2, apenas 18 apresentaram alçamento; das 32 ocorrências dessa pretônica seguida de vibrantes, apenas 8 apresentaram alçamento. É interessante verificarmos as lexias que apresentaram alçamento nestes contextos ([goʄ'dura ~ guʄ'dura, doʄ'mi ~ duʄ'mi, for'miga ~ fur'miga, portu'ges ~ purtu'ges]). Esta última apresentou alçamento apenas na fala de uma informante com Ensino Superior. Os alçamentos do [o] seguido de vibrantes foram realizados na fala de 4 informantes de Pato Branco (dois homens e duas mulheres, um dos homens e uma das mulheres são analfabetos e um homem e uma mulher possuem o Ensino Fundamental incompleto). Já em relação ao *corpus* 1, das 6 ocorrências da pretônica [o] seguida de retroflexo [ʄ], nenhuma realizou-se com alçamento da pretônica. É importante destacar que até mesmo a lexia [dor'mir] nunca ocorre com a pretônica alçada no *corpus* 1. Constatamos, a partir dos exemplos, que as consoantes [r, ʄ, r] em trava silábica constituem um ambiente desfavorável ao alçamento, corroborando os resultados de Schwindt (1997) em seu estudo sobre a harmonia vocálica no falar da região Sul e de Kailer (2004) sobre o falar rural paranaense, pois a lexia [boʄbo'leta, borbo'leta, borbo'leta], que geralmente apresenta a pretônica alçada, nunca o faz em relação à antepretônica, que traz os contextos bilabial precedente e vogal alta seguinte, que, por sua vez, favorecem o alçamento. Por fim, é interessante ressaltar que em todos os casos de retroflexa seguinte em que o [o] pretônico alçou, ele não apresentava atonicidade casual e sempre havia uma vogal alta na sílaba seguinte.

As demais alveolares, com probabilidade de 0,427 para o *corpus* 1 e de 0,395 para o *corpus* 2, em vocábulos como [bo'lita ~ bu'lita, koste'leta ~ kuste'leta, kostu'reyra ~ kustu'ra, ko'zido ~ ku'zidu, kozī'naʄ ~ kuzī'na], assemelham-se às de Kailer (2004), (0,435). Apesar de serem pouco desfavoráveis nestes contextos, inibem o alçamento em alguns vocábulos como [ko'seyra, ko'lega, ĩxo'ladu, fo'līna, kolo'ka, mo'lera, atola'du, xo'lete, xo'lo, sebo'līna, xoli'mã, xo'lisu, xo'līna]. Kailer (2004) aponta a alveolar [l] como um contexto

inibidor de alçamento. Acreditamos que tal comportamento não mudou muito, pois, com exceção de [ko'leʒyʉ] e [koleste'row], que ocorreram com a vogal [o] alçada uma vez na fala de dois informantes jovens, um de Pato Branco e outro de Foz do Iguaçu respectivamente, as demais lexias [bo'lita ~ bu'lita, koli'bri ~ kuli'bri, po'litʃika ~ pu'litʃika, poli'siaw ~ puli'syaw, so'luso ~ su'lusu] apresentam vogal alta na sílaba seguinte, contexto propiciador de alçamento, como já mencionamos.

Schwindt (1997) também reforça nossos resultados, pois verifica que as alveolares [s,z,t,d] favorecem o alçamento em contexto seguinte, enquanto [l,r] apresentam valores bastante baixos. Os demais autores, com os quais estamos confrontando nossos resultados, apontam a alveolar como contexto desfavorável ao alçamento, tanto em contexto precedente quanto seguinte.

Esse comportamento desfavorável das alveolares ao alçamento justifica-se devido à lei do menor esforço. Como já mencionamos, ao tratar do contexto precedente, o fato de a alveolar ter uma articulação bastante diferenciada da posterior [u] diminui as chances de ela favorecer tal realização (SCHWINDT, 1997).

Quanto às linguodentais, consideradas por Schwindt (1997) como favoráveis ao alçamento da posterior, em nosso estudo, de acordo a Tabela 2, constatamos que no *corpus 2* elas se apresentam próximas à neutralidade (0,448), e no *corpus 1* revelam-se muito desfavoráveis (0,163). Verificamos que Kailer (2004) também observou atuação parecida, já que as linguodentais apresentaram-se bastante desfavoráveis (0,377) em seu estudo.

Observamos que o alçamento encontrado na presença desses fonemas deve-se apenas às condições apresentadas em alguns vocábulos e suas flexões, como vogal alta em sílaba seguinte (po'dzia ~ pu'dzia, eskō'dzia ~ eskū'dzia, kōtʃinu'ado ~ kūtʃi'nwadu, mo'tʃivo ~ mu'tʃivu, modzifi'kaɹ ~ mudzifi'kaɹ, po'triɹo ~ pu'triɹo ~ pu'tryu]). No *corpus 2*, entretanto, constatamos que o valor próximo à neutralidade se deve a algumas ocorrências de [awgo'dãw̃ ~ awgu'dãw̃] e [so'take ~ su'take] na fala de informantes de Foz do Iguaçu, a primeira na fala de uma jovem com segundo grau e a segunda na de uma informante com ensino superior. Tal fato não ocorreu na fala de nossos informantes do

*corpus* 1 e nem Kailer (2004) observou em seu estudo nas trinta cidades paranaenses, pois naquele *corpus* as linguodentais só apresentavam alçamento em ambientes muito propícios.

Corroborar essa hipótese o fato de o verbo [po 'deɹ], em realizações sem uma vogal alta em sílaba seguinte, não apresentar alçamento, como em [po 'de, po 'demus]. Todavia, em ocorrências de [po 'dʒia] que no *corpus* 1 não apresentou alçamento, no *corpus* 2, nas cinco vezes em que essa lexia ocorreu, em todas apresentou alçamento, inclusive em [pude 'riã]. Além desse exemplo, temos as ocorrências de [xedõ 'dʒĩno, ado 'tʃivo, xo 'dɛla, xo 'dʒya, moto 'sɛxa, rodo 'via, ro 'deyo], que nunca alçam.

Entendemos, com isso, que, apesar de as linguodentais apresentarem certo favorecimento na aplicação da regra de alçamento, no *corpus* 2, elas são mais positivas se houver contextos muito favoráveis, pois, caso contrário, a linguodental em contexto seguinte, por si só, não tem muita força para alçar o [o]pretônico. Observamos também que essas consoantes apresentaram 13 casos de alçamento das 27 ocorrências de átonas casuais, porém, quando fomos verificar quais eram essas palavras, constatamos que eram realizações da palavra [po 'triɫo] que coincidentemente tem uma vogal alta na sílaba seguinte.

Considerando todos esses fonemas, vemos que tanto as linguodentais, quanto as linguoalveolares continuam sendo consideravelmente desfavoráveis no falar paranaense, conforme Kailer (2004) observou no falar rural paranaense. Para a variedade de Salvador, Silva (1989) afirma que as consoantes que portam esse traço de [+ant], ou seja, as labiais e dentoalveolares, favorecem a elevação de [o], diferindo de nossa variedade, exceto pelo [l], que também inibe o alçamento do [o]naquela variedade.

Quanto à velar, com probabilidade de 0,117 para o *corpus* 1 e de 0,377 para o *corpus* 2, ela apresenta um resultado que aponta, em contexto seguinte, como um fonema que de quase inibidor do alçamento, aproxima-se da neutralidade, ou seja, proporcionando a manutenção da média posterior [o], como comprovamos com os exemplos enumerados [#oko 'xɛu, ko 'kɛru, kogu 'mɛlu, go 'gɔ, ko 'gɔte, so 'ka, soko 'xɛmu, so 'kɛra, to 'kãdu, fo 'xaze, adʒivo 'gadu, afo 'gadu, fo 'gĩnu, ʃu 'xyu, fo 'gãw], entre outros. Desta última lexia

[fo'gãw̃], tivemos 53 ocorrências e um único alçamento na fala de uma informante de Foz do Iguaçu com ensino superior.

Battisti (1993), ao estudar o falar gaúcho, verifica que a velar é um fator favorecedor do alçamento, tanto em contexto precedente quanto seguinte. Bisol (1981), sobre o mesmo falar, apresenta resultado favorável para os alemães (0,64), e neutro (0,50) e (0,51) para os italianos e para o falar culto dos metropolitanos. Para o falar popular dos metropolitanos e para os fronteirços, os resultados são pouco favoráveis (0,33) e (0,32) respectivamente. Já Schwindt (1997), que realiza um estudo acerca da harmonia vocálica, também referente à variedade da Região Sul, corrobora os nossos resultados, pois observa que a velar é desfavorável ao alçamento em contexto seguinte. Entretanto, em um estudo sobre a regra variável de harmonização vocálica no Rio Grande do Sul, realizado em 2002, o mesmo autor aponta a velar com probabilidade de 0,56 como favorecedora do alçamento do [o] neste contexto, bem como no precedente. Todavia, como podemos observar, seu resultado está muito próximo da neutralidade.

As palatais com valores de 0,730 para o *corpus* 1 e de 0,708 para o *corpus* 2, por sua vez, em contexto seguinte, apresentam-se como o contexto mais favorável ao alçamento nos dois *corpora*. Porém esse favorecimento está condicionado à vogal [o] com atonicidade permanente, pois, se a pretônica for um átona casual, não haverá alçamento, visto que nas 14 ocorrências do *corpus* 2 e nas 2 ocorrências do *corpus* 1 não houve nenhum caso em que o [o] alçasse, como nos exemplo a seguir: [kaʃo'xãw̃, kãpo'teru, ko'ʎeta, fo'ʎaze, fo'ʎiɲa, foʎa'ziɲa, fo'ʎozos, xo'ʃiɲu, xo'ʃãw̃, #o'ʎiɲu, ino'ʒada, ko'ʃiɲu]. O mesmo ocorre com as pretônicas sem *status* definido [po'ɲava, so'ɲãdu, ko'ʎe, so'ɲo], porque em 16 ocorrências no *corpus* 1 e em 12 no *corpus* 2 não houve um alçamento.

Os valores de 0,730 para o *corpus* 1 e de 0,708 para o *corpus* 2 devem-se às permanentes, que apresentam valor um tanto quanto duvidoso, como nos exemplos a seguir: [ko'ɲesu (e suas flexões), koʃo'niʎu, ko'ʎeɹ, bo'ʃeʃa, ko'ʎya]. Observamos que a atuação da palatal torna-se mais favorável quando aliada à velar [k], à bilabial [b] e à vogal alta em sílaba seguinte. Ressaltamos que, nos casos em que há palatalização como [ko'ʎeɹ ~ kuy'ɛ] e [ko'ʎya ~ ku'ia], sempre há o alçamento, porém nos casos de [o'ʎado ~

oy'ado] isso não ocorre. Ou seja, as vogais altas seguinte perdem força no caso de contexto inicial.

Em relação ao segundo vocábulo (kuʃu'niw, kuɲi'sia]), encontramos uma justificativa para o alçamento em Schwindt (1997): “as palatais favorecem o alçamento em contexto seguinte, principalmente quando vierem seguidas de uma vogal alta”. Poderíamos afirmar que tal fato ocorre com esses vocábulos, ou seja, o [i] seguinte propicia o alçamento da pretônica, que alçada favorece o alçamento da antepretônica.

Diante da hipótese de as vogais altas em sílaba seguinte serem o contexto mais favorável ao alçamento, como já mencionamos anteriormente, fizemos uma análise quantitativa sem elas e observamos que as palatais em contexto seguinte são realmente favoráveis à aplicação da regra de alçamento do [o] pretônico, visto que sua probabilidade chega a aumentar de 0,708 para 0,735 para o *corpus* 2, o que não ocorreu no *corpus* 1 (0,335), pois, sem vogais altas, neste *corpus* só alçaram 24 ocorrências de [koɲe'seɹ] (21 de [ku'ɲesɹ] e 3 de [kɲesi'mêto]). Dessa forma, no *corpus* 1, o peso relativo das palatais não pode ser de fato considerado positivo, pois o total de alçamento foi de 30, sendo 24 do verbo [koɲe'seɹ].

Nossos resultados corroboram os de Bisol (1981), Battisti (1993) e Bortoni et al. (1991) que reconhecem a palatal como ambiente favorecedor do alçamento das pretônicas apenas em contexto seguinte. Silva (1989), como já observamos, primeiro reconhece que a palatal favorece o alçamento das pretônicas, mas posteriormente diz estar desautorizada a fazer generalizações devido ao número restrito de ocorrências.

Por último, em relação à variável contexto seguinte, temos o fator seguido de vogal, no qual descartamos da análise quantitativa os casos de ditongos como [ow'tubro, goy'aba, moy'ava, oy'ado, kuy'ɛ, ku'ia], analisando somente as ocorrências em que o [o] pretônico formava hiato e, devido ao alçamento, tornou-se um ditongo como [koa'doɹ ~ kua'doɹ ~ kwa'doɹ ~ koa'do ~ kua'do, zo'eɹo ~ zu'eɹo ~ zu'eyo ~ 'zueyo].

O alçamento, quando o [o] pretônico forma hiato, era comum já no latim vulgar. Segundo Silva (1989), esse fenômeno está documentado desde o *Appendix Probi* e foi registrado por Lião (1576), Pereyra (1666) e Sousa (1804). Em sua gramática portuguesa, este último autor diz o seguinte:



As letras que mais se confundem são o E com I, e o O com U, principalmente quando são seguidas de alguma voz aguda, como por exemplo nos Verbos Cear e Moer, pode duvidar-se das primeiras vogais e se deve escrever antes Ciar e Muer [...] (SOUZA, 1804, p. 236 apud SILVA, 1989, p. 245).

Silva (1989) verifica que o contexto hiato favorece mais o alçamento de [o] que de [e] e aponta o fato de a vogal seguinte ser a baixa central [a] como ambiente favorável ao alçamento, contexto adverso quando se trata da vogal da sílaba seguinte, no falar culto de Salvador.

Naro (1973) observou esse comportamento da vogal [a] em hiato, quando tentou explicar a mudança de vogais médias em altas nos hiatos latinos (áo > áu, oá > uá, eá > ia, eó > ió, etc). Ele se refere a isso como a “Lei de Oliveira”, para homenagear o gramático Fernão de Oliveira, um dos primeiros a comentar o fato como tendo início por meio da dissimilação de vogais médias para altas, antes da vogal baixa [a], o que posteriormente aplicou-se a outras vogais.

Outro fato investigado por Silva (1989), sobre este contexto, é se ambas as vogais do hiato se encontram em sílaba pré-acentuada, ou se a vogal média está diante de uma vogal tônica. Com isso, atesta que o primeiro contexto é menos favorável ao alçamento do que o segundo. Em nosso *corpus*, não fizemos tal diferenciação, mas, retomando os dados, verificamos que as ocorrências com muito alçamento referem-se às permanentes ([ko' eʎo ~ ku' eʎu, zo' ãw ~, zo' eʎo ~ zu' eʎu ~ 'zueyu, ako' ãdo ~ aku' ãdu ~ a' kwãdu, do' ěsa ~ du' ěsa ~ 'dwĕsa, do' ěte ~ du' ěte ~ 'dwĕte, trovo' ada ~ trovu' ada ~ tro' vwada, po' ezo ~ pu' ezo ~ 'pwezu, po' eyra ~ pu' era ~ 'pwera, kapo' eyra ~ kapu' era ~ ka' pwera, mo' ĩno ~ mu' ĩnu ~ 'mũnu, nevo' eyro ~ nevu' eyro ~ nevu' ero, zoa' nete ~ zua' nete ~ zwa' nete, go' ɛla ~ gu' ɛla ~ 'gwɛla ]).

Verificada cada ocorrência, observamos que, das 52 de [zo' eʎo], 35 alçaram; das 28 de [do' ěsa], 13 alçaram; já as de [a], 38 ocorrências de [zo' ãw], 36 alçaram; das 52 de [a] em [trovo' ada], 23 alçaram. no *corpus* 1, tivemos 11 ocorrências de [a], sendo 4 de ['zuãw] e 7 de [a] em [kwa' doɹ, ku' adoɹ, trovu' ada, tro' vwada, ězu' ada] e todas apresentaram alçamento. Já as de [e] foram 5, e houve 3 alçamentos em

[ʒu'eʎo, 'ʒueyʊ] e [bu'eiro]. Por fim, 4 seguidas de [i], em [mu'ĩno] e [mu'ido] todas com alçamento. Nossos exemplos corroboram a afirmação de Silva (1989) em relação ao falar de Salvador e os de Kailer (2004) sobre o falar rural paranaense, ou seja, estes vocábulos, que são altamente favoráveis ao alçamento, geralmente apresentam as vogais [a, e] formando hiato com a média posterior e também o [o] seguido por uma vogal tônica. Fica saliente, porém, que o [a] nasalizado favorece mais o alçamento que o [e] nasalizado. Quando o hiato é formado por vogal alta [i], o alçamento é categórico, conforme os exemplos mencionados.

Diante disso, podemos dizer que a “Lei de Oliveira” confirma-se em relação à aplicação da regra variável de alçamento em contexto em que [o] e [e] são seguidos de vogal no falar rural paranaense, bem como a hipótese de Silva (1989) acerca de as tônicas estarem seguindo a pretônica [o].

#### 6.1.1.3 Contexto precedente - modo de articulação

O contexto modo de articulação precedente e seguinte não foi considerado relevante para a aplicação da regra de alçamento no *corpus* 1, por isso o programa de análise binominal os eliminou em várias rodadas a que os submetemos.

Sendo assim, apresentamos apenas os resultados em peso relativo referente ao *corpus* 2.

**Tabela 4.** Contexto precedente – modo de articulação.

Contexto precedente - Modo de articulação	Amostra de 1988-1989			Amostra de 2006 a 2007		
	Apl. / Total	P.R .	%	Apl. / Total	P.R .	%
Oclusivas	75 / 216	-	34	483 / 2083	0,572	23%
Fricativas	11 / 37	-	29	129 / 560	0,423	23%
Laterais	8 / 15	-	52	9 / 75	0,511	12%
Tepe	2 / 11	-	18	37 / 274	0,450	13%
Nasal	5 / 23	-	21	96 / 461	0,366	20%

O contexto modo de articulação precedente foi eliminado pelo programa Goldvarb (*for windows*, 2001) na análise binominal dos dados do *corpus* 1. Na análise do *corpus* 2, foi considerado o sexto grupo selecionado como significativo para a aplicação da regra de alçamento. Entretanto observamos que a maioria dos ambientes revela-se muito próximos da neutralidade, com exceção das nasais (0,366), que figuram como desfavoráveis à aplicação da regra de alçamento, e das oclusivas (0,572), que tendem a favorecer. Ao fazermos, porém, uma análise excluindo os casos de vogais altas seguintes e de hiato, observamos que as oclusivas revelam-se favoráveis (0, 635) e as fricativas passam para (0,568), ou seja, também reagem positivamente ao alçamento da vogal [o].

Os casos de tepes (0,450) [aprovey 'taɹ, produ 'sãw, pro 'duto, pro 'duz], que parecem perto da neutralidade, possibilitam o alçamento do [o] provavelmente devido à vogal alta em sílaba seguinte, pois, ao eliminarmos este contexto, seu peso relativo cai para 0,039. Tal desfavorecimento acentua-se quando se trata de sílaba CV, ou seja, em início de vocábulos apresentam-se categoricamente inibidores de alçamento, pois nas 7 realizações no *corpus* 2 [rodo 'via, rodovi 'arya, robo 'zipo, ro 'berto] e 1 no *corpus* 1 [ro 'zado], manteve-se a altura da pretônica [o]. O mesmo aconteceu com as vibrantes, conforme já mencionamos: 15 ocorrências e nenhum caso de alçamento [roli 'mã, rola 'mêto, ro 'siwda, rodo 'via]. Esta atuação das vibrantes assemelha-se às encontradas por Yavenco (1993) em seu estudo sobre a manutenção das pretônicas. A referida autora constata este contexto precedente (.72) como o mais favorável à manutenção da altura da pretônica.

Por fim, temos as laterais (0,511), que apresentaram alçamento apenas nos vocábulos [lobi 'zomẽỹ] e [lõ 'briga], ambiente possivelmente influenciado pelo contexto de vogal alta seguinte. Mesmo assim na realização do substantivo nome [lori 'vaw], não ocorreu alçamento.

Os resultados obtidos por Yavenco (1993) corroboram os nossos, quanto à atuação do modo de articulação, mesmo ela tratando da manutenção das pretônica, pois todos os seus resultados, com exceção dos fonemas vibrantes, comentados acima, estão próximos da neutralidade.

#### 6.1.1.4 Contexto seguinte – modo de articulação

**Tabela 5.** Contexto seguinte – modo de articulação.

Modo de articulação	Amostra de 1988-1989			Amostra de 2006 a 2007		
	Apl. / Total	P.R .	%	Apl. /Total	P.R .	%
Oclusivas	12/56	-	21	117/567	0,690,	20
Fricativas	8/45	-	17	218/861	0,587	25
Laterais	7/27	-	25	55/382	0,392	14
Tepe	3/18	-	16	21/421	0,225	4
Nasal	53/138	-	38	205/ 1063	0,533	19
Aproximante retroflexo	0/6	-	0	18/ 217	0,273	8
Vibrante	-	-		8/32	0,414	18

Tal qual ocorreu com o contexto modo de articulação precedente, o contexto seguinte do *corpus* 1 foi eliminado pelo programa de análise binominal. Já no *corpus* 2 foi considerado o segundo grupo mais relevante. '

Excluímos nesta análise o hiato (0,894), pois já o mencionamos quando abordamos o ponto de articulação seguinte. Observamos que este ambiente é muito favorável ao alçamento, principalmente trantando-se da vogal baixa central nasal [ʒu'ãw̃] e vogal meio-fechada anterior não–arredondada nasal [do'ẽsa]. Sendo assim, para a tabela 4, apresentamos os resultados do modo de articulação em uma análise binominal sem o contexto hiato.

Verificamos as oclusivas, com peso relativo de 0,684 em [awgo'dãw̃ ~ awgu'dãw̃, kobeɹ'toɹ ~ kubeɹ'toɹ, koto'velo ~ kutu'velu, modʒifi'kaɹ ~ mudʒifi'kaɹ] como o ambiente mais favorável ao alçamento do [o], porém a oclusiva [p] não apresentou alçamento nos vocábulos presentes em nosso *corpus* 2 [trope'sey, popu'laɹ, topogra'fia]. No *corpus* 1, ocorreu apenas na palavra [trupí'ko].

As fricativas (0,587) também figuram como favoráveis à regra supracitada, em ocorrências como [to'sido ~ tu'sidu, bo'ʃeʃa ~ bu'ʃeʃa, bo'tʃike ~ bu'tʃike, ko'xida ~ ku'xida, ko'zīpa ~ ku'zīpa, no'viʃa ~ nu'viʃa, pro'fūdo ~ pru'fūdu]. A fricativa [ʒ] ocorreu em [no'ʒētʊ], mas não apresentou alçamento.

As nasais (0,533) parecem ser um ambiente neutro para a aplicação do alçamento da pretônica [o] [ko'neso ~ ku'nesu, do'mīgo ~ du'mīgu, sabo'nete ~ sabu'nete, kō'foɹme ~ kū'foɹme, kō'prido ~ kū'pridu]. É interessante salientar, conforme Kailer (2004) observa, que a palavra [kō'pridu], ocorrida no *corpus* 1, na fala do informante masculino de Pato Branco, realiza-se com alçamento indiferentemente ao seu valor semântico, pois, na entrevista, [kū'pridu] é usado para indicar o comprimento de um objeto.

As laterais (0,392), apesar de a probabilidade não estar nem próxima à neutralidade, apresentam alçamento em vocábulos como [bo'lita ~ bo'lita, so'luso ~ su'luso, soli'tarya ~ suli'tarya, ko'ʎeɹ ~ ku'ʎeɹ, ko'ʎeɹyo ~ ku'ʎeɹyo, koleste'row ~ kuleste'row, koli'bri ~ kuli'bri, boɹbo'leta ~ boɹbu'leta]. Entretanto a lateral [ʎ] revela-se muito negativa ao alçamento em vocábulos como [o'ʎava, fo'ʎozos, fo'ʎaɹē, ko'ʎeyta, ko'ʎeyta'deyra, bo'ʎīpa], que nunca apresentam alçamento da pretônica [o]. Acreditamos que o alçamento nesses vocábulos possa ser resultado do contexto precedente oclusivas e/ou vogal alta na sílaba seguinte.

As consoantes [x, r, ɹ, r] parecem não ser os melhores contextos para a aplicação da regra de alçamento do [o] pretônico. As vibrantes (0,414) apresentam-se como contextos próximos à neutralidade e são os mais positivos para o alçamento. Porém, esse resultado pode não ser de fato devido a elas, visto que, das 32 realizações, houve alçamento apenas nas seguintes ocorrências [mu'ria, ʃu'ryu, ku'ria, mu'rīpa, kuru'ira]. No caso da consoante tepe (0,225) [gor'dura ~ gur'dura, for'miga ~ fur'miga, oportuni'dade ~ opurtuni'dade] e das aproximante retroflexas (0,273) ([poɹtu'ges ~ puɹtu'ges, goɹ'dura ~ guɹ'dura, doɹ'mi ~ duɹ'mi]), os pesos relativos revelam que são de fato ambientes desfavoráveis ao alçamento. Observando essas palavras, parece provável que o

alçamento do [o] nesse contexto tenha sido ação da vogal alta na sílaba seguinte. Conforme vemos a seguir, esse é um contexto apontado pela maioria dos autores aqui mencionados como um ambiente muito favorável ao alçamento.

#### 6.1.1.5 Trava silábica

O fonema retroflexo [ɻ] e tepe [ɾ] em contexto seguinte apresentaram-se como ambientes muito desfavoráveis ao alçamento. Diante disso, buscando averiguar se esse poder era dessas consoantes ou da estrutura silábica, analisamos as sílabas travadas por nasais [ɲ], pelas consoantes [ɻ,ɾ] e fricativas [ʃ,ʒ] ou em sílabas abertas.

**Tabela 6.** Estrutura da sílaba.

Trava silábica	Amostra de 1988-1989			Amostra de 2006-2007		
	Apl/Total	%	PR	Apl/Total	%	Apl/Total
CV[ɻ,ɾ]	0/7	0		28/356	7	0,598
CV[ʃ]	4/7	57	0,938	97/197	49	0,742
Cv /N/	10/51	51	0,431	35/525	6	0,129
CV [ɲ]	42/85	49	0,790	141/427	33	0,455
CV	35/162	27	0,327	343/2042	16	0,588

Para a análise da estrutura da sílaba, excluimos os casos de hiato, pois, como já mencionamos, é sem dúvida o contexto mais propiciador de alçamento. No *corpus* 1, das 22 ocorrências do [o] neste ambiente, 19 apresentaram alçamento; no *corpus* 2, das 190 ocorrências, 121 apresentaram a vogal pretônica posterior alçada. Como já discutimos este contexto, optamos pela exclusão para nos prendermos às demais estruturas.

Conforme os resultados da Tabela 6, podemos destacar as sibilantes em posição de coda silábica, com probabilidade de 0,938 no *corpus 1*, e de 0,742 no *corpus 2*, como o ambiente mais propício ao alçamento [akostu 'mado ~ akustu 'madu, kus 'tɛla ~ kus 'tɛla].

Os demais contextos favoráveis apresentaram resultados diferentes para os dois *corpora*. No *corpus 1*, verificamos o contexto de coda preenchida por uma nasal como o segundo grupo mais favorável. Já no *corpus 2*, o segundo contexto mais favorável ao alçamento foi a sílaba travada por [ɹ,ɾ], seguido das sílabas abertas (CV).

As sílabas que possuem a coda preenchida pelas consoantes [ɹ,ɾ], apesar do resultado positivo (0,598) no *corpus 2*, mostram-se muito resistentes ao alçamento. Um exemplo são os 23 casos da palavra [boɹbo 'leta, borbo 'leta] que não apresenta nenhum alçamento, ao contrário, algumas vezes ocorre o abaixamento e centralização da pretônica posterior [baɹbu 'leta]. Observamos que, nas realizações de alçamento, todos os vocábulos possuem vogal alta e, na maioria das vezes, essa vogal localiza-se na sílaba tônica, como em [fuɹ 'miga, fur 'miga, kuɹ 'tina, kur 'tina, duɹ 'mi, dur 'mi, duɹ 'miã, dur 'miã, muɹ 'sia, mur 'sia].

As sílabas em que o [o] pretônico é nasalizado [ko 'ɲɛsu] constituem um ambiente muito favorável ao alçamento no *corpus 1* (0,790) e próximo à neutralidade no *corpus 2* (0,455). Já nas sílabas em que o [o] é uma nasal, ou seja, há uma bilabial ou uma linguodental [m,n] [kõ 'padre, kõtʃi 'nua], revela-se um relativo recuo na aplicação do alçamento que passa de 0,431 no *corpus 1*, para 0,129 no *corpus 2*, isto é, de um ambiente próximo à neutralidade, para um ambiente muito desfavorável ao alçamento. Acreditamos que o fato de a lexia [ko 'ɲɛsu] apresentar mais alçamento na fala de pessoas menos escolarizadas é o responsável por este resultado, pois, no *corpus 1*, tínhamos somente analfabetos.

Por fim, as sílabas abertas (CV) [lobi 'zomẽỹ] também revelaram comportamentos diferentes. No *corpus 1*, apresentaram-se como ambientes desfavoráveis (0,327), já no *corpus 2*, (0,588) constituíram ambientes positivos para o alçamento.

### 6.1.1.6 Vogal da sílaba seguinte

**Tabela 7.** Vogal da sílaba seguinte: harmonização vocálica e homorganicidade.

Vogal da sílaba seguinte	Amostra de 1988-1989			Amostra de 2006 e 2007		
	Apl / Total	P. R.	%	Apl / Total	P. R.	%
[a]	10 / 70	0,265	14%	28/689	0,143	4%
[ã]	4/17	0,400	23%	46/287	0,327	16%
[e]	37/112	0,516	33 %	94/865	0,357	10%
[ɛ]	4 / 7	0,743	57%	46 /267	0,555	17%
[ẽ]	1 / 9	0,213	11%	14/122	0,149	11 %
[i]	37/53	0,833	69 %	310/677	0,918	45 %
[ĩ]	6 / 10	0,764	60 %	92/252	0,884	36%
[o]	0/14	-	0%	2/ 215	0,073	0%
[õ]	0/9	-	0%	0/19	-	0%
[ɔ]	0/10	-	0%	2/46	0,252	4%
[u]	1/13	0,153	7%	115 /245	0,913	46%
[ũ]	1/3	0,520	33%	13 /33	0,833	39 %

Quanto à vogal baixa central [a], temos a probabilidade de 0,265 para o *corpus* 1 e de 0,143 para o *corpus* 2, em contextos como [trovo'ada ~ truvu'ada, kora'sãw]. A vogal [ã]([sôbra'seɸa ~ sũbrã'seya ʒo'ãw ~ ʒu'ãw]), com probabilidade de 0,400 nos dados do *corpus* 1 e 0,327 nos dados do *corpus* 2, parece ser um pouco mais favorável ao alçamento do que a vogal [a]. Embora essas vogais sejam os fatores que mais favoreceram o alçamento quando o [o] ocorre em hiato, isso não se confirma nos demais contextos de sílaba seguinte, pois em uma segunda análise, com a exclusão dos casos de hiato,



tivemos apenas 1 alçamento com [ã] na lexia [akõpã'naɹ ~ kũpã'na] na fala da informante feminina de Pato Branco e 2 ocorrências de alçamento com a vogal seguinte [a] em [kura'sãw̃, su'vaka] na fala da informante feminina de Foz do Iguaçu nos dados do *corpus* 1<sup>64</sup>. No *corpus* 2, sem o contexto de hiato, a vogal [a][awmu'sa] em sílaba seguinte apresentou 27 vocábulos com [o]alçado e seu peso relativo eleva-se para 0,242, já a vogal [ã], com 10 ocorrências de alçamento da pretônica nesse contexto, também apresenta um pequeno aumento na probabilidade de auxiliar no alçamento do [o] (0,353). [fu'gãw̃, awgu'dãw̃, awmu'sãdu]. Acreditamos que o fato de haver ocorrido mais vocábulos, no *corpus* 2, auxiliou no aumento da probabilidade de a pretônica [o]alçar quando possui as vogais [a,ã] em contexto seguinte, mesmo sem o contexto de hiato. Todavia fica evidente pelos resultados que não é um contexto propiciador de alçamento, a não ser que forme hiato com a pretônica, conforme veremos a seguir quando tratarmos do contexto de hiato.

A vogal média [e] tem o resultado de 0,516 no *corpus* 1 e de 0,357 no *corpus* 2, em vocábulos como: [koste'leta ~ kuste'leta], apresentando-se como contexto neutro no *corpus* 1 (0,512) e desfavorável ao alçamento no *corpus* 2 (0,360). A vogal [ɛ] ([bonɛ'zĩɲo ~ bunɛ'zĩɲu, ku'ʎɛɹ]), com probabilidade de 0,743 no *corpus* 1 e 0,555 no *corpus* 2, apresenta-se como a vogal média mais favorável ao alçamento, visto que a vogal média nasalizada [ẽ] [do'ẽsa ~ du'ẽsa, mo'mẽto, kõ'tẽte, ʃo'vẽdo, ko'mẽdo] é o contexto de vogal seguinte mais desfavorável ao alçamento do [o], com probabilidade de 0,214 no *corpus* 1 e 0,149 no *corpus* 2. Porém, como ocorreu com a vogal [a] e [ã] no *corpus* 1, o número de ocorrências de [ɛ] e de [ẽ] não nos autoriza a dizer que este contexto apresentou mudança de comportamento, mas nos mostra que a vogal [ẽ] em vocábulos como [dõ'ẽsa ~ dũ'ẽsa, mo'mẽtos, kõse'trarãw̃] é a mais desfavorável, pois seu poder de favorecer alçamento do [o] atua apenas em contexto que forma hiato com a referida pretônica, pois não apresenta alçamento em outros vocábulos em que não haja hiato nos dois *corpora*.

<sup>64</sup> Não pusemos os resultados em peso relativo porque sem os vocábulos com hiatos o programa descartou essa variável dependente da análise binominal.

As médias posteriores [o], [õ] e [ɔ] não apresentam alçamento no *corpus* 1 em nenhuma das ocorrências. A vogal [õ], por sua vez, também não apresenta alçamento no *corpus* 2, nas ocorrências de [ko' lõɲa], por isso também foi eliminada da análise binominal, que não trabalha com regras categóricas, ou seja, os casos que não apresentam variação. A vogal [ɔ] e [o] no *corpus* 2, destacam-se pelo desfavorecimento pois houve apenas 2 casos de alçamento com essas vogais em contexto seguinte ([kõ' fɔɹme ~ kũ' fɔɹme, kōs' tɹɔɹ ~ kus' tɹɔɹ] e, [koto' velu ~ koto' velu, koɹ' to]).

Constatamos que estes resultados são congruentes com os verificados por Kailer (2004), ou seja, apontam para a harmonização vocálica, pois as vogais médias tendem a preservarem-se em presença de outras da mesma altura.

Quanto às vogais altas [i,ĩ,u,ũ], já presumíamos serem fatores propiciadores do alçamento, visto que muitos trabalhos, como, por exemplo, Mota (1979), Bisol (1981,1984), Schwindt (1997, 2002), Silva (1989), Bortoni et al. (1991), Castro (1995), Pontes (2000, 2002), Pontes e Kailer (2001) e Kailer (2004), apontam a harmonização vocálica como contexto altamente favorecedor do alçamento. Para Callou, Leite e Coutinho (1991, p. 74), em relação ao [o], o alçamento é “determinado primordialmente por ajustamento ao modo e ponto de articulação da consoante precedente e apenas secundariamente pela altura da vogal tônica”. Ressaltam, porém, que “a vogal [i] é um condicionador mais provável do que a vogal posterior [u]”.

Nossos resultados, como os da maioria dos autores citados, apontam a vogal alta [i] (com o valor de 0,833 para o *corpus* 1 e de 0,918 para o *corpus* 2) e [ĩ] (probabilidade de 0,764 nos dados do *corpus* 1 e de 0,884 nos dados do *corpus* 2) como as vogais mais favoráveis ao alçamento, em contexto de sílaba seguinte nos dois *corpora*. Verificamos pelos valores que [i] ([bo' nitu ~ bu' nitu, lobi' zomēỹ ~ lubi' zome, vomí' tãdo ~ vumi' tãdo ~ gumi' tãdo, vomí' taɹ ~ vomí' taɹ]) é mais favorável do que [ĩ] ([do' mĩgu ~ du' mĩgu, kozĩ' ɲaɹ kuzĩ' ɲaɹ ~ kuzĩ' ɲa, doɹ' mĩdu ~ duɹ' mĩdu, so' brĩɲu ~ su' brĩɲu]), mas as duas são favoráveis, desde que o [o] não seja uma átona

casual. Se o for, não haverá alçamento, como podemos observar em alguns vocábulos: [fo'ĩɲa, fo'lĩɲa, sebo'lĩɲa, floɔ'zĩɲa, pō'tʃɲa, po'sĩɲu, trō'kĩɲu, xedō'dzĩɲu, go'tʃɲa, go'miɲu, #o'viɲu, pō'biɲa, mos'kiɲa, abo'brɲa]. Tal resistência resulta, segundo Bisol (1981), de a atonicidade ter sido adquirida pelo deslocamento do acento, ou seja, mesmo tornando-se uma átona, a vogal preserva a altura da vogal de origem.

A Tabela 7 apresenta valores bastante diferenciados para os dois *corpora*, para a vogal alta posterior [u]: 0,153 (*corpus* 1) e de 0,913 (*corpus* 2). Da mesma maneira que pensamos em relação às demais vogais já apresentadas, acreditamos que o número de ocorrências do *corpus* 1, para as vogais [u,ũ], também é pouco significativo para atribuímos a partir dele a presença de uma mudança de comportamento da pretônica neste contexto. Além disso, Kailer (2004), que estuda trinta regiões, verifica que as vogais [u,ũ] são favoráveis ao alçamento, corroborando nossos resultados do *corpus* 2, que apontam a vogal alta posterior como segundo contexto mais favorável ao alçamento da posterior [o], o que poderíamos atribuir à harmonização vocálica, já mencionada como principal responsável pelo alçamento tanto de [o] quanto de [e].

Diferentemente da atuação de [ũ], nos dados de Kailer (2004), que favorecia mais o alçamento em vocábulos como [pro'fũdo ~ pru'fũdu pro'nũsya ~ pru'nũsya, kō'zũtu ~ kũ'zũtu, ko'mũ ~ ko'mũ, kōfũ'dzi ~ kũfũ'dzi], o que também observamos no *corpus* 1, apesar do número de ocorrências. No *corpus* 2 observamos que, embora a diferença seja estreita ([ũ] 0,833 para 0,913 de [u]), a vogal [u] não nasalizada é mais favorável em lexias como [kos'tume ~ kus'tume, kostu'radu ~ kustu'radu], ou seja, a nasalidade da posterior alta [u] em sílaba seguinte diminui a incidência de alçamento do [o] pretônico. Da mesma forma age a vogal [ĩ] (0,884), em sílaba seguinte, que propicia menos ocorrências de alçamento do [o] pretônico do que a vogal oral [i] (0,918).

Confrontando os valores de [i,ĩ] e de [u,ũ], verificamos que nossos resultados confirmam os de Schwindt (2002). Segundo esse autor, o “[i] tem maior poder de elevação,

independentemente se a pretônica é [e] ou [o]”. Esse comportamento pode ser explicado por meio do diagrama de Daniel Jones (1957, p. 38), o qual mostra que “a vogal alta posterior é menos alta do que a frontal, e que está em diagonal com [e]”. Isso significa que [u] não teria força para alçar [e], mas /i/ poderia favorecer o alçamento tanto de [e] quanto de [o], por ser mais alto que a vogal /u/.

### 6.1.1.7 Vogal da sílaba tônica

**Tabela 8.** Vogal da sílaba tônica<sup>65</sup>

Vogal da sílaba tônica	Amostra de 1988-1989		Amostra de 2006-2007	
	Apl /total	%	Apl /total	%
[a]	9/67	13%	74/791	9%
[ã]	3/26	11%	61/361	16%
[e]	31 /101	30%	122/826	14%
[ɛ]	7/19	36%	43/260	16%
[é]	2 /15	13%	16/163	9%
[i]	27/33	81%	259/606	42%
[ĩ]	9/16	56%	108/295	36%
[ɔ]	8/21	38%	5/54	9%
[o]	6/12	50%	9/181	4%
[õ]	-	-	0/30	0%
[u]	0/2	0%	57/146	39%
[ũ]	1 / 2	50%	11/24	45%

Segundo Câmara Jr (1998), a vogal alta tônica é a responsável pela elevação das pretônicas, fato também comprovado por Schwindt (2002), com a ressalva de que a contigüidade se sobressai em relação à tonicidade. Buscamos, nesta seção, verificar se a altura da vogal tônica

<sup>65</sup> Apresentamos os resultados dessa variável independente por meio de porcentagem, uma vez que o programa GOLDVARB (*for windows*, 2001) não a considerou relevante e por isso a mesma foi excluída da análise binominal que nos oferece os valores em peso relativo.

tem influência no alçamento da pretônica [o] e, posteriormente, apresentamos o contexto contigüidade.

De acordo com os resultados mostrados na Tabela 8, o comportamento das vogais da sílaba tônica se parece com os da vogal seguinte, pois as vogais altas posteriores, [u] (0% para os dados do *corpus* 1 e 39% para os dados do *corpus* 2) e [ũ] (50% para os dados do *corpus* 1; e de 45% para os dados do *corpus* 2) e as altas anteriores, [i] (81% para o *corpus* 1; e de 42% para o *corpus* 2) e a [ĩ] (56% para os dados do *corpus* 1 e 36% para os dados do *corpus* 2), apontam [i,u] como as vogais mais positivas ao alçamento no contexto de sílaba tônica. Verificamos por meio desses percentuais que a vogal posterior alta nasalizada ([ũ]) e a vogal anterior alta oral [i] são, em contexto de sílaba tônica, os ambientes mais favoráveis ao alçamento. Diferindo apenas em relação à vogal posterior alta oral [u] (40% para os dados do *corpus* 2), que figura como ambiente mais favorável ao alçamento do [o] em contexto de vogal da sílaba seguinte.

Mesmo quando excluimos as ocorrências em que a pretônica é átona permanente, observamos que, apesar do valor probabilístico diminuir, 0,627 para [u] e 0,592 para [i], elas permanecem com valores positivos<sup>66</sup>. Esse resultado nos despertou a curiosidade de averiguarmos o porquê de diminuir tanto o resultado probabilístico da vogal [i]. Realizamos mais duas análises apenas com as lexias em que o [o] pretônico era uma vogal sem *status* definido e outra em que era uma átona casual. Verificamos com isso que, no último caso, apenas treze ocorrências apresentaram alçamento, sendo 10 de [pu'triɫo, bu'lita, pu'trio, pu'tria] e 3 de [goɹ'dura], ou seja, mesmo este contexto sendo muito desfavorável ao alçamento, a vogal [i] é o ambiente mais provável para a aplicação da refira regra. Constatamos também que seu poder de alçamento revela-se muito mais favorável quando se trata de vogal [o] sem *status* definido, que é o caso dos paradigmas verbais [po'dzia ~ pu'dzia, ko'mia ~ ku'mia].

<sup>66</sup> Esses resultados foram obtidos a partir de uma reanálise sem a vogal [o] com atonicidade permante. Tais resultados não estão expostos na tabela, pois dependendo dos valores de cada fator lingüístico fomos fazendo novos cruzamentos.

As vogais baixas [a] (13 % para os dados do *corpus 1* e 9% para os dados do *corpus 2*) e [ã] (11% para os dados do *corpus 1* e 16% para os dados do *corpus 2*) constituem um ambiente desfavorável ao alçamento. Porém, ao excluirmos o contexto hiato, verificamos que, no *corpus 1*, houve alçamento da pretônica [o] apenas em 2 vocábulos, dos 61 que apresentaram a vogal [a] em sílaba tônica e que não eram casos de hiato [su'vaka, kura'sãw], e 1 alçamento da referida pretônica com a vogal [ã] ([kũ'paŋa]) em sílaba tônica. É interessante salientarmos que ocorrem vários casos de alçamento da pretônica [o] com atonicidade casual, contexto bastante desfavorável ao alçamento, conforme vemos quando a vogal [a] está em sílaba tônica ([bo'laʃa ~ bu'laʃa, vomita'sãw ~ vumita'sãw, vo'mitu ~ vu'mitu, vomitadu ~ vumitadu, trovo'ada ~ trovu'ada ~ truvu'ada]). Naturalmente não podemos atribuir tais alçamentos a essa vogal somente, pois temos casos de vogal alta na sílaba seguinte, presença de hiato ou, então, no caso de [bo'laʃa], a soma de dois fatores não muito expressivos, mas favoráveis ao alçamento do [o], que é o caso da bilabial precedente e da lateral seguinte. Desconsiderando o caso específico das casuais de modo geral, as vogais centrais baixas [a,ã], em contexto de sílaba tônica, (com percentual mais elevado de 16% para os dados do *corpus 2*, quando a vogal da sílaba tônica é a vogal central baixa nasalizada) são desfavoráveis ao alçamento.

Em relação à vogal [ɛ] (36% para os dados do *corpus 1* e 16% para os dados do *corpus 2*), esta apresenta-se como a vogal mais favorável ao alçamento depois das vogais altas posterior e anterior, seguida da vogal média fechada [e] com percentual de 30% para os dados do *corpus 1* e 14% para os dados do *corpus 2*. Já a vogal média nasalizada [ẽ] apresenta-se como a menos favorável das três vogais médias anteriores, com percentual de 13% para o *corpus 1* e de 9% para o *corpus 2*. Verificamos que as duas últimas se comportam de modo parecido ao das vogais [a,ã] em sílaba tônica, com percentuais bastante parecidos e relativamente baixos. Além disso, observamos que, tratando-se da vogal [o] com atonicidade casual, nunca ocorre alçamento em vocábulos como ([mo'lera, no'zẽta]). O mesmo ocorre quando se trata da vogal [o] sem *status* definido, pois não houve nenhum alçamento em vocábulos como

[ʃo've, so'key, ʒo'gey]. Sendo assim, o percentual de alçamento dessas vogais em sílaba tônica deve-se ao contexto de [o] pretônico como uma vogal permanente (koto'velu ~ kuto'velu ~ kotu'velu ~ kutu'velu, ʒo'eʎu ~ ʒo'eʎu]).

Por fim, verificamos as vogais médias posteriores. A tabela 6 mostra-nos que a vogal [õ], que em sílaba seguinte é muito desfavorável, aqui em sílaba tônica não age diferente, pois não observamos alçamento nos 30 vocábulos ocorridos no *corpus 2*<sup>67</sup>. Já as vogais [ɔ] (com percentual de 38% para os dados do *corpus 1* e 9% para os dados do *corpus 2*) e [o] (50% para os dados do *corpus 1* e 4% para os dados do *corpus 2*) apresentam comportamento diferenciado para os dois *corpora*. Aparentemente houve mudança na aplicação de alçamento quando essa vogal está em sílaba tônica, porém o número de ocorrências do *corpus 1* (21 de [ɔ] e 12 de [o]) não nos autoriza a afirmar isso categoricamente. Porém ao observarmos os itens lexicais em que ocorre o alçamento da pretônica [o] com essas vogais em sílaba tônica, no *corpus 1* ([kua'doɿ, lubi'zɔme, trupɿ'ko]), e no *corpus 2* ([kolestɛ'row, kuber'toɿ, kūputa'doɿ, mudʒifi'ko, lubi'zɔme, kūsuɿ'to]), vemos que nos dois *corpora* há outros ambientes favorecedores de alçamento (hiato e vogal alta seguinte). Dessas palavras, apenas [kuber'toɿ] não tem tais contextos, mas apresenta a velar precedente e a bilabial seguinte, que são contextos favoráveis ao alçamento. Sendo assim, seu poder de favorecimento pode ser discutido, pois ocorre justamente em palavras que apresentam o [o] em hiato ou como vogal alta na sílaba seguinte.

Voltando a Bisol (1981), Schwindt (2002) e Kailer (2004), ratificamos nossos resultados de que as altas [i,ĩ], principalmente em sílaba tônica, são contextos favoráveis ao alçamento, melhorando este índice apenas quando se trata dessa vogal alta, oral tônica contígua, conforme veremos adiante.

Tais resultados das vogais em sílaba seguinte e vogal da sílaba tônica apontam para a homorganicidade e para a harmonização vocálica, ou seja, a tendência é as vogais altas propiciarem que a média pretônica fique da mesma altura, ou seja, assimilem o traço mais alto da

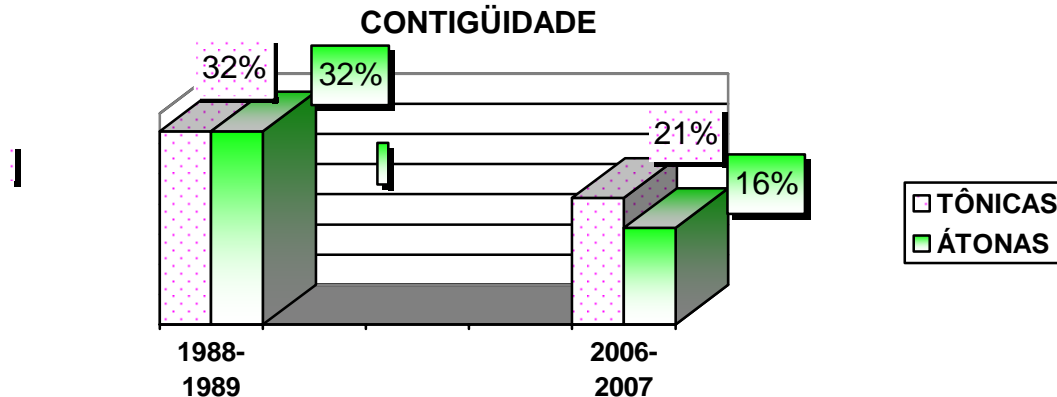
<sup>67</sup> Não houve vocábulos com essa vogal em sílaba tônica no *corpus 1*.

vogal seguinte, e as vogais médias tendem a manter a altura da vogal pretônica [o], principalmente quando as vogais seguintes forem as médias [õ, o, õ].

Na próxima seção, apresentamos, por meio de gráficos<sup>68</sup>, os resultados, em percentuais, das variáveis (contigüidade, nasalização, atonicidade), que também foram descartadas pela análise binominal.

### 6.1.1.8 Contigüidade

Bisol (1984), Silva (1989) e Schwindt (1997, 2002) apresentam resultados semelhantes em relação à contigüidade, ou seja, todos atestam que uma vogal tônica contígua é um contexto favorável ao alçamento das pretônicas.



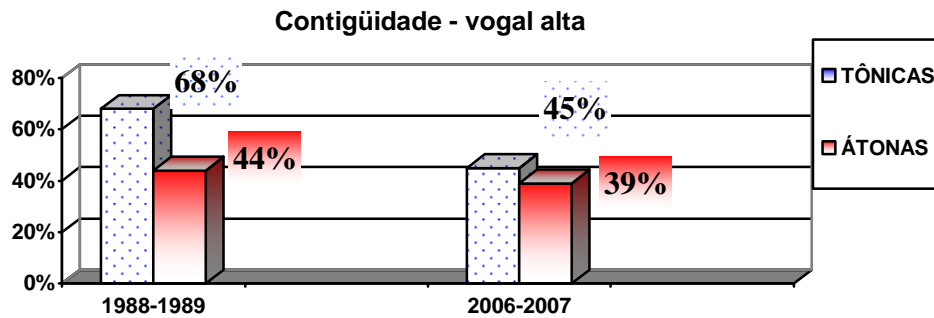
**Gráfico 1.** Pretônica /o/ - Vogais contíguas.

Kailer (2004), porém, verifica que apenas o contexto tônica contígua com vogais altas é que favorece o alçamento ([bo 'nita, goɹ 'dura]). Nossos resultados do *corpus* 1 mostram que a tonicidade da vogal contígua é indiferente. Já os resultados do *corpus* 2, corroboram os de Bisol (1984), Silva (1989), Schwindt (1997, 2002), pois as vogais tônicas seguintes são mais

<sup>68</sup> Usamos gráficos para apresentar esses contextos, porque acreditamos que neles os percentuais terão uma melhor visibilidade que em tabelas.



favoráveis que as átonas contíguas. Porém, ao analisarmos apenas com vogais altas contíguas, verificamos que o percentual, no *corpus* 1, sobe para 45 % para as tônicas e 39% para as átonas.

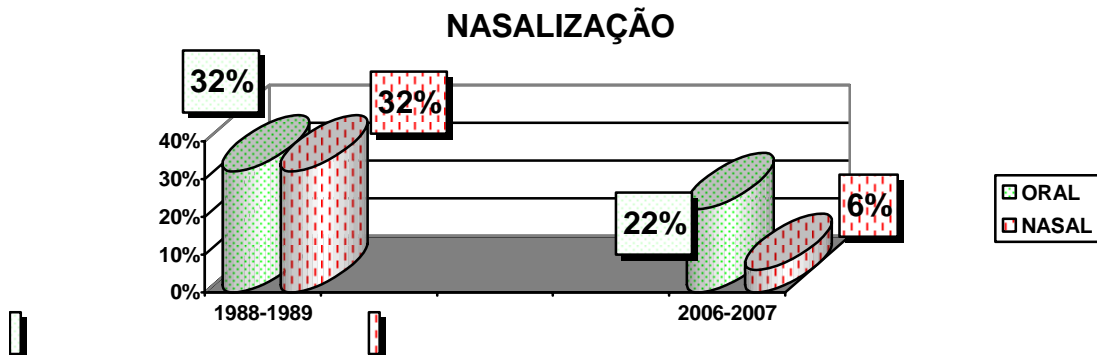


**Gráfico 2.** Pretônica /o/ - Vogais altas contíguas.

Como podemos ver nos Gráficos 1 e 2, a vogal tônica subsequente, mesmo não sendo um fator primordial, será mais favorável se for uma vogal alta em sílaba seguinte ([bo 'nita, goɹ 'dura]), para os dois *corpora*.

#### 6.1.1.9 Nasalização

De acordo com Silva (2001, p. 33), uma vogal é nasalizada quando em sua emissão a passagem de ar é obstruída completamente, o véu palatino abaixa-se e o ar dirige-se às cavidades nasal e oral. Bisol (1981), ancorada em Fant (1960) acrescenta que a nasalidade está ligada a problemas de ressonância e percepção, o que lhe atribui as seguintes características: enfraquecimento do formante 1, frequências mais altas e aparecimento de formantes extras. Afirma, ainda, que o fato de haver mudanças de timbre (abaixamento, centralização) justifica a inclusão desse contexto no estudo do alçamento das pretônicas.



**Gráfico 3.** Pretônica /o/ - Nasalização

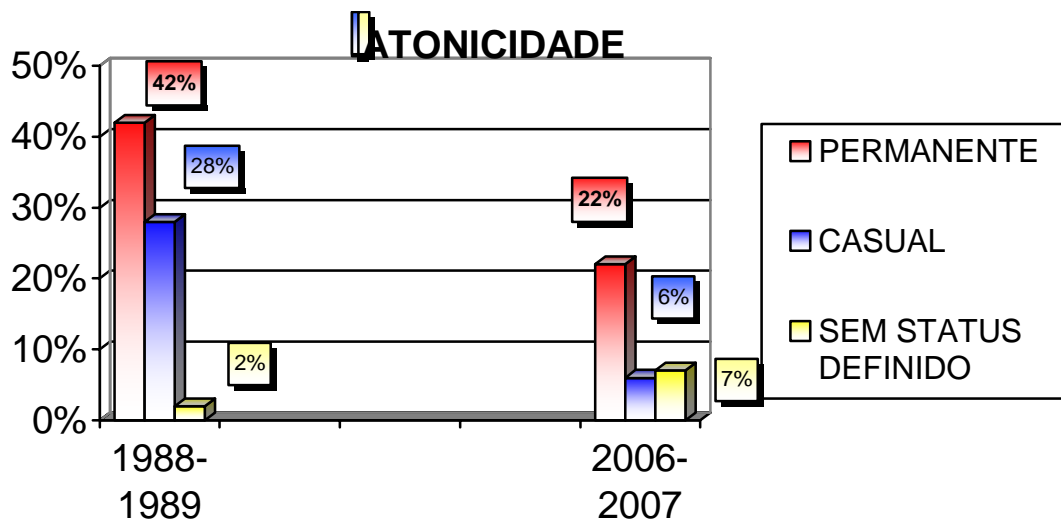
Apesar de a nasalização ter sido o penúltimo dos contextos selecionados pela análise binominal como significante no *corpus 2* e descartado no *corpus 1*, observamos que, neste *corpus*, elas são realmente insignificantes, pois a vogal pretônica [o] apresenta o mesmo percentual de alçamento nos dois ambientes.

Já nos dados do *corpus 2*, fica latente, pelo percentual, que a vogal [o] nasalizada (6%) [kõpri 'mido ~ kũpri 'midu, kõse 'gia ~ kũse 'gia] constitui um ambiente bem menos favorável do que a oral [o] (22%). Todavia, observando seu peso relativo, uma vez que no *corpus 2*, o programa considerou relevante para a análise binominal, verificamos que também estão muito próximos da neutralidade, com probabilidade de 0,532 para as orais e de 0,415 para as nasais.

Esse resultado, que aponta as orais, apesar da pouca significância, como mais favoráveis ao alçamento do [o] pretônico, tem apoio nos estudos de Bisol (1981, 1984), de Schwindt (1997, 2002) e de Kailer (2004), que também verificaram que esse contexto é mais favorável ao alçamento, principalmente da média posterior [o], enquanto a nasalidade favorece o alçamento do [e].

### 6.1.1.10 Atonicidade

Segundo Bisol (1984, p. 89), a atonicidade é responsável por parte da variação sofrida pelas línguas de origem latina, e as vogais com atonicidade permanente são mais suscetíveis a variações que as vogais com atonicidade casual.



**Gráfico 4.** Pretônica /o/ - Atonicidade.

Como os resultados apresentados no Gráfico 4 atestam, as pretônicas com atonicidade casual ([goɫ'dura])(28% no *corpus* 1 e 6 % no *corpus* 2) e as pretônicas sem *status* definido([po'dʒia]) (2%no *corpus* 1 e 7 % no *corpus* 2) tendem a manter a altura da vogal da palavra de origem, ou seja, média fechada [o]; já as permanentes ([ko'madrɐ])(42% no *corpus* 1 e 22% no *corpus* 2) constituem ambiente propício ao alçamento, corroborando a afirmação de Bisol (1984) e os resultados constatados por Kailer (2004).

Diante desse resultado, buscamos analisar o alçamento do [o] de acordo com cada uma das atonicidades. Todavia só foi possível termos resultados relevantes em relação às permanentes, pois, em se tratando das casuais e das sem *status* definido, tivemos nocautes, o

que nos obrigou a eliminar muitos fatores. Além disso, a análise binominal também eliminou outros. Por isso citamos, no decorrer da análise, os resultados desses contextos, somente quando os mesmos demonstraram comportamentos diferenciados quanto ao favorecimento de um ou de outro fator em relação ao alçamento.

#### 6.1.1.11 Algumas considerações

A partir do que observamos até agora, podemos dizer que a vogal posterior [o] continua sendo regida pelos mesmos princípios fonéticos que a regiam há 18 anos atrás. Vogal alta na sílaba seguinte e vogal pretônica [o] seguida por uma vogal são certamente os contextos que mais proporcionam alçamento. As palatais, tanto no contexto precedente quanto no seguinte, foram as consoantes adjacentes que se mantiveram muito favoráveis à aplicação da regra de alçamento, seguidas da velar [k] precedente. O modo de articulação mostrou pouca relevância na aplicação da regra de alçamento, sendo as oclusivas e as fricativas os mais prováveis ambientes para o alçamento do [o].

A atonicidade do [o] parece relevante, visto que as permanentes continuam agindo positivamente enquanto as casuais são praticamente inibidoras do alçamento da pretônica. Finalmente, verificamos que a vogal pretônica oral que possui uma vogal contígua tônica demonstra estar mais suscetível ao alçamento.

Quanto à estrutura da sílaba, apenas a sílaba travada por uma alveolar sibilante, como, por exemplo, no *corpus* 1 [kos'leta ~ kus'leta] e no *corpus* 2 [kustu'reyra ~ kustu'reyra], destacou-se como o ambiente mais favorável nos dois *corpora*.

## 6.1.2 Vogal Média Pretônica Anterior

### 6.1.2.1 Contexto Precedente – Ponto de articulação

**Tabela 9.** Contexto fônico precedente – Ponto de articulação.

Contexto Precedente	Amostra de 1988-1989			Amostra de 2006-2007		
	Apl. / Total	P.R .	%	Apl. /Total	P.R .	%
Início de palavra	35 /35	-	100%	430/517	0,847	83
Precedido de vogal	71 /76	0,970	93	530/ 588	0,980	90
Bilabial	21 / 97	0,388	21	259 /1076	0,604	24
Labiodental	4 /57	0,121	7	97 / 508	0,497	19
Linguodental	23 / 70	0,482	32	203/1108	0,489	18
Linguoalveolar	27/113	0,531	23	242 / 1380	0,665	19
Vibrante(alveolar)	15 /51	0,202	29	2/42	0,169	0
Velar	8 / 39	0,243	20	61 / 421	0,388	14
Palatal	6 / 25	0,223	24	19 / 217	0,292	8

O contexto ponto de articulação precedente não foi considerado relevante para o alçamento do [e] nos dados de 1988 e 1989. No *corpus 2*, de 2006-2007, apresentou-se como o último contexto mais relevante. Porém, em outros estudos, é considerado como um dos responsáveis pela manutenção ou alteração da altura das pretônicas. Como observamos que a maioria desses estudos não trata do modo de articulação, tentamos excluir este contexto, e verificamos com isso que o programa incluiu o ponto de articulação como relevante na análise do *corpus 1*.

Verificamos na tabela 9 que, o contexto início de palavras precedido por uma vogal [a#is 'kɔla, o#is 'tomago, ew#iski 'si] com o resultado de 0,980 para o *corpus 2*; e de 0,970 para o *corpus 1*, parece ser uma regra categórica de alçamento da pretônica [e]. No *corpus 2*, parece até mais favorável que o contexto inicial absoluto (0,847), porém, no *corpus 1*, verificamos que o contexto inicial absoluto (100%) não apresentou variação [#ivi 'ta,

#iduka 'sãw̃, #i 'zato]. Todas as ocorrências nesse contexto apresentaram alçamento, ou seja, nos dados de 1988 e 1989 a aplicação do alçamento em início de vocábulo em Pato Branco e em Foz do Iguaçu na fala dos quatro informantes revelou-se como uma regra categórica. Esses comportamentos condizem com os resultados de Schwindt (1997), que também verifica o contexto inicial como muito favorável ao alçamento do [e].

Com um exame minucioso observamos, no *corpus 2*, que, das 960 realizações da pretônica [e] de forma alçada, apenas [#iduka 'sãw̃, #idukasyo 'naw, #ilu 'ziw, #ivi 'tey] não apresentam o [e] nasal ou seguido por [s,z], que são contextos altamente favoráveis ao alçamento, conforme observam Pontes (2000) e Pontes e Kailer (2001). Por outro lado, nas 145 ocorrências que preservam a altura do [e], 69 apresentam a consoante seguinte [z], 36 de [s] e 6 de [ẽ]. Diante disso, parece-nos que o favorecimento do contexto inicial ao alçamento da pretônica [e] está relacionado a esses fatores e também à vogal alta da sílaba seguinte, visto que em vocábulos como [#e 'lastiko, #e 'zɛɹsito, #ekono 'mia, #eleva 'doɹ, #ema 'toma, #e 'lɛtriko, #ele 'fãte, #ele 'vado, #edre 'dõ, #ese 'sãw̃] não ocorre alçamento da pretônica média anterior no falar investigado.

Silva (1989, p. 230) propõe a seguinte regra categórica para o contexto inicial absoluto: “uma vogal pretônica não-recuada se torna alta em posição inicial absoluta, se é seguida na mesma sílaba por uma consoante e sibilante ou chiante surda[+coronal – soante + continua – sonora]”. Conforme Naro (1973, p. 39), esse comportamento do [e] seguido por [s] é bastante antigo, “remonta aos primeiros registros do terceiro século da península ibérica” e “não atinge apenas a maioria dos falares brasileiros, mas também outras comunidades onde essa língua é falada”.

As consoantes bilabiais [me 'ninu, pe 'kenu, be 'zouru], com probabilidade de 0,604 nos dados do *corpus 2*, apresentam-se mais favoráveis ao alçamento da pretônica [e] do que as labiodentais (0,497) em vocábulos como [feliz, trave 'seyro]. Retornando aos dados, verificamos que o favorecimento das labiais muito se deve à vogal da sílaba seguinte, pois apenas as lexias [be 'zexu, be 'zouru, pe 'kenu] não possuem contexto de vogal alta na sílaba seguinte, ou [e] seguido por vogal. Observamos também que a consoante [m] não

apresentou alçamento em palavras como [me'ʎɔɫ, me'tade], ou seja, restringiu-se a ambiente favorável apenas quando apresenta uma vogal alta na sílaba seguinte. Mesmo assim as palavras [mēstru'aɫ, mēstrua'sãw̃, medʒika'mētu] não apresentaram alçamento do [e]. Em relação ao *corpus* 1, as bilabiais (0,388) [pe'legu, pe'ladu, pedre'guʎu, peɫni'lōgu, peɫ'dʒidu, be'xuga, bēze'dera] pareceram desfavoráveis, pois apresentaram alçamento apenas nas seguintes lexias [pi'kenu, pikini'nɪɯ, midʒika'mētu<sup>69</sup>, mis'truiz, pīdu'rado, bi'ruga, pi'dʒidu]. Com exceção de [pe'kenu], todas as demais apresentam contexto de vogal alta em sílaba seguinte.

As labiodentais [f,v](0,497) também apresentaram comportamento semelhante, pois parecem não constituir um ambiente propício ao alçamento. Entretanto este desfavorecimento acentua-se no *corpus* 1, no qual apresenta a probabilidade de (0,121). Observando as ocorrências de alçamento da pretônica, no *corpus* 2, verificamos que ele ocorre apenas nos casos de contexto de vogal alta seguinte ou do [e] seguido de vogal, [vi'ado, fi'rida, vis'tʃidu]. A primeira possui contexto [e] seguido de vogal, que é quase categórico no favorecimento do alçamento, como veremos posteriormente, o segundo possui vogal alta seguinte e o terceiro possui, além de vogal alta na sílaba seguinte, a sibilante [s] em contexto seguinte. Fato semelhante ao ocorrido no *corpus* 1, no qual as lexias como [fe'xãw̃, fe'ʃadu, veɫ'dura, vene'nozu, vētã'nia, feɫ'via], que apresentam ambientes como atonicidade casual ou sem *status* definido da pretônica [e] ou em sílaba travada pela alveolar retroflexa, não ocorre nenhum caso de alçamento.

Sendo assim, os resultados das labiais no *corpus* 2, apesar de próximos à neutralidade, conforme os resultados de Bisol (1981), Pereira (1997), Kailer e Pontes (2001), entre outros, parece ser na verdade um contexto pouco favorável ao alçamento, uma vez que mesmo as palavras [mēstru'aɫ, mēstrua'sãw̃, vestʃibu'laɫ], que têm o contexto alta seguinte, nunca se realizam com o [e] alçado. Encontramos consonância disso em Bisol (1981, p. 95). Segundo a autora, esse comportamento perante o alçamento se deve ao fato de “ não estar em

<sup>69</sup> É interessante ressaltar que a lexia [medʒika'mētu] apresenta comportamento diferente nos dois *corpora*. No primeiro, ela se realiza com a pretônica alçada, já no segundo isso nunca ocorre.

jogo, na articulação de uma labial, a altura da língua em que o processo de assimilação que governa a harmonia se fundamenta”. Agindo, portanto, positivamente apenas em relação à média posterior.

Por outro lado, Sá Nogueira (1958, p.123-5), apresenta dois princípios (o de antecipação e o de acomodação<sup>70</sup>) que governam o processo de assimilação. O primeiro propicia a ocorrência da harmonização vocálica [mi 'nino, ku 'ruza] e o segundo busca a articulação mais fácil [bu 'neka, fu 'gete]. Nossos resultados, como vimos, parecem apontar para o princípio de antecipação, principalmente quanto ao alçamento do [o]. Já em relação ao [e], há também a ação deste princípio, mas ele não atua em todas as lexias como já exemplificamos.

Quanto às alveolares, separamos as vibrantes [r] das demais [l,z,s,r]. As vibrantes, (0,169) no *corpus* 2, foram quase categóricas no favorecimento da manutenção da altura da vogal [e], pois houve apenas dois casos de alçamento [ri 'vista] na fala de um único informante de Pato Branco. Nas demais ocorrências [re 'ziãw, re 'medzio, re 'seyta], a altura do [e] foi preservada, comportamento que também manifestaram em relação ao [o]pretônico. As demais alveolares constituem ambiente favorável ao alçamento com probabilidade 0,665 [fale 'sidu, pre 'sizu, se 'gidu, pare 'sida, dezêpre 'gada]. Porém, ao fazermos uma busca pelos itens em que ocorreu alçamento, notamos que o contexto de início de vocábulo, precedido por um item que terminava com alguma alveolar, poderia estar interferindo nesse resultado [por#ê 'kwãto, fez#e 'xame, naz#is 'kola]. Sendo assim, retornamos aos dados, excluímos tais contextos e tivemos a constatação de que no falar destas duas regiões, as alveolares são na verdade ambientes neutros ao alçamento (0,504).

No *corpus* 1, as vibrantes alveolares (0,202), apesar de desfavoráveis, permitiram ocorrências de alçamento se houvesse outros contextos favoráveis, conforme verificamos na fala dos dois informantes de Pato Branco [ridzi 'mũpu, kaɣmari 'ãdu, karya 'du]. Podemos notar que nestes vocábulos em que o [e] é elevado para [i] e em [ri 'vista], há geralmente um dos contextos seguintes favorecedores, ou seguido de vogal ou vogal alta seguinte, os quais

<sup>70</sup> Conforme já mencionamos, quando tratamos da posterior, o princípio de antecipação é o que resulta da tendência que temos de procurar preparar-nos para praticar um acto posterior quando estamos praticando outro anterior. O princípio de acomodação é o que nos leva a procurar praticar as operações articulatorias por uma ordem menos trabalhosa, mais conveniente (SÁ NOGUEIRA, 1958, p. 123-5).



provavelmente influenciaram positivamente na ocorrência do alçamento. As demais alveolares apresentaram probabilidade de 0,531, ou seja, mesmo diante de contextos favoráveis revelaram-se muito próximas à neutralidade<sup>71</sup>.

Para Bisol (1981), as alveolares demonstraram-se favoráveis, na fala popular dos metropolitanos (0,62); desfavoráveis na fala culta dos metropolitanos (0,40) e na fala dos demais grupos (italianos (0,28), alemães (0,26), fronteiriços (0,16)). Todavia Bisol, pelos exemplos [ne'gɔsyu] e [te'midu], considera as dentais como alveolares, fatores que aqui analisamos separadamente. Além dos dessa autora, nossos resultados diferem dos de Silva (1989, p. 160) a qual apresenta as alveolares como ambiente favorável ao alçamento do [e], inclusive em vocábulos como [si'bola, siɫ'visu]. No falar das cidades que estamos analisando, constatamos apenas duas ocorrências de alçamento da palavra [si'bola], na fala de um senhor com pouca escolaridade na cidade de Pato Branco. Na fala dos demais informantes, esses dois vocábulos nunca apresentam alçamento.

As consoantes linguodentais [t,d<sup>72</sup>,n] apresentam-se como ambiente próximos da neutralidade em relação ao alçamento da pretônica [e] [des'ku:pa, fute'bow, kaɫne'ava], tanto no *corpus* 1 (0,482) quanto no *corpus* 2(0,489). No *corpus* 1, observamos os vocábulos em que o alçamento ocorreu [dʒis'trɔy, dʒiskō'fia, dʒisnoɫʃi'ado, ni'brina, #ĩtʃĩ'dʒida] e constatamos que mais uma vez os contextos muito favoráveis ao alçamento, vogal alta seguinte, início de vocábulo, seguido de vogal ou, então, a vogal [e] é seguida pela sibilante, certamente interferem positivamente na aplicação do alçamento do [e] precedido por uma linguodental. Neste sentido, o favorecimento das dentais não acontece em ambientes que já não tenham sido apontados como favoráveis ao alçamento das pretônicas, ou seja, elas também não são contextos subjacentes favoráveis ao alçamento. Quanto ao *corpus* 2, verificamos que os vocábulos que apresentam alçamento também trazem esses ambientes favorecedores. Mesmo assim, a linguodental [n] apresentou alçamento apenas na lexia

<sup>71</sup> Não temos a probabilidade das vibrantes porque, ao excluirmos os contextos mais favoráveis, o programa não considerou relevante o ponto de articulação precedente e seguinte, talvez por ter diminuído muito o número de ocorrências do *corpus* 1, que já era pequeno.

<sup>72</sup> É importante salientar que nos dois *corpora* as linguodentais [d,t] realizam-se como linguoalveolares quando precedem a pretônica [e] alçada. Não foram, entretanto, agrupados juntamente com os fonemas linguoalveolares.

[kaɽni 'ava], que possui hiato, contexto muito favorável ao alçamento. Nas demais, como [ne 'blina], o alçamento não se realizou, mesmo diante do contexto vogal alta seguinte.

Retornando a Bisol (1981), que analisa essas consoantes juntamente com as alveolares, verificamos que tal comportamento se deve ao fato de não apresentarem uma articulação alta. Ou seja, são articuladas com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente fique levantada. Isso faz com que tenham tendências a não alçar, visto que não têm pontos semelhantes com os das vogais altas (BISOL, 1981).

As consoantes velares, segundo Bisol (1981), deveriam favorecer o alçamento das prêtonicas, já que suas articulações não apresentam um ponto fixo, acomodando-se conforme a vogal com a qual são emitidas. Talvez por serem produzidas pelo levantamento da parte posterior da língua contra o palato mole, são neutras com relação à pretônica [o]. Quanto ao [e], constituem um ambiente desfavorável ao alçamento no *corpus* 1 (0,243) e no *corpus* 2 (0,388), em vocábulos como [ke 'ria, axepi 'ada]. Constatamos, no *corpus* 2, que até mesmo em ambientes de vogal alta em sílaba seguinte muitas vezes não favorecem o alçamento como ocorre, por exemplo, em [xezis 'tyu, xezyona 'lismu, xeti 'rada, xelizi 'ozu]. Verificamos, também, que no falar dessas duas regiões as velares [k,x] só atuam favoravelmente quando combinadas com o contexto vogal alta na sílaba seguinte [ke 'ria, xe 'vista, xe 'ziãw̃], mesmo assim, os dois últimos citados apresentaram pouquíssimas ocorrências de alçamento, ou então quando o [e] é seguido por uma vogal, como em [ʃaɽke 'aɽ].

Observamos esse mesmo comportamento no *corpus* 1, ou seja, o alçamento acontece apenas nesses mesmos ambientes, conforme os exemplos atestam: [ki 'ria, kaxya 'do, pikini 'nipo, k#iskoxe 'gey]. Diferente do que observam Bisol (1981), Schwindt (1997) e Silva (1989) que constatarem que a velar é favorável ao alçamento do [e]. Como nossos resultados parecessem divergir dos demais autores, fomos verificar as ocorrências que trazem os anexos de alguns desses estudos.

Constatamos, por exemplo, que as realizações do [e]pretônico precedido por uma velar, no trabalho de Bisol (1981, p. 288-322), também trazem uma vogal alta na sílaba seguinte. Ou, então, há uma vogal alta na sílaba tônica que provavelmente auxiliou no alçamento da pretônica, que favoreceu o alçamento da antepretônica [xisi 'bia, xisi 'bidu,

**xipi 'tʃida]**. Nos dados de Silva (1989, p. 347-371) também observamos que nas ocorrências em que as velares apresentam o [e] alçado, há uma vogal alta na sílaba seguinte, ou seja, a influência da velar nestes casos pode também sofrer influência do contexto favorável de vogal alta na sílaba seguinte, visto que, como aconteceu nos dados de nossos dois *corpora*, em ambientes sem vogal alta na sílaba seguinte e sem o contexto seguido de vogal, estas consoantes não apresentam ambiente favorável para o alçamento da pretônica [e].

As palatais, no *corpus 1* (0,223) e no *corpus 2* (0,292), constituem ambiente desfavorável ao alçamento. No *corpus 2*, só apresenta a vogal [e] alçada se na sílaba seguinte houver a vogal alta [i] [tãʒi 'rina, miʒi 'rika, koɲi 'sia], ou se for seguido de vogal, como aconteceu nas duas ocorrências de [#omenaʒi 'adu]. Isso também acontece nas ocorrências em que o [e] realiza-se de forma alçada no *corpus 1* [ʒĩ 'ʒiva, kuɲi 'si(2x), kuɲisi 'mētu, ʒi 'ada, ʒi 'ʒũ]. Este resultado está em sintonia com os resultados apresentados por Silva (1989), para quem as palatais (0,30) mostram-se desfavorecedoras de alçamento das vogais. Encontra também respaldo em Bisol (1981), que constata a necessidade de uma vogal alta na sílaba seguinte para que haja alçamento da pretônica precedida pelas palatais. Por fim, encontramos eco em Pontes e Kailer (2001), que confirmam nossos resultados, pois apontam palatais (0,27) como ambientes desfavoráveis no falar rural de quatro cidades do Oeste paranaense. Além desses autores, Schwindt (1997) também verifica o mesmo comportamento das palatais.

As palatais apresentam-se como ambiente desfavorável ao alçamento do [e] pretônico. Para que este fenômeno ocorra, quando o [e] é precedido por uma palatal, é necessário que haja no vocábulo o contexto vogal alta seguinte ou o [e] pretônico seja seguido de vogal. Das 217 ocorrências de [e] precedido de palatal no *corpus 2*, apenas 19 alçaram, e no *corpus 1* apenas 6 das 25 ocorrências apresentaram alçamento, nos contextos já mencionados.

### 6.1.2.2 Contexto Seguinte – Ponto de articulação

**Tabela 10.** Contexto fônico seguinte.

Contexto seguinte	Amostra ALPR (1994)			Amostra de 2006 a 2007		
	Apl. / total	P. R.	%	Apl. / total	P. R.	%
Bilabial	9/69	0,314	13	174/733	0,420	23
Labiodental	1 /11	0,047	9	21 /263	0,159	7
Linguoalveolar	116 /309	0,512	37	1089/ 2925	0,542	37
Linguodental	31/72	0,478	43	240 / 810	0,391	29
Velar	23 / 50	0,653	46	147 / 574	0,575	25
Palatal	15/28	0,584	53	133 /282	0,490	47
Hiato	14 /24	0,832	58	90 /163	0,910	55

Conforme Pontes e Kailer (2001) afirmam, os contextos de consoantes tanto precedente quanto seguinte não são os principais responsáveis pela aplicação da regra de alçamento. Isso é confirmado pelos resultados apontados pela Tabela 10, na qual verificamos que apenas o contexto seguido de vogal, com probabilidade de 0,832 no *corpus* 1 e com probabilidade de 0,910 no *corpus* 2, é muito favorável ao alçamento. No segundo *corpus*, se não fossem as ocorrências do vocábulo [te'atro], que apresentou poucos casos de alçamento, seria quase categórico, pois em vocábulos como [#omenaze'ado ~ omenaʒi'ado, ʒe'ada ~ ʒi'ada, ve'ado ~ vi'ado, kaɹde'aw ~ kaɹdʒi'aw, kãpeo'nato ~ kãpyo'nato, ã'teõte ~ ã'tʃiõte, ʃaɹke'aɹ ~ ʃaɹ'kya, kaɹne'ava ~ kaɹ'nyava, klare'aɹ ~ klari'a, pe'ãw ~ pi'ãw] o alçamento é muito recorrente. Este último exemplo não apresenta diferenciação quando se refere a pessoa, a parte da planta ou a brinquedo. As duas formas são realizadas com a vogal [e] alçada. Já a lexia [ve'ado], quando é usada com sentido pejorativo, sempre ocorre com a vogal [e] alçada. Ao referir-se ao animal, porém, o [e] ora ocorre de forma alçada ([i]) ora mantém a altura da vogal [e]. Pontes e Takachi (2002) também verificam, ao estudarem o abaixamento de [e] e [o] pretônicos e a ditongação de hiato nos Atlas

Lingüísticos regionais, que as lexias [ʒe'ada ~ ʒi'ada, kaxe'a'doɹ ~ kaxia'doɹ, balãse'ada ~ balãsi'ada] apresentam predominantemente a forma alçada. Notamos que, conforme os exemplos dos autores, os nossos também apresentam a vogal ([a]) seguinte tônica, com exceção, apenas, das raras ocorrências de [õ] e [o] em [ã'tyõte] e [kãpyo'nato], que sempre alçam o [e] pretônico. Neste sentido, não podemos discutir a questão de ser uma tônica seguinte mais favorável ao alçamento, conforme o fez Silva (1989), pois a escassez de dados com a segunda vogal sendo átona não nos permite tal afirmação, visto que as duas ocorrências de átonas seguintes eram do mesmo vocábulo [kãpyo'nato] e ambas apresentaram a pretônica [e] alçada. Com esses resultados mais uma vez a “Lei de Oliveira” é corroborada no falar paranaense, ou seja, o contexto de pretônica seguido de vogal é o ambiente mais condicionador do alçamento das pretônicas [e] e [o], como já dissemos anteriormente.

As velares, no *corpus* 1 (0,653) e no *corpus* 2(0,575), revelam-se favoráveis em relação ao alçamento da pretônica [e] [pe'kenu ~ pi'kenu, kōse'gia ~ kūse'gia, fe'xuzê ~ fi'xuza]. É interessante vermos que essas consoantes apresentam relativa elevação na probabilidade quando excluímos os demais contextos favoráveis, pois, no *corpus* 2, passou para 0,626, ou seja, enquanto a maioria dos contextos diminuem sua força quando perdem outros ambientes favoráveis, as velares confirmam o seu poder de favorecer o alçamento da pretônica [e] quando estão diante de contextos adversos. Essa positividade das velares em relação ao alçamento deve-se ao fato de possuírem articulação alta, o que já foi depreendido por Bisol (1981), Silva (1989), Pereira (1997) e Schwindt (1997), entre outros que também constatam que essas consoantes são favoráveis ao alçamento da pretônica [e].

As consoantes linguoalveolares [z,s,l,r] apresentaram probabilidade de (0,512) no dados do *corpus* 1 e de 0,542 nos dados do *corpus* 2, em vocábulos como [koŋe'sidu, des'viu, ape'lidu]. Averiguamos o comportamento das alveolares, no *corpus* 2, também sem os contextos seguintes de vogal alta na sílaba subsequente e em que o [e] é início de vocábulo. Contatamos, com isso, que seu peso relativo passa para 0,560, confirmando que, apesar de próximo à neutralidade, tal favorecimento é de responsabilidade delas e não dos demais contextos favoráveis.

Desde as primeiras análises, percebemos que a alveolar retroflexa se comportava diferentemente das demais. Tal contexto em trava silábica já tinha sido apontado por Pontes e Kailer (2001) como ambientes inibidores do alçamento da vogal [e], como em [tubɛɹku' lɔze, ẽfɛɹ' meyra, nɛɹ' vozo]. Fizemos, então, uma análise separando-as e confirmamos tal comportamento. Das 47 ocorrências de [e] sucedido por uma retroflexa, não houve um alçamento sequer, o mesmo observamos nas 208 ocorrências do [e] seguindo por essa alveolar. Bisol (1981) e Pereira (1997) constatarem que as alveolares, por não terem articulação alta, são ambientes neutros para o alçamento das pretônicas, porém não salientam se fizeram análises separadas das retroflexas.

Neste sentido, Bisol (1984) retoma a fala de Potter et al. (1966) e afirma que

“o articulador, durante a produção da vogal alta, necessita mover-se rapidamente para ajustar-se ao ponto de produção da alveolar seguinte.”[...] “assumindo-se, portanto, que a alveolar está mais próxima, articulatoriamente, das baixas que das altas, infere-se que a combinação alveolar e vogal média ou vice-versa não é contexto que motive a aplicação da regra que eleva a pretônica, e explicam-se os resultados da análise estatística” (POTTER et.al., 1966 apud BISOL, 1984, p. 87).

O comportamento da retroflexa, neste estudo, encontra, como já mencionamos, respaldo nos resultados de Kailer (2004) e de Pontes e Kailer (2001), pois ao constatarem que, em trava silábica, o [e]pretônico nunca alça, como em [tubɛɹku' lɔze, ẽfɛɹ' meyra, nɛɹ' vozo] e conforme veremos quando tratarmos da pretônica [e] em trava silábica.

As linguodentais [me' nino ~ minino, pale' tɔ ~ pali' tɔ akre' dita ~ akri' dita] apresentam mudança de comportamento de um *corpus* para o outro. No *corpus* 1 (0,478), constituem um ambiente próximo à neutralidade, já no *corpus* 2 (0,391) constituem um ambiente desfavorável ao alçamento da pretônica [e]. Todavia, ao excluirmos o contexto início de vocábulo [#eduka' sãw ~ #iduka' sãw], no *corpus* 2, verificamos que o ambiente de linguodentais diminui o favorecimento (0,365). Quanto ao *corpus* 1, ao excluirmos os ambientes início de vocábulo e vogal alta na sílaba seguinte, verificamos que não restaram vocábulos com a pretônica [e] alçada com o contexto seguinte preenchido por uma linguodental, pois o alçamento ocorreu em [redzi' mũno ~ ridzi' mũno, pe' dzidu ~ pi' dzidu, medzika' mētu ~

midzika'mētu, #eduka'sãw ~ #iduka'sãw, #ẽ'tãw ~ #ĩ'tãw, pẽdu'radu ~ pĩdu'radu]. Essa atuação também é conferida por Freitas (2001), para quem as alveodentais favorecem a manutenção da média [e]; e por Pontes e Kailer (2001), que estudam o alçamento dessa vogal no falar rural de quatro cidades das regiões Oeste e Sudoeste paranaense (Guaraniaçu, Cascavel, Dois Vizinhos e Palmas) e também verificaram que as bilabiais (com valor de 0,40) e as labiodentais (com 0,21) são desfavoráveis ao alçamento. Bisol (1981) e Pereira (1997) também corroboram nossos resultados, porém analisam as dentais juntamente com as alveolares.

As palatais em contexto seguinte, no *corpus 1*, apresentaram um sutil favorecimento ao alçamento (0,584), já no *corpus 2* (0,490) apresentam-se próximas à neutralidade. Ao voltarmos ao *corpus 1*, verificamos que a maioria das ocorrências de alçamento eram de lexias em que o [e] pretônico era uma nasal seguida de uma palatal [#ĩ'ʒoo, #ĩ'ʒada, #ĩʒa'dãw, #ẽʒu'xada, ʒẽ'ʒiva, ẽʒu'ado]. Excluindo esses casos, só nos restaram [ʒe'ʒũ, xeʒi'õys, trove'ʒaɹ, trove'ʒãdu, karãge'ʒeyra]. Ou seja, podemos pensar que o alçamento ocorrido se deve ao contexto [e] nasal e em início de vocábulos, e no caso de [ʒe'ʒũ] provavelmente a palatal recebe ajuda da vogal alta seguinte, apesar de haver um número reduzido de ocorrências com as palatais (28). Entretanto, no *corpus 2*, com mais ocorrências, parece que visualizamos melhor o comportamento das palatais, pois ao excluirmos o contexto [e] em início de vocábulo, verificamos que as palatais aumentam a probabilidade de alçamento para 0,538, e em vocábulos que não possuem vogais altas na sílaba seguinte, sua probabilidade cresce para 0,565. Verificamos com isso que apesar do aumento na probabilidade, os valores das palatais se parecem com o das velares que, apesar de positivos, norteiam a zona da neutralidade. Essa ação positiva e próxima à neutralidade também é apontada por Bisol (1981) e Pereira (1997).

Finalmente as consoantes bilabiais subseqüentes que, nos dados de 1988-1989, apresentam-se como ambiente desfavorável (0,314), nos dados de 2006-2007 (0,420), mostraram-se negativas, mas próximas da neutralidade. Verificamos, no *corpus 1*, que não há alçamentos em ocorrências como [tre'mêdo, tre'pava, ke'brãdo, xe'medʒyo, se'mête, depẽ'dêdo, tẽ'pero] que não possuem outros contextos que possam favorecer o alçamento do [e]. Já os vocábulos que se realizam com a pretônica [e] alçada têm, com exceção de

[de'poys], vogal alta na sílaba seguinte ou estão em contexto inicial [axipi'ada, ni'brina, #îpexi'ada, #îpexi'o, # î'mêda]. Quanto às labiodentais, (0,047) no *corpus* 1 e (0,159) no *corpus* 2, elas figuram como ambiente muito desfavorável, perdendo apenas para as alveolares retroflexas. Verificamos que, mesmo excluindo os dois contextos considerados propiciadores de alçamento (vogal na sílaba seguinte e início de vocábulo), as probabilidades das bilabiais (0,469) e das labiodentais (0,220), no *corpus* 2, apesar de reagirem positivamente, não apresentam muita alteração do que já havia sido mostrado nas análises com todos os contextos.

Esse comportamento negativo pode ser explicado porque, segundo Bisol (1984, p. 88), as labiais possuem “características acústicas e articulatórias dissemelhantes” às da média anterior [e], por isso são ambientes negativos para o alçamento do [e] pretônico e, por serem labializada, são positivas para o alçamento do [o].

### 6.1.2.3 Contexto Precedente - Modo de articulação

A maioria dos trabalhos que estudamos não apresenta uma análise quantitativa do contexto modo de articulação. Como percebemos que algumas consoantes consideradas pelo ponto de articulação apresentaram comportamento muito diferenciado: umas favorecem enquanto as demais desfavorecem; outras inibem o alçamento enquanto o grupo ou é neutro ou apresenta relativo favorecimento, como é o caso das retroflexas e das demais alveolares ou então da bilabial [m] que apresenta comportamento diferente das demais bilabiais, pensamos que seria interessante investigarmos o alçamento também em relação ao modo de articulação, como procedemos em relação ao [o] pretônico.



**Tabela 11.** Contexto precedente – Modo de articulação.

Contexto precedente Modo de articulação	Amostra 1988-1989			Amostra de 2006 a 2007		
	Apl. / Total	%		Apl. / Total	P.R.	%
Oclusivas	45 / 159	28	0,430	452 / 1945	0,749	23
Fricativas	21 / 151	13	0,229	313 / 1725	0,325	18
Laterais	3 / 14	21	0,226	24 / 238	0,176	10
Tepe	11 / 47	23	0,392	96 / 520	0,215	18
Nasal	12 / 35	34	0,367	116 / 455	0,469	25

Nesta tabela, como já procedemos em relação ao [o] pretônico, para evitar redundâncias, não discutimos o contexto inicial absoluto, precedido de vogal e nem o caso das vibrantes que precisaram ser analisadas quando tratamos do ponto de articulação precedente, visto que todos eles se apresentaram ou muito favoráveis (inicial absoluto, precedido de vogal) ou muito resistente (vibrantes alveolares), conforme já vimos.

As laterais, no *corpus* 1(0,226) e no *corpus* 2(0,176), [muʎεɹ̄'zĩɲa, pale'tɔ, ale'krĩ] constituem ambiente bastante resistente ao alçamento, principalmente a lateral [ʎ] ([muʎεɹ̄'zĩɲa]), que não apresentou alçamento em nenhum dos *corpora*. Porém, se observarmos o vocábulo em que há o contexto com essa lateral, verificamos que o [e] pretônico é uma átona casual e, portanto, traz consigo a lembrança da vogal de origem, por isso torna mais difícil a incidência de alçamento. Além disso, esse vocábulo recebe, o sufixo (-zinho) que, segundo Mota (1979), juntamente com (-inho e -mente), é um dos contextos favoráveis à manutenção da altura da vogal pretônica de origem do vocábulo, neste caso a vogal média aberta [ε].

O tepe também se apresentou como ambiente precedente desfavorável ao alçamento no *corpus* 1(0,392) e no *corpus* 2 (0,215). Em um exame mais detalhado, constatamos que esse fonema só apresenta alçamento quando há, ou o contexto de vogal alta seguinte [pri'sisa], seguido de vogal [klari'a, verya'doɹ̄] ou, então, nos casos de início de vocábulo em que o [e] é antecedido por outra lexia que termina com a referida consoante [por #izẽ'plo], mesmo assim há vários casos com esses contextos que não apresentaram alçamento. Diante disso, e do fato de a consoante tepe não apresentar um alçamento sequer nos demais contextos,

podemos afirmar que no falar desses informantes formam ambientes altamente desfavoráveis ao alçamento.

As fricativas, com probabilidade de 0,229 nos dados do *corpus* 1 e de 0,325 nos dados do *corpus* 2, somam-se à lista das consoantes que não favorecem o alçamento, a não ser que estejam associadas com outros contextos favoráveis, conforme mostram os exemplos: [si'rola, travi'sero, ʒĩ'zibre, fi'rida, kaxya'doɹ, ʒi'ada].

As consoantes nasais precedentes [me'nina, koŋe'sido, kane'ava, me'ʌoɹ] passam de desfavoráveis no *corpus* 1 (0,367) para quase neutras no *corpus* 2 (0,455). Como não diferenciamos as nasais de final de lexia que estavam precedendo o [e] em início de vocábulo [tẽỹ#is.kola], é possível que sejam ainda mais desfavoráveis, visto que o contexto inicial é quase categórico na aplicação da regra de alçamento do [e] pretônico. Além disso, observamos que em ocorrências como [me'ʌoɹ] em que não ocorrem nenhum dos contextos até agora mencionados como favoráveis, o alçamento da pretônica não se realiza. Ao excluirmos os contextos inicial absoluto, precedido de vogal, e vogal alta na sílaba seguinte, verificamos que no *corpus* 2 a probabilidade das nasais precedentes cai pra 0,336.

Por fim, o modo oclusivo precedente [bi'zoxo, bi'xuga, d#is'kõde, noytʃ#is'kura, ki'ria, pi'kenũ] apresenta um comportamento bastante diferente nos dois *corpora*. No *corpus* 1, sua probabilidade é de 0,430 e no *corpus* 2 é de 0,749. No *corpus* 1, com menos ocorrências, pudemos perceber muitos casos em que o [e] era inicial e a oclusiva que o precedia pertencia ao final de uma outra lexia como [noytʃ#is'kura]. Ao retirarmos tal contexto sua probabilidade caiu para (0,368). Já no *corpus* 2, o comportamento das oclusivas foi diferenciado, pois mesmo sem os contextos bastante favoráveis, continuou atuando favoravelmente com probabilidade de 0,683.

#### 6.1.2.4 Contexto Seguinte – Modo de articulação

Para análise do modo de articulação seguinte, excluimos as ocorrências de [e] seguido de vogal, pois já o mencionamos quando tratamos do ponto de articulação como ambiente

altamente propiciador de alçamento. O mesmo fizemos com as retroflexas em trava de sílaba que não apresentaram alçamento algum nas 180 ocorrências. Além desses contextos, também retiramos desta análise o contexto de vibrante alveolar, pois apresentou apenas um alçamento na palavra [fi'ruʒa] na fala de uma informante semi-analfabeta de Pato Branco. Ou seja, mantiveram nos dois *corpora* o mesmo comportamento já discutido no contexto ponto de articulação.

**Tabela 12.** Contexto seguinte – Modo de articulação.

Contexto seguinte de Modo de articulação	Amostra de 1988-1989			Amostra de 2006 a 2007		
	Apl. / Total	%	P.R .	Apl. / Total	P.R .	%
Oclusivas	32 /99	32	0,584	196 /1053	0,535	18
Fricativas	105 /180	58	0,690	1031 / 2323	0,570	44
Laterais	1 /36	2	0,078	5 / 372	0,032	2
Tepe	4 / 54	7	0,199	81 / 701	0,293	11
Nasal	47 /118	39	0,379	488 / 1112	0,704	43

Em relação ao contexto modo de articulação da consoante seguinte, verificamos que o contexto de [e] pretônico seguindo de uma consoante nasal apresentou probabilidade de 0,379 nos dados do *corpus* 1 e de 0,704 nos dados do *corpus* 2. Neste último *corpus* é o melhor modo de articulação seguinte para que haja alçamento da pretônica [e]. Em relação ao *corpus* 1, figura como desfavorável, com 39% de alçamento. Ao averiguarmos o porquê desse resultado, constatamos que, no *corpus* 1, a maioria dos alçamentos da pretônica seguida de uma nasal ocorreu em lexias que apresentavam a pretônica em contexto inicial. Nos demais contextos, pouco favoráveis como nos vocábulos [xe'mɛdʒyo, xe'mɛla, se'mête, axebê'tãdu, bē'ze, bēzē'dera], nunca ocorrem alçamento da pretônica [e].

Quanto ao *corpus* 2, buscamos identificar cada ocorrência de alçamento, pois, mesmo excluindo os contextos inicial absoluto, precedido de vogal e vogal alta na sílaba seguinte, o favorecimento continuava. Poderíamos pensar que uma nasal seguinte é sempre favorável ao alçamento, mas em um exame mais aprofundado constatamos que, das lexias que apresentam a vogal pretônica alçada, apenas [sē'ɲora, sē'ɲoɫ, dzizēte'ria] não têm os três

contextos mais favoráveis ao alçamento. Neste sentido, continuamos a escavar nossos dados em busca de respostas que justificassem o poder das nasais em favorecer o alçamento. Constatamos então que o fato de considerarmos o final da lexia que precede a pretônica [e] em início de vocábulo e os casos do prefixo des- [mayz#î 'pregu, dezîpre 'gadu] estava acentuando o favorecimento das nasais. Concluímos, portanto, que as nasais são muito favoráveis ao alçamento no *corpus 2*, principalmente quando seguem o [e] em início de vocábulo ou então quando aliadas a outros contextos como vogal alta seguinte ou quando o [e] é precedido do prefixo des-.

As oclusivas [pe 'kenu, ale 'gria, be 'bida, fute 'bow, pe 'pino], com probabilidade de 0,584 nos dados do *corpus 1* e de 0,535 nos dados do *corpus 2*, apresentaram-se próximas à neutralidade na aplicação da regra de alçamento. Ao excluirmos os três contextos mais favoráveis, a probabilidade das oclusivas no *corpus 2* cai para 0,470, mas ficam ainda próximas da neutralidade.

As fricativas mostram-se favoráveis à aplicação da regra de alçamento do [e] pretônico, tanto no *corpus 1* (0,690) quanto no *corpus 2*, 0,570. Porém, ao excluirmos as ocorrências dos contextos mais propiciadores de alçamento, as fricativas diminuem mais ainda sua probabilidade de favorecer o alçamento (0,557), aproximando-se da neutralidade.

O tepe, no *corpus 1* com probabilidade de 0,199 e no *corpus 2* probabilidade de 0,293, apresenta-se como ambiente muito desfavorável, principalmente se estiver em coda silábica, como veremos quando tratarmos da estrutura da sílaba, pois neste contexto não há alçamento. O alçamento com essa consoante seguinte ocorre apenas quando ela segue a pretônica [e] como início da sílaba seguinte [si 'rola, fi 'rida, bi 'rona] nos dois *corpora*.

Por fim, as laterais que, em relação à posterior [o], mostraram-se desfavoráveis (0,392), em relação à pretônica [e] (0,032) quase inibem o alçamento. No *corpus 1* (0,078) ocorreu apenas um caso de alçamento na lexia [se 'lî]; e no *corpus 2* (0,032) houve cinco ocorrências, de 372 [#istabili 'sida, ilu 'zyu, api 'lidu, api 'lida, api 'lidu]. Examinando os exemplos, de fato parece que as laterais desfavorecem o alçamento, pois apenas apresentam alçamento se houver uma vogal alta seguinte, apesar de esses contextos não garantirem a elevação da pretônica quando a consoante seguinte é uma lateral, como acontece em [selu 'laɹ, amare 'lîpa, me 'lisa, de 'lisyɑ, deli 'rãdu].

### 6.1.2.5 Trava silábica

As consoantes retroflexa [ɻ], tepe [ɽ] ou vibrante [r] em contexto seguinte apresentaram-se como ambientes muito desfavoráveis ao alçamento. Diante disso, buscamos averiguar se essa interferência era advinda dessas consoantes ou da estrutura silábica. Investigamos então as sílabas travadas pela nasal [n], pelos fonemas [ɽ, r, ɻ] e por fricativa [s], ou em sílabas abertas. Em uma primeira análise, verificamos os casos de hiatos. Como eram poucas as ocorrências e as exceções em que não houve alçamento, preferimos excluí-los desta análise, como fizemos em relação ao [o]pretônico.

**Tabela 13.** Estrutura da sílaba.

Estrutura silábica	Amostra ALPR(1994)			Amostra 2006-2007		
	Apl/total	%	PR	Apl/total	%	PR
cv c[ɻ, ɽ, r]	47	0%		365	0%	
cv c[s]	55/ 77	71	0,696	725 / 956	75	0,777
cv c[n]	33 / 64	51	0,635	418 / 779	53	0,647
cv	23 / 219	10	0,388	752/3858	19	0,394

Procuramos investigar quais eram as interferências das sílabas abertas (CV) ou travadas (CVC, VC) na aplicação do alçamento. Como observamos que há diferença se a sílaba possui na coda uma consoante nasal [n], retroflexa [ɻ], tepe[ɽ], vibrante [r] ou sibilante[s], conforme Pontes e Kailer (2001) e Kailer (2004) já apontaram, separamos as sílabas travadas pelas consoantes sibilantes, das nasais e nasalizadas e das travadas por tepe, retroflexa ou vibrante.

Pelos resultados apontados na Tabela 13, verificamos que as sibilantes com probabilidade de 0,696 nos dados do *corpus* 1 e com probabilidade de 0,777 nos dados do *corpus*

2 [ves'tʃidu, des'mayu, des'viu, deskōfi'adu, desēvow'veɹ] constituem o contexto de trava silábica mais favorável ao alçamento, principalmente nos vocábulos que apresentam o prefixo des- ou em sílaba (VC), como os exemplos atestam [dʒis'maya, #is'kola].

Essa atuação das sibilantes se deve ao “princípio de comodidade” mencionado por Sá Nogueira (1958), pois a articulação da sibilante com uma vogal alta [i] é mais cômoda do que com a vogal média [e], pois ao pronunciarmos a linguodental [d] mais a média anterior [e], a língua precisa avançar e retroceder, já na produção do [i], ela apenas levanta e com a fricção produz a vogal alta mais a sibilante. Esse favorecimento ocorre tanto para a vogal [e] quanto para a vogal posterior, como já mencionamos.

Outro ambiente bastante favorável é a sílaba travada por uma consoante nasal. Primeiramente separamos as ocorrências de nasal bilabial [m] [#ĩ'prego, tēpera'tura] e de nasal alveolar [n] [#ē'kwāto, bēze'deyra] da nasal palatal [ɲ] [sē'ɲora, nē'ɲũ]. Para análise binominal, porém, optamos por amalgamá-las em um único contexto, visto que eram poucas as ocorrências das nasais palatais e os resultados muito semelhantes. Verificamos, então, que as nasais figuram como o segundo contexto mais favorável em trava silábica, com probabilidade de 0,635 para o *corpus* 1 e de 0,647 para o *corpus* 2, principalmente se a pretônica for precedida por uma sibilante [sē'ɲora] ou se estiver em início de sílaba.

O contexto de sílaba aberta, com probabilidade de 0,388 para o *corpus* 1 e de 0,394 para o *corpus* 2, não é um ambiente favorecedor da aplicação da regra de alçamento do [e] [te'sido, pe'ru, de'poys], diferentemente do que acontece com a pretônica [o], que é favorecida por esta estrutura silábica.

Porém o contexto que realmente inibe o alçamento do [e] pretônico é o de coda silábica preenchida por [ɹ,ɾ,r], pois, tanto no *corpus* 1 (47 ocorrência) quanto no *corpus* 2 (365 ocorrências), a altura da vogal média anterior foi preservada no referido ambiente.

### 6.1.2.6 Vogal da sílaba seguinte: harmonização vocálica e homorganicidade

A vogal da sílaba seguinte tem demonstrado ser um ambiente muito significativo em relação ao alçamento, tanto da vogal pretônica anterior quanto da vogal pretônica posterior como já verificamos. Essa atuação é identificada por muitos autores que já trataram das pretônicas, como Bisol (1981, 1984) e Shwindt (1997, 2002), que investigaram a questão da harmonização vocálica, Kailer (2004), que estudou a pretônica [o] no falar rural paranaense, Pontes (1999a, 2000) que estudou a vogal pretônica [e] em algumas regiões paranaenses, entre muitos outros, aos quais já recorreremos no presente estudo.

**Tabela 14.** Vogal da sílaba seguinte: harmonização vocálica e homorganicidade.

Vogal da sílaba seguinte	Amostra de 1988-1989 (ALPR)			Amostra de 2006 e 2007		
	Apl / Total	P. R.	%	Apl / Total	P. R.	%
[a]	38/102	0,440	37	290/1116	0,374	25
[ã]	13/52	0,415	25	100/350	0,468	28
[e]	26/112	0,408	23	317/1270	0,376	24
[ɛ]	1/19	0,055	5	20/127	0,384	15
[ẽ]	6/40	0,368	15	46/321	0,371	14
[i]	54/92	0,785	58	490/1232	0,765	39
[ĩ]	11/24	0,897	45	52/161	0,880,	32
[õ]	16/21	0,710	76	210/695	0,318	30
[o]	3/6	0,348	42	136/240	0,452	56
[o]	22/61	0,345	36	87/116	0,635	75
[ũ]	5/6	0,972	83	34/59	0,880	57
[u]	14/27	0,427	51	114 /264	0,609	43

Da mesma forma que agimos em relação ao [o] pretônico, fizemos com a pretônica [e]. Investigamos uma a uma as variações das vogais de acordo com a articulação e timbre. As vogais [a,ã] apresentaram probabilidades muito parecidas. Quanto a [a], temos a probabilidade de 0,440

nos dados do *corpus* 1 e de 0,374 nos dados do *corpus* 2, em contextos como [#ĩ 'ʃada, vi'ado, mayor#is'kala] A vogal [ã] com probabilidade de 0,415 nos dados do *corpus* 1 e 0,468 nos dados do *corpus* 2 em contextos com os de [dʒis'kāsa, ali'ʃãdrɪ]. Em um exame mais acurado, constatamos que a vogal [a] apresenta-se com o ambiente favorável ao alçamento, em palavras que sejam seguidas por vogais [pasi'a, zi'ada], ou em vocábulos precedidos por des- como [dis'mayo, disgrasadu], ou, então, em fronteira de vocábulo [a#ĩ'ʃada] ou com [ã] [o#i'zāme]. Caso não haja nenhum desses ambientes, não ocorre alçamento. Esse fato põe os contextos vogais [a,ã] em sílaba seguinte como um ambiente desfavorável ao alçamento da vogal [e], pois, mesmo diante de algum desses ambientes, o alçamento não é categórico, como é o caso das lexias [te'atro, des'mayo, o#esē'syaw], que ocorrem muitas vezes sem alçamento da pretônica [e].

As vogais médias [e, ε, ě] não diferem muito das vogais [a, ã], pois seus resultados são muito parecidos, no *corpus* 1 [e](0,408), [ě](0,368) e no *corpus* 2 [e](0,376), [ě](0,371) em vocábulos como: [pi'kena, #is'kēta, bi'zexu, trabi'sero, travi'sero, si'tēbro<sup>73</sup>]. Apresentam-se também como ambientes desfavoráveis ao alçamento, uma vez que, ao analisarmos uma a uma cada realização, verificamos que, exceto as lexias dos dois *corpora* [pi'kenu (e suas variações), bi'zexu(e suas variações)] e do *corpus* 2 [trabi'sero, travi'sero, si'tēbro], as demais ocorrências de alçamento do [e] apresentam o [e] pretônico em fronteira silábica [#i'zēplo]. Como seus resultados eram muito parecidos, amalgamamos as duas e retiramos o contexto fronteira silábica. Constatamos com isso que essas vogais, no *corpus* 2, em contexto seguinte têm probabilidade de 0,320, ou seja, constituem ambiente desfavorável ao alçamento, probabilidade que podemos atribuir principalmente às bilabiais [p,b] e à labiodental [v] em contexto precedente e às lexias [pi'kenu, bi'zexu, trabi'sero, travi'sero], nas quais a pretônica apresenta alta incidência de alçamento. Quanto à vogal média aberta [ε] ([#is'frɛga]) em sílaba seguinte,

<sup>73</sup> Houve uma única ocorrência de alçamento nesta lexia no *corpus* 2.



verificamos, no *corpus* 1, que é a mais desfavorável de todas, pois apresentou probabilidade de 0,055, ou seja, quase inibe o alçamento, uma vez que houve apenas um caso de alçamento do [e] nas 19 ocorrências da pretônica com a vogal [ɛ] em sílaba seguinte. No entanto, no *corpus* 2, a vogal [ɛ] (0,371) parece manter o mesmo comportamento das demais vogais médias anteriores. Embora tenhamos verificado que o peso relativo atribuído a essa vogal em sílaba seguinte se deve a outros contextos como o fato de o [e] estar em início de vocábulo e ser seguido de uma sibilante ou nasal ([#is'frega, #is'pera, #ĩ'texa, #is'kese, #ĩ'prega, #ĩ'trega, #is'kese]). Até mesmo em vocábulos que apresentam o contexto inicial o alçamento não é uma certeza, como: ([#e'zejsitu, #e'letriku]). Sendo assim, acreditamos que a vogal média anterior aberta é um contexto desfavorável ao alçamento da pretônica [e].

As médias posteriores [o], [ɔ], [õ] [bi'zoxu, si'rola, #iskõ'de] também apresentam probabilidade diferenciadas nos dois *corpora*. No *corpus* 1, a vogal [õ] [dziskõ'tava, #is'kõde, #ĩkõ'tra, bi'rõna]. Revela-se bastante favorável (0,710), já no *corpus* 2, a probabilidade é apenas de 0,318., ou seja, passa a ser um ambiente desfavorável ao alçamento. A vogal [o] ([#is'tomagu, dzi'zoytu, #is'kova, bi'zoxu, #is'poza, #ĩ'zoo]), por sua vez, de desfavorável (0,345), no *corpus* 1, passa a favorecer o alçamento (0,635) no *corpus* 2. Por fim, a posterior [ɔ], que praticamente mantém o mesmo comportamento, pois no *corpus* 1 apresenta (0,348) de probabilidade e no *corpus* 2 (0,452), ou seja, continua desfavorável, com tendência a neutralidade no *corpus* 2. Diante desses resultados, podemos dizer que as vogais [o,õ] apresentam-se como ambientes mais favoráveis nos dados de 2006-2007 do que nos dados de 1988 -1989. No *corpus* 2, observamos também que a vogal média aberta [ɔ] é mais favorável que no *corpus* 1, o qual, em seis realizações da pretônica [e] com a vogal [ɔ] em sílaba seguinte, apresenta três alçamentos e apenas nas léxicas [#is'kofe, #ĩ'grosa, dzis'troy]. Tal favorecimento, no *corpus* 2, provém das várias ocorrências de [futʃi'bow, #is'kolĩna, #is'kola, #ĩ'tope, dzis'lokã, pali'to, sĩ'nora], que geralmente realizam a pretônica [e] alçada, no referido *corpus*.

Mesmo depois de excluirmos as ocorrências de vocábulos já mencionados como contextos bastante favoráveis, a probabilidade de alçamento da vogal aumentou para 0,571 no *corpus 2*. Ou seja, apesar de estar próxima à neutralidade, sua ação é positiva para a aplicação da regra de alçamento da pretônica [e], principalmente nos vocábulos [futʃi'bow, dis'lokā, pali'to, sī'nora], diferente de sua ação em relação à posterior [o], para a qual se apresenta como um contexto quase inibidor de alçamento.

Quanto às vogais altas [i],[ĩ], percebemos que os contextos de vogal da sílaba seguinte, que apresentam a vogal [i] com probabilidade de (0,785) no *corpus 1* e de (0,765) no *corpus 2* e a vogal [ĩ] com probabilidade de 0,897 no dados do *corpus 1* e 0,880 nos dados do *corpus 2*, são muito favorecedores do alçamento do [e]. Esses resultados continuam apontando a vogal média anterior alta [i] como o ambiente mais favorecedor de alçamento, conforme a maioria dos estudos já constatou (MOTA, 1979; BISOL, 1984; SCHWINDT, 1997, 2002; SILVA, 1989; BORTONI et al., 1991; CASTRO, 1995; PONTES, 2000, 2002; PONTES; KAILER, 2001; KAILER, 2004).

Quanto à vogal posterior [u], com probabilidade de 0,427 no *corpus 1* e de 0,609 no *corpus 2*, parece que, de desfavorável ao alçamento no *corpus 1*, passa a ser favorável no *corpus 2*. Já [ũ], com probabilidade de 0,972 no *corpus 1* e de 0,880 no *corpus 2*, mostra-se muito favorável ao alçamento da pretônica [e], equiparando-se aos valores da vogal anterior [ĩ] (0,897 para o *corpus 1* e 0,880 para o *corpus 2*) que também apresentou-se, em sílaba seguinte, mais favorecedora do alçamento da pretônica [e] do que a vogal alta oral [i]. Constatamos então, que as vogais da sílaba seguinte nasalizadas favorecem muito mais o alçamento do [e] que as vogais orais [i,u].

É interessante ressaltar que, em relação às nasais, os resultados de [ĩ] e [ũ] são muito próximos, porém, no *corpus 1*, a vogal posterior alta nasalizada é mais favorecedora do alçamento, todavia mais uma vez o número de ocorrências (6) não nos autoriza a afirmar que a posterior tenha mais poder de alçamento do [e], uma vez que nos dados do *corpus 2* seus valores são exatamente os mesmos da vogal alta anterior nasalizada. Entretanto, quando observamos as vogais orais [i,u], constatamos que em ambos os *corpora* elas se mantêm mais favoráveis ao alçamento do que a vogal posterior [u]. Ou seja, uma homorgânica seguinte tem mais força para

e elevar a vogal [e], da mesma forma que age em relação à pretônica posterior [o]. Tal resultado encontra, parcialmente, suporte em Bisol (1981, p. 114) e em Schwindt (2002), pois este argumenta em favor de [i,ĩ] dizendo que o “[i] tem maior poder de elevação, independentemente se a pretônica é [e] ou [o]”. O diagrama proposto por Daniel Jones (1957, p. 38) explica esse comportamento, pois mostra que a vogal /i/ ocupa a mais alta posição da língua, enquanto /u/ está em diagonal com a vogal /e/, ou seja, a vogal /i/ é mais alta que a vogal /u/ e por isso tem mais força para alçar tanto a pretônica média anterior(/e/) quanto a média posterior ([o]) .

Acreditamos que estes resultados são congruentes com os verificados por Kailer (2004), ou seja, apontam para a harmonização vocálica, pois as vogais médias [e,o] tendem a preservarem-se em presença de outras da mesma altura como ocorreu com a pretônica [o]; e as vogais altas [i] e [u] da sílaba seguinte formam um dos contextos mais favoráveis ao alçamento, tanto da pretônica anterior quanto da posterior. Além disso, constatamos que a nasalização das vogais na sílaba seguinte favorece o alçamento do [e], diferentemente da atitude que exercem em relação à pretônica média posterior.

#### **6.1.2.7 Vogal da sílaba tônica<sup>74</sup>**

Muitos autores remetem a ocorrência de alçamento das pretônicas também à ação da vogal da sílaba tônica. Um deles é Câmara Jr. (1998), que vê a vogal alta tônica como a responsável pela elevação. Schwindt (2002) confirma tal assertiva, porém ressalta que a contigüidade se sobressai em relação à tonicidade. Neste sentido, verificamos o papel de cada vogal na posição tônica e, posteriormente, a questão da contigüidade.

Os resultados referentes às vogais da sílaba tônica conduzem-nos, apesar de a vogal da sílaba tônica ter sido excluída da análise binominal, para as mesmas trilhas apontadas pelos autores já mencionados. De fato, as vogais altas, mais uma vez, confirmam que são ambientes mais propiciadores de alçamento, como aponta a Tabela 15.

---

<sup>74</sup> Como este contexto foi excluído da análise binominal, seus resultados são apresentados apenas em percentuais.

**Tabela 15.** Vogal da sílaba tônica.

Vogal da sílaba tônica	Amostra de 1988-1989		Amostra de 2006-2007	
	Apl /total	%	Apl /total	%
[a]	45/106	42	362/1194	30
[ã]	21/67	31	178/768	23
[e]	26/104	25	244/931	26
[ẽ]	9/48	18	60/467	12
[ɛ]	2/21	9	24/45	16
[i]	41/71	57	441/957	46
[ĩ]	13/31	41	75/254	29
[o]	20/62	32	181/596	30
[õ]	16/22	72	77/139	55
[ɔ]	2/6	33	148/270	54
[u]	6/16	37	71/173	41
[ũ]	8/9	88	35/57	61

Quanto às vogais da sílaba tônica, verificamos, pelos percentuais, que a vogal baixa central oral [a], (42%) nos dados do *corpus* 1 e nos dados do *corpus* 2 (30%), é mais favorável que a vogal baixa central nasalizada [ã], que apresenta percentual de 31% nos dados do *corpus* 1 e 23% nos dados do *corpus* 2. Todavia ao excluirmos os contextos inicial, seguido de vogal (hiato), e o prefixo des-, os únicos vocábulos a apresentarem alçamento foram, no *corpus* 1 [midʒikasãw, pĩdu'radu, sisili'ãno]. Se observarmos os exemplos, verificamos que ambos possuem uma vogal alta na sílaba seguinte. Ou seja, as vogais [a,ã] em sílaba tônica não apresentam vocábulo com a pretônica alçada, sem os principais contextos favoráveis ao alçamento, como atestam, por exemplo, os vocábulos [tẽ'dãw, se'para, xeʒi'ãw, prepa'ra, ke'brãte, pe'ga, zera'sãw, fe'xãw, fe'ʃadu], que nunca ocorrem com a pretônica alçada. Já no *corpus* 2, muitas palavras, mesmo com o contexto de vogal alta seguinte ou contexto inicial, não apresentaram alçamento da pretônica [e] como [veɹ'dade, peɹgũ'ta, deli'rãdu, #e'xada, #esẽ'siaw, medʒika'sãw, mēstrua'sãw, #e'lastʃiko, vestʃibu'laɹ, prezudʒi'kãw, beɹmu'da, de'duzo, #ele'vado,

#ē'xada, materi'ays, nsesi'tāmus, xefriže'rāte, xesfri'adu, xezu:'tadu, xeti'radu, #eridzi'taryu, selu'laɹ]. Quando eliminamos os contextos inicial, seguido de vogal e o prefixo des- restaram, no *corpus* 2, apenas 8% de alçamento de [a] [akridzi'tava, mistru'a] e 15% de [ã] [ali'ʃãdrɪ, pidzi'rāw, telivi'zāw, kri'siāw, ku'nisiāw, xi'ziāw, amiri'kana, prisi'zādu]. Porém, se eliminarmos o contexto vogal alta seguinte, como vemos pelos exemplos, não restariam ocorrências de alçamento da pretônica [e] em que as vogais [a, ã] estão em sílaba tônica. Dessa forma podemos considerar essas vogais como contextos desfavoráveis ao alçamento, visto que seu percentual de alçamento está condicionado a outros fatores vistos até aqui como favoráveis.

Dentre as vogais médias, a vogal [ɛ] destaca-se pelo percentual baixo (9%) no *corpus* 1, e a vogal [ē] pelo percentual baixo (12%) no *corpus* 2. Já a vogal [e] apresentou percentual mais favorável nos dois *corpora* (25% para os dados do *corpus* 1 e 26% para os dados do *corpus* 2). Este comportamento, de manter a altura da vogal pretônica [e], não está atribuído apenas às vogais [e,ɛ,ē] em sílaba tônica ([xe'mɛdʒiʉ, be'leza], pois estas vogais atuam desfavorecendo o alçamento também em sílaba seguinte. Ao excluirmos as ocorrências com contextos mais propiciadores de alçamento (vogal alta, inicial, seguido de vogal), o percentual de [e] cai para 8% de alçamento em vocábulos como [pi'kena, pi'kenʉ]. Já [ē], sem os principais contextos propiciadores de alçamento, não ocorre em sílaba tônica em vocábulos cuja pretônica [e] esteja alçada ([i]), com exceção da lexia [si'tēbro] que apresentou uma realização com a vogal pretônica alta no *corpus* 2.

Aparentemente as vogais médias posteriores apresentam uma atuação diferente da verificada em relação à vogal pretônica posterior, pois as vogais [o] (32% nos dados do *corpus* 1 e 30% nos dados do *corpus* 2), [ɔ] (33% nos dados do *corpus* 1 e 54% nos dados do *corpus* 2) e [õ] (72% nos dados do *corpus* 1 e 55% nos dados do *corpus* 2) constituem um dos grupos vocálicos mais favoráveis ao alçamento do [e] pretônico em sílaba tônica.

Esse resultado das médias posteriores chamou nossa atenção, por isso fomos buscar os contextos que estavam por trás desses resultados. Confirmamos que esses valores estão associados a outros contextos, pois, ao eliminarmos alguns dos mais favorecedores (inicial, seguido de vogal, prefixo des-), verificamos em relação à vogal [õ](72% e 55%) que, por meio das exclusões, saíram da análise vocábulos como [#is'kõde, ãtʃi'õte, dʒ#is'kõde], restando apenas 7% de favorecimento remetido a lexia [bi'rõna]. Ou seja, a vogal [õ] de fato apresenta a mesma atuação verificada em relação à vogal pretônica posterior [o]. O mesmo acontece com [o], que decresceu seu percentual para 12% em vocábulos como [bi'zoxu, ti'zora], e com [ɔ], que diminuiu seu percentual para 17%, com alçamento nas lexias [futʃi'bow, pali'tɔ]. Se olharmos atentamente para estes dois exemplos, podemos constatar que ambas as lexias apresentam vogal alta seguinte, ou seja, se excluirmos mais este contexto, não haverá ocorrências de alçamento da pretônica [e] em que a vogal tônica seja [ɔ]. Sendo assim, as vogais médias não são as vogais realmente responsáveis pelos casos de alçamento da pretônica [e].

Quanto às vogais altas anteriores [i] (57% para os dados do *corpus* 1 e 46% para os dados do *corpus* 2) e [ĩ](41% para os dados do *corpus* 1 e 29% para os dados do *corpus* 2), verificamos que as vogais altas anteriores orais são mais favorecedoras do alçamento. Na verdade esperávamos que ambas fossem o contexto mais favorável de todas as vogais, pois, segundo Bisol (1981), Schwindt (2002) e Kailer (2004), as vogais altas [i,ĩ], principalmente em sílaba tônica, assumem o papel de contexto mais favorável ao alçamento, melhorando este índice apenas quando se trata dessa vogal alta tônica contígua.

Retornamos aos dados e procedemos da mesma maneira, ou seja, fazendo a exclusão dos contextos já mencionados como mais favorecedores. Verificamos com isso quais eram de fato as vogais responsáveis pelo alçamento do [e] em contexto de sílaba tônica. A vogal anterior [i] apresentou, no *corpus* 2, 41% de ocorrências de alçamento e, no *corpus* 1, 50%. Já a vogal [ĩ] apresentou no *corpus* 1 37% e 19% no *corpus* 2. Ou seja, a vogal alta oral [i] é mais favorável ao alçamento da pretônica nos dois *corpora* ([pi'pinu, pri'siza]), porém não é

a mais propiciadora de alçamento em contexto de sílaba tônica, visto que este favorecimento veio da vogal posterior [ũ], que apresentou no *corpus* 1 88% e 61 % nos dados do *corpus* 2, seguida da vogal [u] com percentual de 37% no *corpus* 1 e 15% no *corpus* 2 [pi'ru, pi'rua, fi'xuza]. Observamos que, mesmo após as exclusões, a vogal [ũ] continuou com o mesmo percentual no *corpus* 1<sup>75</sup> e, no *corpus* 2, aumentou para 65% nos seguintes vocábulos [si'gũdu, si'gũda, tʃistʃi'mũna].

Por fim, com esses resultados, constatamos que a vogal [ũ] em sílaba tônica é, em ambos os *corpora*, a mais propiciadora de elevação da pretônica [e], seguida da vogal [i]. Como não excluimos nestas rodadas a vogal alta seguinte, verificamos se, no contexto contigüidade, nossos resultados corroboram os dos autores referidos.

Na próxima seção, apresentamos, por meio de gráficos<sup>76</sup>, os resultados, em percentuais, das variáveis (contigüidade e atonicidade), que foram descartadas pela análise binominal.

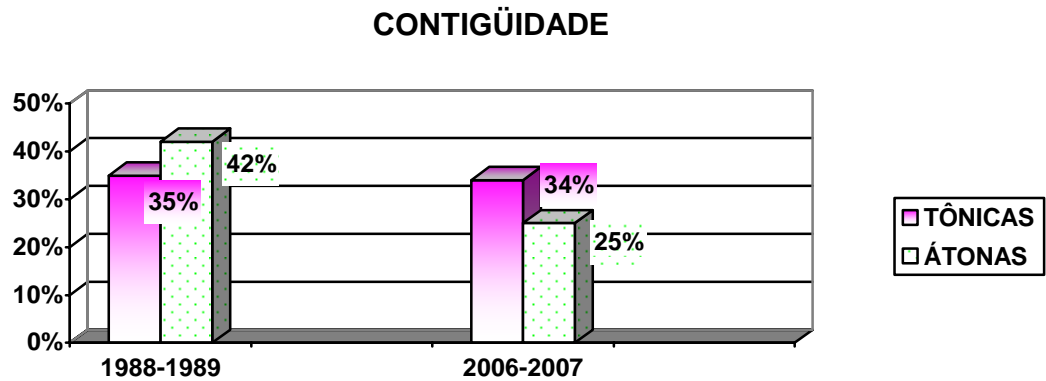
#### 6.1.2.8 Contigüidade

Para Bisol (1981, 1984), Silva (1989) e Schwindt (1997, 2002), a contígua tônica é um contexto favorável ao alçamento das pretônicas. Kailer 2004, por sua vez, constata que, em relação ao [o] pretônico, apenas a tônica alta é que favorece o alçamento dessa vogal.

---

<sup>75</sup> Como no *corpus* 1, há apenas 9 ocorrências da vogal [ũ] em sílaba tônica, poderíamos questionar a força dessa vogal, porém esse favorecimento se confirma no *corpus* 2, no qual há 52 ocorrências de [ũ] no referido contexto, após as eliminações já mencionadas.

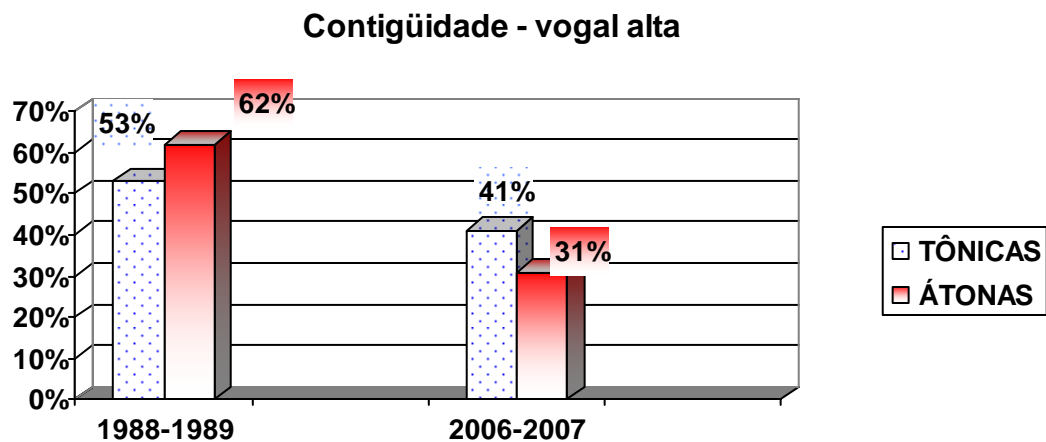
<sup>76</sup> Usamos gráficos para apresentar esses contextos, porque acreditamos que neles os percentuais terão melhor visibilidade que em tabelas.



**Gráfico 5.** Pretônica /e/ - Vogais contíguas.

Podemos ver no Gráfico 5 que há um comportamento diferenciado em relação ao fato de uma átona ou uma tônica estar contígua ao [e] nos dois *corpora*. No *corpus 1*, as átonas ([akredzi'tava, meʃe'rika] favorecem mais o alçamento, já no *corpus 2*, as tônicas([ves'tʃidu, pe'kenu]. Em relação ao *corpus 1*, Kailer (2004) também verificou esse comportamento das átonas em relação ao alçamento, do [o] pretônico, que só teve a tônica como favorável ao alçamento, quando era uma vogal alta ([i,u]). Já os resultados do *corpus 2* encontram respaldo nos estudos de Bisol (1981, 1984), Shwindt (1997, 2002) e Silva (1989).

Neste sentido buscamos averiguar o comportamento da contigüidade apenas com as vogais altas em sílaba seguinte.



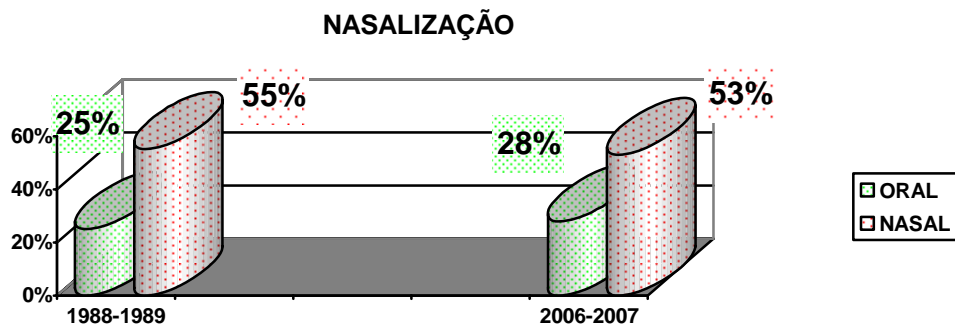
**Gráfico 6.** Pretônica /e/ - Vogais altas contíguas.



Apesar das exclusões das vogais não altas, o resultado não se alterou, pois as átonas continuaram favorecendo mais o alçamento, segundo os dados do *corpus 1*, diferente do que os demais autores apontam. Os resultados do *corpus 2*, porém, confirmam as tônicas altas contíguas como favoráveis ao alçamento, corroborando o que Kailer (2004) verificou sobre o [o] pretônico e os resultados de Bisol (1981, 1984), Silva (1989) e Schwindt (1997, 2002). É interessante ressaltarmos que, mesmo nos dados do *corpus 1*, fica evidente o aumento do percentual de alçamento, quando se trata de uma vogal alta na sílaba subsequente, mesmo sendo as átonas mais favoráveis nesse *corpus*

#### 6.1.2.9 Nasalização

A nasalização, contexto que dificulta o alçamento da pretônica posterior [o], em relação à pretônica anterior [e], constitui um contexto favorável, mesmo assim, foi o último a ser considerado relevante para a aplicação da regra de alçamento, conforme o programa Pacote Goldvarb (*for windows, 2001*), no *corpus 2* e excluído no *corpus 1*. Todavia a inclusão desse contexto na análise das pretônicas encontra respaldo em Bisol (1981), que destaca que o fato de haver mudança de timbre (abaixamento e centralização) justifica a análise do mesmo na aplicação da regra de alçamento.



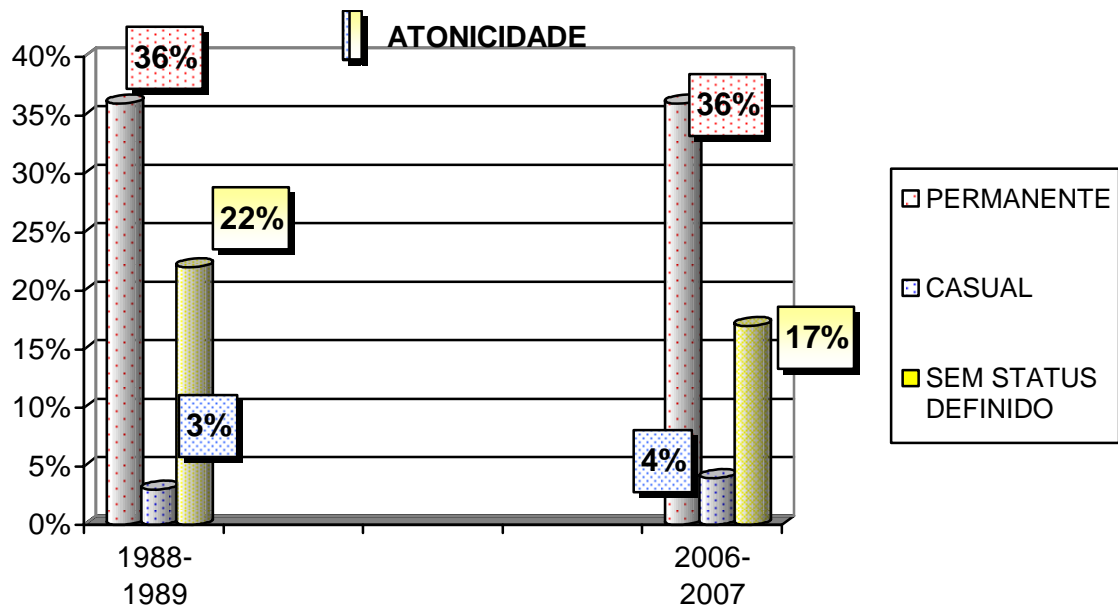
**Gráfico 7.** Pretônica /e/ - Nasalização.

Por meio dos resultados apresentados pelo Gráfico 7, fica evidente que a nasalização é um ambiente propiciador de alçamento da pretônica [e], pois age positivamente nos dois *corpora*. Como já relatamos, este contexto foi considerado o último a ter relevância para a aplicação da regra de alçamento. Sendo assim, na análise do *corpus* 2, obtivemos a probabilidade bastante favorável das nasais (0,784) e desfavorável das orais (0,460). Acreditamos que esse resultado pode ter influência do contexto fronteira silábica, visto que a maioria das ocorrências de [ẽ] em início de sílaba apresentou alçamento. Sendo assim, procedemos a mesma análise com a exclusão desse contexto e verificamos que o percentual da nasalização cai drasticamente para 24% para as nasais e 21% para as orais, ou seja, quase equiparam-se. Neste caso não pudemos visualizar seus pesos relativos, pois o programa excluiu este contexto da análise binominal. Podemos dizer, então, que o alto favorecimento da nasalização está atrelado ao contexto inicial, fato percebido pelo programa que considerou tal contexto pouco significativo.

Mesmo assim este resultado confirma o que Bisol (1981, 1984), Schwindt (1997, 2002), Pontes e Kailer (2001) e Pontes (2002) verificaram, pois a nasalidade favorece o alçamento do [e], neste estudo, principalmente em início de sílaba.

#### **6.1.2.10 Atonicidade**

As palavras trazem marcas de suas histórias intrinsecamente. Verificamos isso, por exemplo, quando uma vogal pretônica tende a manter a altura da vogal de origem, mesmo em face de contextos muito favoráveis ao alçamento, conforme verificamos no gráfico abaixo.



**Gráfico 8.** Pretônica /e/ - Atonicidade.

Como os resultados apresentados no Gráfico 8 atestam, a tonicidade da vogal interfere no alçamento das vogais nos dados dos dois *corpora*. As casuais [#esēsi'aw], com 3% de alçamento nos dados do *corpus* 1; e de 6% no dados do *corpus* 2, apresentam-se como ambiente muito desfavorável ao alçamento da pretônica [e], seguidas das pretônicas sem *status* definidos (17%) ([devia ~ dzivía]), que também apresentam flutuação na atonicidade da pretônica em estudo. Sendo, portanto, as vogais pretônicas de *status* permante [be'zoxo ~ bi'zoxo, pe'keno ~ pi'keno] (36%) as mais favoráveis dos três contextos. Ao excluirmos as realizações da pretôncia nos contextos fronteira silábica, seguido de vogal e vogal alta na sílaba seguinte, as pretônicas sem *status* definido [pe'gow, de'semos, fes'teʒo] e as casuais [vētã'nia, pe'lado, tēpo'raw] não apresentaram nenhuma ocorrência de alçamento. Apenas as pretônicas permanentes [be'zexo ~ bi'zexu, dezē'vowve ~ dzizē'vowve, te'zoura ~ tʃi'zoura] apesar de diminuir o percentual para 13%, continuaram propiciando algum alçamento. Ressaltamos que, em relação à pretônica [e] sem *status* definido, o percentual de alçamento é na maioria das ocorrências condicionado pela vogal alta que geralmente

existe nas conjugações verbais de modo, de tempo ou de pessoa como no vocábulo [ke'ria].

Antes de finalizarmos, voltamos aos dados e verificamos cada realização das pretônicas com atonicidade permanente. Ao excluirmos os casos que apresentam os contextos: prefixo des-, fronteira silábica, vogal alta na sílaba seguinte, seguido de vogal, constatamos que apenas os vocábulos [pe'kena, be'zexu, be'zouru, te'zoura, trave'seyru, be'ropa, sê'nor, sê'nora, fute'bow, se'roula, dzisête'ria, se'bola] estão de fato sujeitos à elevação da pretônica, sem esses contextos mais favoráveis. Destacamos que a lexia [se'bola] apresentou apenas duas ocorrências de alçamento na fala de um senhor com pouca escolaridade da cidade de Pato Branco.

Finalmente, concluímos que o contexto atonicidade permanente, por si só, não é um contexto que propicie o alçamento, porém a atonicidade variável é certamente um ambiente desfavorável ao alçamento. Ou seja, para que a atonicidade permanente seja de fato favorável ao alçamento da pretônica [e] é necessário estar associada a outros contextos favoráveis. Quanto às demais, confirmamos que tendem a manter a altura da vogal de origem, corroborando a afirmação de Bisol (1981, 1984) de que as línguas derivadas do latim trazem consigo uma longa história de variação, e essa variação está ligada em parte a atonicidade, estando as átonas permanentes sujeitas a alterações, enquanto as casuais tendem a se preservarem.

#### 6.1.1.11 Algumas considerações

Por meio das análises das variáveis lingüísticas, pudemos verificar, até o momento, que muitos dos fatores continuam a exercer a mesma influência que exerciam em relação aos dados coletados em 1988-1989. Constatamos que o alçamento da pretônica [e] é favorecido principalmente pelos contextos: fronteira silábica (inicial absoluto) ([#es'kola~ #is'kola]) ou precedido de vogal ([a es'kola ~ ais'kola]), vogal seguinte (hiato) ([ʒe'ada ~

zi 'ada]), vogal alta na sílaba seguinte ([menina ~ minina]), coda silábica preenchida por uma sibilante ([ves 'tʃido ~ vis 'tʃido]) ou por uma nasal ([bēzi 'mêto ~ bĩ 'zimêto]).

As retroflexas e tepes em coda silábica, as vogais médias anteriores na sílaba seguinte, e atonicidade casual foram os ambientes mais negativos à aplicação do alçamento do [e].

O contexto contigüidade mostrou comportamento diferente em relação aos dois *corpora*. No *corpus 1*, as átonas contíguas favoreceram o alçamento, já no *corpus 2*, foram as tônicas contíguas. Quanto aos demais contextos, mesmo não apresentando resultados iguais, suas probabilidades apontaram na mesma direção.

## 7 PRETÔNICAS [e] E [o] NOS FALARES DE PATO BRANCO E DE FOZ DO IGUAÇU - VARIÁVEIS SOCIAIS

Para evitar redundâncias, apresentamos os resultados das variáveis sociais referentes às vogais pretônicas [e] e [o] em uma mesma discussão.

### 7.1 Estudo em Tempo Real<sup>77</sup>

Nesta análise buscamos depreender a gradação etária, ou seja, o comportamento do mesmo indivíduo em épocas diferentes. Como já mencionamos na metodologia, não foi possível recontatar os dois informantes de Pato Branco, a mulher teria 79 anos e o homem 66. Sendo assim, apresentamos primeiramente os resultados dos dois informantes de Foz do Iguaçu em um estudo de painel e em um estudo de tendências. Posteriormente, serão apresentados os resultados de Pato Branco em um estudo de tendências.

#### 7.1.1 Estudo de painel

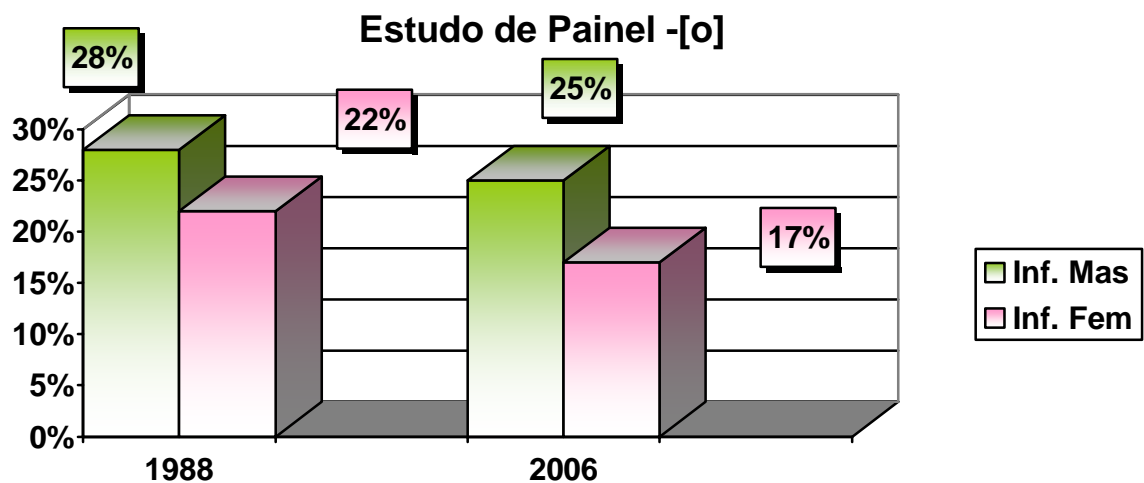
Os informantes de Foz do Iguaçu foram contatados pela primeira vez em 1988 por Aguilera e equipe para a elaboração do ALPR (1994). Nessa época, a mulher estava com 38 anos e o homem com quarenta e cinco. No segundo contato, em 2006, a senhora estava com 55 anos e o senhor com 62. Ambos continuavam, após 18 anos, morando na mesma localidade, desenvolvendo as mesmas atividades, ainda não realizaram viagens, nem mesmo, como queixou-se a senhora, para conhecer as Cataratas do Iguaçu, que ficam a alguns minutos de sua casa. A

---

<sup>77</sup> É importante mais uma vez lembrarmos que tal comparação não possibilita conclusões, apenas auxilia na compreensão do fenômeno, visto que o número de informantes no *corpus 1* é reduzido.

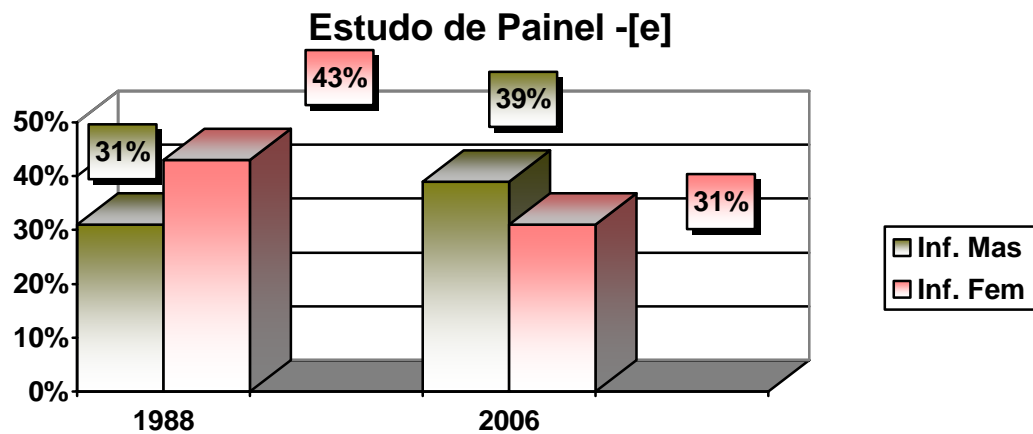
mudança que ocorreu na vida dos dois é que os filhos casaram e lhes deram netos, mas estão morando na mesma localidade. Além disso, a mãe da senhora, que morava no Rio Grande do Sul, agora mora com os dois; a casa de madeira, onde moravam e costumavam tomar chimarrão na varanda e vivenciar alguns dos “causos” contados em nossa entrevista, já muito velha, foi substituída por uma pequena e modesta casa de alvenaria. Agora, segundo eles, mais idosos, não trabalham tanto e por isso têm mais tempo para ouvir rádio e assistir televisão, principalmente os telejornais, as novelas e programas musicais.

Os dois informantes não têm o primário completo, mas percebemos que a senhora, mesmo contando histórias, estava mais atenta a sua própria fala. Quando elogiamos a presteza do senhor seu marido em dar as informações necessárias e contar “causos”, ela se irritou e iniciou uma discussão alegando que o marido no dia-a-dia se fazia de doente e esquecido. No momento em que estava mais preocupada em ganhar a disputa travada com marido, deixou que alguns alçamentos ocorressem, como na lexia que já havia falado sem alçamento [do 'ētʃi] realizou, no embate, como [du 'ētʃi]. Além disso, declarou que o marido não sabia falar a palavra [ 'aɫvɔɾɐ]. Desde que eram jovens, ela sempre o corrigia, pois ele falava [ 'awvɔɾɐ]. Para desagradá-la, hoje em dia, não fala mais [ 'awvɔɾɐ], mas sim [ 'aɫvɐ]. De fato, a gravação de 1988 registra várias realizações da palavra [ 'aɫvɔɾɐ] como [ 'awvɔɾɐ], na fala do informante masculino.



**Gráfico 9.** Estudo de Painel referente à pretônica [o]

Observamos, por meio dos resultados do Gráfico 9, referente à pretônica [o], que o alçamento está mais presente na fala masculina nos dois momentos e, por conseguinte, na fala do mais velho. Nossos dois informantes, no entanto, ao mudarem de faixa etária não aumentaram o uso da forma alçada do [o], diferentemente do que Callou, Moraes e Leite (2002) observaram no falar carioca, no qual os informantes, ao se tornarem mais idosos, aplicam mais a regra de alçamento. Isso talvez se deva ao fato de terem mais tempo para assistir a telejornais, nos quais geralmente a norma culta se faz presente e o alçamento da pretônica [o] restringe-se a poucos contextos nesse meio de comunicação.



**Gráfico 10.** Estudo de Painei referente à pretônica [e]

Quanto à pretônica [e], há diferença em relação ao alçamento, pois a senhora (43%) produzia mais a vogal alta [i] na posição pretônica em 1988 e neste interstício de tempo reduz tal uso (31%). O informante masculino age de modo diferente. Em 1988 (31%) alteava menos que a informante feminina e em 2006 passa a altear mais. A partir disso, é possível verificarmos, na fala feminina, que há uma gradação etária na aplicação do alçamento das duas vogais pretônicas, porque, conforme avança na faixa etária, diminui o uso do alçamento. Entretanto, essa gradação também acontece na fala masculina, mas, em relação à pretônica [e], de maneira inversa, com aumento de 8% no uso da pretônica alteada [i].

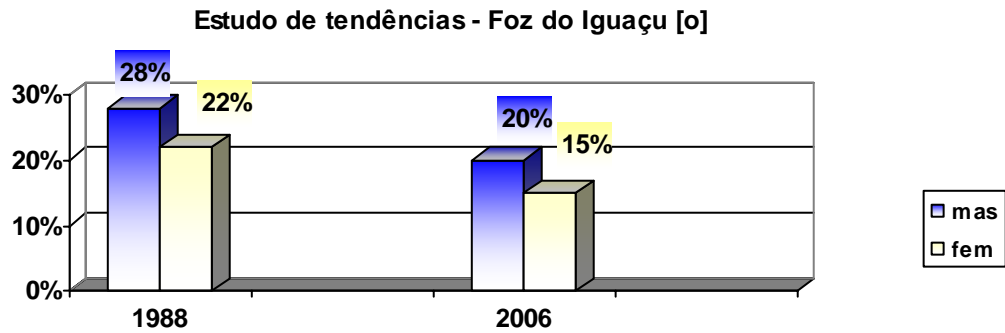


Diante desses resultados podemos tentar levantar algumas hipóteses. A primeira refere-se ao fato do possível prestígio em relação ao alçamento do [e] em 1988 e da manutenção do [o] nas duas épocas, visto que tal uso é feito pela informante feminina e mais jovem que demonstrou, pela discussão que o casal teve, ser mais sensível às variações da fala. Além disso, verificamos, baseados em Labov (1994), que o uso das pretônicas é característica de gradação etária e não de mudança geracional. Esta existiria se os informantes mantivessem o mesmo comportamento frente ao alçamento nas duas épocas e a comunidade apresentasse comportamento instável.

Neste sentido, para que possamos identificar o curso das pretônicas, como variável estável ou como uma mudança em regressão, é preciso verificarmos o comportamento da comunidade, conforme procedemos próximo gráfico.

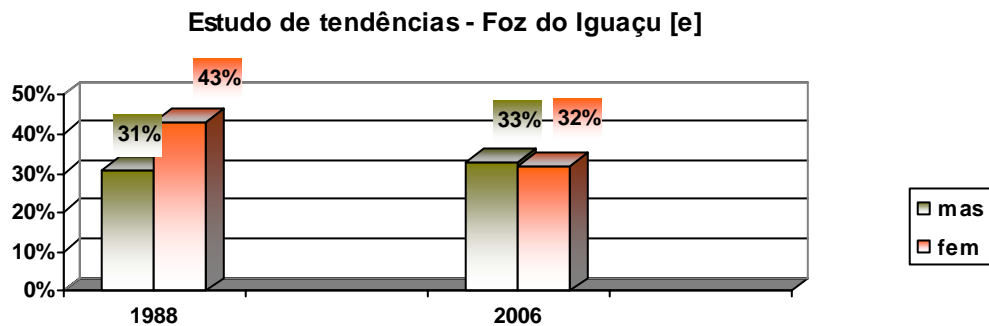
### **7.1.2 Estudo de tendências**

No intuito de identificar o comportamento da comunidade (se também apresenta uma mudança quanto ao uso do alçamento), buscamos comparar os resultados dos dois informantes contatados em 1988 com os resultados do uso da pretônica na fala de outros dois informantes com as mesmas características. Segundo Labov (1994, p. 76), ao constituirmos uma segunda amostra parecida com a de um estudo já realizado, num espaço de tempo significativo, fazendo uso dos mesmos critérios para coleta e análise dos dados, podemos depreender se há uma mudança comunitária, na qual os indivíduos de uma comunidade podem apresentar frequências diferentes no uso de uma mesma variante nos dois momentos.



**Gráfico 11.**-Estudo de tendências – Foz do Iguaçu [o]

Os dados expostos no Gráfico 11 mostram que há um decréscimo na aplicação da regra de alçamento na comunidade, tanto para o homem quanto para a mulher, similarmente ao que apresentaram os resultados do estudo de painel, no qual averiguamos o uso da pretônica [o] na fala dos mesmos informantes.



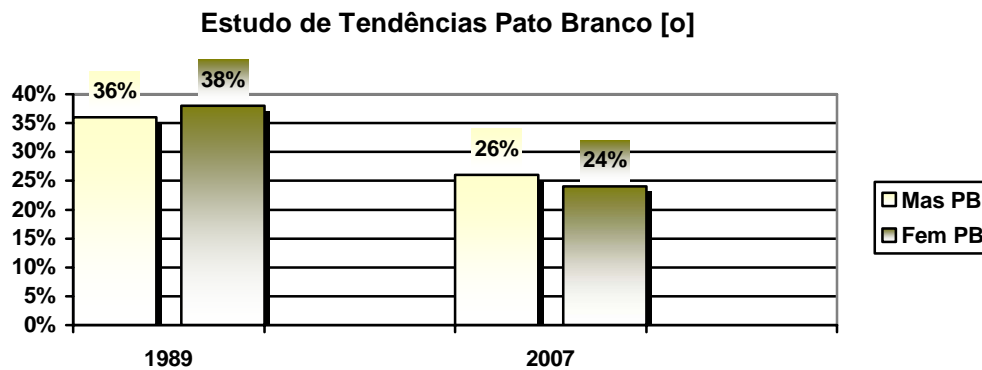
**Gráfico 12.** Estudo de tendências – Foz do Iguaçu [e]

Quanto ao [e] pretônico, o Gráfico 12 também apresenta um discreto aumento no percentual de alçamento e um sensível recuo na fala feminina, e confirma o que havíamos percebido no estudo de painel.

Neste sentido, podemos cogitar a idéia de que, em Foz do Iguaçu, está havendo um recuo, apesar de discreto, no uso da pretônica alçada ([u]) pelos dois informantes do estudo de tendências. Em relação ao [e] pretônico, verificamos o mesmo recuo apenas na fala feminina. Já na fala masculina, observamos um aumento na aplicação da regra de alçamento na fala do

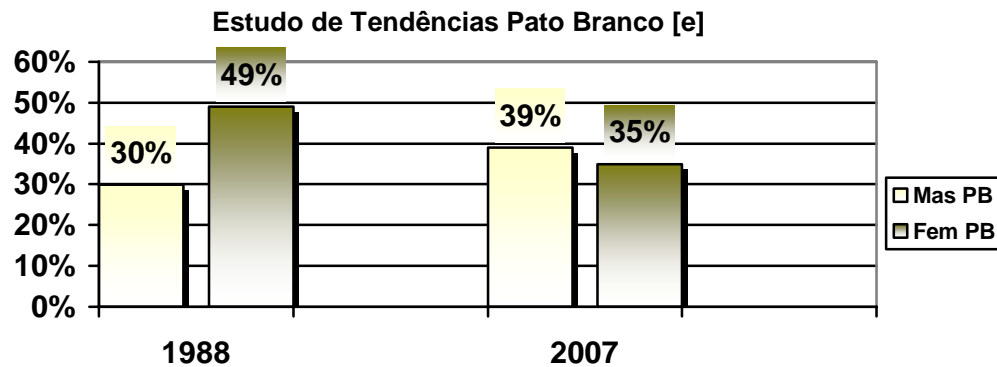
informante recontatado e uma variação praticamente estável na fala do informante do estudo de tendência, pois o aumento é de 2% somente. Como apresentamos apenas dois informantes, qualquer afirmação poderia ser prematura. Sendo assim, buscamos combinar ao estudo em tempo real o estudo em tempo aparente, pois, segundo Labov (1994), a combinação entre esses estudos torna nossas constatações mais confiáveis.

Antes, porém, apresentamos o resultado do estudo de tendência realizado em Pato Branco, visto que nesta cidade não foi possível recontatar os mesmo informantes para a realização do estudo de painel. Em seguida, apresentamos a análise em tempo aparente nas duas cidades.



**Gráfico 13.** Estudo de tendências – Pato Branco – [o]

O Gráfico 13 apresenta resultados semelhantes aos depreendidos com os informantes de Foz do Iguaçu. Verificamos que há um recuo na aplicação do alçamento tanto pelo informante do sexo masculino (em 1989 38% e em 2007 24%) quanto pelo informante do sexo feminino (em 1989 36% para 26% em 2007) e que a mulher preserva mais que o homem a altura da pretônica [o] nos dois momentos.



**Gráfico 14.** Estudo de tendências – Pato Branco [e]

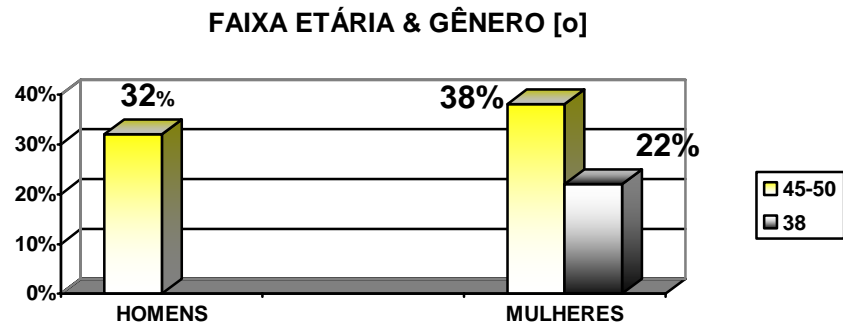
O mesmo recuo verificado em relação à pretônica [e], na fala da informante de Foz do Iguaçu, constatamos na fala da informante de Pato Branco. Já o informante de Pato Branco eleva, sutilmente, a aplicação da regra de alçamento do [e], diferente do que ocorre em Foz do Iguaçu.

O fato de esses outros indivíduos, com características semelhantes às da primeira amostra, apresentarem um recuo no uso da vogal pretônica posterior alta pode ser um indício de que há uma caminhada em direção à não aplicação da regra de alçamento da pretônica [o], também na cidade de Pato Branco. Quanto ao [e], a manutenção da pretônica média anterior [e] parece ser a norma de prestígio em 2006, pois as mulheres tanto de Foz do Iguaçu quanto de Pato Branco recuam no uso do alçamento dessa vogal. Todavia fazer alguma generalização baseando-se apenas no estudo de painel e de tendências pode ser uma atitude prematura. Neste sentido, e com o intuito de melhor entender o comportamento das pretônicas, combinamos esses estudos em tempo real a estudos em tempo aparente, por meio do qual, segundo Labov (1994), podemos depreender se há uma mudança em progresso, uma mudança em retrocesso, ou apenas uma variação estável no uso das pretônicas [o] e [e].

## 7.2 ESTUDO EM TEMPO APARENTE

O estudo em tempo aparente refere-se a análises realizadas com informantes de diferentes faixas etárias numa mesma época, com o intuito de observar se o uso de uma variante

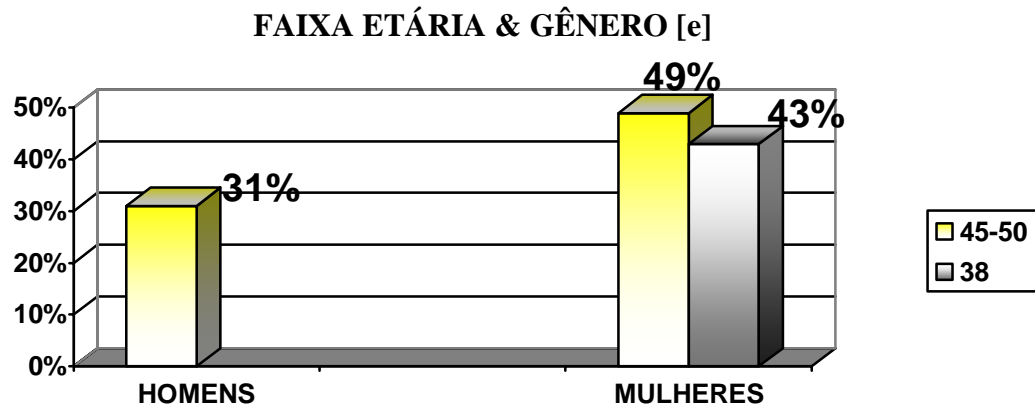
em questão predomina na fala dos mais jovens, dos mais velhos ou na fala do grupo intermediário. Por meio dessa análise podemos identificar uma mudança em progresso, uma mudança em regressão, ou apenas uma variação estável, dependendo dos indivíduos que estiverem fazendo mais uso da regra em estudo (LABOV, 1994).



**Gráfico 15.** Estudo em tempo aparente - Faixa etária & Gênero – 1988-1989 [o]

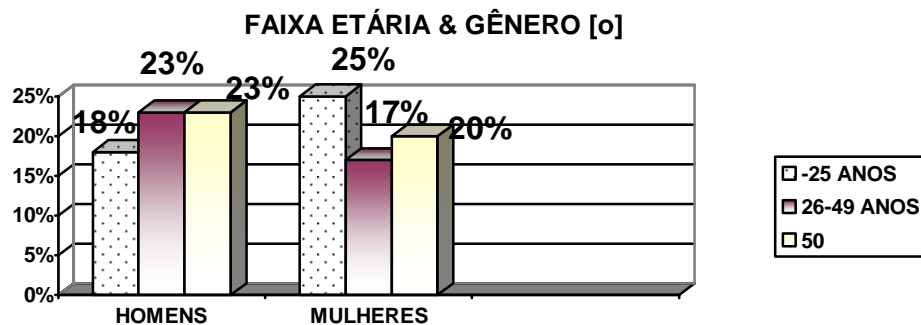
Como a variável gênero não foi considerada significativa, pensamos em não incluí-la em nossas análises, mas ponderamos que seria interessante verificar se, ao cruzá-la com outras variáveis, ainda se manteria neutra.

Podemos constatar, com os dados da amostra de 1988-1989, que, em relação ao [o] pretônico, a mulher mais idosa (50 anos) alça mais do que os homens (45 e 47 anos) e do que a mulher mais jovem (38 anos). Dessa forma, podemos levantar a hipótese de que o fato de a mulher mais jovem e os homens (também mais jovens) estarem alçando poderia ser um indício de retrocesso no uso do alçamento da vogal média posterior em posição pretônica, conforme já apontaram os gráficos anteriores.



**Gráfico 16.** Estudo em tempo aparente – 1988-1989 [e]

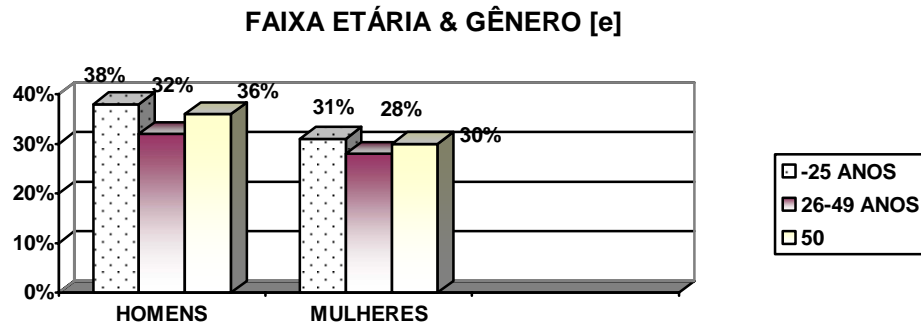
O Gráfico 16 mostra que a vogal pretônica [e] não traça o mesmo percurso da pretônica [o], pois a média anterior apresenta-se com índice mais elevado de alçamento na fala das mulheres independentemente da idade, porém acentua-se na fala da mulher mais idosa. Diante disso e calcados em Labov (1994), ratificamos a hipótese, já levantada, de que o alçamento do [e] pretônico em 1988-1989 poderia ser considerado um uso de prestígio, por ser mais constante na fala feminina.



**Gráfico 17.** Estudo em tempo aparente – Faixa etária & Gênero – 2006-2007 [o]

A partir dos resultados do Gráfico 17, não podemos tirar conclusões elucidativas, pois, no grupo dos homens, os mais jovens aplicam menos o alçamento, já no grupo das mulheres, as mais jovens aplicam mais a regra supracitada. Ou seja, o fato de ser mais jovem não explica o uso do alçamento, como pensamos anteriormente. Porém, verificamos que as mulheres da faixa etária intermediária são as mais resistentes ao alçamento em relação aos demais grupos. Isso,

provavelmente, indica que a aplicação do alçamento pode sofrer estigmatização, mesmo que de forma inconsciente, por parte deste grupo de mulheres, pois verificamos o mesmo comportamento na fala da informante de 38 anos nos dados de 1988-1989.



**Gráfico 18.** Estudo em tempo aparente – Faixa etária e gênero – 2006-2007 – [e]

Quanto ao [e], o Gráfico 18 mostra-nos, apesar da sutil diferença, que os homens alçam mais do que as mulheres independentemente da idade. Além disso, destaca as mulheres de idade intermediária mantendo a altura da pretônica. Segundo Labov (1966), as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e, sendo assim, são mais sensíveis às formas de prestígio social no uso da língua<sup>78</sup> (LABOV, 1972, p. 243), fato que poderia indicar certo prestígio para a manutenção da vogal pretônica nos dados de 2006-2007.

Essa diferença no cuidado com a linguagem não é apenas uma marca das mulheres e dos homens adultos. Monteiro (2000, p. 74), citando Chambers e Trudgill (1993), explana que esses autores verificaram, numa investigação sobre o [r] pós-vocálico em Edimburgo, que há diferença mesmo na fala de crianças de seis anos de idade. Tal diferença, em relação ao sexo feminino e masculino, é justificada por eles devido à posição subordinada das mulheres que lhes impõe tal comportamento para que assegurem, pelo menos, o seu *status* lingüístico<sup>79</sup>. Além disso, os referidos autores destacam que os homens podem ser avaliados socialmente pelo que fazem, enquanto as mulheres são avaliadas pelo que aparentam.

<sup>78</sup> *Women use fewer stigmatized forms than men.... They are more sensitive than men to the prestige pattern.* (LABOV, 1966).

<sup>79</sup> Todavia verificamos nas comunidades investigadas que, com exceção das mulheres de pouca escolarização e que não trabalham para outras pessoas, as demais estão inseridas na sociedade e partilham aparentemente das mesmas pressões sociais que os homens. Ou seja, a explicação desses autores não seriam válidas para a comunidade onde estamos investigando o fenômeno de alçamento das pretônicas.

Por fim, entre tantas justificativas para o fato de a mulher ser mais preocupada em fazer uso da norma mais prestigiada socialmente, e o homem optar pela norma não padrão, temos também a do *prestígio encoberto ou oculto*, ou seja, por se afastar da norma padrão, “inconscientemente lhe associam uma marca de virilidade”. (LABOV, 1966).

Todavia, considerar tais conclusões categóricas, ainda, seria uma atitude precipitada, pois os percentuais são muito parecidos e apenas as mulheres de meia idade recuam no uso alçado das pretônicas [o] e [e] nos dados de 2006-2007. Na tentativa de somarmos evidências para comprovar as hipóteses levantadas, cruzamos a idade e escolaridade na fala de três mulheres da mesma família e de três gerações.

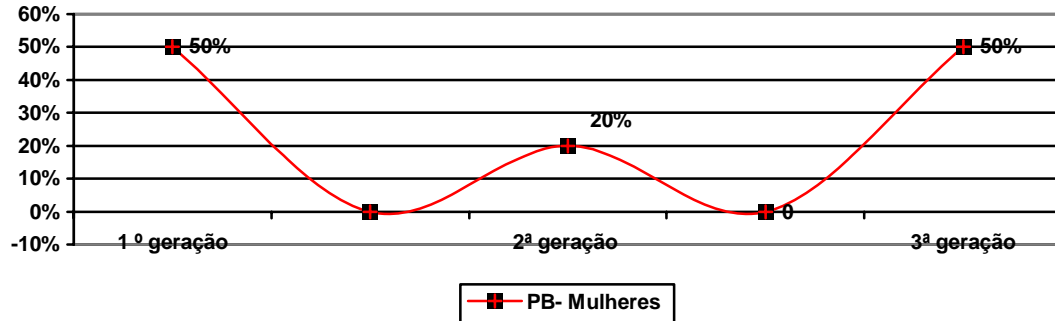
### **7.2.1 Estudo em tempo aparente – geracional**

Procuramos investigar na mesma família o uso das pretônicas por parte das mulheres. A mulher da primeira geração é uma senhora com 65 anos, com ensino fundamental, nascida em Pato Branco e que sempre ajudou no sustento da família. Hoje, ela e seu esposo estão aposentados e possuem um hotel que conduzem com alguns empregados. Por meio de conversas, depreendemos que exercem tal atividade, não por muita necessidade, mas como uma ocupação e como um meio de encontrar outras pessoas para conversar. Sua filha, da segunda geração, com 42 anos, ensino superior, sempre trabalhou fora e é a responsável principal pelas despesas familiares, uma vez que o esposo não tem uma profissão fixa e no momento trabalha como artesão. Sua neta, com 18 anos, representante da terceira geração, possui o segundo grau, não trabalha fora e, no momento, está fazendo cursinho pré-vestibular. As três mulheres são pessoas ativas na comunidade, participam de grupos comunitários.

É interessante observarmos que essas mulheres, apesar das diferenças etárias e de escolaridade, possuem o mesmo perfil comunicativo. Durante a entrevista apresentaram muita desenvoltura e demonstraram ser pessoas bem relacionadas na comunidade onde vivem.



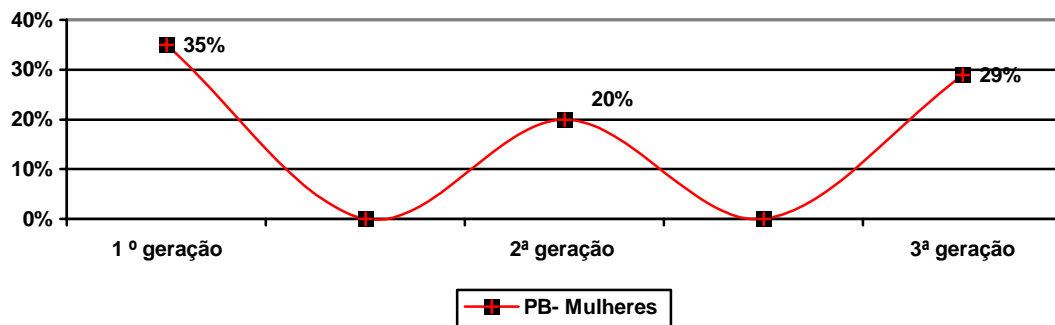
**Porcentagem de alçamento da pretônica [o] distribuído por três gerações de uma mesma família - Estudo em tempo aparente**



**Gráfico 19.** Estudo em tempo aparente –Três gerações de uma mesma família. [o]

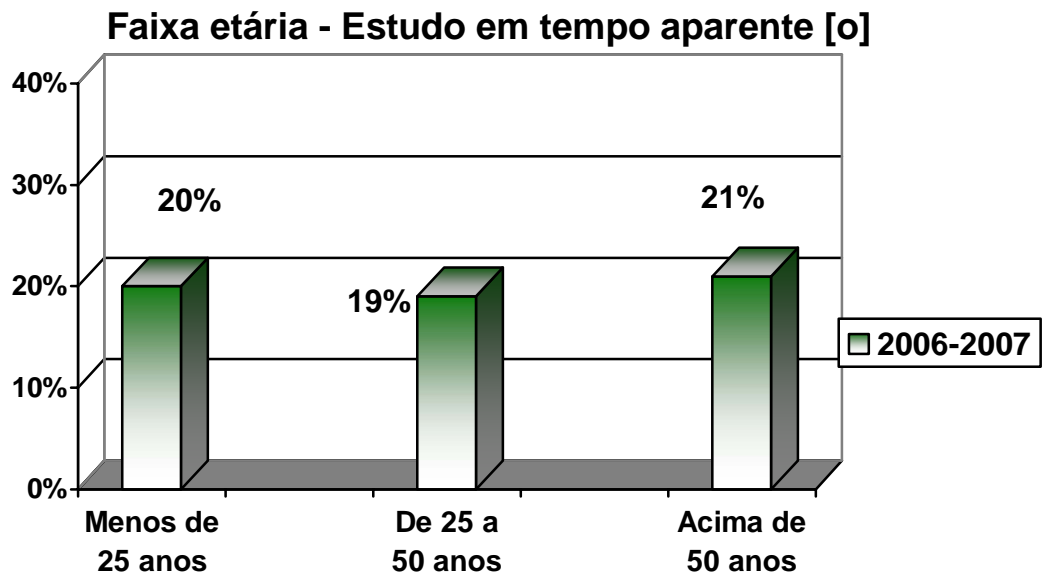
Diante do perfil das informantes e dos percentuais apresentados pelo gráfico, inferimos, primeiro, que o alçamento, neste caso, pode não ser a regra de mais prestígio, visto que a senhora, já aposentada, que trabalha em seu próprio estabelecimento e sua neta, que ainda não está preocupada com trabalho, pois seu objetivo é passar em um vestibular, ambas apresentam alto índice de alçamento (50%), em relação à média geral que foi de 20% nas duas cidades em estudo. Na fala da representante da 2ª geração, o alçamento só ocorreu em 20% das realizações da pretônica [o]. Mas como a informante da segunda geração possui ensino superior, ou seja, o fato de ser mais escolarizada, somado ao fator pressão social, pode nos conduzir para a segunda hipótese, a de que o gráfico apresenta uma variação estável no uso da pretônica [o], pois os dois extremos (jovens e idosos) mantêm o mesmo percentual de uso do fenômeno em estudo.

**Porcentagem de alçamento da pretônica [e] distribuído por três gerações de uma mesma família - Estudo em tempo aparente**



**Gráfico 20.** Estudo em tempo aparente –Três gerações de uma mesma família. [e]

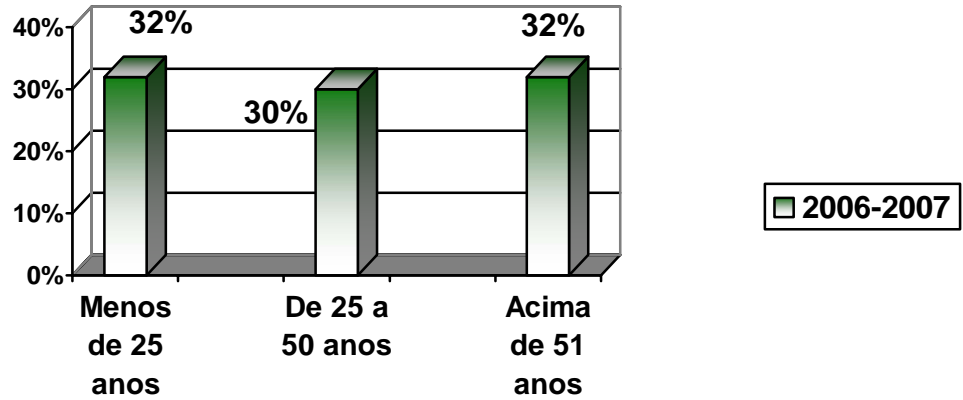
Os resultados do Gráfico 20 sobre a pretônica [e] não elucidam muito, pois, ao mesmo tempo em que nos conduzem para a hipótese que levantamos em relação à pretônica [o], apontam a informante de meia idade como a mais resistente ao alçamento, e a informante mais jovem alçando mais que a informante mais idosa. Neste sentido, podemos pensar que a informante de meia idade, que é arrimo de família e trabalha ativamente, provavelmente sente mais as pressões sociais para o uso da norma de prestígio (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980). Além disso, os resultados dos gráficos mostram uma curva que tem os dois pontos extremos favoráveis ao alçamento, o que poder ser um indicativo de variação estável no uso das pretônicas e não de uma mudança em retrocesso. Buscamos identificar esse fato nos gráficos sobre faixa etária e escolarização de todos os informantes.



**Gráfico 21.** Faixa etária [o]

Constatamos, a partir dos resultados apresentados pelo Gráfico 21, que a variável faixa etária não apresenta muita relevância, bem como as demais variáveis sociais. Mesmo com os percentuais muito semelhantes, vemos que a resistência maior ao alçamento da pretônica [o] está no grupo de meia idade. O mesmo comportamento detectamos no gráfico a seguir sobre o [e] pretônico.

### Faixa etária - Estudo em tempo aparente [e]



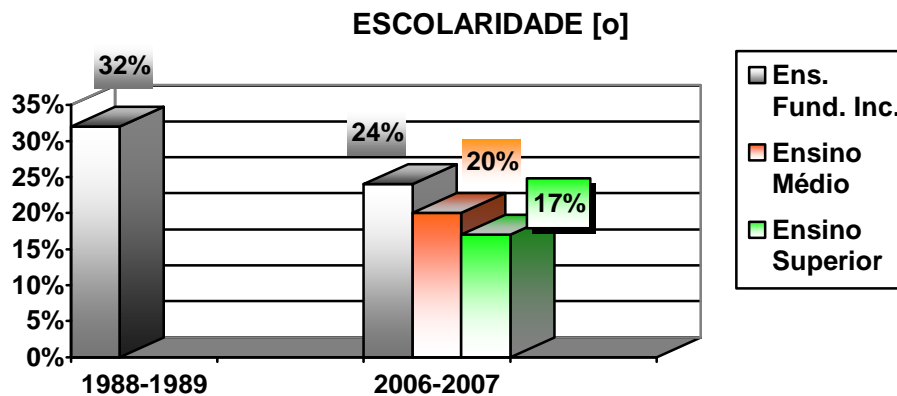
**Gráfico 22.** Faixa etária [e]

Os percentuais de alçamento da pretônica [e], apesar de mais expressivos que da pretônica [o], também não revelam nenhuma faixa etária como fator favorável ou desfavorável ao alçamento. Inferimos, entretanto, ecoando Chambers e Trudgill (1980, p. 98), que esses percentuais apresentados nos dois gráficos, apontando o grupo de faixa etária intermediária, possam indicar que o alçamento, mesmo que de forma bastante sutil, é uma mudança em retrocesso. Sua aplicação mais favorável está presente na fala daqueles que não sofrem tantas pressões sociais, como os jovens, que ainda estão iniciando suas carreiras, e os mais velhos, que já obtiveram êxito ou fracasso em suas vidas, por isso não dão muita importância às imposições sociais, conforme ocorreu na fala das três informantes de diferentes gerações em Pato Branco.

Além disso, esses resultados mais uma vez apontam para uma variação estável no uso das pretônicas [o] e [e], mas, como o próprio Labov salienta, é necessário levarmos em consideração outros fatores sociais, antes de darmos como definitiva qualquer conclusão. Sendo assim, buscamos mais subsídios para elucidar o caminho que o alçamento está traçando nessas duas cidades paranaenses, por meio da análise da faixa etária com a escolaridade e da análise do gênero com a escolaridade.

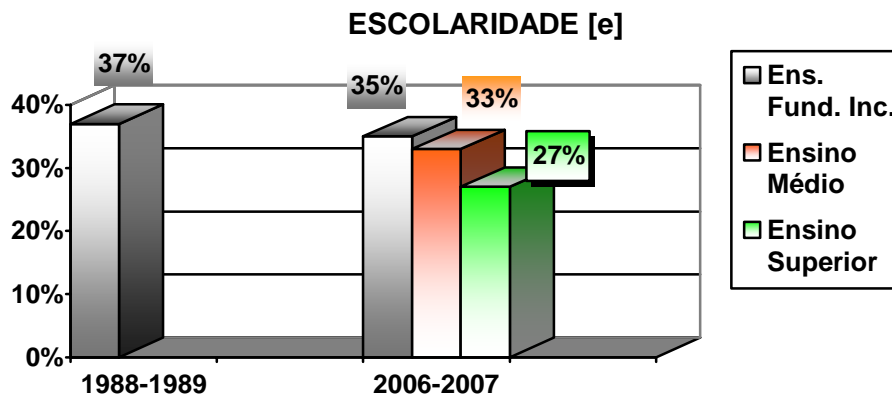
## 7.3 VARIÁVEIS SOCIAIS

### 7.3.1 Variável Social: Escolaridade



**Gráfico 23.** Escolaridade [o]

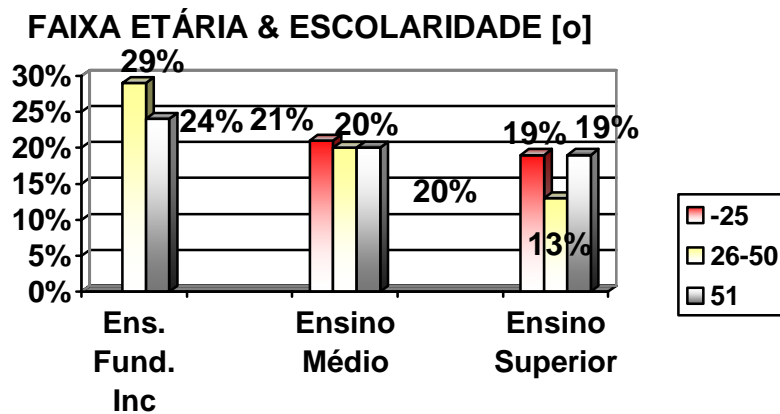
Observando os resultados do Gráfico 23, verificamos claramente a influência da escolaridade na manutenção da altura da pretônica [o]. Os informantes com pouca escolarização em 1988-1989 são os que apresentam o mais alto índice de alçamento. Nos dados de 2006-2007, apesar de haver um declínio na aplicação da regra em questão, eles também lideram, seguidos dos informantes que possuem o ensino médio. Já os informantes que possuem ensino superior demonstraram ser os mais resistentes ao alçamento.



**Gráfico 24.** Escolaridade [e]

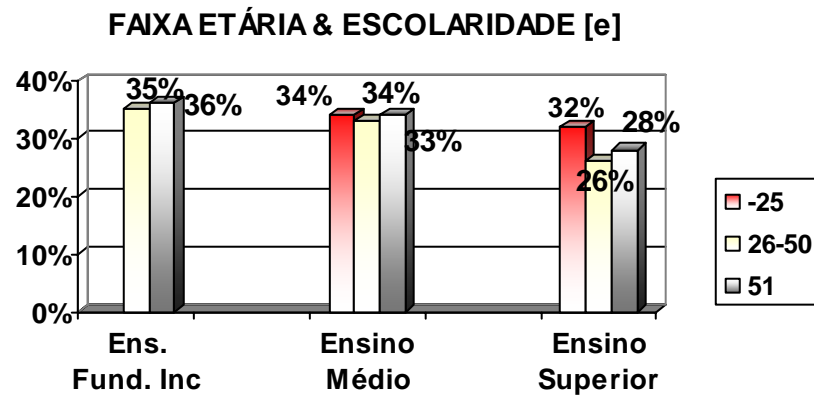
O Gráfico 24 confirma os resultados depreendidos acerca da pretônica [o], pois, apesar do percentual de alçamento do [e] ser mais alto, também indica que os informantes com menos escolarização são mais favoráveis ao alçamento do [e] e que os mais escolarizados são os mais resistentes. Se considerarmos que um dos papéis da escola é o de ensinar a seus alunos a norma de prestígio, podemos pensar que a manutenção da altura da pretônica [o] e da pretônica [e] é de fato mais prestigiada que a forma alçada dessas vogais ([u] [i]), apesar de a estigmatização do alçamento não ser uma prática explícita.

### 7.3.1.1 Variável social: escolaridade e faixa etária



**Gráfico 25.** Faixa etária & escolaridade [o]

Verificamos no Gráfico 25 que os mais escolarizados e de meia idade constituem o grupo de maior resistência ao alçamento. Por outro lado, o grupo da mesma idade, com menor escolarização (ensino fundamental e séries iniciais incompletos) são os informantes que mais usam alçar a pretônica [o]. O grupo de informantes com ensino médio, por sua vez, apresenta percentual muito próximo aos percentuais revelados na fala dos informantes mais idosos e na fala dos informantes mais jovens e com ensino superior. Sendo assim, vamos confirmando, com estes resultados, a hipótese de que a escolarização parece exercer bastante influência em relação ao uso da pretônica [o], principalmente em relação ao grupo de faixa etária intermediária.

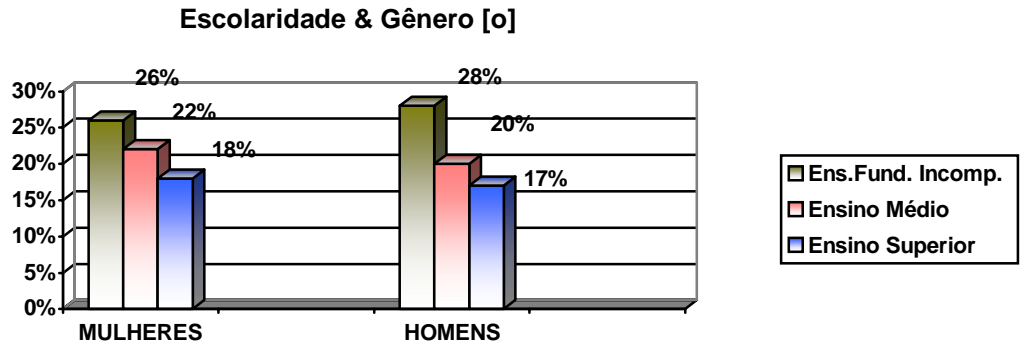


**Gráfico 26.** Faixa etária & escolaridade [e]

Em relação ao [e], também verificamos que o percentual mais relevante refere-se ao grupo de faixa etária intermediária, com ensino superior (26%), pois este novamente se destaca na manutenção da altura da pretônica [e]. Mais uma vez identificamos os informantes idosos (36%) e faixa etária intermediária (35%) com menos escolarização aplicando mais o alçamento das duas vogais pretônicas [e] e [o]. Já os mais escolarizados, independentemente da idade, alçam menos, mas principalmente se pertencerem ao grupo intermediário. Isso mais uma vez nos remete à questão das pressões sociais (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 98) que tal grupo sofre. Por ser mais escolarizado, geralmente tem a percepção da importância que a sociedade de modo geral dá ao uso da norma de prestígio, que até o momento parece ser a de manter a altura das pretônicas, principalmente da pretônica [o].

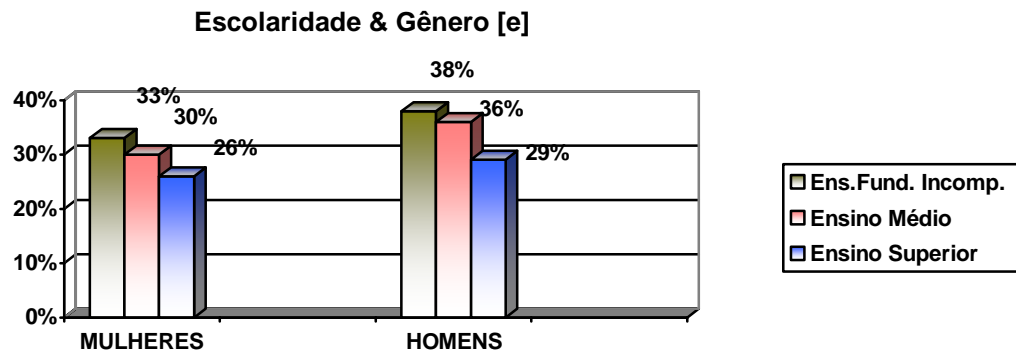
### 7.3.1.2 Variável social: escolaridade e gênero

Segundo Chambers (2001 p. 354), nas comunidades em que a desigualdade social entre homens e mulheres é menos evidente, o comportamento lingüístico de ambos tende a ser parecido. É o que parece acontecer com os informantes investigados, pois não há resultados relevantes em relação ao gênero. Conforme os dois gráficos demonstram, o que define mais favorecimento ou mais resistência ao alçamento é a escolarização.



**Gráfico 27.** Escolaridade & Gênero [o]

Apesar de o alçamento do [o] aparentemente não ser considerado como uma forma estigmatizada socialmente em nossa variedade lingüística, percebemos que o predomínio desse fenômeno ocorre com informantes menos escolarizados, tanto do sexo feminino, quanto do sexo masculino. Apesar de a variável gênero não ter apresentado, por si só, qualquer relevância na aplicação da regra de alçamento, tanto que seu percentual foi de 21% para os homens e para as mulheres, constatamos com esses percentuais que as mulheres menos escolarizadas aplicam menos a regra supramencionada do que os homens com a mesma escolarização, ao contrário das mulheres mais escolarizadas que alçam mais ou se equiparam aos homens do mesmo nível de escolarização, embora a porcentagem não nos autorize a tirar qualquer conclusão.



**Gráfico 28.** Escolaridade & Gênero [e]

Em relação à vogal pretônica [e], o gênero mostra um percentual diferente: os homens apresentaram (34%) de alçamento e as mulheres (29%). Tal tendência fica evidente quando cruzamos esta variável com a variável escolaridade, pois vemos que os homens com escolaridade semelhante à das mulheres sempre se apresentam mais favoráveis ao alçamento. Além disso, observamos que as mulheres mais escolarizadas são as mais resistentes ao alçamento e os homens com menos instrução são os mais favorecedores da aplicação da regra de alçamento. Ou seja, esses resultados vêm confirmar tudo o que já vimos até aqui sobre as variáveis sociais, que apontam a manutenção do [o], principalmente na fala dos mais escolarizados e de faixa etária intermediária, e a manutenção do [e] na fala das mulheres, dos mais escolarizados e faixa etária intermediária.

Buscamos, por fim, identificar se o fato de o informante estar inserido no mercado de trabalho ou fora dele interfere no uso das pretônicas [e] e [o].

### **7.3.2 Variável Social: Inserção no Mercado de Trabalho**

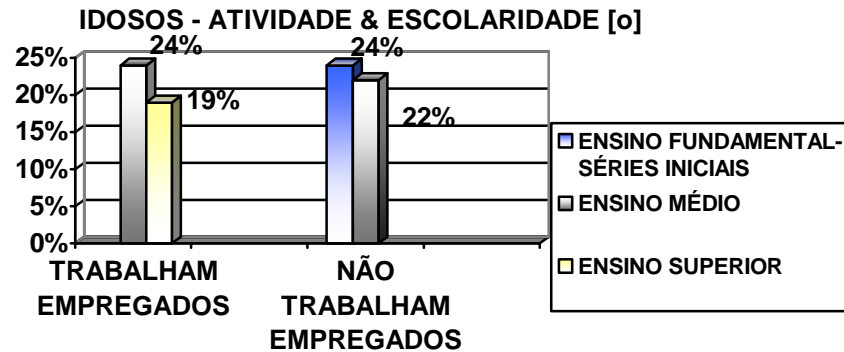
Apesar de não termos estratificado a variável classe social, nem mesmo a atividade exercida por cada informante, pudemos por meio de uma reclassificação verificar, junto aos jovens e aos idosos, dois diferentes grupos para estes e quatro para aqueles. Ficaram assim subdivididos: jovens com ensino médio que já estão trabalhando *versus* jovens com mesma a escolaridade que estão se preparando para o vestibular e seus gastos são custeados por seus pais.

Quanto aos jovens com ensino superior, verificamos que todos os entrevistados já estão inseridos no mercado de trabalho. No entanto observamos que poderíamos separá-los em dois grupos. Por um lado, o grupo dos jovens que trabalham para seus pais, e, por outro, o dos jovens que trabalham para outras pessoas.

Quanto aos idosos, separamos em dois grupos: aqueles que já se aposentaram e não trabalham para outros comparados aos idosos que ainda estão no mercado de trabalho (trabalham para outros). Verifiquemos, então, como cada grupo se comportou nos gráficos.

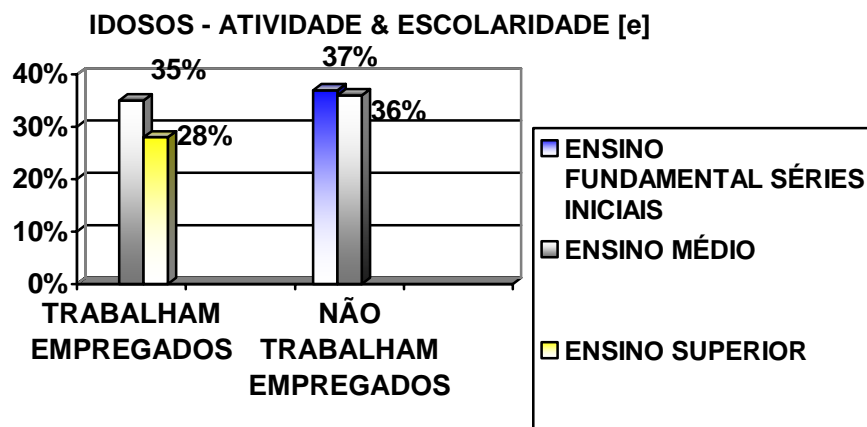


### 7.3.2.1 Variável social: idosos – atividade & escolaridade



**Gráfico 29.** IDOSOS- Atividade & Escolaridade [o]

Os resultados do Gráfico 29 evidenciam que a atividade parece não estar interferindo na aplicação da regra de alçamento. Porém, ao olharmos com mais cuidado para os percentuais, percebemos que os idosos com ensino superior que ainda estão trabalhando como empregados fazem menos uso da variante [u] (19%).



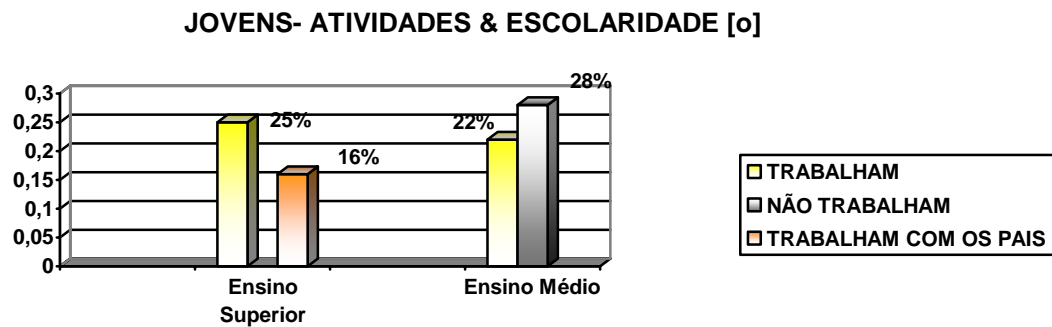
**Gráfico 30.** IDOSOS- Atividade & Escolaridade [e]

Neste gráfico verificamos que os idosos com ensino superior que ainda estão inseridos no mercado de trabalho também recuam no uso do alçamento do [e]. Já os idosos com menos

escolarização e que estão aposentados aplicam mais a regra de alçamento, porém os resultados são pouco expressivos em relação aos informantes com ensino fundamental incompleto e ensino médio.

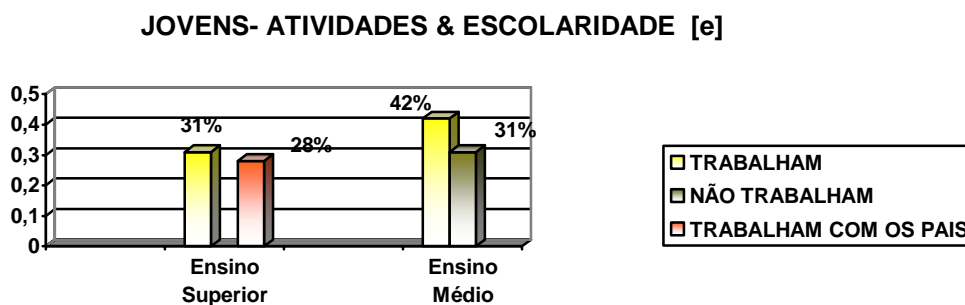
Quanto aos informantes idosos, podemos, retomando Chambers e Trudgill (1980), dizer que, em relação às duas pretônicas [e] e [o], pode ser que haja uma certa influência das pressões sociais, ou que estes sejam mais sensíveis às normas que consideram de prestígio, visto que a maioria dos idosos com ensino superior classificou a manutenção da altura da pretônica como a forma mais “correta”, conforme a avaliação do informante, na página 208.

### 7.3.2.2 Variável social: jovens -atividade & escolaridade



**Gráfico 31.** JOVENS- Atividade & Escolaridade.

É possível vermos que os jovens com ensino médio que ainda não trabalham alçam mais que os jovens com a mesma escolaridade e que já estão trabalhando. Quanto aos jovens com ensino superior, verificamos que aqueles que trabalham com seus pais alçam menos (16%) que os que trabalham para outrem. Dentre estes, um dos informantes jovens, com ensino superior e que trabalha no sítio de seus pais, é o que alça menos (10%).



**Gráfico 32.** JOVENS- Atividade & Escolaridade.

Quanto ao [e] pretônico, o gráfico aponta os jovens com ensino médio (42%) e que trabalham com um percentual expressivo de alçamento. Já os jovens, com ensino superior (31%) e que trabalham para outras pessoas, apesar de alçarem mais do que os jovens que trabalham para seus pais, equiparam-se ao percentual de alçamento apresentado pelos jovens que não trabalham e possuem o ensino médio (31%). Por fim, os jovens com ensino superior e que trabalham para seus pais são os que menos alçamento apresentam.

Diante dos resultados dos dois gráficos, percebemos que a variável inserção no mercado de trabalho não elucida se há uma pressão social sobre o uso do alçamento ou manutenção da altura das pretônicas [e] e [o] na fala dos jovens, uma vez que tanto os que trabalham para terceiro quanto aqueles que não trabalham nas duas escolaridades apresentam os mais altos índices de alçamento do [o]. Quanto ao [e], os que trabalham para outras pessoas aplicam mais o alçamento, diferindo, no entanto, do jovem com ensino superior que trabalha no sítio com seus pais e que apresenta bastante resistência ao alçamento das duas pretônicas (24% para o [e] e 10% para o [o]). Parece, portanto, que na fala dos jovens o alçamento das pretônicas não está relacionado com a questão da inserção social. Neste sentido, é possível que o alçamento das pretônicas não sofra qualquer tipo de estigmatização por parte deste grupo e que seja apenas uma regra de uso variável.

### 7.3.2.3 Variável Social: Região

O alçamento das pretônicas tem sido considerado desde Nascentes (1953) como um "divisor de águas" de norte a sul do Brasil. Depois dele, muitos trabalhos foram desenvolvidos para mostrar que, por exemplo, em Salvador há o predomínio das médias semi-abertas em contexto das pretônicas (SILVA, 1989). Já no Rio Grande do Sul (BISOL, 1981; SCHWINDT, 1997, 2002), assim como em Santa Catarina (SCHWINDT, 2002) e no Rio de Janeiro (CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991), predominam as médias semi-fechadas. No Paraná, em certas regiões há o predomínio da média pretônica [e] alçada ([i]) e, em outras, como Oeste e Sudoeste, há o predomínio da forma não alçada ([e]) (PONTES; KAILER; 2001).

Primeiramente apresentamos os resultados da aplicação do alçamento no uso das pretônicas [e] e [o] tendo como contexto seguinte qualquer vogal, em seguida, mostramos os resultados de alçamento dessas vogais quando o contexto seguinte é uma vogal alta. É interessante reiterarmos que o fator que motivou o presente estudo nas duas regiões foram os resultados obtidos por Kailer(2004), quando investigou o uso da pretônica [o] em trinta cidades paranaenses com os dados do ALPR(AGUILERA, 1994). A referida autora verificou que a cidade de Pato Branco apresentava um índice mais elevado de aplicação de alçamento do que Foz do Iguaçu, principalmente quando o contexto seguinte era preenchido por uma vogal alta. Ela verificou também que, neste contexto, o uso da pretônica [o], nessas trinta cidades, apresentava linhas de aplicação do alçamento e de resistência que compreendiam o caminho que os tropeiros faziam quando vinham de Viamão (RS) com destino a Sorocaba (SP)<sup>80</sup>. Além disso, a escolha de Foz do Iguaçu ocorreu porque também apresentava resultados divergentes em relação às duas pretônicas ([o] e [e]). Diferentemente do que Kailer constatou sobre o [o], Pontes (2002)<sup>81</sup>, em um de seus estudos acerca da pretônica [e], verifica que o alçamento do [e] é mais produtivo em Foz do Iguaçu e menos em Pato Branco, levantando a hipótese de isso acontecer porque Foz do Iguaçu está em área limítrofe com outros dois países (Argentina e Paraguai).

<sup>80</sup> Conforme Anexo A, mapa 1, p. 270 .

<sup>81</sup> Como já mencionamos, após nossas análises encontramos resultados diferentes dos de Pontes, talvez porque ele tenha analisado o alçamento da pretônica [e] em contexto inicial no estudo mencionado.

**Tabela 16.** Regiões- Alçamento das vogais pretônicas com todas as vogais em sílaba seguinte a das vogais pretônicas

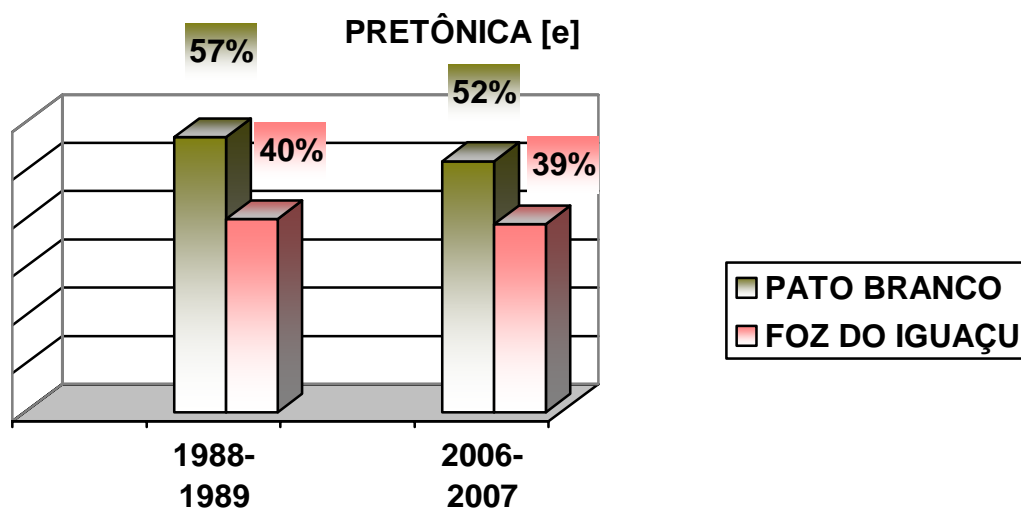
<b>Região</b>	<b>Pretônica [o]</b>	<b>Pretônica [e]</b>
Pato Branco - 1988-1989 <sup>82</sup>	38%	43%
Foz do Iguaçu – 1988-1989	25%	37%
Pato Branco -2006-2007	20%	32%
Foz do Iguaçu – 2006-2007	20%	30%

Acerca da variável região, observamos, de acordo com Kailer (2004), que o alçamento do [o] em contexto de qualquer vogal em sílaba seguinte é mais produtivo em Pato Branco (38%) e menos em Foz do Iguaçu (25%). Conforme a Tabela 16, verificamos que a aplicação do alçamento recuou nesta década quando há qualquer vogal na sílaba seguinte. Pato Branco, que em 1989 apresentou percentuais bastante favoráveis para o [o] (38%) e para o [e] (43%), em 2007 diminuiu para 20% para o [o] e 32% para o [e]. Foz do Iguaçu, por sua vez, já em 1988 demonstrava mais resistência ao alçamento, apresentando para o [o] percentual de 25% e para o [e] de 37%. Em 2006 regrediu para 20% para o [o] e 30% para o [e].

Observamos, por fim, que os resultados nos dizem que nas duas regiões a aplicação da regra de alçamento neste interstício de tempo apresentou o mesmo comportamento de uma regra variável, mas aparentemente em retrocesso, apesar de cada cidade ter se desenvolvido de maneira diferente econômica e socialmente, o que segundo Labov (1994) pode influenciar no falar das comunidades.

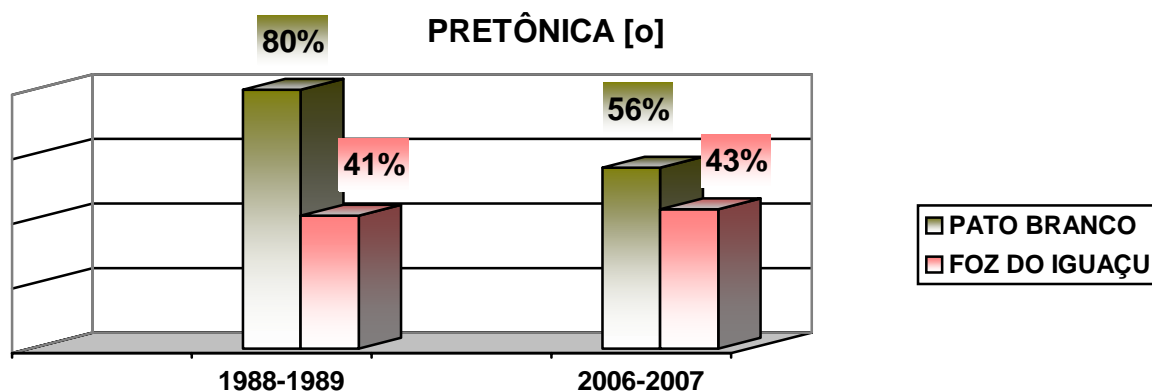
Vejam agora, os percentuais quando o contexto seguinte é uma vogal alta. Este contexto é apontado por muitos autores (Bisol, 1991, Shwindt, 1997,2002, Kailer, 2004, Pontes, 2001, 2002) entre outros, como o contexto que mais propicia alçamento. Além disso, foi neste contexto que Kailer (2004) verificou resultados mais interessantes entre as duas cidades, conforme já mencionamos, principalmente o favorecimento ao alçamento em Pato Branco e a resistência à aplicação do mesmo em Foz do Iguaçu.

<sup>82</sup> Conforme Anexo A, mapa 1, p. 270.



**Gráfico 33**– Pretônica [o] em contexto de vogais altas na sílaba seguinte nas duas regiões investigadas

Por meio do Gráfico 33 podemos observar um discreto recuo na aplicação do alçamento nas duas regiões. É interessante verificar que Foz do Iguaçu, que já nos dados do *corpus 1* apresentava um percentual mais baixo (40%) não revelou alteração nos dados do *corpus 2* (39%). Isso significa que, em relação ao uso da pretônica [e], esta localidade manteve uma variação estável, mas com índices baixos. Pato Branco, que em 1989 apresentou percentuais mais favoráveis para o [o] (57%), em 2007, também demonstra uma variação estável, com 52%. Diante disso, podemos dizer que, em relação ao [e] pretônico em contexto favorável ao alçamento, ou seja, de vogal alta seguinte, há uma variação estável, com uma sutil tendência ao recuo na aplicação do alçamento, principalmente em Pato Branco. Comparando as duas regiões podemos verificar que Pato Branco (57% *corpus 1* e 52% *corpus 2*) é mais favorável à aplicação do alçamento da pretônica [e] do que Foz do Iguaçu (52% *corpus 1* e 39% *corpus 2*), tanto nos dados do *corpus 1* quanto nos dados do *corpus 2*. Tal diferença fica mais evidente em relação ao [o] pretônico, conforme o gráfico a seguir.



**Gráfico 34** – Pretônica [e] em contexto de vogais altas na sílaba seguinte<sup>83</sup> nas duas regiões investigadas.

Conforme o Gráfico 34, verificamos que o alçamento da pretônica [o] recuou nestas duas décadas nas duas regiões. Pato Branco, que em 1989 apresentou percentuais bastante favoráveis (80%), em 2007 diminuiu para 56%. Foz do Iguaçu, por sua vez, já em 1988 demonstrava mais resistência ao alçamento, apresentando 41% de alçamento da pretônica [o], em 2006 praticamente não apresentou mudança, visto que aumentou apenas 2%, passando para 43%. Diante disso, constatamos, pelos resultados, que o alçamento da pretônica [o] em contexto de vogal alta seguinte trata-se de uma mudança em regressão no falar de Pato Branco, e de uma variação estável no falar de Foz do Iguaçu. Além disso, tais resultados confirmam que Foz do Iguaçu também é mais resistente ao alçamento da pretônica [o] em contexto de vogal alta seguinte.

É evidente que não podemos confirmar a existência de uma mudança em regressão, pois os dados de 1989 restringem-se apenas à fala de dois informantes, mas, por outro lado, não podemos negar que tais resultados são muito importantes e têm sua representatividade, visto que Aguilera e equipe (1994) não escolheram aleatoriamente tais informantes, mas encontraram pessoas que preenchessem vários requisitos que os autorizassem como representantes das

<sup>83</sup> Optamos por apresentar a análise das regiões apenas com vogais altas seguintes, primeiro porque são elas os principais contextos favorecedores de alçamento e segundo porque foi a partir da análise do [o] pretônico seguido de vogal alta que Kailer (2004) verificou a diferença expressiva de uma localidade para outra e também o trajeto dos tropeiros tanto na manutenção quanto na aplicação do alçamento da pretônica [o], conforme podemos verificar no mapa 1, Anexo A, p. 270.

referidas cidades. Constatamos, ainda, que os resultados da maioria dos contextos depreendidos por meio dos dados do ALPR(1994) indicam as mesmas direções apontadas pelos dados de 2006-2007, bem como para os resultados da maioria dos estudos aqui mencionados, ou seja, isso confirma a valia desses dados.

Sendo assim, nossos resultados, principalmente de alçamento das vogais pretônicas em contexto favorável, ou seja, de vogais altas seguintes, mais uma vez corroboram a afirmativa de Nascentes (1953) sobre uso das pretônicas como um “divisor de águas” em relação a várias regiões brasileiras e assim como ocorreu com o [e] em início de palavras em algumas cidades das regiões Oeste e Sudoeste (PONTES; KAILER, 2001). No presente estudo referente a Foz do Iguaçu e Pato Branco, podemos visualizar, mesmo que sutilmente, tal diferença, pois Pato Branco apresenta-se como uma região mais favorável à aplicação do alçamento enquanto Foz do Iguaçu demonstra ser uma região de maior resitência. Por fim, podemos visualizar uma possível mudança em regressão em Pato Branco e uma variação estável em Foz do Iguaçu. Em suma, mesmo não havendo como comprovar a influência dos tropeiros no falar de Pato Branco, nem dos falares dos países limítrofes em Foz do Iguaçu, vemos que, em contexto de vogal alta seguinte, há uma diferença regional na aplicação do alçamento das vogais pretônicas.

### **7.3.3 Avaliação dos informantes quanto ao uso do alçamento**

A diferença no uso das vogais pretônicas caracteriza alguns falares brasileiros, como já mencionou Nascentes (1953). Segundo Viegas (1987, 2001) e Oliveira (1992), em Belo Horizonte há ocorrências, por exemplo, de [li' trĩna, fuʎĩ' na], entre outros, porém no falar das regiões que estamos investigando isso nunca ocorre. Tal fato leva nos a pensar que, além de haver o abaixamento, a manutenção e o alçamento das pretônicas por regiões, há também uma questão regional quanto ao item lexical a se submeter ao alçamento.

A esse respeito Monteiro (2000) e Macambira (1987) afirmam que os sulistas gracejam referindo-se às vogais pretônicas pronunciadas pelos pernambucanos em: “Rêcife, cidade dêcente”, estigmatizando tal traço do falar nordestino. Neste sentido, retomamos o esquema de implementação de uma mudança proposto por Labov (1994), segundo o qual



Uma **mudança de som regular** é o resultado de uma transformação gradual de apenas um traço fonético a um fonema em um espaço fonético contínuo. É característica do estágio inicial de uma mudança que se desenvolve no sistema lingüístico, sem condicionamento lexical ou gramatical ou qualquer grau de consciência social (“change from below”). A **difusão lexical** é o resultado da substituição abrupta de um fonema por um outro em palavras que contenham aquele fonema. As formas novas e as formas antigas geralmente diferem em vários traços fonéticos. Este processo é mais característico de estágios tardios de uma mudança interna que tem sido diferenciada por condicionamentos lexicais e gramaticais, ou tem se desenvolvido com um alto grau de consciência social ou de empréstimos de outros sistemas (“change from above”) (LABOV, 1994, p.542)<sup>84</sup>. (Tradução nossa)

Como o nosso intuito é verificar qual é o nível de consciência do falante em relação às variantes pretônicas alçadas ([i], [u]), buscamos, por meio da avaliação do próprio informante, deprender qual é a sua visão quanto ao alçamento e se todos os itens lexicais recebem a mesma valorização. Por meio dessa análise pretendemos deprender se há alguma estigmatização por parte do falante quanto ao alçamento e, somando aos contextos lingüísticos e extralingüísticos já analisados, entender se o uso alçado das pretônicas em alguns itens lexicais é um processo de mudança regular ou se ele é de cunho lexical

Como já mencionamos na metodologia, nossa entrevista teve duração de mais ou menos uma hora. No início preenchemos uma ficha com informações pessoais do informante, posteriormente fizemos a aplicação de um questionário. Depois de muitas reformulações, optamos por perder alguns contextos e primar por uma entrevista mais próxima de uma conversa espontânea. Primeiramente preenchemos uma ficha pessoal do informante e posteriormente aplicamos questões que abordavam assuntos referentes a cidade, a familiares, remédios, utensílios, animais, ou outros que percebíamos ser de interesse do informante, sempre tentando deprender alguns contextos que já havíamos previstos e que eram relevantes para nosso estudo. Em uma terceira etapa, o informante era levado a contar algumas histórias, depois a fazer a leitura de um texto e, por último, pedíamos que avaliasse vários itens lexicais com diferentes fenômenos lingüísticos.

---

<sup>84</sup> **Regular sound change** is the result of a gradual transformation of a single phonetic feature of a phoneme in a continuous phonetic space. It is characteristic of the initial stages of a change that develops within a linguistic system, without lexical or grammatical conditioning or any degree of social awareness (“change from below”). **Lexical diffusion** is the result of the abrupt substitution of one phoneme for another in words that contain that phoneme. The older and newer forms of the word will usually differ by several phonetic features. This process is most characteristic of the late stages of an internal change that has been differentiated by lexical and grammatical conditioning, or has developed a high degree of social awareness or of borrowings from other systems (“change from above”). (LABOV, 1994, P. 542)

Como em um estudo piloto, realizado em Guaraniaçu, sobre a pretônica [e], verificamos que, se puséssemos apenas os contextos das pretônicas e precisássemos por qualquer motivo refazer a entrevista, o informante já saberia qual era nosso interesse. Então, além dos contextos em que ocorre a realização da pretônica, perguntamos sobre alguns casos de rotacismo, palatalização, monotongação e sobre as átonas postônicas, entre outros fenômenos lingüísticos. Não perguntamos sobre todos os contextos lingüísticos em que há alçamento, conforme gostaríamos, pois nesta altura da entrevista o informante geralmente estava bastante cansado e, como a maioria não dispunha de tempo para conversar conosco em outro momento, precisávamos explorar ao máximo o momento concedido.

Neste sentido perguntávamos, por exemplo: Há diferença em falar: [me 'nino] ou [mi 'ninu]? Qual delas você usa? Por quê? Com perguntas como essas foi possível inferirmos se o informante tinha consciência do uso que fazia; se usava uma variante, mas considerava a outra correta; se considerava que a sua variante era a mais prestigiada; ou se para ele era indiferente o uso de uma ou outra variante.

Observamos que a avaliação do informante depende da escolaridade, pois a maioria dos informantes com pouca escolarização disse que não havia diferença entre uma ou outra realização, com exceção dos informantes com ensino fundamental incompleto série iniciais, de Foz do Iguaçu. O senhor, por exemplo, disse que [truvu 'ada] seria “feio falar”, [du 'ēsa] seria a forma mais “bonita”, [#ospi 'taw] seria uma fala mais “moderada”, [siɻ 'viso] é fala de “caipira”, e que [pikini 'niɻu] e [#is 'kola] eram usados no “passado”, “hoje em dia” fala-se “[pekeno, #eskola]” que é “mais moderno”. A senhora, com a mesma escolaridade, também vê as formas que preservam a altura das vogais [o] e [e] como “as mais bonitas”, mas durante a discussão faz uso da lexia [du 'ētʃi], fato que não ocorreu durante a entrevista, quando usou por várias vezes a palavra [do 'ēte].

Todos os informantes com ensino médio acreditam que as duas formas são iguais. Uns dizem que só há diferença na pronúncia, que às vezes é realizada “rapidamente”. Por não se policiarem, produzem as formas alçadas das pretônicas. Outros atribuem à região. O informante, do grupo intermediário, reitera que as pessoas que têm “um pouquinho de cultura” não falam [#uspi 'taw] e [siɻ 'visu], a não ser que morem no interior, então “lá é possível que

alguém fale”. A lexia [vi 'adu] é remetida ao homossexual e [ve 'ado] ao animal, da mesma forma que o informante idoso com ensino médio avalia. Os demais disseram que as duas formas são usadas indiferentemente. A informante idosa salientou somente que ela ouve e usa [trovo 'ada, goɫ 'dura, bu 'nitu, seɫ 'visu, mi 'ninu, #is 'kɔla, pe 'kenu], mas que não vê diferença em usar uma ou outra forma. Todavia depende, segundo ela, da rapidez com que se fala.

Os informantes com ensino superior acreditam que as lexias [siɫ 'viso, #uspi 'taw, li 'trĩna, piɫ 'nĩna, fu 'ɫĩna] são “erradas”. Além destas, a informante idosa enfatizou que não “suporta” ouvir [guɫ 'dura], e acrescenta: “eu aprindi com meus pais, meu marido e irmã são professores, eu pego pesado. Minha impregada, fala muito errado”. Ou seja, ela avalia o alçamento de forma estigmatizada, mas faz uso do mesmo. Quanto à lexia [ve 'ado], todos atribuíram a mesma valoração ao alçamento, mesmo aqueles que usaram a forma alçada para se referir ao animal. Com exceção da informante idosa, já mencionada, os demais declaram, perante os exemplos de alçamento do [e] em sílaba inicial, das pretônicas com vogal alta na sílaba seguinte e em hiato, que é comum na fala das pessoas, que as duas realizações têm a mesma valia. Para justificar o uso do alçamento, o informante de idade intermediária cita o exemplo de Jô Soares que, segundo ele, é um dos homens mais cultos da televisão e pronuncia sempre [tʃi 'atru]. Mesmo assim, este informante não apresenta alçamento nesta lexia.

Quanto à avaliação dos informantes de Pato Branco, percebemos mais resistência na avaliação dos jovens com ensino superior. O Informante masculino, jovem, com ensino médio em um primeiro momento disse que [#is 'kɔla] estava errado, depois conforme foram sendo apresentadas as demais palavras, disse que dependia do lugar, pois em casa fala-se mais “à vontade” e que se pode falar as duas formas, mas não se deve escrever com alçamento. Já o informante de idade intermediária, também com ensino médio, é mais categórico e afirma que se deve falar corretamente, “como se escreve”, que em Pato Branco nunca ouviu falar [guɫ 'dura, fu 'ɫĩna, li 'trĩna, piɫ 'nĩna, tu 'mate, tu 'mada], que jamais falaria [du 'mĩgu] e que [#uspi 'taw] está “incorreto”. Uma informante com ensino médio, jovem, acredita que é a

mesma coisa falar de uma ou de outra maneira, com exceção de [guɫ' dura, fu' kɪ̃ɲa, li' trɪ̃ɲa, piɫ' nɪ̃ɲa], que nunca ouviu em Pato Branco e que não usaria.

Os informantes jovens, de idade intermediária e com ensino superior foram unânimes em dizer que o alçamento é considerado “errado” e que não falariam formas como [guɫ' dura, du' ěsa, siɫ' visu, #uspi' taw, tu' mate, tu' mada, truvu' ada, fu' kɪ̃ɲa, li' trɪ̃ɲa]. Salientaram que estas seis últimas formas não se ouvem na região, mas, se ouvissem, não as corrigiriam, a não ser que fossem pessoas muito íntimas. Depois que fomos introduzindo lexias como [me' nino, bo' nito, do' mĩgo, bo' nɛka], todos remeteram o alçamento da pretônica a uma questão de sotaque de cada pessoa e que é preciso respeitar, mas que não é a forma culta, relacionando-as com a escrita. Por fim, a lexia [ve' ado ~ vi' adu], recebeu diferentes valorações. A primeira, remetem ao animal, a segunda, ao homossexual, todavia o informante de idade intermediária disse que hoje em dia tal vocábulo é usado das duas formas somente para o animal, para pessoa usa-se *gay*.

Quanto aos informantes mais idosos, com ensino superior, vimos bastantes diferenças na avaliação da mulher em relação à avaliação do senhor. Na visão deste, todos falam apenas [#ospi' taw, seɫ' visu, guɫ' dura], as demais realizações não diferem, ocorrem na fala de todos, “já que são descendentes de italianos”, que não há diferença, até mesmo na lexia [ve' ado]. Já a senhora reitera que nunca falou [#is' kɔla, guɫ' dura, #uspi' taw], e que é provável que ocorra na fala de pessoas bem humildes. Já [bo' nitu] e [do' mĩgu], acredita que fica feio, que tais pronúncias são pedantes, que é melhor dizer [du' mĩgu], [bu' nitu] e que é normal falar assim, mas não escrever. Ambos declaram não usar nem ouvir as formas [fu' kɪ̃ɲa, li' trɪ̃ɲa, siɫ' visu, tu' mate, tu' mada, pu' mada].

Os informantes idosos com ensino médio acreditam que as forma não alçadas são as mais corretas, que eles não falariam ou ao menos tentam não falar formas com alçamento, mas que é normal ouvir as pessoas falarem, com exceção de [#uspi' taw, truvu' ada, tu' mate, tu' mada, pu' mada, fu' kɪ̃ɲa, li' trɪ̃ɲa, siɫ' visu] que não ouvem na região. Ambos, como a maioria dos informantes já mencionados, avaliam pejorativamente a palavra [vi' adu]. Já [kõ' pridu] e kũ' pridu], preferem a primeira, mas entendem que não há diferença de

sentido de uma para outra. Por fim, enfatizam que tentam se “currigi o pussível” para realizar as formas que consideram corretas [pe 'kenu, #eskola, me 'ninu].

Os informantes com pouca escolaridade e ensino fundamental incompleto também foram unânimes em considerar que ambas as formas são iguais, que não há diferença alguma, com exceção de [do 'mīgu], que o senhor de idade intermediária disse ser a mais correta, e da palavra [#uspi 'taw], que a informante da mesma faixa etária disse que nunca ouviu e que é “meio esquisita”.

A partir das avaliações realizadas pelos informantes, pudemos concluir que o alçamento nos contextos mais favoráveis, conforme apresentamos na análise (vogal alta na sílaba seguinte, seguido de vogal, a pretônica média anterior em sílaba inicial), são aceitos, inclusive uma informante com ensino superior admite que é melhor falar [bu 'nitu, du 'mīgu], pois soa melhor do que a forma não alçada. Como acabamos de mencionar, o informante de Foz do Iguaçu, também com ensino superior, salienta que “até Jô Soares” produz pretônicas alçadas, no contexto de hiato. Além disso, muitos deles remetem o alçamento ao uso cotidiano, entre os seus. Já os contextos mais resistentes ao alçamento, quando ocorrem, são atribuídos à fala de pessoas mais humildes e menos escolarizadas. Outros itens lexicais como [fu 'kīna, li 'trīna, piɻ 'nīna, tu 'mate, siɻ 'visu, pu 'mada, tu 'mate, tu 'mada] parecem não fazer parte do repertório regional desses informantes. Este último foi mencionado como fala de pessoas caipiras apenas por um informante com pouca escolaridade de Foz do Iguaçu, os demais disseram nunca ter ouvido ou que tal realização estava errada.

### 7.3.3.1 Algumas considerações

Conforme fomos escrutinando o uso das vogais pretônicas no falar das duas cidades, verificamos, como muitos já o fizeram (Bisol, Schwindt, Mota, Kailer, Pontes e Callou), que a estrutura possibilita ou dificulta a ocorrência do alçamento. Percebemos também algumas variáveis sociais como escolaridade e faixa etária interferindo no uso alçado das pretônicas, pois vimos que, de modo geral, as pessoas com ensino superior e idade intermediária são mais

resistentes ao alçamento. Além disso, percebemos que o uso alçado das pretônicas nem sempre é consciente, pois muitos, embora o estigmatizem, fazem uso dele, conforme constatamos com a avaliação da informante idosa com ensino superior, que ainda está inserida no mercado de trabalho. Por outro lado, nas lexias com ambientes estruturais favoráveis ao alçamento, parece não haver marcas evidentes e é permitido o processo de alçamento (*change from above*) e por isso não recebem estigmatização. Em contrapartida, ao avaliar o alçamento em contextos mais resistentes [fu'ʎiɲa, li'trɲiɲa, siɟ'viso,#uspi'taw, tu'mada], os informantes rejeitam tal uso. Nesses casos o processo de alçamento é inibido devido ao desprestígio (*change from below*), como referido por Labov (1994).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe-nos lembrar aqui a motivação deste trabalho: os resultados obtidos por Kailer (2004), quando investigou o uso da pretônica /o/ em trinta cidades paranaenses com os dados retirados do ALPR (AGUILERA, 1994). Kailer verificou que a cidade de Pato Branco apresentava um índice mais elevado de aplicação de alçamento do que Foz do Iguaçu, principalmente quando o contexto seguinte era preenchido por uma vogal alta. Verificou também que, neste contexto, o uso da pretônica [o] apresentava linhas de aplicação do alçamento e de resistência que compreendiam o caminho que os tropeiros faziam quando vinham de Viamão (RS) com destino a Sorocaba (SP). Além disso, a escolha de Foz do Iguaçu ocorreu porque também apresentava resultados divergentes em relação às duas pretônicas ([o] e [e]). Diferentemente do que Kailer constatou sobre o [o], Pontes (2002), em um de seus estudos acerca da pretônica [e], verificou que o alçamento do [e] é mais produtivo em Foz do Iguaçu e menos em Pato Branco, levantando a hipótese de isso acontecer porque Foz do Iguaçu está em área limítrofe com outros dois países (Argentina e Paraguai).

Considerar a procedência histórica dos falantes das regiões: Pato Branco subsidiada pela fala paulista e pela gaúcha interioranas e Foz do Iguaçu pelo espanhol de fronteira, além da influência indígena seria do ponto de vista sociolinguístico extremamente interessante. Entretanto para podermos comprovar essa hipótese seria necessário contar com análises semelhantes à nossa, situação inexistente até o presente. Assim sendo, a variável histórica fica, no momento, não apreciada.

Se por um lado, as variáveis sócio-históricas não puderam ser consideradas, por outro lado fatores sociais podem ser levados em consideração como foi apreciado no decorrer deste trabalho. Apontamos aqui as conclusões a que chegamos em função da análise apresentada:

1. A partir do que observamos até agora, podemos dizer que a vogal posterior /o/ continua sendo regida pelos mesmos princípios fonéticos que a regiam há 18 anos. Vogal alta na sílaba seguinte e vogal pretônica [o] seguida por uma vogal são certamente os contextos que mais proporcionam alçamento. As palatais, tanto no contexto precedente quanto no seguinte, foram as consoantes adjacentes que se mantiveram muito favoráveis à aplicação da regra de alçamento, seguidas da velar [k] precedente. O modo de articulação mostrou pouca relevância na

aplicação da regra de alçamento, sendo as oclusivas e as fricativas os mais prováveis ambientes para o alçamento do [o]. A atonicidade do [o] mostrou-se relevante, visto que as permanentes continuam agindo positivamente enquanto as casuais são praticamente inibidoras do alçamento da pretônica. Finalmente, verificamos que a vogal pretônica oral que possui uma vogal contígua tônica demonstra estar mais suscetível ao alçamento. Quanto à estrutura da sílaba, apenas a sílaba travada por uma alveolar sibilante, destacou-se como o ambiente mais favorável nos dois *corpora* analisados.

2. Os informantes com pouca escolarização em 1988-1989 são os que apresentam o mais alto índice de alçamento da pretônica [o]. Nos dados de 2006-2007, apesar de haver um declínio na aplicação da regra em questão, eles também lideram, seguidos dos informantes que possuem o ensino médio. Já os informantes que possuem ensino superior demonstraram ser os mais resistentes ao alçamento.

3. Os informantes com menos escolarização são mais favoráveis ao alçamento do [e] e os mais escolarizados são os mais resistentes. Se considerarmos que um dos papéis da escola é o de ensinar aos seus alunos a norma de prestígio, podemos pensar que a manutenção da altura da pretônica [o] e da pretônica [e] é de fato mais prestigiada que a forma alçada dessas vogais ([u] [i]), apesar de a estigmatização do alçamento das pretônicas não ser uma prática explícita nas comunidades em estudo.

4. Verificamos também que os mais escolarizados e de meia idade constituem o grupo de maior resistência ao alçamento. Por outro lado, o grupo da mesma idade, com menor escolarização (ensino fundamental e séries iniciais incompletos) são os informantes que mais usam alçar a pretônica [o]. O grupo de informantes com ensino médio, por sua vez, apresenta percentual muito próximo aos percentuais revelados na fala dos informantes mais idosos e na fala dos informantes mais jovens e com ensino superior. Sendo assim, vamos confirmando, com estes resultados, a hipótese de que a escolarização parece exercer bastante influência em relação ao uso da pretônica [o], principalmente em relação ao grupo de faixa etária intermediária.

5. Em relação ao [e], também verificamos que o percentual mais relevante refere-se ao grupo de faixa etária intermediária, com ensino superior (26%), pois este novamente se destaca na manutenção da altura da pretônica [e]. Mais uma vez identificamos os informantes idosos (36%) e faixa etária intermediária (35%) com menos escolarização aplicando mais o alçamento das duas vogais pretônicas [e] e [o]. Já os mais escolarizados, independentemente da idade, alçam



menos, mas principalmente se pertencerem ao grupo intermediário. Isso mais uma vez nos remete à questão das pressões sociais como sugerem Chambers e Trudgill (1980), que tal grupo sofre. Por ser mais escolarizado, geralmente tem a percepção da importância que a sociedade de modo geral dá ao uso da norma de prestígio, que até o momento parece ser a de manter a altura das pretônicas, principalmente da pretônica [o].

6. Segundo Chambers (2001), nas comunidades em que a desigualdade social entre homens e mulheres é menos evidente, o comportamento lingüístico de ambos tende a ser semelhante. É o que parece acontecer com os informantes investigados, pois não há resultados relevantes em relação ao gênero. Conforme os resultados demonstram, o que define mais favorecimento ou mais resistência ao alçamento é a escolarização e a idade.

7. Apesar de o alçamento do [o] aparentemente não ser considerado como uma forma estigmatizada socialmente, percebemos que o predomínio desse fenômeno ocorre com informantes menos escolarizados, tanto do sexo feminino, quanto do sexo masculino. Apesar de a variável gênero não ter apresentado, por si só, qualquer relevância na aplicação da regra de alçamento, tanto que seu percentual foi de 21% para os homens e para as mulheres. Mesmo assim, por meio dos cruzamentos das variáveis sociais, pudemos constatar que as mulheres menos escolarizadas aplicam menos a regra supramencionada do que os homens com a mesma escolarização, ao contrário das mulheres mais escolarizadas que alçam mais ou se equiparam aos homens do mesmo nível de escolarização, embora as porcentagens não nos autorizem a tirar qualquer conclusão.

8. Em relação à vogal pretônica /e/, o gênero mostra um percentual diferente: os homens apresentaram (34%) de alçamento e as mulheres (29%). Tal tendência fica evidente quando cruzamos esta variável com a variável escolaridade, pois vemos que os homens com escolaridade semelhante à das mulheres sempre se apresentam mais favoráveis ao alçamento. Além disso, vemos que as mulheres mais escolarizadas são as mais resistentes ao alçamento e os homens com menos instrução são os mais favorecedores da aplicação da regra de alçamento. Ou seja, esses resultados vêm confirmar tudo o que já vimos até aqui sobre as variáveis sociais, que apontam a manutenção do [o], principalmente na fala dos mais escolarizados com idade intermediária, e a manutenção do [e] na fala das mulheres, dos mais escolarizados e de faixa etária intermediária. Buscamos, por fim, identificar se o fato de o informante estar inserido no mercado de trabalho ou fora dele interfere no uso das pretônicas [e] e [o].

9. Apesar de não termos estratificado a variável classe social, nem mesmo a atividade exercida pelo informante, pudemos verificar por meio de uma reclassificação, junto aos jovens e aos idosos, dois diferentes grupos para estes e quatro para aqueles. Ficaram assim subdivididos: jovens com ensino médio que já estão trabalhando *versus* jovens com a mesma escolaridade que estão se preparando para o vestibular e seus gastos são custeados pelos pais. Quanto aos jovens com ensino superior, verificamos que todos os entrevistados já estão inseridos no mercado de trabalho. No entanto, observamos que poderíamos separá-los em dois grupos. Por um lado, o grupo dos jovens que trabalham para seus pais, e, por outro, o dos jovens que trabalham para outras pessoas. Quanto aos idosos, separamos em dois grupos: aqueles que já se aposentaram e não trabalham para outros comparados aos idosos que ainda estão no mercado de trabalho (trabalham para outros).

10. Porém, ao olharmos com mais cuidado para os percentuais, percebemos que os idosos com ensino superior que ainda estão trabalhando como empregados fazem menos uso da variante [u] (19%). Já os idosos com menos escolarização e que estão aposentados aplicam mais a regra de alçamento, todavia os resultados são pouco expressivos em relação aos informantes com ensino fundamental incompleto e ensino médio. Quanto aos informantes idosos, podemos, retomando Chambers e Trudgill (1980), dizer que, em relação às duas pretônicas [e] e [o], pode ser que haja certa influência das pressões sociais, ou que estes sejam mais sensíveis às normas que consideram de prestígio, visto que a maioria dos idosos com ensino superior classificou a manutenção da altura da pretônica como a forma mais “correta”.

11. É possível vermos que os jovens com ensino médio que ainda não trabalham alçam mais que os jovens com a mesma escolaridade e que já estão trabalhando. Quanto aos jovens com ensino superior, verificamos que aqueles que trabalham com seus pais alçam menos (16%) que os que trabalham para outrem. Dentre estes, um dos informantes jovens, com ensino superior e que trabalha no sítio de seus pais, é o que alça menos (10%).

12. Quanto ao [e] pretônico, há um percentual expressivo de alçamento entre os jovens com ensino médio (42%) e que trabalham em ambiente doméstico. Já os jovens, com ensino superior (31%) e que trabalham para outras pessoas, apesar de alçarem mais do que os jovens que trabalham para seus pais, equiparam-se ao percentual de alçamento apresentado pelos jovens que não trabalham e possuem o ensino médio (31%). Por fim, os jovens com ensino superior e que trabalham para seus pais são os que menos alçamento apresentam. Diante dos resultados

percebemos que a variável inserção no mercado de trabalho não elucida se há uma pressão social sobre o uso do alçamento ou manutenção da altura das pretônicas [e] e [o] na fala dos jovens, uma vez que tanto os que trabalham para terceiro quanto aqueles que não trabalham, nas duas escolaridades apresentam os mais altos índices de alçamento do [o]. Quanto ao [e], os que trabalham para outras pessoas aplicam mais o alçamento, diferindo, no entanto, do jovem com ensino superior que trabalha no sítio com seus pais e que apresenta bastante resistência ao alçamento das duas pretônicas (24% para o [e] e 10% para o [o]). Parece, portanto, que na fala dos jovens o alçamento das pretônicas não está relacionado com a questão da inserção social. Neste sentido, é possível que o alçamento das pretônicas não sofra qualquer tipo de estigmatização por parte deste grupo e que seja apenas uma regra de uso variável.

Temos consciência que este estudo apresenta muitas limitações, seria interessante, por exemplo, analisarmos os estilos de fala do mais formal ao mais informal, por meio dos quais provavelmente obteríamos resultados bastante relevantes, como ocorreu com a informante de Foz do Iguaçu que, ao se envolver na discussão com o marido, produziu mais casos de alçamento.

Um estudo apenas com lexias que possuem os contextos depreendidos como favoráveis ao alçamento das duas pretônicas também poderiam evidenciar uma possível mudança em progresso ou em regressão.

Além disso, talvez uma análise sob a luz de outras teorias fonológicas, como a Prosódia ou a Métrica, por exemplo, pudesse preencher muitas lacunas por nós deixadas.

Como disse a professora Ucy (comunicação oral), este momento é de término de uma investigação, mas não o fim das pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B.; GALVES, C. As diferenças entre o português europeu e o português brasileiro uma abordagem otimalista e minimalista. **DELTA**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 377-403, 1998.
- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Nasalização no Português do Brasil. In: KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do Português falado**. 2. ed. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1997.
- ABAURRE-GNERRE, M. B. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 2, p. 23-45, 1981.
- ABERCROMBIE, David. **Elements of general phonetics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.
- AGUILERA, V. A. **A geolingüística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: EDUEL, 1998.
- \_\_\_\_\_; et al. Atlas lingüístico do Brasil: primeiros passos. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 32, 2003. 1 CD-ROM.
- \_\_\_\_\_. **Atlas lingüístico do Paraná**. 1990. v. 1. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis.
- \_\_\_\_\_. **Atlas lingüístico do Paraná**. 1990. v. 2. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis.
- \_\_\_\_\_. **Atlas lingüístico do Paraná**: apresentação. Londrina: EDUEL, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Diversidade fonética no Brasil**. Londrina: EDUEL, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Entrevistas concedidas ao projeto de elaboração do Atlas Lingüístico do Paraná**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1994. 250 cassetes sonoros.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Português no Brasil**: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: Ed. UEL, 1999.
- AGUILERA, V. A.; HOYOS-ANDRADE. **Aspectos lingüísticos da fala do londrinense**: esboço de um atlas lingüístico de Londrina. 1987. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis.

\_\_\_\_\_; PONTES, I. Questionário geolingüístico: uma proposta de reorientação metodológica. **Estudos Lingüísticos (São Paulo)**, Bauru, v. 28, p. 238-244, 1999.

[ALFABETO do espanhol]. Disponível em: <<http://www.uiowa.edu/~acadtech/phonetics/#>>. Acesso em: 22 jan. 2008.

ALMEIDA, E. F. et al. O uso do [o] pretônico de acordo com a atonicidade. In: SEMINÁRIO DO CELLIP, 16., 2003, Londrina. **Anais...** Londrina: CELLIP, 2003.

ALMEIDA, G. Resgatando a contribuição da sociolingüística laboviana. **DELTA**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 71-79, fev. 1989.

ALMEIDA, M. M. S. As vogais do português falado no vale do Cuiabá. In: AGUILERA, V. A. (Org.). **Português no Brasil**: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: EDUEL, p. 109-124. 1999.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. Gramática - vocabulário. São Paulo.: Anhembi Limitada, 1955.

ARAGÃO, M.; MENEZES, C. **Atlas lingüístico da Paraíba**: cartas lexicais e fonéticas. Brasília: UFPB/CNPq, 1984.

ARAÚJO, L. E. S. A variável faixa etária em estudos sociolingüísticos. **Estudos Lingüísticos**, v. 36, n. 2, maio/ago. p. 389-398. 2007.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6 ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BATTISTI, E. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha**. Porto Alegre: UFRS, 1993.

BAYLON, C. **Sociolinguistique**. Société, langue et discours. Édition Nathan, 1991. p. 88-109.

BISOL, L. **Harmonia vocálica**: uma regra variável. 1981. 2.v. Tese (Doutorado em Lingüística ) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Harmonização vocálica: uma regra variável. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 78/79, p. 73-96, 1984.

\_\_\_\_\_. A harmonização vocálica na fala culta: dados do Projeto NURC. **DELTA**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 1-20, fev. 1988.

\_\_\_\_\_. (Org). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2. ed., Porto Alegre: EDIPURS. 1999.

\_\_\_\_\_. A neutralização das átonas. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5., 2003, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, p.28-34. 2003.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Hinehart and Winston, 1961.

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos lingüísticos**. 11. ed. Campinas: Pontes, 1991.

BORTONI, S. M. et al. Um estudo preliminar do /e/ pretonico. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 20, p. 75-90, jan./jun. 1991.

\_\_\_\_\_. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? **Revista Estudos Lingüísticos**, Belo Horizonte, v.1, p. 9-29, jul./dez. 1992.

BRANDÃO, S. F. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRESCANCINI, C. A análise de regra variável e o programa VARBRUL. In: BISOL, L.; \_\_\_\_\_. (Org.). **Fonologia e variação recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-75.

BRIGHT, W. (Ed.). **Sociolinguistics**: Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964.. The Hague: Mouton & Co, 1971.

BYBEE, J. Regular morphology and the lexicon. In *Language and cognitive process*, U.K. **Erlbarum**, v. 10, n. 5, p. 425-455, 1995.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português**. 1981. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras. 2002. (Coleção Idéias sobre Linguagem).

\_\_\_\_\_. **Alfabetização & lingüística**. 10. ed. São Paulo: Scipione. 2004.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e a fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. **Organon**, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 71-78, 1991.

\_\_\_\_\_; MORAES, J.; LEITE, Y. O vocalismo do português do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 27-40, 1996.

\_\_\_\_\_; LEITE, Y. As vogais pretônicas no falar carioca. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n.5. p. 151-162, dez. 1986.

CALVET, L. J. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDOSO, S. M. As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **Português no Brasil**: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: EDUEL, 1999.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Princípios de lingüística geral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1964.

\_\_\_\_\_. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Livro Técnico; Brasília: INL, 1977.

\_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística descritiva**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da língua portuguesa**. 27. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CARRERA, J. Uses and variations of word-initial pretonic e- in alguaire. **Catalan Working Paper un Linguistics (CatWPL)**, Barcelona, v. 3. n. 2, p. 1-15, 1994.

CASAGRANDE, G. P. B. **Harmonia vocálica**: análise em tempo real. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras, Lingüística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CASTRO, J. L. Extração da média aritmética da pronúncia nacional. Caracterização da base carioca, como resultado da média. Notas subsidiárias a respeito do linguajar cearense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1., Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 1958.

CASTRO, V. S. Harmonização vocálica na Bahia (Dados do APFB). **Alfa**: revista de lingüística, São Paulo, v. 39, p. 243-250, 1995.

CAVALIERE, R. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. Université du Québec à Montreal, Université de Montréal. **Language**, v. 50, n. 2, p. 333-355, 1974.

CHAGAS, P. Introdução à Lingüística I. 3. ed. In: FIORIN, J. L. **Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAMBERS, J. K. Patterns of variation including change. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. **The handbook of language variation and change**. Oxford: British Library, 2001.

CHAMBERS, J.K.;TRUDGILL, P.**Dialectology**.Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHEN, M. Y. The time dimension contribution toward a theory of sound change. In: WANG, W. S-Y. (Ed.). **The lexicon phonological change**. Belgium: Mouton Publishers, The Hague. 1977.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

\_\_\_\_\_; HALLE, M. **The sound patterns of english**. New York: Harper and Row, 1968.

COATES, J. **Women, men and language**: a sociolingüística account of gender differences in language. 2. ed. London: Longman, 1992.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB (Brasil). **Atlas lingüístico do Brasil**: questionário. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CORRADI, A. Dezembrofest-Pato Branco manifestação de tradição alemã no sudoeste do Paraná. In: INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador, 2002.

COSERIU, E. Lingüística histórica e historia de las lenguas. **Boletín de Filología de la Universidad de Chile**, Santiago de Chile, v. 33, p. 27-33, 1992.

\_\_\_\_\_. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança lingüística. Tradução Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

COUTO, H. do. **Fonologia & Fonologia do Português**. Brasília: Thesaurus, 1997.

COUTINHO, I. L. **Gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970. v. 4.



CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

D'OLIVEYRA, F. A. "Grammatica" de Fernão D'Oliveyra. In. SILVEIRA, O. G. A. "Grammatica" de Fernão D'Oliveyra. Apreciação – Texto reproduzido do da 1ª. Edição, 1536. Rio de Janeiro, 1954.

DUTRA, A.; PONTES, I. Alçamento do [e] pretônico: harmonização vocálica e distribuição diatópica. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 32, 2003. 1 CD-ROM.

FANT, C.G.M. **Acoustic theory of speech production**: with calculations based on x-ray studies of Russian articulations. The Hague: Mouton, 1960.

FARACO, C. A. **Lingüística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

FERRAZ, I. S. **Características Fonético-Acústicas do /r/ retroflexo do Português Brasileiro: Dados de informantes de Pato Branco(PR)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FERNÁNDEZ, J.; QUILIS, A. **Curso de fonética y fonología españolas**: para estudiantes angloamericanos. Madrid: Consejo superior de Investigaciones Científicas, 1997.

FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. In: HYMES, D. **Language in culture and society**: a reader in linguistics and anthropology. London: Harper & Row, 1964.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Londres: Pergamon, 1994. (Language & Communication Library, v. 14).

FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (Org.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FOZ DO IGUAÇU. Disponível em: <<http://www.achetudoeregiao.com.br>>.

FRANZOTTI, Â. J. Uma abordagem do alçamento da vogal e pretônica inicial, do falar rural paranaense. In: SEMINÁRIO DO CELLIP, 14., 2000, Maringá. **Anais...** Maringá: CELLIP, 2000.

FREITAS, S. N. **As vogais médias pretônicas no falar de Bragança**. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

GONÇALVES, C. A. V. Uma história bélica (e bela): impasses na doutrina neogramática. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 1., 1997. São Gonçalo. **Anais...**

São Gonçalo, RJ, 1997. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/anais/anais\\_224.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais_224.html)>. Acesso em: 10 out. 2007.

GUY, G. R. Varbrul; análise avançada. **Cadernos de Tradução**: Instituto de Letras-UFRGS, Porto Alegre, n. 1, p. 27-49, 1998. (Original publicado em Ferrara, K. et.al. (eds.). *Linguistic change and contact*. Austin: Univ. of Texas, Department of Linguistic, 1988. (Texas Linguistic Fórum, v..30)).

GUY, G.; ZILLES, A. M. S. **Análise quantitativa em Sociolingüística**. São Paulo: Parabólica Editorial, 2007. [Manuscrito não publicado].

HART JUNIOR, T. R. Notes on sixteenth-century Portuguese pronunciation. **Word**, v. 11, p. 404-415, 1995.

HERCULANO DE CARVALHO, J. G. Nota sobre o vocalismo antigo do Português: valor dos grafemas E e O em sílaba átona. **Estudos lingüísticos**, Coimbra, v.2, p. 74-103, 1969.

HOUAISS, A. **Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1959.

HORA, D. da (Org.). **Estudos Sociolingüísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: Pallotii 2004.

HYMES, D. **Language in culture and society**: a reader in linguistics and anthropology. New York: Harper and Row, 1964.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 10 out. 2007.

JAKOBSON, R. **Fonema e fonologia**: ensaios. Tradução Joaquim. M. Câmara Junior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

JONES, D. M.A. **An outline of English phonetics**. 6<sup>th</sup> ed. New York: Dutton & Co., Inc., 1957.

KAILER, D. A. Estudo da vogal pretônica média anterior em tempo real e em tempo aparente no falar rural de Guaraniaçu – PR. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 31, p. 1-7, 2003.

\_\_\_\_\_. **O uso do /o/ pretônico no falar rural paranaense**. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

KENSTOWICZ, M. **Phonology in generative grammar**. Blackwell: Cambridge US, 1994.

KOCH, W.; KLASSMANN, S.; ALTENHOFEN, C. **Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

LABOV, W. **The social stratifications of English in New York City**. New York: Center for Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. Columbia University. **Language**, Columbia, v. 45, n. 4, p. 715-62, 1969.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistic patterns**. 3<sup>rd</sup> ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

\_\_\_\_\_. Hypercorrection by the lower Middle Class as a factor in Linguistic change discussion. In: BRIGHT, W. **Sociolinguistics**: proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964. Paris: Mouton & Co. The Hague, 1971. p.84-102.

\_\_\_\_\_. On the mechanism of linguistic change. In: GUMPERZ, J.; HYMES, D. **Directions in sociolinguistics. The ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc, 1972b.

\_\_\_\_\_. **Social stratification of English in New York city**. Washington, D.C.: Center of Applied Linguistics, 1982.

\_\_\_\_\_. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

\_\_\_\_\_. Is the black english vernacular a separate system?. In: LABOV, S. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1984. Cap. 2.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change**: internal factors. Cambridge: MIT Press, 1994.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change**: social factors. Massachusetts: University of Pennsylvania: Blackwell Publishers. 2001.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. **The sounds of the World's Languages**. London: Oxford: Blackwell, 1996.

\_\_\_\_\_; **Three areas of experimental phonetics**. London: Oxford University Press, 1967.

LAVANDERA, B. R. **Variación y significado**. Buenos Aires: Hachette, 1984. p. 37-56.

LEE, S. H. Variação lingüística e representação subjacente. **Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 33, p. 1311-1316, 2004.

LEMLE, M.; NARO, A. H. **Competências básicas do português**. Rio de Janeiro: CETEP SEPES, 1977.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da Lingüística Moderna**. São Paulo: Cultrix, 1974.

LIMA, G. A. **O açamento do [e] pretônico**: condicionantes internos e distribuição diatópica. Londrina, 2003. Digitado.

LIMA, J. A. M. **Difusão lexical na vibrante final**. 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACAMBIRA, J.R. **Fonologia do português**. 2. ed. rev. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1987.

MADUREIRA, E. D. **Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no Português**. 1987. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

MAIA, E. M. **No reino da fala**. São Paulo: Ática, 1983.

MAIA, V. Vogais médias pretônicas na fala de Natal. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 5, p. 209-226, 1986.

MAIA, C. **História do galego-português- estudos lingüísticos da Galiza e do Nordeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)**. Coimbra: I.N.J.C., Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

MAPA DAS REGIÕES. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Pato\\_Branco#column-one#column-one](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pato_Branco#column-one#column-one)>. Acesso em : 10 out. 2007.

MATEUS, M. H. M.; MARTINS, M. R. D. Contribuindo para o estudo das vogais átonas [ə] e [u] no Português europeu. **BIBLOS**, Lisboa, v. 58, p. 111-126, 1982.

\_\_\_\_\_. **Fonética, fonologia e morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta. Palácio Ceia, 1990.

MELO, G. C. de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

MERCER, J. L. V. **Áreas fonéticas do Paraná**. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2.v.

MOLLICA, M. C. (Org.). **Introdução à sociolingüística variacionista**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

\_\_\_\_\_.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolingüística**: tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORENO-FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel Lingüística, 1998.

\_\_\_\_\_. **Qué español enseñar**: cuadernos de didáctica del español/LE. Madrid: Arco Libros, 2000.

MOTA, J. **Vogais antes de acento em Ribeirópolis – SE**. 1979. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

\_\_\_\_\_. Características fônicas do falar baiano. In: AGUILERA, V. A. (Org.). **Português no Brasil**: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: EDUEL, 1999. p. 125-140.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à lingüística 1**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Introdução à lingüística 2**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NARO, A. J. **Estudos diacrônicos**. Petrópolis: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C. (Org.). **Introdução à sociolingüística variacionista**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

\_\_\_\_\_.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Garimpendo das origens do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007,

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953.

NAVI, P. N. Alçamento do /e/ pretônico seguido de vogal alta no falar rural paranaense. In: SEMINÁRIO DO CELLIP, 14., 2000, Maringá. **Anais...** Maringá: CELLIP, 2000.

NINA, T. **Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

OLIVEIRA, M. A. The neogrammarian controversy. **Revisited. International Journal of the Sociology of Language**, Berlin, v. 89, p. 93-105, 1991.

\_\_\_\_\_. Aspectos da difusão lexical. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 1, p. 31-41, jul/dez, 1992.

\_\_\_\_\_. O léxico como controlador de mudanças sonoras. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 36, p. 75-92, jul/dez, 1995.

OSTROVSKI, Dalésio. **Análise dos impactos sócioambientais motivados pelo Caminho do Colono**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

PACHECO, V.; MASSINI-CAGLIARI, G. (Org.). **Estudos da língua(gem): questões de fonética e fonologia: uma homenagem a Luiz Carlos Cagliari**. Vitória da Conquista: UESB, 2006.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

\_\_\_\_\_; SCHERRE, M. M. P. Retrospectiva sociolingüística: contibuições PUEL. **DELTA**, São Paulo, v.15, n. especial, p. 201-232, 1999.

PATO BRANCO. Disponível em: <[www.wln.com.br/dezemberfest](http://www.wln.com.br/dezemberfest)>. Acesso em: 27 nov. 2001.

PAVEAU, M. A.; SARFATI, G. É. **As grandes teorias da Lingüística da gramática comparada à pragmática**. Tradução Maria do Rosário Gregolin et al. São Paulo: Claraluz, 2006.

PEREIRA, R. C. M. **As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano**. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PERRONE, C. A.; LEDFORD-MILLER, L. Variation in pretonic /e/ in brazilian Portuguese: preliminary studies with popular music of the northeast and Rio de Janeiro. **Hispania**, Austin, v. 68, n. 1, p. 154-9, Mar. 1985.

PHILLIPS, B. S. Word frequency and the actuation of sound change. **Language**, v. 60, p. 320-342, 1984.

PINTZUK, S. **Programas Varbrul**. Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 1988.

PIKE, K. L. **Phonemics: a technique for reducing languages to writing**. Michigan: Ann Arbor The University of Michigan Press, 1971.

PILATI, A.B. **História do Paraná**. Curitiba, PR: Gráfica Editora Paraná Cultural Ltda., 1969.

PONTES, I. **Regra variável e estrutura sociolingüística: um caminho para sistematização da variação lingüística**. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

\_\_\_\_\_. Alçamento da pretônica média anterior no falar rural do Paraná: um estudo preliminar. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 2, p. 217-229, 1999a.

\_\_\_\_\_. Regra variável e estrutura sociolingüística um caminho para sistematização da variação lingüística. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 1, p. 253-273, 1999b.

\_\_\_\_\_. Tratamento estatístico de dados geolingüísticos: alçamento do [e] pretônico inicial seguido de [s,z] no falar rural do Paraná. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 29, p. 399-404, 2000.

\_\_\_\_\_. A vogal pretônica média anterior no falar rural paranaense: contextos desfavoráveis ao alçamento. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 30, 2001. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Alçamento do /e/ pretônico no falar rural das regiões norte e oeste-sudoeste do Paraná. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 31, 2002. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **A vogal pretônica média anterior no falar rural paranaense: contextos desfavoráveis ao alçamento**. Londrina, 2002. (Fotocópia fornecida pelo autor.)

PONTES, I.; KAILER, D. A. Alçamento do [e] pretônico na região oeste-sudoeste do paraná: uma abordagem geo-variacionista. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 30, 2001. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_; TAKACHI, E. Estigmatização de formas lingüísticas: algumas implicações para ensino de língua materna. In: ANTONIO, J. D. (Org.). **Estudos descritivos do português: níveis de análise**. São Paulo: Clara Luz, 2002.

\_\_\_\_\_. et al. **Alçamento, abaixamento de [e,o] pretônicos e ditongação de hiato nos atlas lingüísticos**. [Londrina, 2001]. (Fotocópia fornecida pelo autor)

RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. v. 1.

ROBISON, L.; TAGLIAMONT, G. **A multivariate analysis application for windows**. New York: University of York, 2001.

RODRIGUES, A. N. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

RODRÍGUEZ, A. M. **Estudiemos español**. Rio de Janeiro: Di-graf, 1996.

\_\_\_\_\_. Breve nomenclatura vegetal en español: com algunas comparaciones del portugués. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 3-11, set./dez, 1995.

RONA, J. P. The social and cultural status of Guarani in Paraguay. In: BRIGHT, W. **Sociolinguistics**: proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964. Paris: Mouton & CO. The Hague, 1971. p. 277-297.

ROSETTI, A. **Introdução à fonética**. 3. ed. Tradução Maria Leonor Carvalho Buesco. São Paulo: Livraria Alexandria, 1974.

ROSSI, N. et al. **Atlas lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA/Instituto de Letras/ Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

SÁ NOGUEIRA, R. de. **Tentativa de explicação dos fenómenos fonéticos em português**. 2. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1958.

SANKOFF, G. Age: apparent time and real time. In: ELSEVIER Encyclopedia of Language and Linguistics. 2<sup>nd</sup> ed. Article Number: LALI:01479, 2006. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~gillian/PAPERS/Sankoff.Age,AT,RT.pdf>>.. Acesso em: 26 jun. 2007.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. (Org.). **Para pensar o desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística general**. Traducción de Amado Alonso. Buenos Aires: Editorial Losadas, 1945.

SCHANE, S. A. **Fonologia gerativa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

SCHWINDT, L. C. A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista. **Graphos**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 55-65, 1997.

\_\_\_\_\_. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). **Fonologia e variação recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-181.



SIGNORI, E. M. G. de S. Pela integração fonética/fonologia na descrição do PB: o caso das vogais nasais. In: GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (GEL), 26., São Paulo. **Anais...** São Paulo, 1997. p. 758-763.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

\_\_\_\_\_; SILVA, G.M. de O. e (Org.). **Padrões sociolingüísticos**: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, M. B. **As pretônicas no falar baiano**. 1989. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, G. M. O. **Várias perspectivas sociolingüísticas de focalizar o mesmo problema a mudança**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 1., 1996, Salvador. [Atas...] Salvador, 1996.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1986.

SILVA, A. P. et. al. Por uma abordagem dinâmica dos processos fônicos. **Revista Letras**, Curitiba, n. 55, p. 93-113, jan./jun. 2001.

SILVA, J. J. P. da. **O idioma do hodierno Portugal**. Rio de Janeiro: Tipografia de Lourenço Winter, 1879.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVEIRA, S. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

SIMÕES, A. R. M.; KELM, O. R. O processo de aquisição das vogais semi-abertas "e, o" / ε, o/ do português (brasileiro) como língua estrangeira. **Hispania**, v. 74, n. 3, p. 654-665, Sep. 1991. Special Issue Devoted to Luso-Brazilian Language, Literature, and Culture.

STECA, L. C.; FLORES, M.D. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina: EDUEL, 2002.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. **Organon**, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 12-21, 1991.

\_\_\_\_\_. **Tempos lingüísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. Por uma sociolingüística românica “paramétrica”: fonologia e sintaxe. **Ensaio de Lingüística**, Belo Horizonte, n. 13, p. 51-84, dez. 1987.

\_\_\_\_\_. A estrutura na variação: do falante-ouvinte real ao falante-ouvinte real(1). **DELTA**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 195-222, 1990.

TEYSSIER, Paulo. **História da língua portuguesa**: Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TORREJÓN, A. **Introducción a la fonética y fonología españolas**. Disponível em: <<http://www.auburn.edu/forlang/Spanish/FLSP0301mats/fonesptc.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2008.

TRUDGILL, P. **The social differentiation of English in Norwich**. New York: Cambridge University Press, 1974.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistics**: an introduction. London: Penguin Books, 1975.

VASCONCELOS, J.L. **Esquisse d’une dialectologie portugaise**. Paris: Aillaud, 1901.

VIEGAS, M. C.; VEADO, R. M. A. Alçamento de vogais pretônicas. **Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura**, Minas Gerais, n. 18, p. 53-70, 1982.

VIEGAS, M. C. **Alçamento das vogais pretônicas uma abordagem sociolingüística**. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Lingüísticos) - Universidade de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1987.

\_\_\_\_\_. **O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. 2001. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Lingüísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais: aspectos da teoria da mudança lingüística. In: EDiP - ENCONTROS DE ESTUDOS DIACRÔNICOS DO PORTUGUÊS, 2., Araraquara. **Anais...** Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2002.

\_\_\_\_\_. O alçamento das vogais médias pretônicas e o conceito de léxico com armazenamento exemplar. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 12, n.2, p. 269-288, 2004.

VOLTOLINI, S. **Retorno-Origens de Pato Branco – Primeira Parte**. Dois Vizinhos: Artepres, 1996.

\_\_\_\_\_. **Retorno-Origens de Pato Branco – Segunda Parte**. Pato Branco: Artes Gráficas e Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. **Retorno 1. Origens de Pato Branco**. 2. ed. Pato Branco: Imprepel, 2005.

YAVENCO, L. C. **As vogais médias pretônicas no falar carioca**. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

WANG, W. S-Y. Competing changes as a cause of residue. **Language**, v. 45, n. 1, p. 9:24, 1969.

\_\_\_\_\_. **The lexicon in phonological change**. Belgium: Mouton Publishers, the Hague, 1977.

WASCHOWICZ, R. C. **Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

\_\_\_\_\_. **Obrageros, mensus e colonos: história do oeste paranaense**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1987.

\_\_\_\_\_. **História do Paraná**. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

WEBBER, D. **Foz em números: o mais completo banco de dados estatísticos sobre o município de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: Camaleão Criação, 2003.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Empirical foundations for a theory of language change**. Columbia: Columbia University, 1968.

WESTPHALEN, C. M; MACHADO, B. P.; BALHANA, A. P. **Nota Prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná moderno**. Curitiba: UFPR, 1968. (Boletim da Universidade Federal do Paraná, n. 7).

\_\_\_\_\_. **História do Paraná**. Curitiba: Paraná Cultural, 1969. v. 1.

WETZELS, L. Mid vowel, neutralization in Brazilian Portuguese. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 23, p. 19-55, jul./dez. 1992.

**Programas usados:**

CRAIG, C. GoldWave.By Incorporated is a Canadian corporation, CANADA A1C 5H5. 2001.

MP3 - FOSTON DIGITAL LIFE MP3 PLAYER USB.512 M

MP4- FOSTON MODEL :FS -58T 2006/10.

PULUM, G.K. LADUSAW, W.A. IPA Help. Summer Institute of Linguistic. Versão. 1.70, 1981.

SONIC FROUNDRY SOUND FORGE. Versão 5.0b(build 162) Copyright 1997-2001. Sonic Froundry Inc. Disponível em: <<http://www.sonicfoundry.com/>>.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A**  
**QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO DO ALPR (AGUILERA,1994)**

As ocorrências do *corpus 1*, como já mencionamos na metodologia, foram retiradas do questionário lingüístico do ALPR, e estão relacionadas aos seguintes itens semânticos<sup>85</sup>:

**1 – TERRA**

*a) Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, etc.*

4. Correnteza / corredeira

11. Atoleiro / brejo / banhado

16. Montanha

35. Chuva miúda e demorada / garoa

38. Trovão

39. Trovoada

45. Corisco

47. Orvalho

51. Dias da semana

57. Primeiras horas da noite / boca da noite

58. Meses do ano

*b) Flora: árvore, frutos, etc.*

---

<sup>85</sup> Os itens aqui citados foram retirados do Atlas Lingüístico do Paraná – Apresentação. Aguilera (1996), e estão numerados de acordo com a numeração do ALPR.

60. floresta

72. folha<sup>86</sup>

76. Cogumelo

87. Doença da goiaba

***c) Plantas Medicinais***

91. Camomila

92. Hortelã

97. Outros temperos para comida

***d) fauna: aves, pássaros, animais, etc.***

106. João-de-barro

112. Galinha (espécie)

132. Cobra

144. Borboleta

149. Peixe (espécie)

**2 – HOMEM**

***a) Partes do corpo, funções, doenças, etc.***

---

<sup>86</sup> Ressaltamos que muitos dos itens que não apresentam o [o] foram arrolados por nós, porque na resposta o informante fazia alusão a algum vocábulo com esta pretônica, como por exemplo no item 72- folha – muitas vezes foi obtida a resposta folhinha, ou então, no item 272. Alfaiate – sobre o qual muitas vezes a resposta foi costureira ou costureiro.

- 159. Moleira
- 181. Costeleta
- 182. Pomo-de-adão
- 188. Sonho
- 189. Sobrancelha
- 198. Solução
- 200. Orelha
- 211. Vômito
- 223. Coração
- 232. Axila
- 234. Cotovelo
- 237. Doença que dá nas unhas
- 238. Canhoto
- 241. Joelho
- 243. Tornozelo
- 262. Impingem

***b) Vestuário e calçados***

- 272. Alfaite

***c) Agricultura, instrumentos agrícolas, etc.***

- 279. Arroz da seunda colheita



- 281. Milho
- 282. Qualidades / espécies de milho
- 291. Coador
- 292. Torrador
- 293. Feijão (qualidades / variedades)
- 298. Enxada (instrumento para fazer buracos)
- 302. Pá

***d) Brinquedos e jogos infantis***

- 306. Estilingue
- 307. Bolinha de vidro

***e) Lendas e superstições***

- 319. Boitatá / baitatá
- 320. Caipora / capora
- 321. Lobisomem
- 322. Saci
- 323. Mula-sem-cabeça
- 324. Curupira
- 325. NARRATIVAS de experiência pessoal ( situação de perigo ou fato triste)

**APÊNDICE B**  
**TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DAS LEXIAS**  
**SUBMETIDAS À ANÁLISE<sup>87</sup>**

Como o programa Varbrul não faz leitura dos símbolos fonéticos, fizemos duas transcrições – uma, a fonética<sup>88</sup>, para identificarmos os fonemas e codificar os vocábulos, e outra grafemática, para usarmos no programa, com a finalidade de facilitar a correção, quando necessária, de algum erro de codificação.

**Lexias analisados do *corpus* 1 que não apresentam variação, apenas mantém a altura da vogal**

/o/.

[akōte 'seɿ]	[akōte 'sew]	[vomi 'to]
[afo 'ada]	[agro 'seɿ]	[axodzi 'ãdo]
[asō 'brado]	[asōbra 'sãw]	[atola 'do]
[bayko 'ra]	[bobo 'leta]	[bobo 'leta]
[vo 'mita]	[bō 'baʃa]	[bōbaɿ 'dzyadu]
[bo 'ta]	[bo 'tãw]	[bro 'site]
[kaʃo 'era]	[kamo 'miʃa]	[kaɲo 'tero]
[ʃo 'ka]	[ʃo 'kãdo]	[ʃo 'kãno]
[ʃo 'vêdo]	[ko 'brero]	[kogu 'melo]
[koʃe 'dera]	[ko 'ʃeta]	[ko 'ʃi]
[ko 'loka]	[ko 'loka]	[kolo 'kava]
[ko 'loko]	[ko 'madre]	[kome 'sa]
[kome 'sava]	[kō 'padre]	[kō 'pramo]
[ko 'mũ]	[kō 'foɿme]	[kōfũ 'dzi]
[koɲe 'semo]	[koɲe 'semos]	[koɲe 'serãw]
[kōse 'gia]	[kō 'sigo]	[kō 'ta]
[kō 'tarēy]	[kō 'tava]	[kō 'tavãw]
[kō 'tʃiɲa]	[kōtʃi 'nuado]	[ko 'to]

<sup>87</sup> Não apresentamos nestas listas todas as variantes dos róticos. Entretanto, quando precediam ou sucediam às pretônicas [e] e [o], foram codificados e analisados conforme seus ponto e modo de articulação.

<sup>88</sup> Optamos pela transcrição fonética ampla, a qual segundo Silva (2001, p.36), (explicita apenas os aspectos que não sejam condicionados por contexto ou características específicas da língua ou dialeto”, o que a autora exemplifica com [ˈkilʊ] ( em oposição a [kʰilʷʊ]).

[kō'versa]	[ko'kero]	[ko'raw]
[kor'dzɨɲa]	[kore'dera]	[ko'rēte]
[ko'ro]	[koro'zɨno]	[koxe'dera]
[ko'xēdo]	[koxē'teza]	[ko'xerāw]
[koxe'ria]	[koɹta'dera]	[kozi'ɲa]
[eýpo'sada]	[fo'ʎɨɲa] l	[fo'xa]
[frō'tera]	[gafaɲo'tʃɨno]	[go'go]
[gos'tey]	[oɹte'lā]	[ino'zada]
[mo'deɹɲo]	[mo'lera]	[moli'nete]
[mō'tāɲa]	[mo'rava]	[mo'xēdo]
[mo'xew]	[moɹ'sego]	[mos'tra]
[moto'sexa]	[no'vēbro]	[o'reya]
[o'reʎa]	[o'xeya]	[oɹ'vayo]
[oɹ'vaʎo]	[ospi'taw]	[o'vɨno]
[pio'lī]	[pito'ko]	[po'blema]
[po'demo]	[pō'ɲa]	[pō'tada]
[pō'tero]	[poɹ'tera]	[po'to]
[po'za]	[xo'deya]	[xo'lo]
[xō'kādo]	[ro'sado]	[sebo'liɲa]
[so'bako]	[sōbrā'seya]	[so'kado]
[so'keyra]	[so'la]	[so'luso]
[sōbrā'seya]	[sō'ɲādo]	[so'kera]
[to'ka]	[to'kado]	[to'kāno]
[to'ma]	[to'mado]	[to'mādo]
[to'xey]	[tra'vāw]	[trove'zādo]
[trove'zano]	[trove'zava]	

Lexias analisados do *corpus 2* que não apresentam variação, apenas mantém a altura da vogal

/o/.

[abādo'no-se]	[abo'brado]	[abo'brɨɲa]
[aboɹ'tada]	[aboɹ'to]	[akoʃo'ado]
[akō'ʃego]	[akō'tese]	[akōte'sese]
[akō'teseu]	[akōte'sia]	[akōte'sido]
[ado'ravā]	[ado'tada]	[ado'tʃivo]

[ado'to]	[advo'gado]	[awgo'dāw]
[awmo'so]	[awmofa'dzɪna]	[aloza'mēto]
[awvore'seɹ]	[awvo'redo]	[amo'lese]
[apozē'tada]	[apozē'tado]	[aprō'ta]
[fo'ʎɪna]	[axo'dzeya]	[aɹteza'nato]
[aɹvore'sēdo]	[aɹvo'redo]	[aɹvore'zɪna]
[asosia'sāw]	[asōbra'sāw]	[ato'la]
[awtori'dade]	[bizo'xɪno]	[bizo'xɪno]
[bō'beyro]	[bora'ʃudo]	[borbo'leta]
[boɹbo'leta]	[boxa'ʃɪna]	[boxa'ʃudo]
[boɹ'to]	[brō'kite]	[kaʃo'xɪno]
[koloɹ'zɪno]	[karo'sɪno]	[ʃo'ko]
[ko'brava]	[ko'kaɹ]	[koʃ'ʃāw]
[ko'ko]	[ko'doɹna]	[ko'eʎo]
[koʃ'ʃa]	[ko'ʎega]	[kole'zyaw]
[ko'ʎe]	[ko'ʎeyta]	[koʎeyta'dera]
[ko'lɔka]	[kolo'ka]	kolo'kava]
[ko'loɹa]	[ko'lonia]	[kolo'key]
[kolo'rida]	[kolori'dona]	[ko'me]
[ko'mesa]	[kome'samo]	[kome'sādo]
[kome'sarā]	[kome'sey]	[kome'so]
[ko'mēta]	[komē'ta]	[komē'tādo]
[komē'tāw]	[komē'tey]	[komeɹsya'liza]
[komeɹsɪalɪza'sāw]	[komeɹsɪ'āte]	[kōpa'ra]
[kō'para]	[kō'plɛta]	[kōpli'kado]
[kō'pra]	[kō'prado]	[kō'prey]
[kōpri'mēta]	[kōpro'mete]	[kōputa'doɹ]
[kō'koɹdo]	[kō'kuɹso]	[kōdzɪsɪona'doɹ]
[kōdzɪ'sōys]	[kōdzɪ'mētos]	[kōfɪna'mēto]
[kō'zɛla]	[kōzɛla'doɹ]	[kōzɪs'tāw]
[ko'ɲese]	[koɲe'se]	[koɲe'sē]
[koɲe'sese]	[koɲe'sew]	[koɲe'si]
[koɲe'sia]	[koɲe'sida]	[ko'ɲeso]
[kō'seɟe]	[kōzūtʃɪ'vite]	[kō'seɟē]
[kō'siʎa]	[kōsoɹ'ta]	[kōstru'sāw]
[kō'suɹta]	[kō'sumi]	[kō'sumo]
[kō'ta]	[kō'tado]	[kō'tādo]
[kō'tado]	[kō'tava]	[kō'tese]

[kōte'sew]	[kō'tēte]	[kotʃinu'ey]
[kōtʃinu'o]	[kō'trata]	[kō'tratos]
[kō'trole]	[kō'veɹsa]	[kōveɹ'sādo]
[kō'vive]	[kōvi'vew]	[kora'sāw]
[ko'raze]	[koɹ'kūda]	[koɹ'dzīpa]
[ko'rēdo]	[ko'rēdo]	[kore'ria]
[ko'rida]	[ko'riza]	[koxe'ria]
[ko'xew]	[ko'xe]	[ko'xidāw]
[ko'rēte]	[koɹ'ta]	[koɹ'tadera]
[koɹ'tava]	[koɹ'tʃina]	[kos'tela]
[kostru'sāw]	[kre'sēdo]	[ko'ʎēdo]
[ko'ʎeta]	[koʎe'tadera]	[ko'ʎido]
[dego'lada]	[demo'radzipo]	[demora'dzipo]
[dezodo'rāte]	[dzisku'briw]	[do'mestʃika]
[do'mestʃiko]	[dor'mīdo]	[ekono'mia]
[seskō'de]	[evo'luy]	[filozo'fia]
[floɹ'zīpa]	[fo'gāw]	[fo'ʎazēy]
[for'mais]	[foɹ'mado]	[foɹma'tura]
[gos'tava]	[garoa'zīpa]	[gos'ta]
[go'veɹno]	[gos'tey]	[gos'tʃipo]
[oɹte'la]	[gro'sīpo]	[emo'xazia]
[ospe'dado]	[orte'lā]	[oɹ'tʃīpa]
[īkōsi'ēte]	[īko'moda]	[īkomo'dava]
[īkō'tra]	[īkos'tey]	[īko'tra]
[īfoɹma'tʃivo]	[īfoɹ'kada]	[īfoɹma'sāw]
[isko'lipa]	[īxo'lada]	[īro'lādo]
[ʒo'gavamos]	[ispoɹ'tʃivo]	[ʒo'gava]
[ʒornaw'zipo]	[ʒoɹ'naw]	[ʒoɹna'lismo]
[lota'sāw]	[lo'kaw]	[lō'briga]
[mo'deɹna]	[meno'pawza]	[mo'sipa]
[mo'dulo]	[mo'deɹno]	[mo'dzista]
[mo'mēto]	[mo'ʎado]	[mo'lipno]
[mo'ra]	[mō'tāpa]	[mō'taria]
[mora'gīpa]	[mo'rādo]	[mo'rāga]
[mo'rey]	[mo'rava]	[mo'ravamos]
[mo'xew]	[mo'rēdo]	[more'nīpa]
[mos'tra]	[mo'xido]	[mos'kona]
[noɹ'maw]	[movi'mēto]	[namo'rādo]

[noro'este]	[noɹmaw'mēte]	[no'vēbro]
[no'vēta]	[no'turno]	[no'vela]
[oko'rēdo]	[novi'sētos]	[nove'sētos]
[o'ʎada]	[oko'rew]	[ofi'siaw]
[ope'ra]	[o'ʎādo]	[oli'veyra]
[o'regano]	[opi'niāw]	[op'tey]
[organi'zado]	[o'reya]	[o'reʎa]
[or'vaʎo]	[ori'zōte]	[orva'ʎado]
[osila'sōys]	[or'vaʎo]	[oɹ'vaʎo]
[o'veʎa]	[o'variw]	[o'veya]
[pro'blema]	[pano'rama]	[po'brema]
[pode'ria]	[po'beza]	[po'de]
[poe'ziɹo]	[pode'riamos]	[po'drese]
[pō'bija]	[po'ezo]	[po'mares]
[popula'sāw]	[po'ɹa]	[po'ɹey]
[poɹ'ke]	[por'ke]	[popu'laɹ]
[po'trāka]	[poɹ'tero]	[po'sivew]
[pro'sesos]	[po'trero]	[povwoa'dziɹo]
[profe'sora]	[pro'duto]	[profe'soɹ]
[propa'gāda]	[pro'gramas]	[progre'dzise]
[provavew'mēte]	[pro'pozio]	[proprie'dade]
[xemo'sāw]	[redō'dziɹa]	[redō'dziɹo]
[respō'de]	[repor'taze]	[xezoɹ'vemo]
[xobo'ziɹo]	[xetoɹ'na]	[retor'nādo]
[xodovi'arya]	[xo'deyos]	[xodo'vias]
[ro'pero]	[xo'pero]	[ro'tʃina]
[role'mā]	[ro'pero]	[rodo'via]
[ro'lima]	[rola'mēto]	[sōbrā'seʎa]
[sobra'seʎa]	[sosye'dade]	[sosyolo'zia]
[sosy'ologo]	[so'fa]	[so'frew]
[so'key]	[sōbrā'seya]	[so'ɹādo]
[to'ka]	[so'ziɹa]	[so'ziɹo]
[to'mate]	[to'ma]	[to'mādo]
[tor'mēta]	[tō'tura]	[toɹ'sew]
[toɹne'riɹa]	[toɹ'neyra]	[toɹ'nera]
[toɹno'zelo]	[toɹ'no-se]	[torno'zelo]
[tro'ko]	[to'ro]	[tro'kādo]
[tro'vāw]	[tro'mēta]	[trovo'ada]

[vo'ãdo]	[trove'zãdo]	[tro'vezo]
[võ'tade]	[voɹ'tava]	

Lexias analisados do *corpus 1* que não apresentam variação, apenas a vogal /o/ alçada (/u/).

[ãzu'ada]	[bu'lika]	[bu'liko]
[buni'tʃiɲa]	[ku'ado]	[kw'adoɹ]
[kwado'ziɲo]	[ku'ětɹo]	[kuʌεɹ'ziɲa]
[ku'mesa]	[ku'mida]	[kūpri'dziɲo]
[kū'pãɲa]	[kū'prida]	[kūpri'dziɲa]
[kū'prido]	[ku'ɲesa]	[kuɲe'sia]
[kuɲesi'mēto]	[ku'risko]	[kustu'mado]
[dzisku'beɹto]	[du'ēsa]	[tu'sido]
[du'migo]	[fu'siɲo]	[gumi'tãdo]
[gumitado]	[gu'mito]	[zu'ãw̃]
[zu'eyo]	[mudzifi'ko]	[mu'ido]
[mu'ipɲo]	[pru'fũdo]	[trup'i'ko]
[dw'ēsa]	[ʒw'eyo]	[ʒw'ãw̃]

Lexias analisados do *corpus 2* que não apresentam variação, apenas a vogal /o/ alçada.

[pu'dzia]	[prudu'sãw̃]	[pruku'ra]
[pruku'rãdo]	[prufi'sãw̃]	[nevu'ero]
[novu'ero]	[nu'viʌa]	[lubi'zome]
[zu'ãw̃]	[zua*ziɲo]	[mu'tʃivo]
[mu'ria]	[mu'riɲa]	[du'ēsa]
[gu'ela]	[guε'ludo]	[ku'bri]
[ku'yε]	[kuʃu'niw]	[kū'sεɹva]
[kū'sumo]	[ku'migo]	[bu'lita]
[magu'a]	[baɹbu'leta]	[kapu'era]

Lexias analisados do *corpus 2* que apresentam variação da vogal ([o] ~[u]).

[aprovey'tãdo ~ apruvey'tãdo]  
 [bo'yro ~ bu'eyro]  
 [po'ezo ~ pu'ezo]  
 [ko'eŀo ~ ku'eŀo]  
 [bo'ʃeʃa ~ bu'ʃeʃa]  
 [bo'nito ~ bu'nito]  
 [ʃo'xiw ~ ʃu'xiw]  
 [ʃo'vêdo ~ ʃu'vêdo]  
 [ko'leziw ~ ku'leziw]  
 [kobeɹ'toɹ ~ ku'beɹtoɹ]  
 [ko'ŀeɹ ~ ku'ŀeɹ]  
 [ko'ŀi ~ kuŀi]  
 [koli'bri ~ kulibri]  
 [kõ'prida ~ kũprida]  
 [koɲe'sido ~ kuɲesido]  
 [kõvi'dey ~ kũvidey]  
 [kovi'do ~ kuvi'do]  
 [akostu'mado ~ akustu'mado]  
 [kostu'rera ~ kustu'rera]  
 [ko'xida ~ ku'xida]  
 [ko'ziɲo ~ ku'ziɲo]  
 [do'ête ~ du'ête]  
 [dor'mi ~ dur'mi]  
 [zo'eŀo ~ zu'eŀo]  
 [pro'duz ~ pru'duz]  
 [proku'rado ~ pruku'rado]  
 [pronũ'sya ~ prunũ'sya]  
 [po'litʃika ~ pu'litʃika]  
 [po'tria ~ pu'tria]  
 [po'trio ~ pu'trio]  
 [no'tʃisya ~ nu'tʃisya]  
 [so'luso ~ su'luso]  
 [to'aŀa ~ tu'aŀa]



[ospɨ' taw ~ uspi' taw]<sup>89</sup>  
 [go' mita ~ gu' mita]  
 [fo' gãw̃ ~ fu' gãw̃ ]  
 [iko' beɣto ~ iku' beɣto]  
 [bo' ʃeʃa ~ bu' ʃeʃa]  
 [bo' nita ~ bu' nita]  
 [kamo' lina ~ kamu' lina]  
 [ʃo' ve ~ ʃu' ve]  
 [ʃu' vido ~ ʃu' vido]  
 [ko' beɣta ~ ku' beɣta]  
 [kober' tor ~ kuber' tor ]  
 [ko' ʎia ~ ku' ʎia]  
 [ko' mido ~ ku' mido]  
 [kõ' foɣme ~ kũ' foɣme]  
 [kõ' vida ~ kũ' vida]  
 [ko' vido ~ kũ' vido]  
 [koruy' rĩna ~ kuruy' rĩna]  
 [kos' tume ~ kus' tume]  
 [kostu' rera ~ kustu' rera]  
 [ko' zido ~ ku' zido]  
 [kozi' ĩna ~ kuzi' ĩna]  
 [doɣ' mi ~ duɣ' mi]  
 [doɣ' miw ~ duɣ' miw]  
 [poɣtu' ges ~ puɣtu' ges]  
 [produ' zido ~ prudu' zido]  
 [proku' rava ~ pruku' rava]  
 [poli' syaw ~ puli' syaw]  
 [po' triɲo ~ pu' triɲo]  
 [po' triʎo ~ pu' triʎo]  
 [moski' tʃiɲo ~ muski' tʃiɲo]  
 [sabo' nete ~ sabu' nete]  
 [trovo' ada ~ trovu' ada]  
 [tro' vwada ~ tro' vwada]  
 [tu' sido ~ tu' sido]  
 [vo' mita ~ vu' mita]

<sup>89</sup> A lexia [#ospitaw] apresentou variação apenas quando a pretônica [o] era precedida pelos fonemas [pr] ou [n]. ([prospi' taw ~ pruspi' taw, nospi' taw ~ nuspi' taw]).

[go'mitã ~ gu'mitã]  
 [foɹ'miga ~ fuɹ'miga]  
 [for'miga ~ fur'miga]

**Lexias analisados do *corpus 1* que apresentam variação da vogal ([o] ~ [u]).**

[doēte ~ duētʃi]  
 [so'vaka ~ su'vaka]  
 [ko'nesi ~ ku'nesi]  
 [lobi'zome ~ lubi'zome]  
 [kos'tela ~ kus'tela]  
 [baɹbo'leta ~ baɹbu'leta]  
 [bo'lita ~ bu'lita]  
 [ko'ɲese ~ ku'ɲese]  
 [kora'sãw̃ ~ kura'sãw̃]  
 [poɹ'sēto ~ puɹ'sēto]  
 [zo'eʎo ~ zu'eʎo]  
 [trovo'ada ~ trovu'ada]  
 [ko'ɲeso ~ ku'ɲeso]  
 [koste'leta ~ kuste'leta]  
 [kōpri'mido ~ kūpri'mido]  
 [koto'velo ~ kutu'velo]

**Lexias analisados do *corpus 2* que não apresentam variação, apenas a vogal /e/ alçada ([i]).**

[baɹbia'doɹ]	[baɹbi'aɹ]	[bi'roɲa]
[bizo'riɲo]	[bizo'xiɲo]	[kãpyo'nato]
[kaɹmari'ãdo]	[si'rola]	[siro'lãw̃]
[sixo'lãw̃]	[kūɲi'sido]	[kuɲisi'mēto]
[dzizabi'tado]	[dziza'xãzo]	[dziskã'sãdo]
[dzi'kaɹga]	[dziskas'kãdo]	[dzisko'briw]
[dzizĩpre'gado]	[dzizĩtē'dew]	[dzizis'tēte]

[dzisli'garo]	[dzismā'ʃo]	[dzis'pēsa]
[dzisvi'ādo]	[dziza'nove]	[dzize'nove]
[fali'sido]	[firi'dzipa]	[zī'zibre]
[is'kreve]	[is'kina]	[iba'rada]
[i'baʃo]	[i'bora]	[i'sima]
[i'mēdāw]	[ipre'gada]	[i'pregada]
[i'prego]	[i'preza]	[ipres'tado]
[īpu'xarāw]	[īkay'o]	[īkamī'nado]
[īkamīna'mēto]	[īse'xado]	[īko'beɫto]
[i'ʃēte]	[īko'moda]	[īkomo'dava]
[īkos'tey]	[i'kōtra]	[īkō'tra]
[īku'beɫto]	[īfe'xuza]	[īfoɫ'kada]
[īgra'sado]	[īgravi'da]	[īgravi'damos]
[īgravi'do]	[i'kwāto]	[īro'lada]
[īxo'lādo]	[īro'lādo]	[īsai'a]
[i'sayāw]	[īsay'ādo]	[i'sino]
[i'tāw]	[ītē'sāw]	[ītē'dew]
[ītē'de]	[i'tēde]	[ītē'sāw]
[ītʃi'ado]	[i'tra]	[i'trarāw]
[i'tregāw]	[i'trega]	[i'trey]
[itre'vista]	[īvē'sāw]	[i'ʃada]
[i'ʃeɫga]	[iʃeɫ'ga]	[i'ʃuga]
[iʃu'rada]	[iʃu'xada]	[is'kada]
[is'kala]	[iskoy'e]	[isko'līna]
[is'kova]	[is'kreve]	[iskre've]
[iskre'vēdo]	[iskre'vew]	[is'krita]
[is'krito]	[iskri'torio]	[is'krito]
[is'kura]	[iskuɫ'to]	[isku'tey]
[is'kute]	[ispe'syaw]	[is'peyo]
[ispe'kera]	[is'peʎo]	[ispe'ra]
[ispe'rādo]	[ispeɫ'toɫ]	[ispi'syaw]
[is'piga]	[is'piga]	[sinu'laɫ]
[is'poɫte]	[ispoɫ'tʃivo]	[is'pozo]
[is'presa]	[is'kese]	[iske'sēdo]
[iske'serāw]	[iske'si]	[iskesi'mēto]
[is'kēta]	[iski'si]	[isē'syaw]
[istabele'sido]	[istabili'sida]	[istabili'dade]
[is'tada]	[is'tado]	[ista'duaw]

[is'tāte]	[is'taɹ]	[is'tavew]
[is'tāw]	[istē'dʒya]	[isteɹko]
[istʃi'azēy]l	[is'tʃilo]	[is'tomago]
[is'trada]	[istradzi'ʃāw]	[is'traga]
[is'traɲa]	[is'tuda]	[istu'da]
[istu'dāw]	[istu'dādo]	[istu'dey]
[istu'do]	[iste'rioɹ]	[mi'dʒida]
[mistru'a]	[miʃi'rika]	[pala'vryado]
[pasi'a]	[pi'āw]	[pi'dʒi]
[pi'dʒīdo]	[pinisi'lina]	[piri'gozo]
[pri'siza]	[prisiza'ria]	[pri'sizu]
[prisi'za]	[se'gi]	[si'gido]
[sigu'rava]	[sī'tʃido]	[tāzi'rina]
[vis'tiru]	[visti'ga]	[īzo'o]
[ri'vista]		

**Lexias analisados do *corpus 2* que não apresentam variação, apenas mantém a altura da**

**vogal /e/**

[zela'dora]	[vestʃibu'laɹ]	[ver'tize]
[veɹti'kaw]	[veɹ'meʎo]	[ver'meʎo]
[veɹ'meʎa]	[veɹga'mota]	[vare'zera]
[veɹ'dura]	[ver'dade]	[veɹ'dade]
[veɹ'baw]	[ve'rāw]	[vē'tavaw]
[vē'tāw]	[vēta'nia]	[vē'ta]
[ve'nida]	[ve'nenno]	[vē'deno]
[vē'dʒya]	[vē'de]	[vēda'vaw]
[velosi'dade]	[vare'zera]	[univeɹsi'dade]
[trove'zādo]	[tre'zētos]	[te'zoura]
[te'rivew]	[terne'rīpo]	[te'xeno]
[ter'nero]	[teɹne'rīpo]	[terne'rīpo]
[teɹ'nera]	[teɹ'mina]	[teɹ'gaw]
[te'reno]	[teɹse'rāw]	[teɹ'seyra]
[teo'ria]	[tēpera'tura]	[tē'tādo]
[tēpo'raw]	[tēpes'tade]	[tē'pero]
[tēpe'rīnos]	[tēpe'ra]	[tēpes'tade]

[televi'zāw]	[tele'fone	[teknolo'zya]
[te'sido]	[te'atro]	[sustē'tādo]
[sustē'tado]	[supeɹvi'sāw]	[supe'rioɹ]
[se'tēta]	[siɹ'viso]	[seɹ'vēte]
[se'raya]	[sero'tʃino]	[se'rote]
[se'ria]	[se'reno]	[sere'ays]
[se'raya]	[sepa'rado]	[sepa'rada]
[se'para]	[sē'tada]	[sē'ta]
[se'poɹ]	[se'por]	[se'nāw]
[semē'tʃina]	[se'mēte]	[seme'kātes]
[se'meya]	[seme'a]	[se'mana]
[se'gredo]	[sekre'taria]	[remɛ'dzios]
[re'vista]	[re'vista]	[re'kiāw]
[rezi'āw]	[re'mɛla]	[rezi'ōy]
[reziāw]	[re'poyo]	[re'plāta]
[re'mɛdzio]	[rezi'strado]	[re'krejo]
[rekla'mava]	[re'seyta]	[re'vo:ta]
[re'vo:ta]	[xe'une]	[retribu'iu]
[re'torno]	[retor'nādo]	[retor'na]
[retʃi'rada]	[res'pōde]	[xes'peyta]
[xezoɹ'vemo]	[xezow'vew]	[xe'zowva]
[xesfri'ado]	[reprezēta'sāw]	[xe'poɹte]
[repoɹ'tazē]	[re'poʎo]	[re'poʎo]
[dexepēte]	[re'nova]	[remunera'sāw]
[xe'moto]	[xemo'sāw]	[xe'mɛla]
[xe'mɛdzjo]	[remɛ'dzjo]	[xe'lozjo]
[re'lozjo]	[xeli'ziāw]	[reli'zyāw]
[xelāpi'ādo]	[xelā'zādo]	[xe'lāpego]
[relā'pego]	[relasyona'mēto]	[xezyona'lismo]
[rezyo'naw]	[re'firo]	[xefeɹ'sāw]
[xefey'toryo]	[refey'sāw]	[xedu'ziɹ]
[re'dōdo]	[redō'dzīno]	[redō'dzina]
[xesē'dziāw]	[xesē'dzi]	[re'seyta]
[xe'seyta]	[xese'be]	[re'sɛbe]
[xeaw'mēte]	[xeali'dade]	[reaw'mēte]
[reali'dade]	[kes'tāw]	[kē'tʃino]
[ke'bro]	[ke'brāte]	[previ'zāw]
[pres'tado]	[presta'doɹ]	[pres'ta]

[presyo'na]	[pre'sāw]	[prezēte]
[pre'paro]	[prepa'rado]	[prepa'ra]
[prē'de]	[prefe'rido]	[prefey'tura]
[pre'feyto]	[pe'ziŋo]	[pe'zāw]
[pe'tɛka]	[pes'tana]	[pe'soas]
[peso'aw]	[pes'koso]	[peɹ'tʃiŋo]
[peɹso'nazēy]	[per'sebe]	[peɹni'lōgo]
[peɹ'neta]	[peɹne'lōgo]	[peludo]
[perikulozi'dade]	[per'gūto]	[peɹgū'tava]
[peɹgū'ta]	[peɹdzi'gāw]	[peɹ'dew]
[peɹsētu'aw]	[peɹse'bido]	[peɹ'sebe]
[pe'rāte]	[pētʃia'dera]	[pē'sādo]
[pene'riŋa]	[pe'nera]	[pe'lego]
[pe'gey]	[pe'gava]	[pega'doɹ]
[pe'ga]	[pedrī'na]	[pe'drera]
[pe'dreyra]	[pe'dasu]	[pedasāw]
[pes'koso]	[pe'kado]	[ope'ra]
[neɹ'vozo]	[nē'nūma]	[negoso]
[ne'gɔsyo]	[ne'brina]	[neblina]
[more'nīŋa]	[me'ʃe]	[metaluziko]
[me'tade]	[mes'truo]	[mestu'o]
[mestru'ada]	[me'ziŋa]	[mē'truz]
[mēstrua'sāw]	[mēstru'a]	[me'noɹ]
[meno'pawza]	[me'ʎoro]	[meʎoɹ]
[meɛ'kīŋa]	[mele'kera]	[me'lɛka]
[me'lāw]	[melā'sia]	[medzika'mēto]
[medzika'sāw]	[me'kāniko]	[materi'ays]
[maze'rona]	[mazeri'kāw]	[libeɹ'dade]
[le'vey]	[le'vava]	[le'vāto]
[levā'tādo]	[levā'tamu]	[emora'zia]
[levā'ta]	[le'va]	[emoxa'zia]
[lē'sow]	[lē'brava]	[lē'brāsa]
[le'gume]	[le'gaw]	[ītes'tʃino]
[ītestʃi'naw]	[īteɹ'nado]	[īter'nada]
[īteɹ'na]	[īte'rioɹ]	[ītere'sāte]
[ītere'sado]	[īte'resa]	[īsetʃi'sida]
[īfekisyo'no]	[le'triŋa]	[ze'rēte]
[ze'rādo]	[zeraw'mēte]	[ze'raw]

[zela'dera]	[zela'deyra]	[fre'kwēte]
[frē'tʃista]	[feve'rero]	[feve'reyro]
[fes'tero]	[fexa'mēta]	[feri'ados]
[femi'nino]	[fe'liz]	[fede'raw]
[fe'ʃarāw]	[feʃa'mēto]	[feʃa'dura]
[fazē'dzīna]	[fale'sew]	[es'tɛɲno]
[es'prɔde]	[espre'sāw]	[espli'ka]
[dzispē'sa]	[depē'derāw]	[kre'se]
[esperiēsya]	[e'ziste]	[ezēplo]
[abaste'se]	[evolu'iu]	[evi'tādose]
[espe'takulo]	[espe'sifiko]	[especializa'sāw]
[e'xada]	[eɟ'gia]	[ēʃu'xada]
[ētre'vista]	[papelāw]	[ē'ʃe]
[ēka'mīno]	[eleva'doɟ]	[e'lɛtriko]
[e'leyto]	[elabo'ra]	[edu'kaɟ]
[edre'dō]	[edre'dāw]	[edzito'riaw]
[ek'tares]	[ekono'mia]	[dize'nove]
[dziveɟ'tʃido]	[dzipē'sa]	[dzire'toɟ]
[dzire'sāw]	[dzife'rēte]	[dzife'rēsa]
[de'zoyto]	[deze'sete]	[deze'seys]
[de'zēbro]	[destru'i]	[de'vaɟde]
[dezodo'rāte]	[de'zēno]	[de'zezo]
[de'zeza]	[de'se]	[deskapitaliza'sāw]
[deza'xāzo]	[dexu'bo]	[de'xame]
[deri'vado]	[de'rame]	[depre'sāw]
[depoy'mento]	[depē'dēdo]	[de'pēde]
[depe'narāw]	[de'nusya]	[dē'tuso]
[dezodo'rāte]	[demora'dzīno]	[de'mays]
[deli'rādo]	[de'lira]	[dego'lada]
[de'fine]	[defisi'ēte]	[defe'rēte]
[debu'ʎaɟ]	[de'buʎā]	[dexe'pēte]
[kuʎɛ'rīna]	[kre'sēdo]	[kore'ria]
[kōveɟ'sādo]	[kopesi'mēto]	[kone'sido]
[kone'sida]	[kone'sia]	[kone'si]
[kone'sew]	[kone'sese]	[komeɟsyaliza'sāw]
[komeɟsya'liza]	[komē'tey]	[ko'mētāw]
[komē'tādo]	[komē'ta]	[kome'so]
[kome'sey]	[nesisi'dade]	[kome'sarāw]

[kome'sādo]	[kome'sādo]	[ʃe'gado]
[ʃe'ga]	[seɹ'veza]	[ʃer'tʃiŋo]
[ʃeɹ'teza]	[se'raya]	[serea'lista]
[se'raya]	[sera'sāw]	[sexa'sāw]
[se'nora]	[senegra'fista]	[selu'larɹ]
[sele'braw]	[sebo'līna]	[kare'rīno]
[kaŋɛ'līna]	[kare'ga]	[bēze'dera]
[bete'xaba]	[bete'raba]	[beru'gīna]
[ber'muda]	[berumu'dāw]	[beɹ'muda]
[beɹga'mota]	[bēzē'doɹ]	[bē'zēdo]
[bēze'dera]	[bē'ze]	[be'leza]
[atēdzi'mēto]	[atē'de]	[atē'sāw]
[aɹvore'zīna]	[aɹvore'sēdo]	[are'pēdo]
[apre'zēta]	[aprezēta'sāw]	[aprezē'ta]
[aprē'de]	[apozē'tado]	[apozē'ta]
[apeɹ'ta]	[apare'sew]	[apare'se]
[amarɛ'līna]	[awvore'seɹ]	[aleɹ'zia]
[akre'dzītā]	[akōte'sido]	[akōte'sia]
[akōte'sew]	[akōte'sese]	[ase'soryos]
[asele'ra]	[abaste'sia]	



Lexias analisadas do *corpus 2* que apresentam variação na altura da vogal /e/.

[eduka'sāw ~ iduka'sāw]  
 [edukasyo'naw ~ idukasyo'naw ]  
 [es'kola ~ is'kola]  
 [esko'līna ~ isko'līna]  
 [esko'de ~ isko'de]  
 [es'poza ~ is'poza]  
 [e'zame ~ i'zame]  
 [e'ziste ~ i'ziste]  
 [espre'sāw ~ ispre'sāw]  
 [e'zofago ~ i'zofago]  
 [akre'dzita ~ akri'dzita]  
 [akre'dzito ~ akri'dzito]  
 [ale'krī ~ ali'krī]  
 [ameri'kana ~ amiri'kana]  
 [ātē'ōte ~ ātʃī'ōte]  
 [ape'lido ~ api'lido]  
 [ave'nida ~ avi'nida]  
 [be'ʃiga ~ bi'ʃiga]  
 [be'zexo ~ bi'zexo]  
 [beze'xīna ~ bize'xīna ]  
 [be'zero ~ bi'zero]  
 [be'zoro ~ bi'zoro]  
 [be'zoxo ~ bi'zoxo]  
 [bezo'rīno ~ bizo'rīno]  
 [bēzi'mēto ~ bīzi'mēto]  
 [se'bola ~ si'bola]  
 [disēte'riaʒ ~ disīte'ria ~ disīti'ria]  
 [de'poys ~ dzi'poys]  
 [des'mayo ~ dzis'mayo]  
 [des'maya ~ dzis'maya]  
 [dzisvi'ādo ~ dzisvi'ādo]  
 [dzis'viw ~ dzis'viw]  
 [fe'ruze ~ fi'ruze ]  
 [fe'ruza ~ fi'ruza]  
 [fe'rida ~ fi'rida]

[feri'dzīņa ~ firi'dzīņa]  
 [fute'bow ~ futi'bow]  
 [le'brina ~ li'brina]  
 [me'nina ~ mi'nina]  
 [meni'nīņa ~ mini'nīņa]  
 [me'nino ~ mi'nino]  
 [nove'sētos ~ novi'sētos]  
 [ōte'ōte ~ ōti'ōte]  
 [pare'sido ~ pari'sido]  
 [pare'sida ~ pari'sida]  
 [pe'ru ~ pi'ru]  
 [peru'zīņo ~ piru'zīņo]  
 [pe'pino ~ pi'pino]  
 [pe'kena ~ pi'kena]  
 [pekeni'nīņa ~ pikininīņa]  
 [pekeni'nīņo ~ pikini'nīņo]  
 [pe'keno ~ pi'keno]  
 [peke'nīņo ~ piki'nīņo]  
 [peri'kito ~ piri'kito]  
 [peri'kitšīņo ~ piri'kitšīņo]  
 [presi'zādo ~ prisi'zādo]  
 [ke'ria ~ ki'ria]  
 [xezi'āw ~ xizi'āw]  
 [re'vista ~ re'vista]  
 [se'tēbro ~ si'tēbro]  
 [se'gūda ~ si'gūda]  
 [se'bola ~ si'bola]  
 [se'gūdo ~ si'gūdo]  
 [trabe'sero ~ trabi'sero]  
 [trave'seyro ~ travi'seyro]  
 [ves'tšido ~ vis'tšido]  
 [ve'ado ~ vi'ado]  
 [kō'sigo ~ kō'sigo]  
 [kō'sigiw ~ kō'sigiw]  
 [kāpio'nato ~ kāpio'nato]  
 [dezēpre'gado ~ dzizīpre'gado ~ dzizēpre'gado]  
 [zē'zibre ~ zī'zibre]

Lexias analisadas do *corpus* 1 que apresentam a vogal /e/ alçada ([i]).

[axi'pyada]  
 [ari'ada]  
 [ari'piada]  
 [bizo'rĩno]  
 [kabi'sera]  
 [karya'do]  
 [kaɹmari'ado]  
 [kaɹma'ryãdo]  
 [karya'do]  
 [kari'ãdo]  
 [kari'ãno]  
 [sisili'ãno]  
 [si'rola]  
 [relãpĩ'ãdo]  
 [relãpi'ãdo]  
 [dzis'kawso]  
 [dzis'kaska]  
 [dziskaska'dzĩno]  
 [dziskas'karãw̃]  
 [dziskõ'fia]  
 [dziskũ'fia]  
 [dzis'troy]  
 [iduka'sãw̃]  
 [imẽ'dada]  
 [ípexe'ada]  
 [ípo'sada]  
 [ísẽ'deya]  
 [ĩsi'ʌado]  
 [íkõ'tra]  
 [íkõ'trava]  
 [í'kotro]  
 [íkos'tey]  
 [ífiki'sõys]  
 [í'grosa]

[istomu: go]  
 [i'ʒo:]  
 [iʒw'ado]  
 [i'kwāto]  
 [isi'na]  
 [i'tāw̃]  
 [itʃi'dʒida]  
 [i'tō]  
 [i'tra]  
 [i'tro]  
 [i'ʃada]  
 [iʃa'dāw̃]  
 [iʃa'dʒīna]  
 [iʃa'dō]  
 [i'ʃɛɹgo]  
 [isba'ro]  
 [isko'ʎe]  
 [isko'ʎido]  
 [siskō'de]  
 [iskoɹ'pyāw̃]  
 [iskoxe'gey]  
 [iskre've]  
 [iskre'vi]  
 [is'kura]  
 [iskure'se]  
 [iskure'sēdo]  
 [iskure'sew]  
 [is'kuro]  
 [is'fria]  
 [isfri'ava]  
 [is'paya]  
 [is'pɛsi]  
 [is'piga]  
 [ispi'gāw̃]  
 [ispi'gīna]  
 [iski'si]  
 [iski'zito]  
 [dziskō'de]

[istā: mu]  
 [ista'tʃistʃika]  
 [isti'lige]  
 [is'tōgo]  
 [is'tomago]  
 [is'tōmu:ko]  
 [is'toro]  
 [is'trada]  
 [is'treyta]  
 [istrey'tʃino]  
 [is'trela]  
 [ivi'ta]  
 [iza'ʒera]  
 [izaze'rado]  
 [i'zato]  
 [izis'tʃia]  
 [izis'tʃiw]  
 [ispli'ka]  
 [ispri'kādo]  
 [is'tratro]  
 [ʒi'ʒū]  
 [ni'brina]  
 [pi'dʒido]  
 [pi'dʒīdo]  
 [pīdu'rado]  
 [piri'gozo]  
 [ki'ria]  
 [kiria]  
 [vis'tʃido]  
 [vis'tiw]  
 [īpe'xyo]  
 [desnoʃtʃi'ado]

Lexias analisadas do *corpus* 1 que apresentam variação na altura da vogal /e/ .

[mēs'truz][mis'truis]  
 [pi'kena][pe'kena][pike'nīno]  
 [pi'keno][pe'keno][piki'nīno][pikini'nīno]  
 [ridzi'mūnu][redemu'īno]  
 [fi'rida][fe'rida]  
 [zi'ada][ze'ada]  
 [zī'ziva][zē'ziva]  
 [i'klipis][e'klipis]  
 [kuṇi'si][kone'si][kuṇi'sia][kuṇisi'mēto]  
 [dʒis'pois][de'poys]  
 [i'ziste][e'ziste]  
 [i'zēplo][e'zēplo]  
 [is'pīno][es'pīno]  
 [īʃu'rada][ēʃu'xada]  
 [medʒika'mēto][midʒika'mēto]  
 [se'gūda][si'gūda]  
 [si'lī] [se'lī]  
 [bi'ruga][be'xuga]  
 [ali'krī][ale'krī]  
 [ātʃi'ōtē] [āte'onte]

Lexias analisadas do *corpus* 1 que matém a altura da vogal /e/ .

[asele'rado]  
 [aser'ta]  
 [aler'zia]  
 [amarɛlĩna-u]  
 [amare'lõ]  
 [amare'lãw]  
 [aneste'zia]  
 [anoyte'sêdo]  
 [aprê'dew]  
 [are'noza]  
 [arebê'ta]  
 [arebê'tãdo]  
 [aʔteza'nato]  
 [be'leza]  
 [bê'ze]  
 [bêzê'dera]  
 [bê'zia]  
 [bêzi'mêto]  
 [kade'rĩna]  
 [karã'gezera]  
 [kaʔne'gãw]  
 [kaxe'ga]  
 [kaxe'garãw]  
 [ka'xexo]  
 [se'bola]  
 [sebo'lĩna]  
 [se'getʃi]  
 [tebeʔku'loze]  
 [se'rãmika]  
 [sexa'sãw]  
 [se'rasãw]  
 [seʔ'teza]  
 [ser'tĩpo]  
 [kame'sa]

[kome'dera]  
 [kōplēta'mētʃi]  
 [kōzes'tāw]  
 [koŋe'serāw]  
 [kōse'gi]  
 [kōveɹ'sādo]  
 [korē'teza]  
 [koxē'teza]  
 [korē'teza]  
 [kresē'te]  
 [kuste'leta]  
 [de'feza]  
 [dēta'dura]  
 [de'pēde]  
 [depura'tʃivo]  
 [dexe'te]  
 [de'zeɹto]  
 [desnoɹtʃi'ado]  
 [dezē'bro]  
 [dzife'rēte]  
 [fe'ʃado]  
 [fe'liz]  
 [fe'xāw]  
 [fe'xoa]  
 [fe'rāw]  
 [fe'roa]  
 [fero'ado]  
 [feɹ've]  
 [fer'via]  
 [feve'rero]  
 [feverero]  
 [zera'sāw]  
 [zeraw'mēte]  
 [zeɹ'vāw]  
 [oɹte'la]  
 [imedziata'mēte]  
 [īpe'xyo]  
 [īze'sāw]



[ĩtes'tʃino]  
 [lẽ'brada]  
 [lẽ'brado]  
 [lẽ'brāsa]  
 [levā'to]  
 [le'varo]  
 [māʒe'rona]  
 [me'ʃew]  
 [ne'gɔsyo]  
 [neɹ'vozo]  
 [obiseɹ'va]  
 [obeseɹ'va]  
 [opera'sāw]  
 [ope'ro]  
 [pare'sido]  
 [pe'daso]  
 [pedre'guʎo]  
 [pe'dreɹa]  
 [pe'drera]  
 [pe'ga]  
 [pe'go]  
 [pe'lado]  
 [pe'lego]  
 [pe'lĩno]  
 [pe'naʃo]  
 peɹse'beʒo]  
 [peɹ'dʒido]  
 [pere'rɛka]  
 [pere're]  
 [perni'lōgo]  
 [peɹni'lōgo]  
 [pe'rova]  
 [pe'zādo]  
 [pes'koso]  
 [pe'soa]  
 [pe'tɛka]  
 [pe'zĩno]  
 [pre'para]

[prepa'ra]  
 [ke'brāte]  
 [kebra'tera]  
 [kero'zene]  
 [xame'lēto]  
 [xe'seyta]  
 [re'koʎe]  
 [xeko'ʎe]  
 [xedō'dzīpo]  
 [xezi'āw̃]  
 [xe'medzio]  
 [re'medzio]  
 [xe'lāpo]  
 [xepaɹ'ti]  
 [xes'toyo]  
 [res'toyo]  
 [re'zava]  
 [reali'dade]  
 [reka'ida]  
 [re'kuɹso]  
 [redō'dzīpo]  
 [re'ziāw̃]  
 [relā'pago]  
 [relā'peya]  
 [relāpī'ādo]  
 [relāpi'ādo]  
 [re'lāpo]  
 [re'medzio]  
 [re'mela]  
 [resfri'ado]  
 [res'pōdo]  
 [kare'ga]  
 [re'seyta]  
 [retra'zado]  
 [se'mana]  
 [se'mēte]  
 [semē'tʃīpa]  
 [sepa'ra]

[sepa' rado]  
 [se' reno]  
 [se' tēbro]  
 [tē' pero]  
 [tē' pero]  
 [tēpes' tade]  
 [tē' pora]  
 [tēdāw' zīno]  
 [te' reno]  
 [ter' mina]  
 [teɹmi' nādo]  
 [te' xivew]  
 [te' reno]  
 [tre' mēdo]  
 [tre' pava]  
 [trove' za]  
 [trove' zādo]  
 [tubeɹku' loze]  
  
 [tubeɹko' lozo]  
 [ve' meŋo]  
 [vene' nozo]  
 [vēta' nia]  
 [ve' rāw]  
 [veɹ' dade]  
 [ver' dade]  
 [ver' dzīno]  
 [veɹ' dura]  
 [veɹdu' rīna]  
 [veɹga' mōta]  
 [verya' doɹ]  
 [ver' meya]  
 [ver' meyo]  
 [veɹ' meŋa]  
 [ver' meŋa]  
 [verme' ŋada]  
 [veɹme' ŋīno]  
 [ver' meŋyo]

[veɹ̥'meʎo]  
[verme'līpa]  
[ver'meyo]  
[veɹ̥'tēte]  
[veɹ̥'tēte]

## **ANEXOS**

## ANEXO A

## MAPAS 1 E 2 – ALÇAMENTO DA PRETÔNICA [o] – KAILER (2004)

**Mapa 1** – Paraná: Alçamento do [o] pretônico com todas as vogais em sílaba seguinte a das pretônicas [e] e [o] (KAILER, 2004).

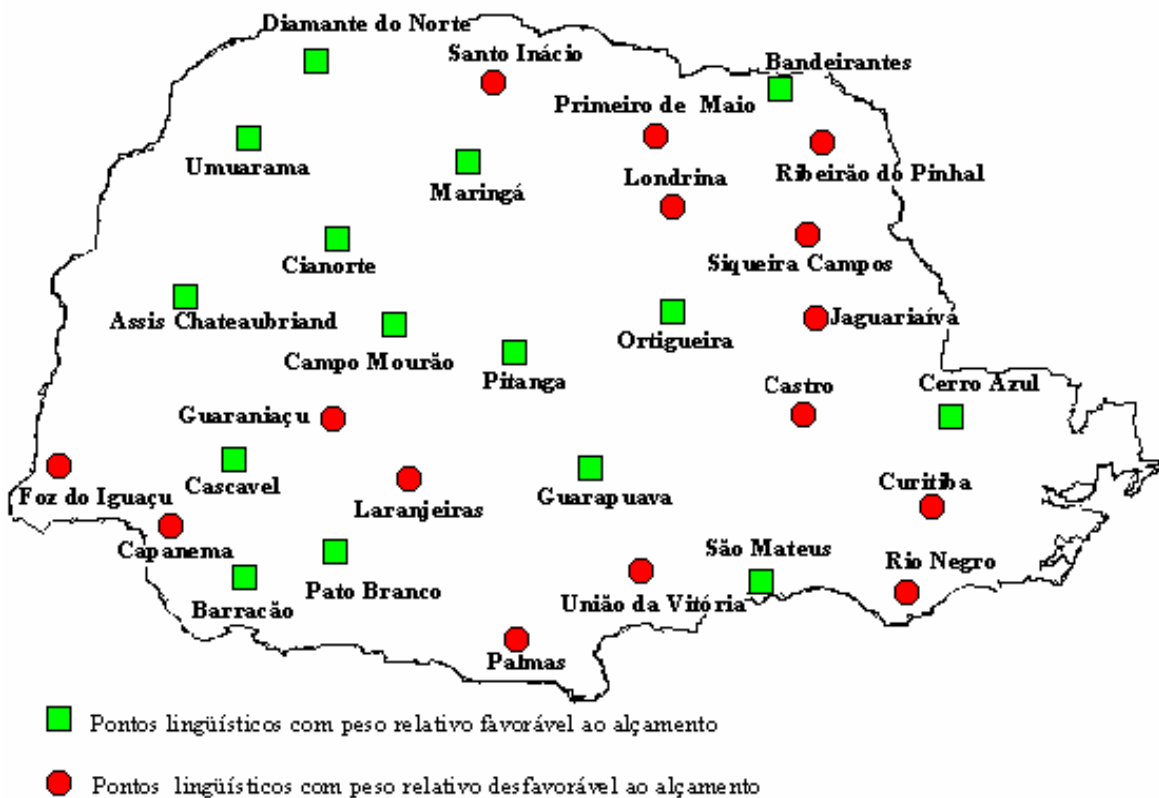


TABELA 1 adaptada de KAILER(2004)- Alçamento do [o] pretônico com todas as vogais em sílaba seguinte a das pretônicas [e] e [o] (KAILER, 2004).

Região	Peso relativo	Percentual
Pato Branco	0,705	38%
Foz do Iguaçu	0,480	25%

**Mapa 2** – Paraná: Alçamento do [o] pretônico com vogais altas na sílaba seguinte a das vogais pretônicas [e] e [o] (KAILER, 2004).

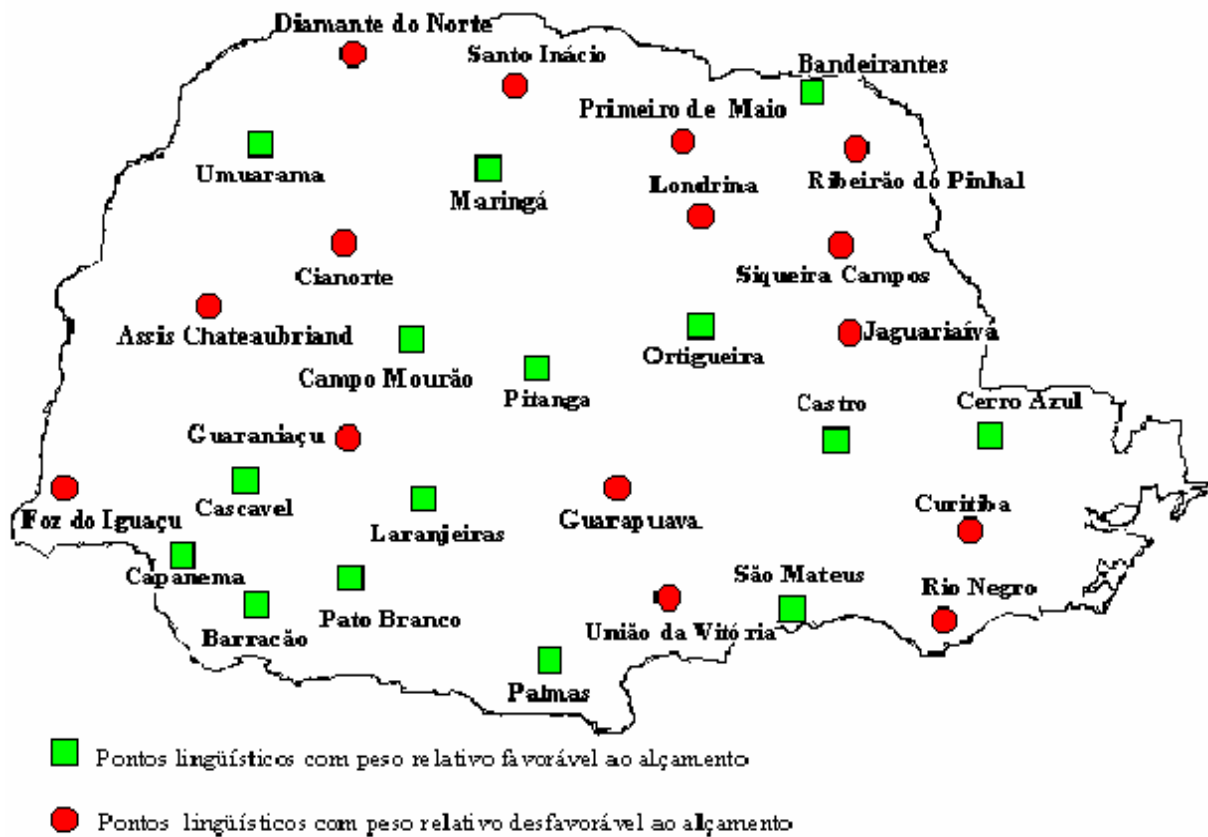



TABELA 2 adaptada de KAILER (2004)- Alçamento do [o] pretônico com vogais altas na sílaba seguinte a das vogais pretônicas [e] e [o] (KAILER, 2004).

Região	Peso relativo	Percentual
Pato Branco	0,782	80%
Foz do Iguaçu	0,294	41%


## ANEXO B

**FICHA DO COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB  
(2001)**

	<p align="center"><b>Projeto Atlas Lingüístico do Brasil</b> <b>Ficha da Localidade</b> <b>No. do ponto:                      No. do informante:</b></p>
1. NOME OFICIAL:	
2. NOME REGIONAL:	
3. NOMES ANTERIORES:	
4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) pelos próprios: b) pelos habitantes de outras localidades:	
5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL: a) pelos próprios habitantes: b) pelos habitantes de outras localidades:	
6. NÚMERO DE HABITANTES: a) oficial: b) cálculo do informante:	
7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:	
8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:	
9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):	
10. COMUNICAÇÕES (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)	
11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):	
12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:	



13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:
14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:
15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):
16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

		<b>Projeto Atlas Lingüístico do Brasil</b> <b>Ficha do Informante</b> No. do ponto: _____ No. do informante: _____	
<b>DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE</b>			
1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:		4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F	
5. IDADE:		6. ENDEREÇO:	
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11. ESCOLARIDADE:		12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não	
		15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:	
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):			
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:	
<b>RENDA</b>			
19. TIPO DE RENDA: A. <input type="checkbox"/> individual B. <input type="checkbox"/> familiar			
<b>CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO</b>			
20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca		21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas D. <input type="checkbox"/> noticiários G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> pr. religioso C. <input type="checkbox"/> pr. auditório F. <input type="checkbox"/> filmes	
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura		23. OUVE RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> parte do dia G. enquanto trabalha B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro C. <input type="checkbox"/> nunca F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja	
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral D. <input type="checkbox"/> noticiário policial G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> música C. <input type="checkbox"/> pr. religioso F. <input type="checkbox"/> pr. c/ participação do ouvinte		25. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> semanalmente B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> raramente C. <input type="checkbox"/> nunca	

26. NOME DO JORNAL: _____		27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER:	
A. <input type="checkbox"/> local B. <input type="checkbox"/> estadual C. <input type="checkbox"/> nacional		A. <input type="checkbox"/> editorial D. <input type="checkbox"/> pr. cultural G. <input type="checkbox"/> classificados	H. <input type="checkbox"/> outra
		B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> política	
		C. <input type="checkbox"/> variedades F. <input type="checkbox"/> página policial	
28. LÊ REVISTA? A. <input type="checkbox"/> às vezes B. <input type="checkbox"/> semanalmente C. <input type="checkbox"/> mensalmente D. <input type="checkbox"/> raramente E. <input type="checkbox"/> nunca			
29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____			

## PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____				

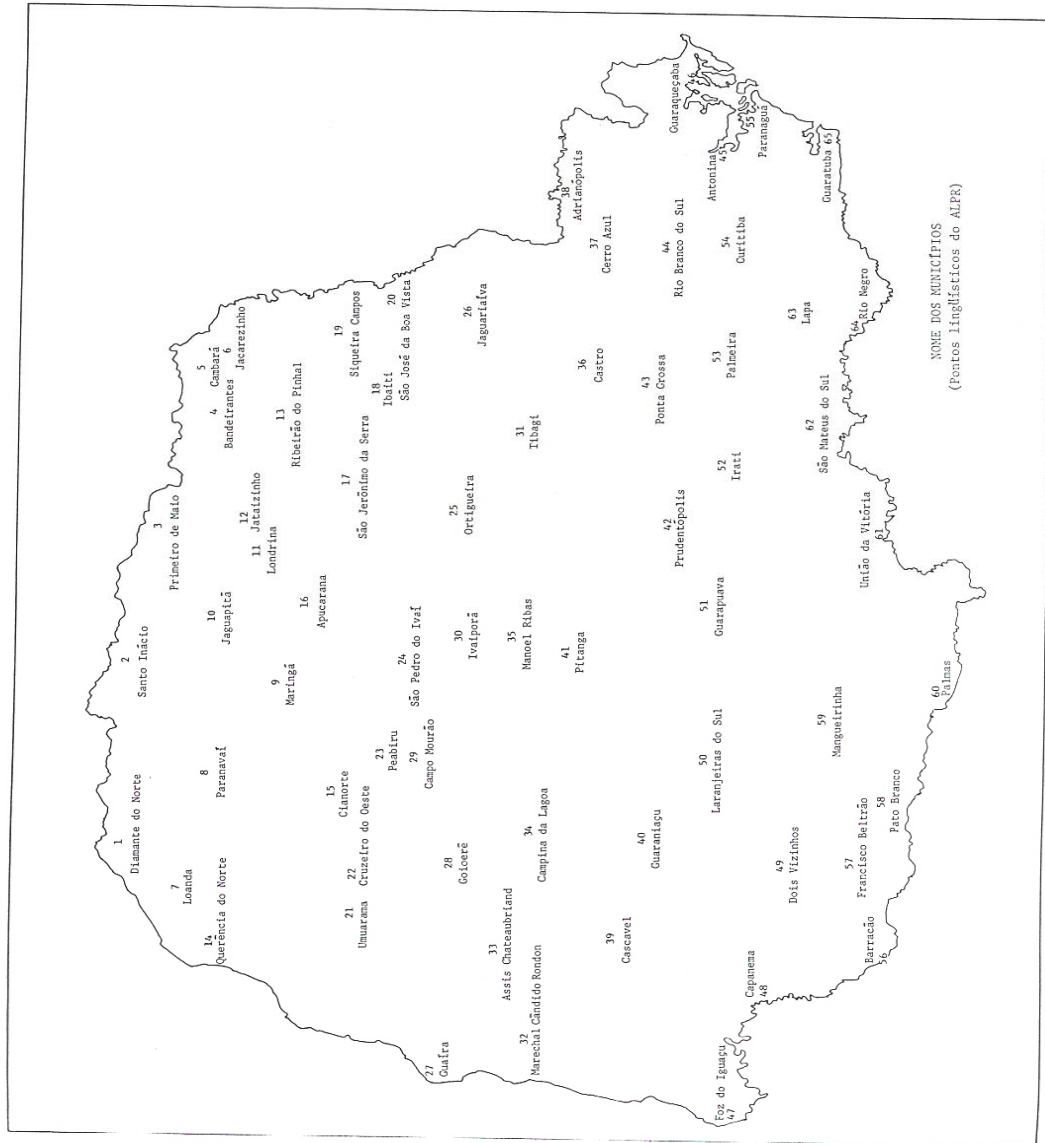
## PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> tímido B. <input type="checkbox"/> vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico		
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> total B. <input type="checkbox"/> grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca		
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. <input type="checkbox"/> cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente		
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"		
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S): _____ _____		
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO: _____ _____		
46. OBSERVAÇÕES: _____ _____		
47. NOME DO ENTREVISTADOR: _____	48. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: _____ UF: _____	49. DATA DA ENTREVISTA: ____/____/____
		50. DURAÇÃO: _____

# ANEXO C

## CARTAS FONÉTICAS DO ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ REFERENTES ÀS VOGAIS PRETÔNICAS [e] E [o] (AGUILERA, 1994)

### CARTA IV – PONTOS LINGÜÍSTICOS DO ALPR



NOME DOS MUNICÍPIOS  
(Pontos lingüísticos do ALPR)

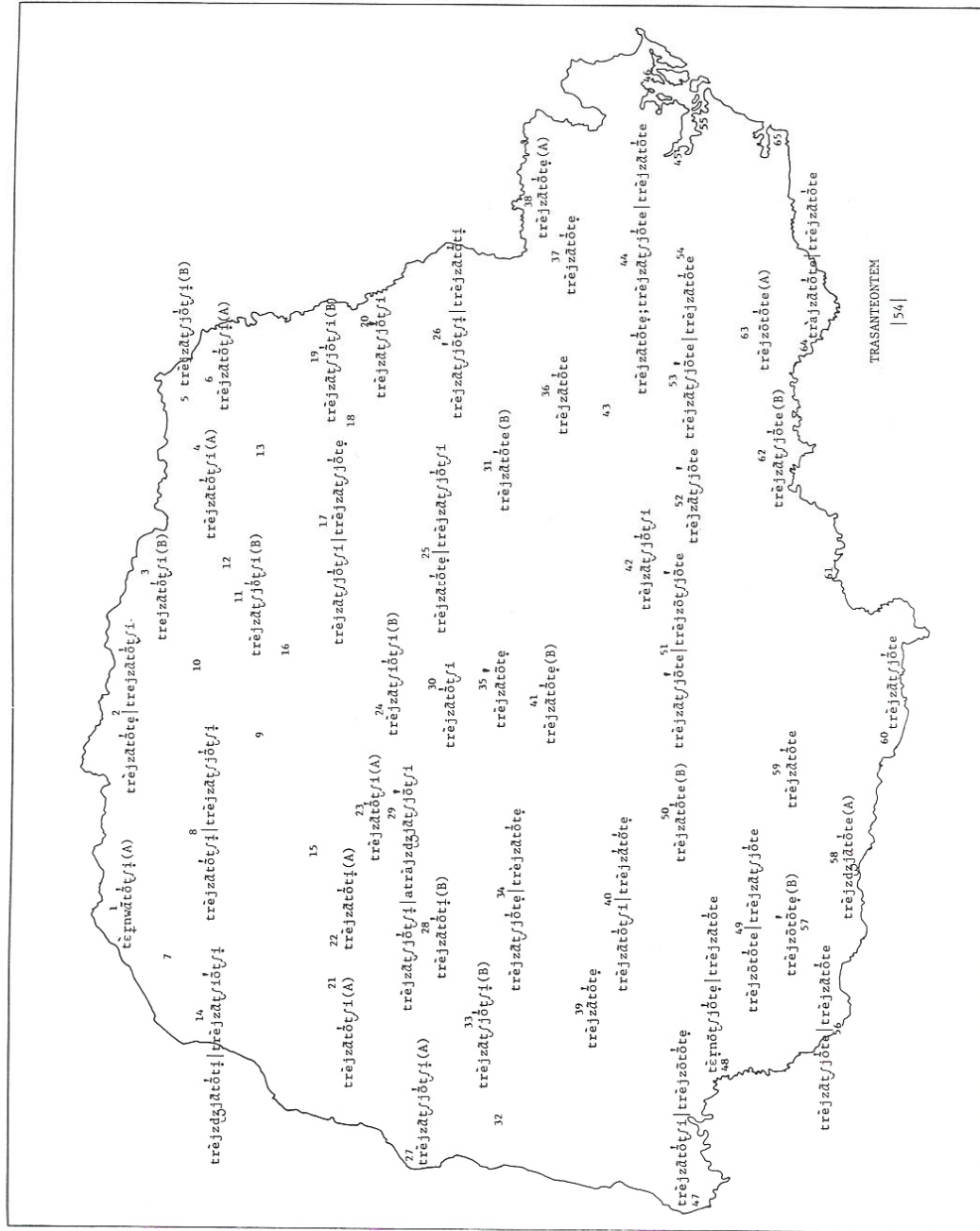
CARTA IV

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

# CARTA V- POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS EM 1960 E 1990



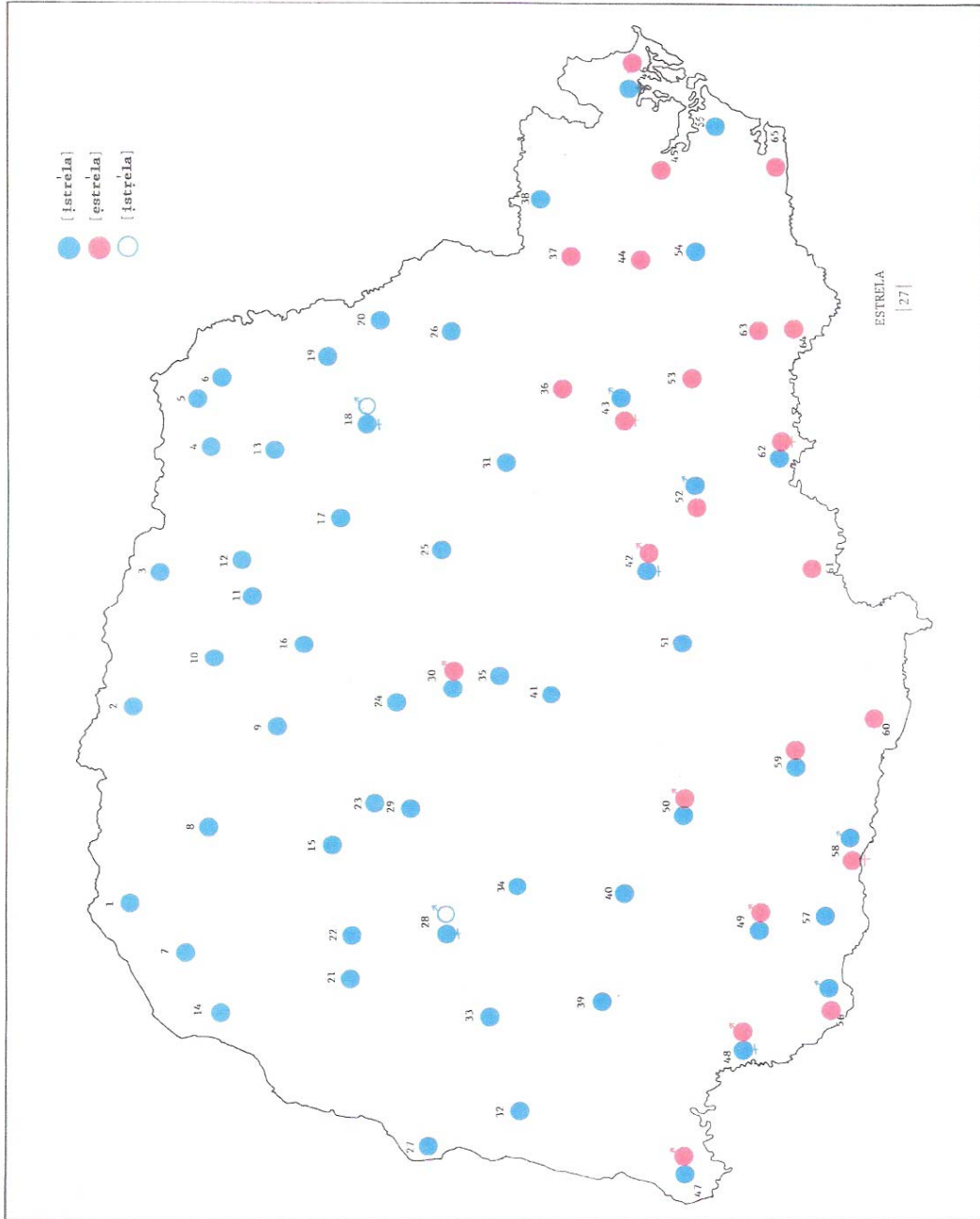
CARTA 95 -TRASANTEONTE



CARTA 95

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

CARTA 96 - ESTRELA

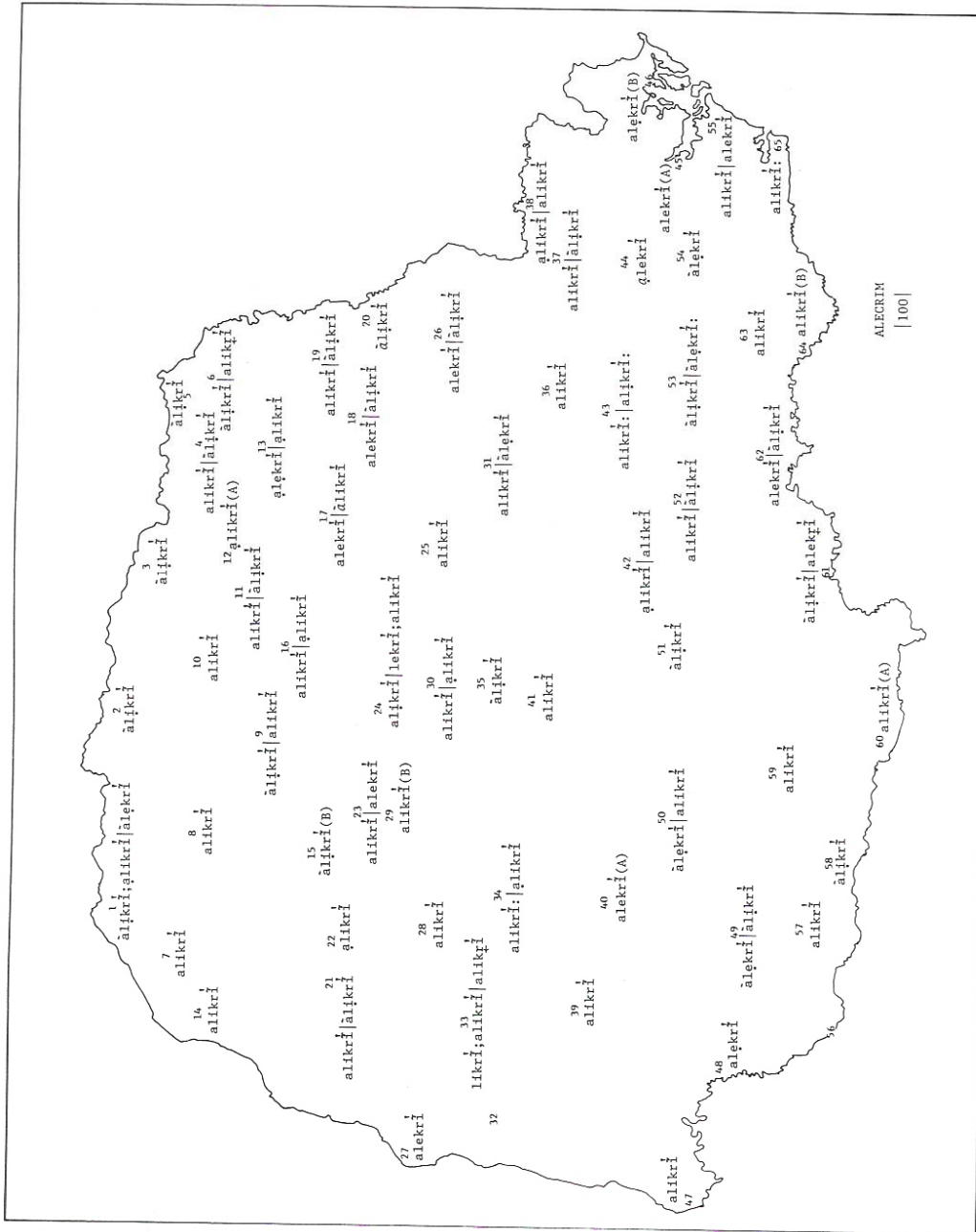


CARTA 96

215

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

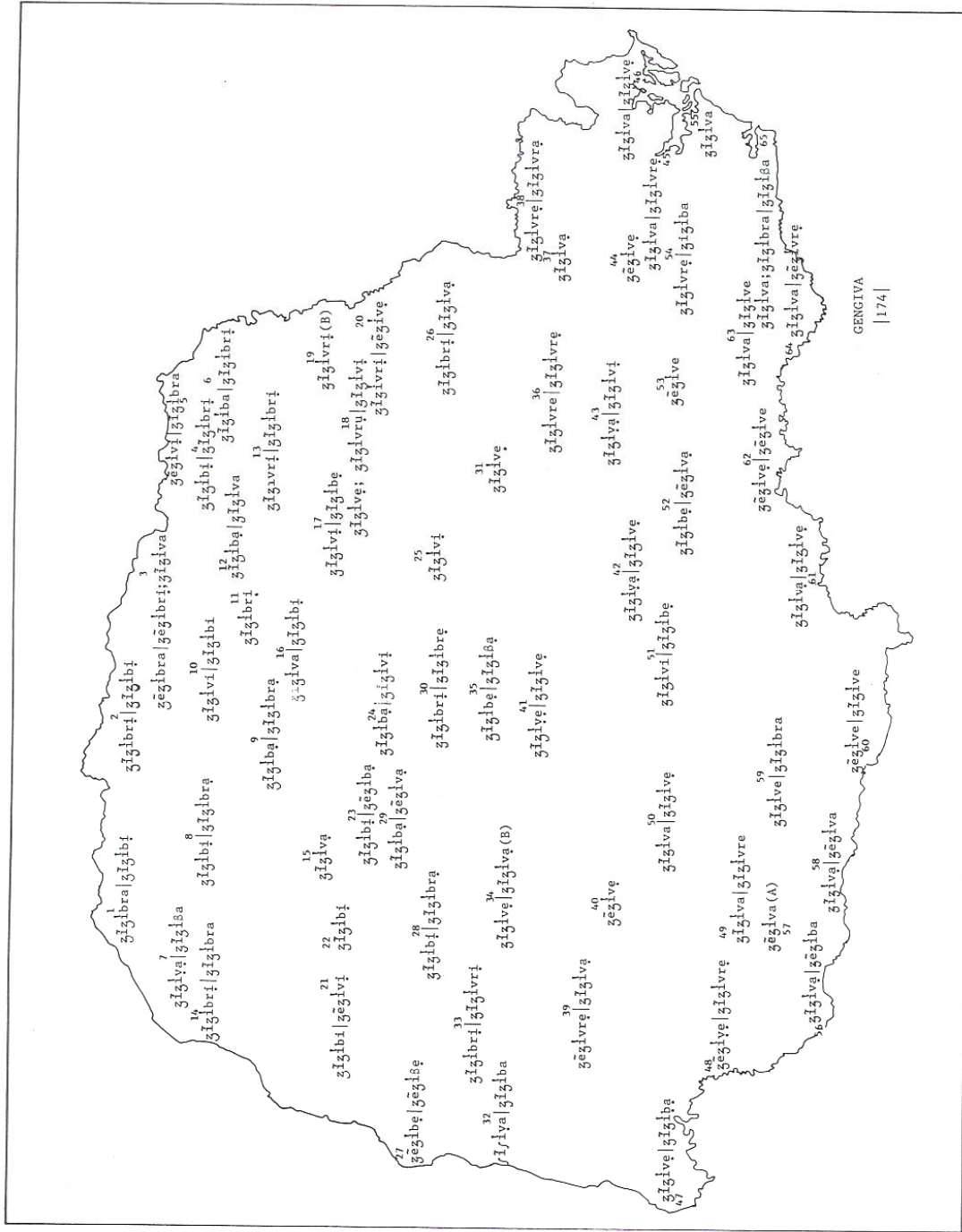
CARTA 97 - ALECRIM



CARTA 97

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ



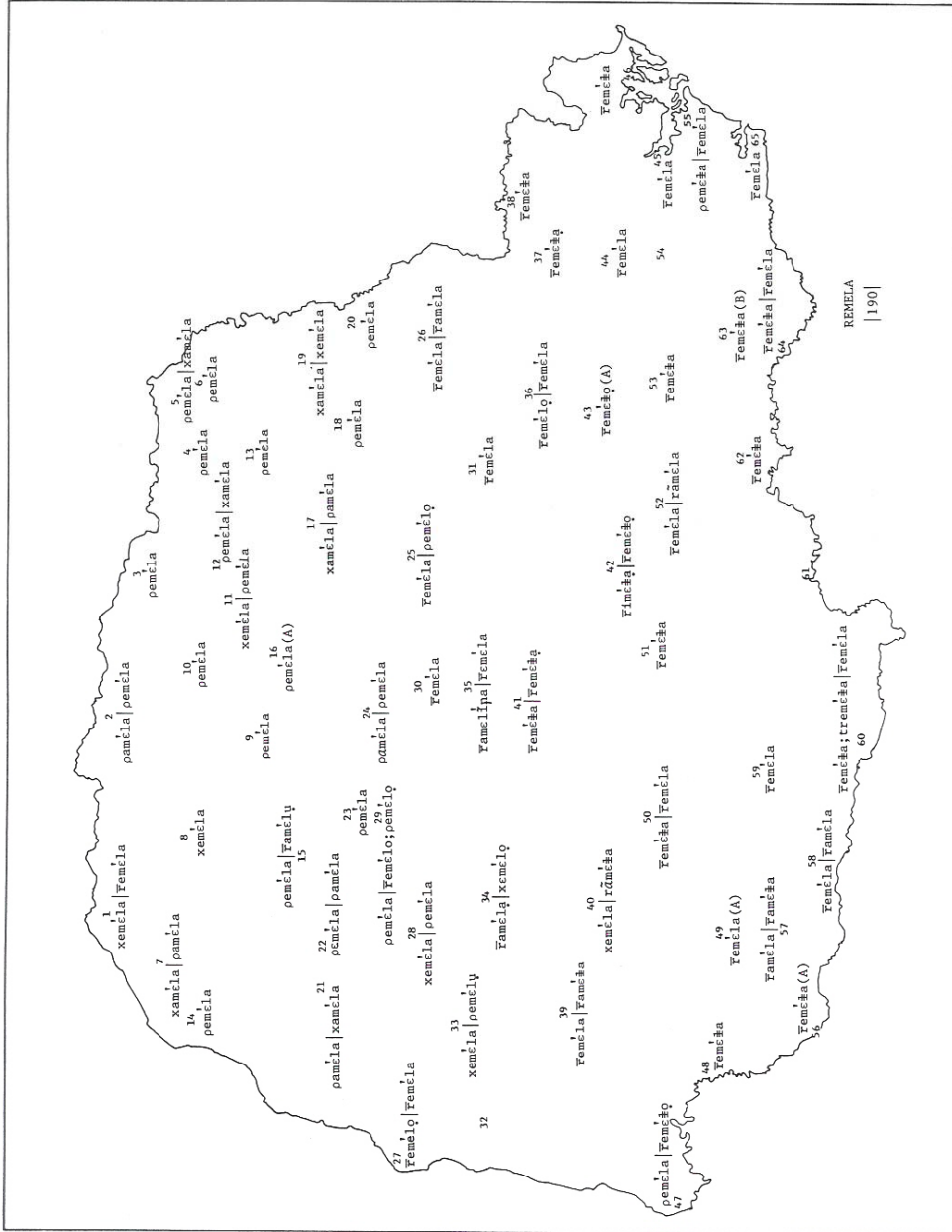


CARTA 98

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

GENGIVA  
|174|

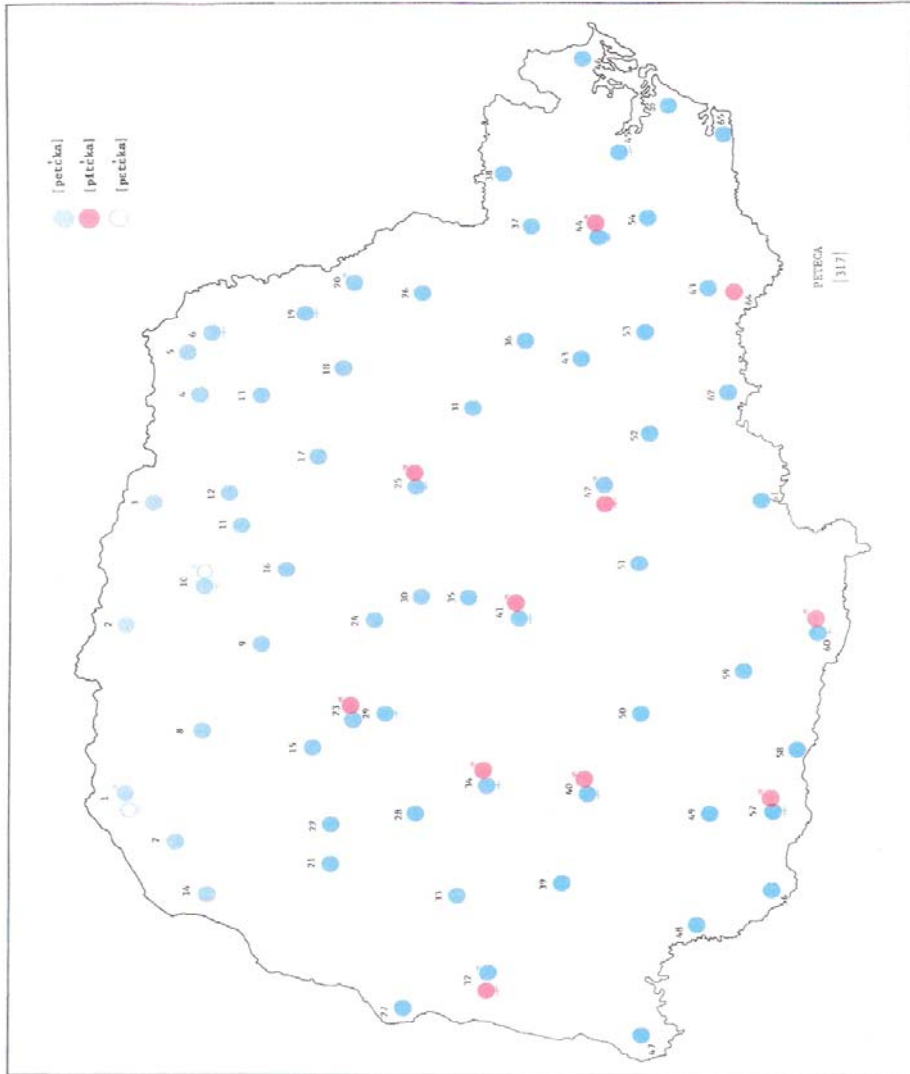
CARTA 99 - REMELA



CARTA 99

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

# CARTA 100-PETECA

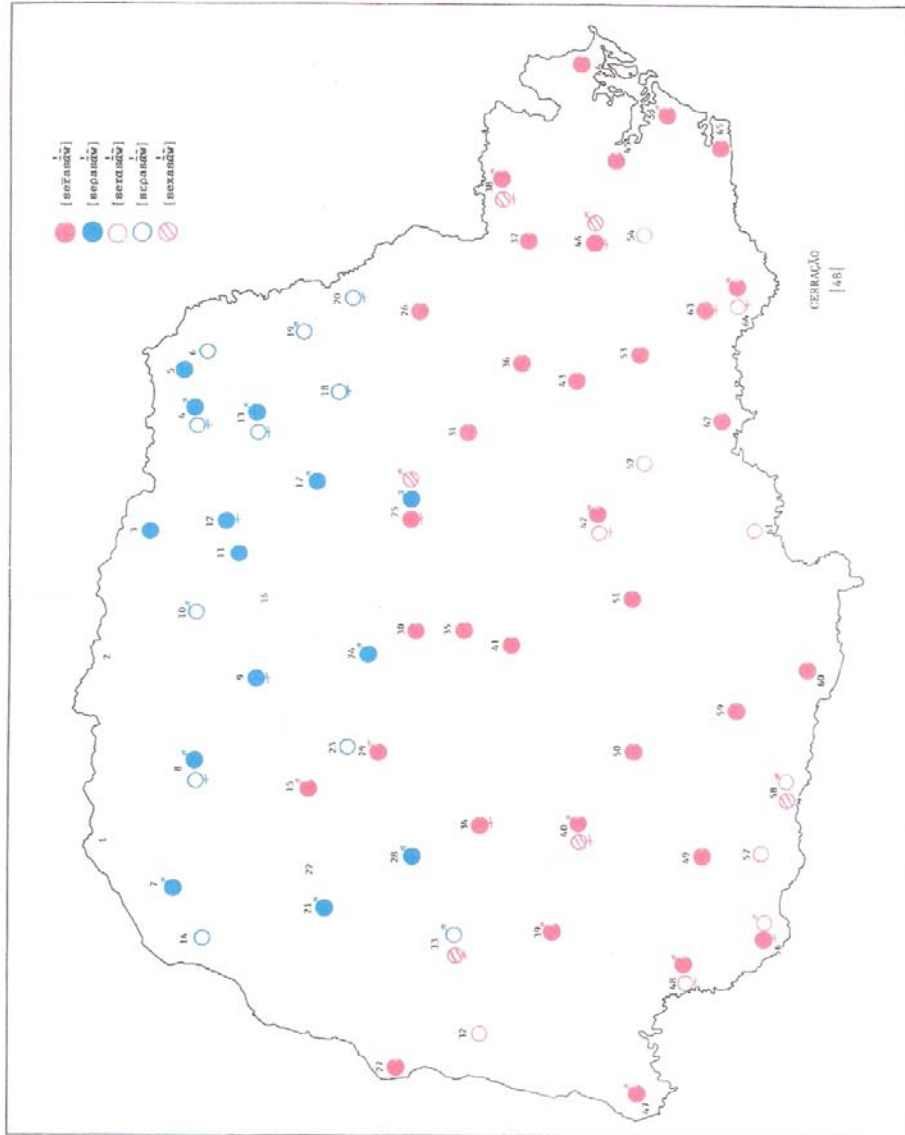


CARTA 100

223

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

# CARTA 101 - CERRAÇÃO

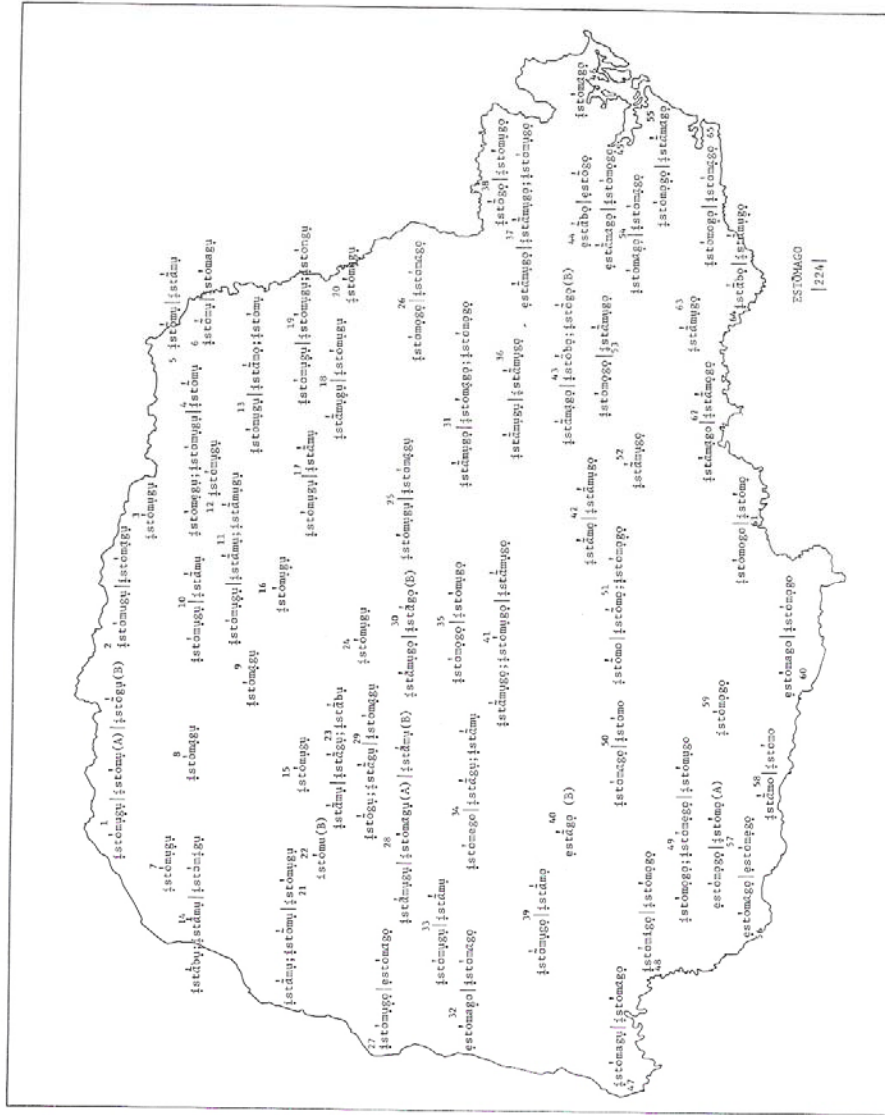


CARTA 101

225

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

# CARTA 106 - ESTÔMAGO



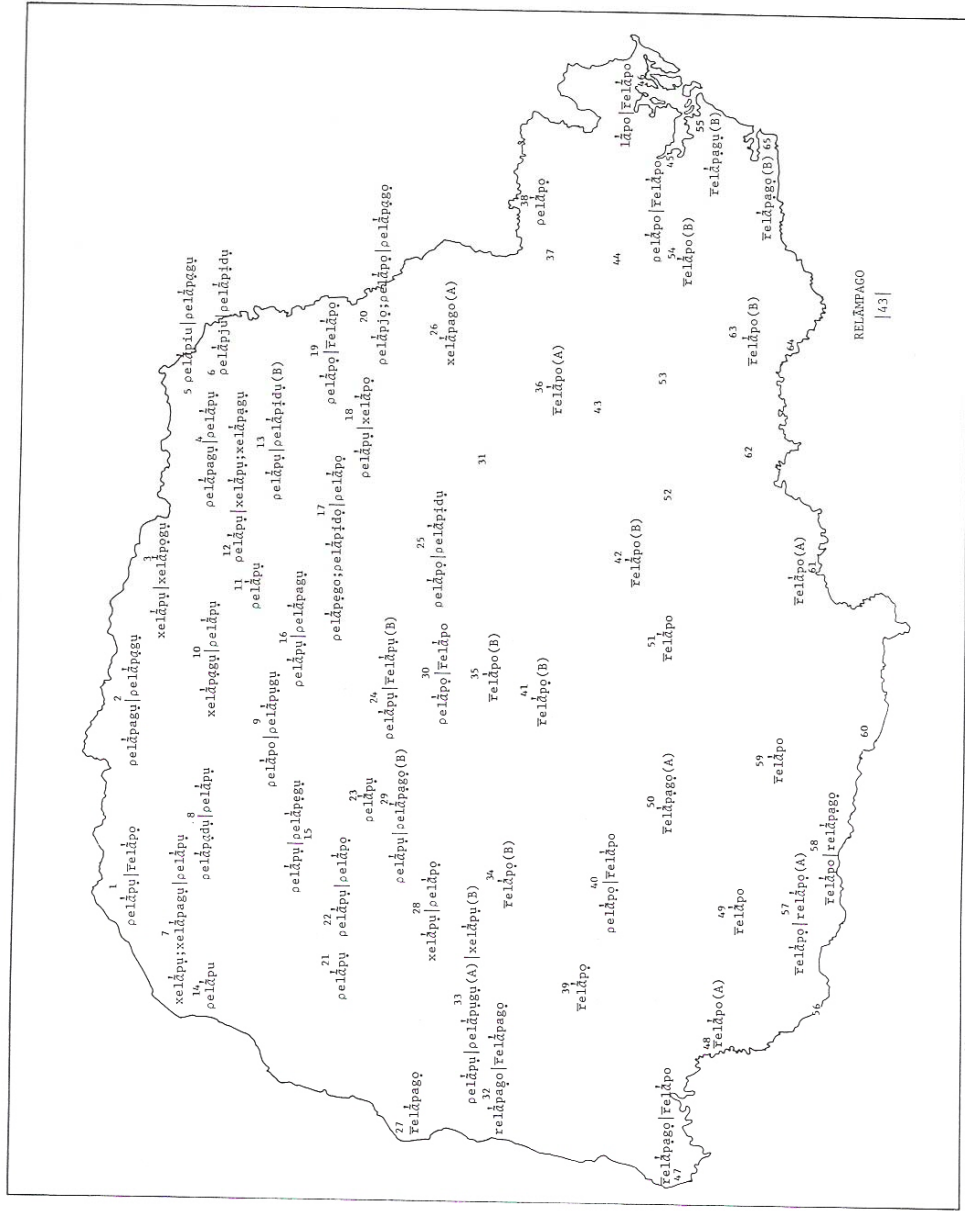
CARTA 106

235

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

ESTÔMAGO  
[224]

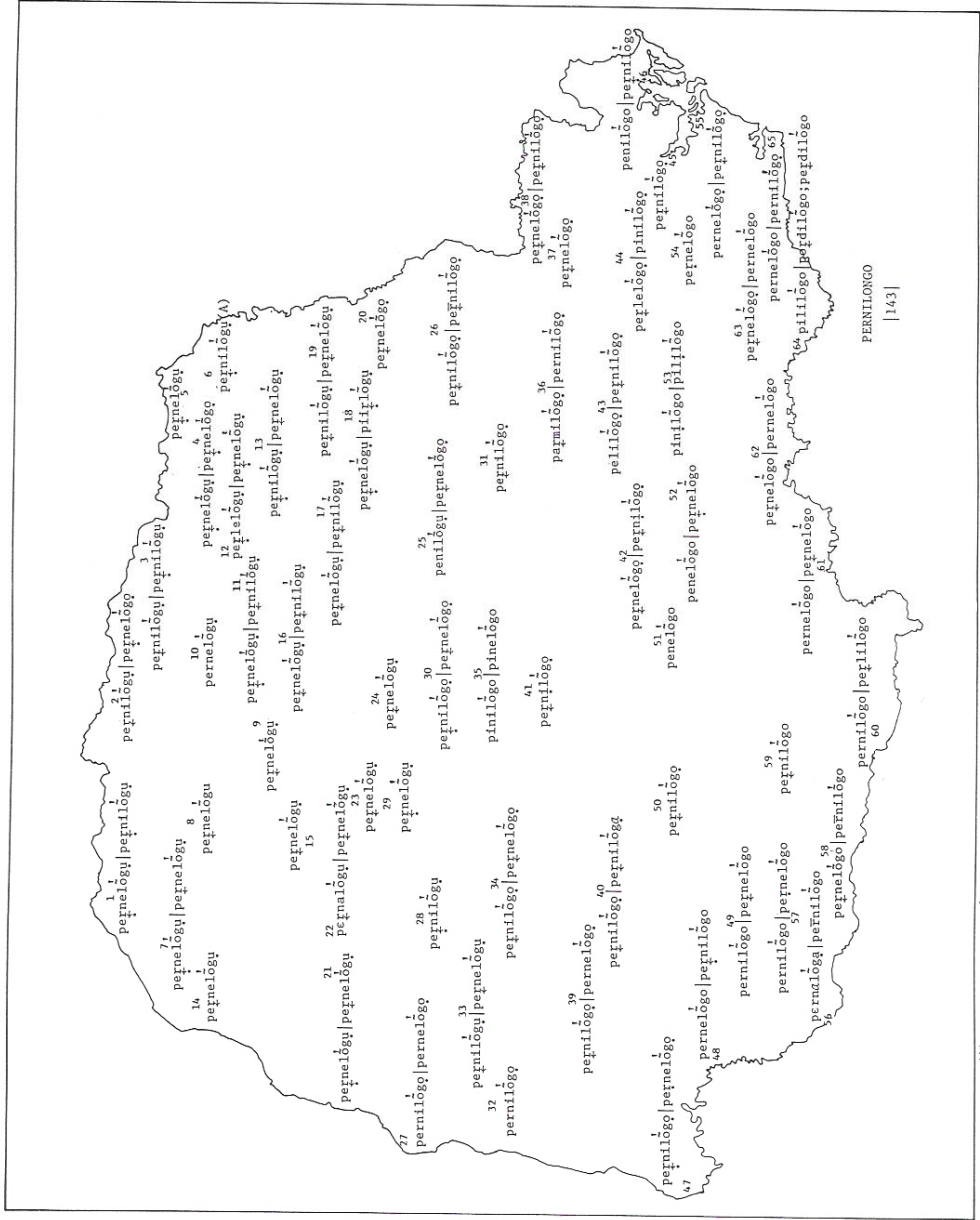
# CARTA 107 - RELÂMPAGO



CARTA 107

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

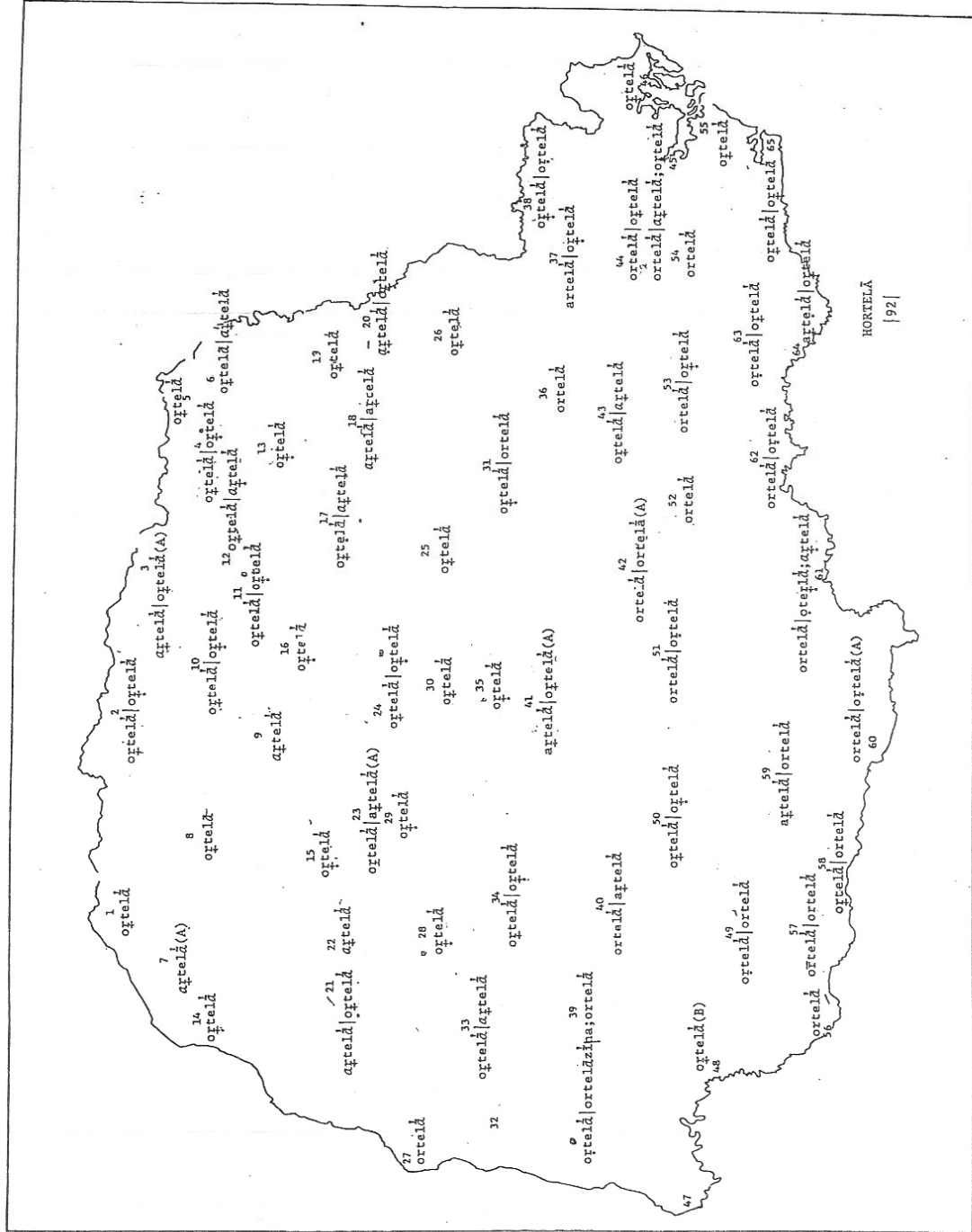
CARTA 109 - PERNILONGO



CARTA 109

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

CARTA 111 - HORTELÃ



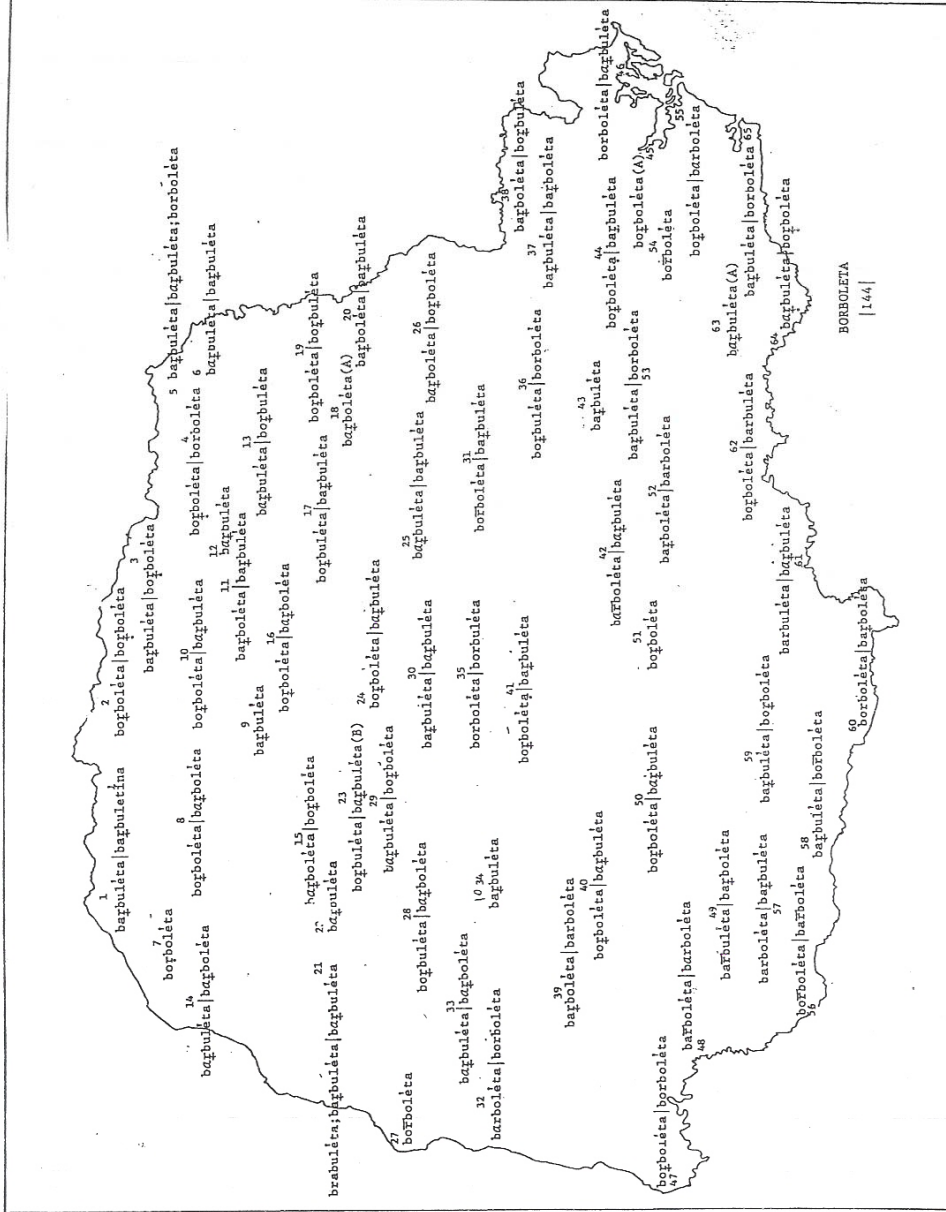
CARTA 111

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

HORTELÃ  
|92|



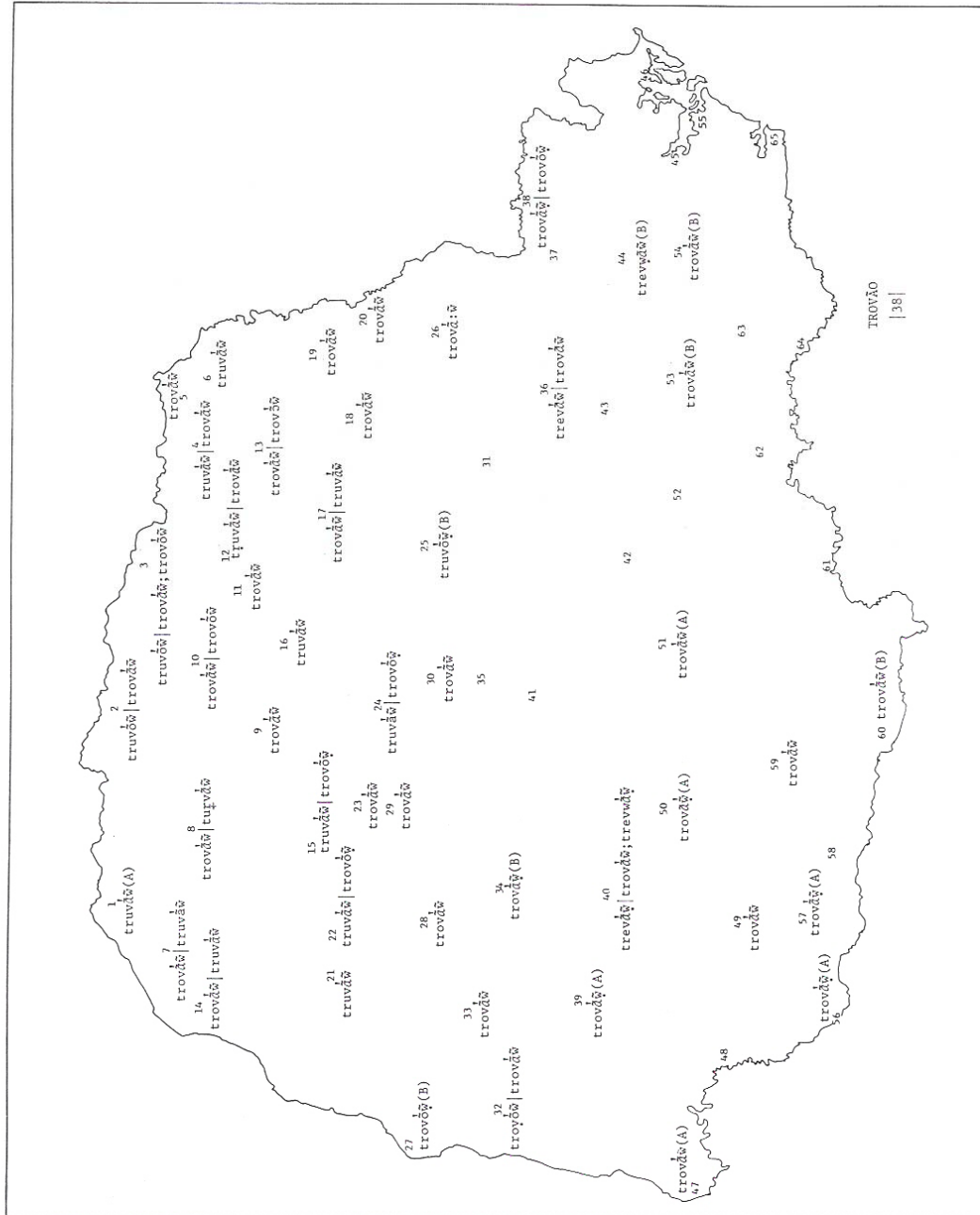
CARTA 112 - BORBOLETA



CARTA 112

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

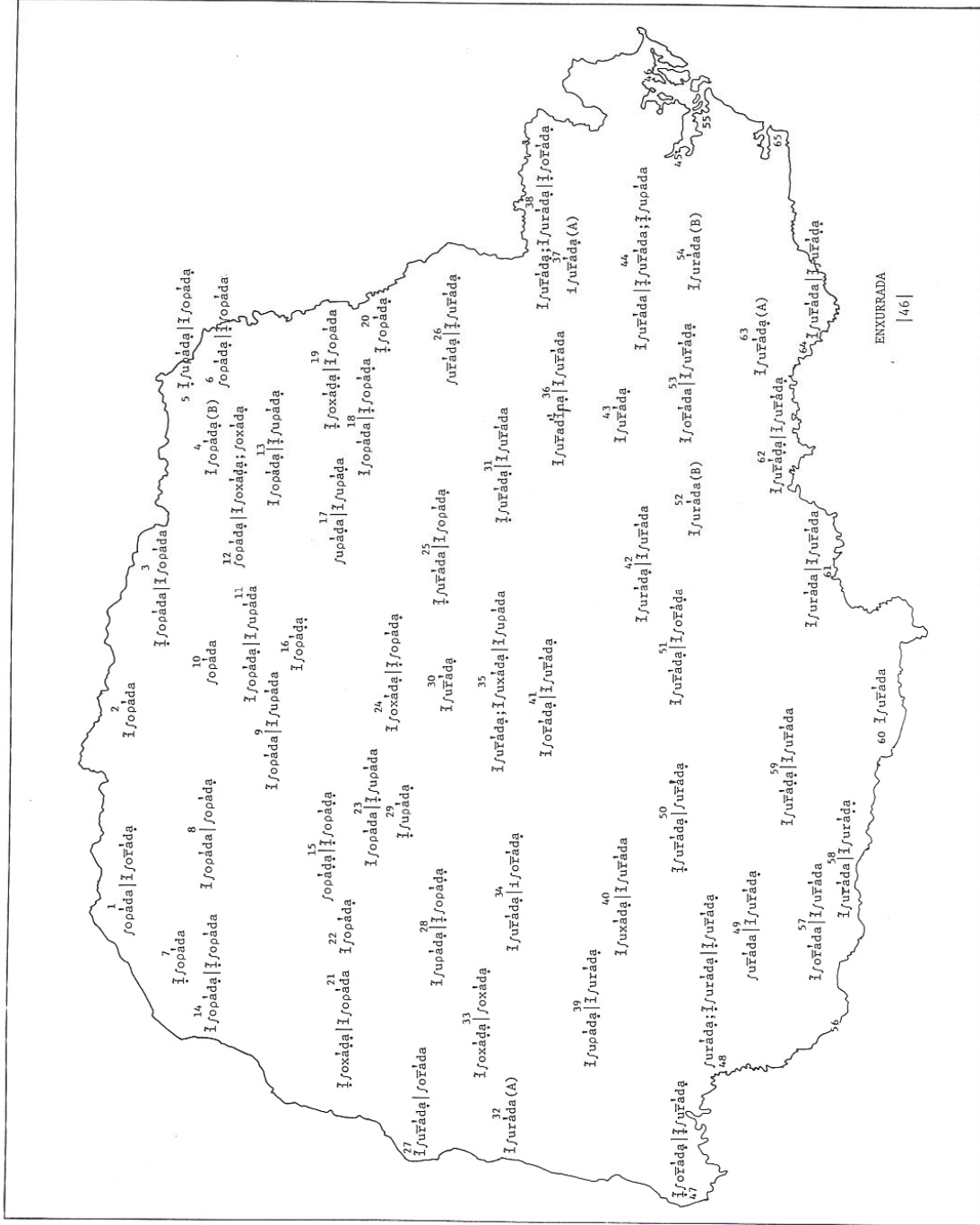
CARTA 120 - TROVÃO



CARTA 120

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

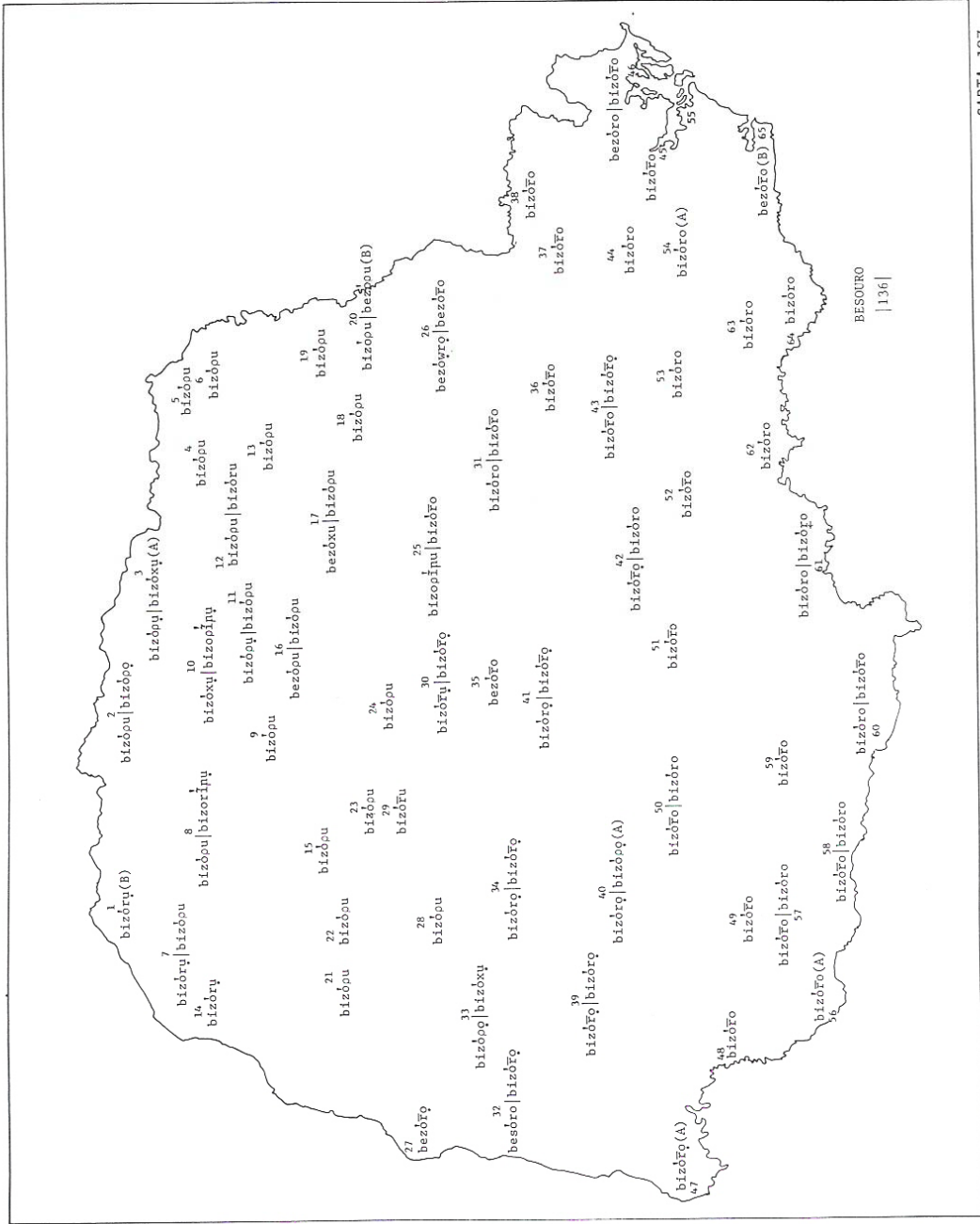
CARTA 123 - ENXURRADA



CARTA 123

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

CARTA 127 - BESOIRO

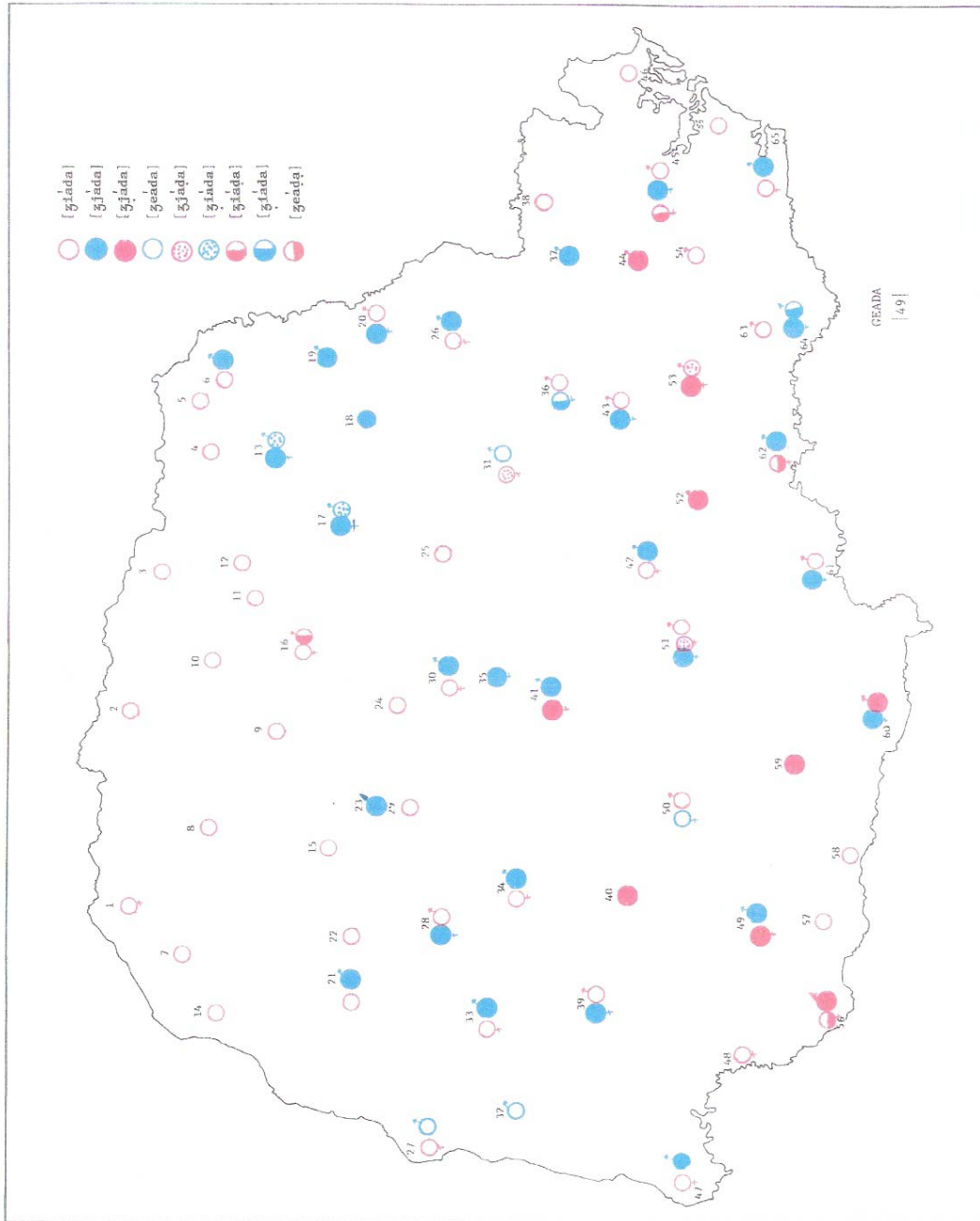


CARTA 127

277

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

CARTA 128 - GEADA

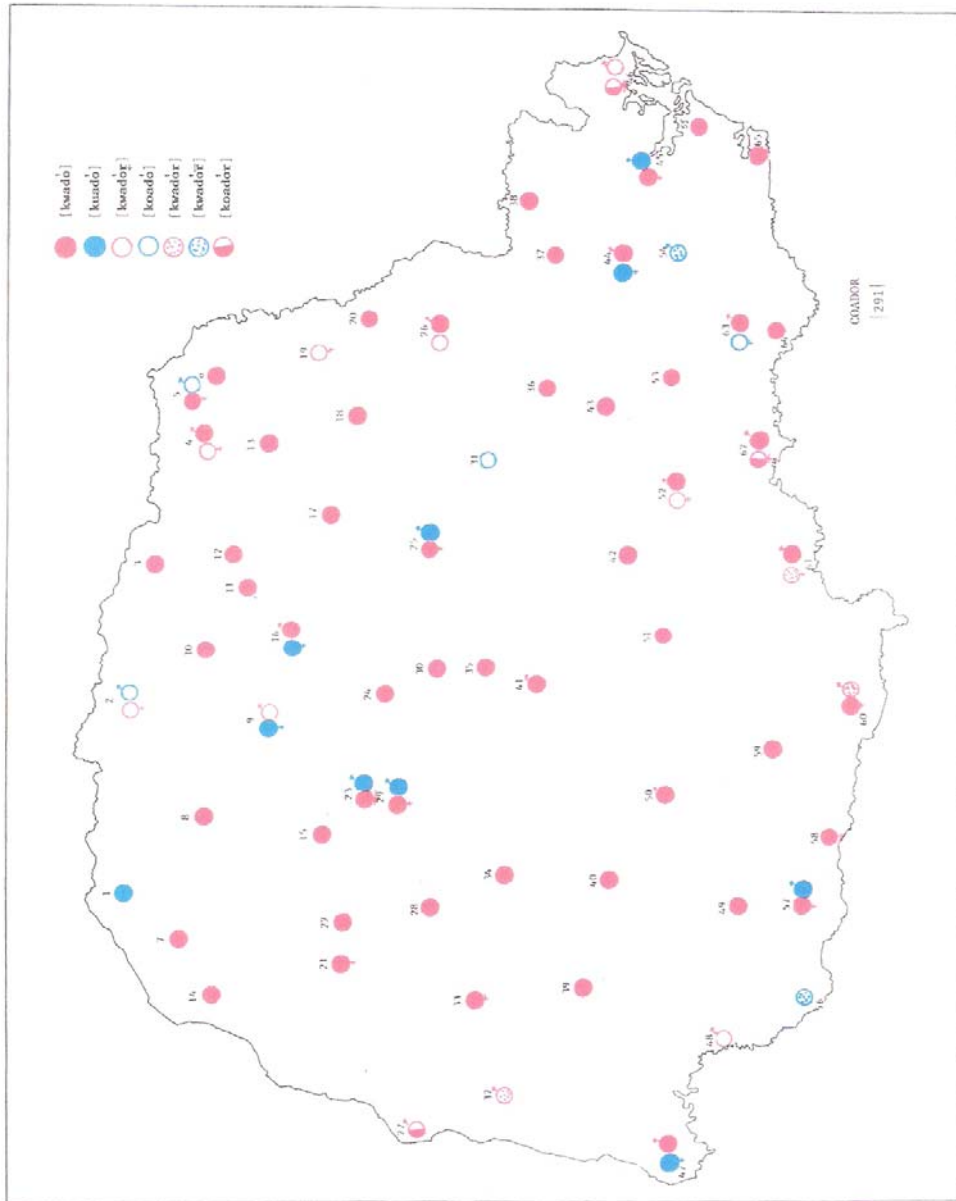


CARTA 128

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

279

CARTA 131 - COADOR

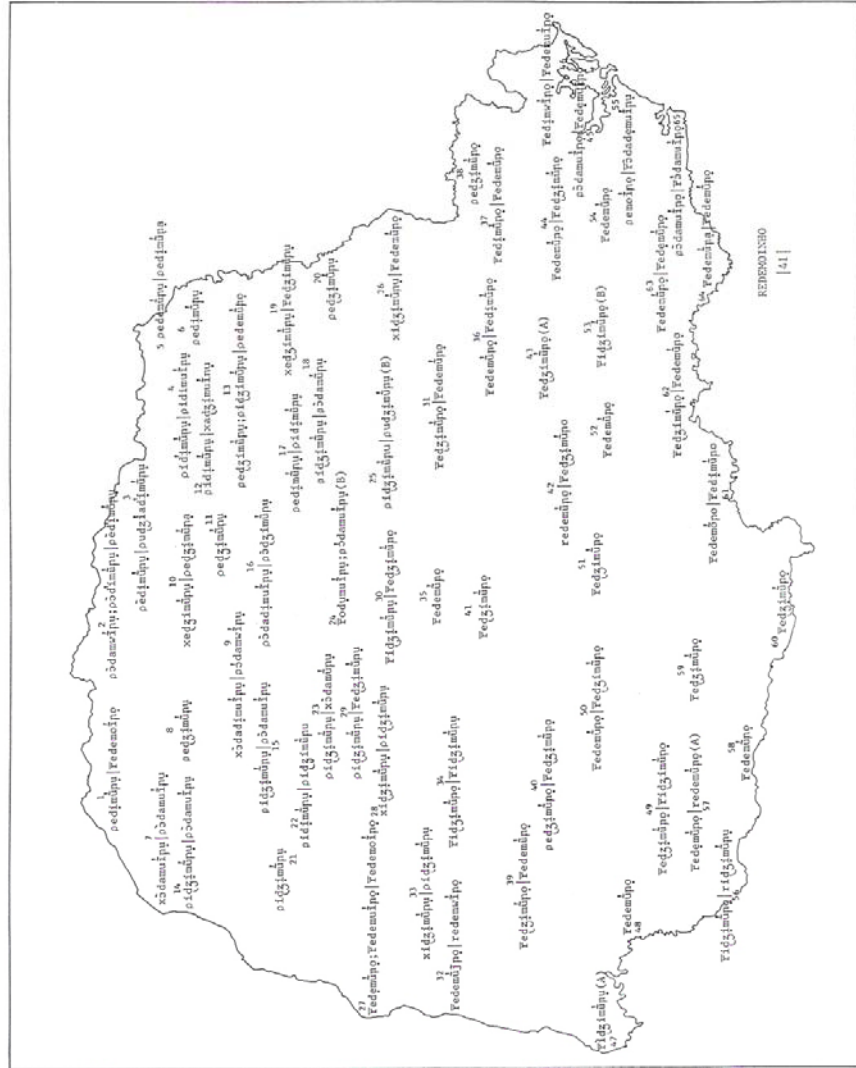


CARTA 131

285

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

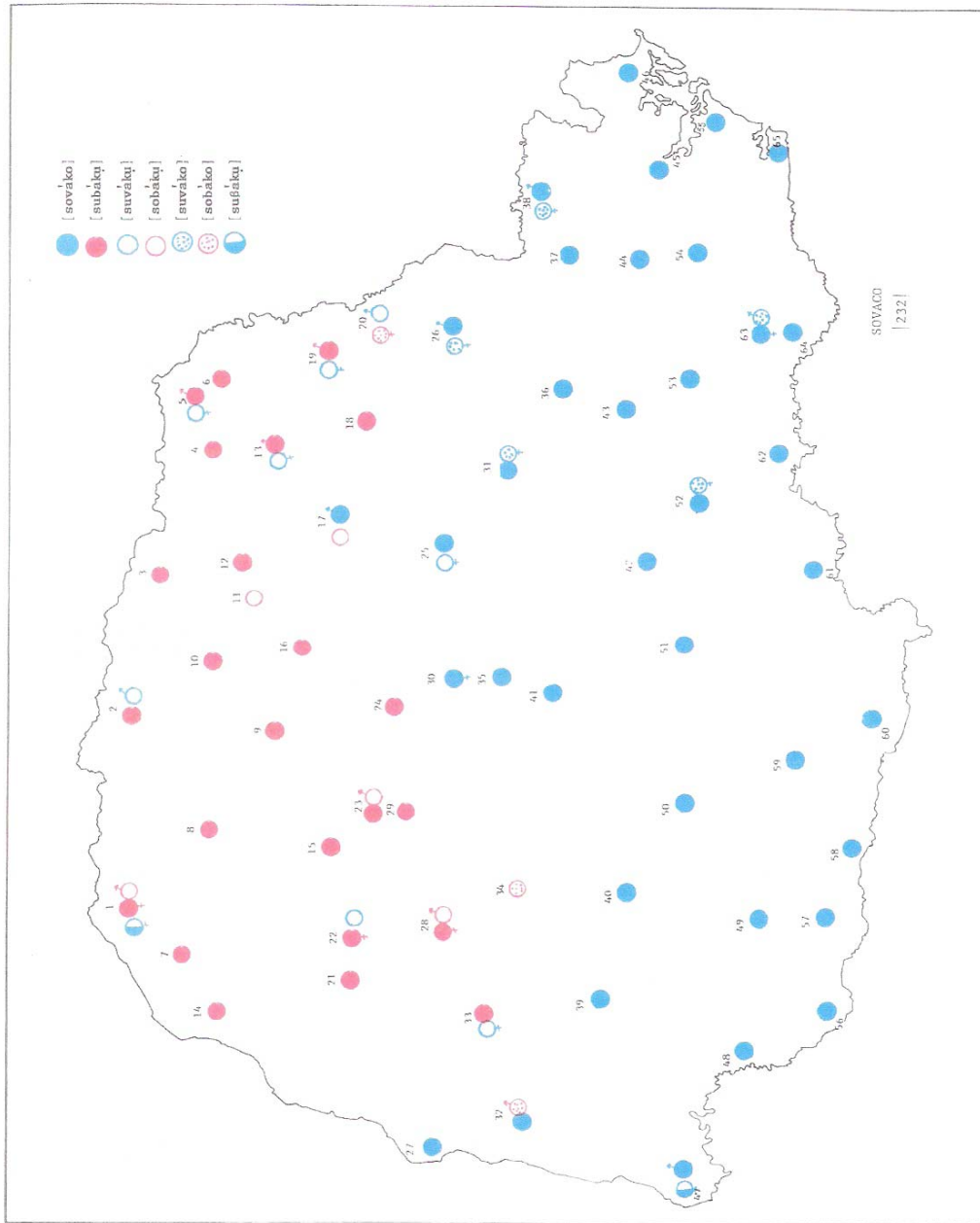
CARTA 32 - REDEMOINHO



CARTA 132

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

CARTA 135 - SOVACO



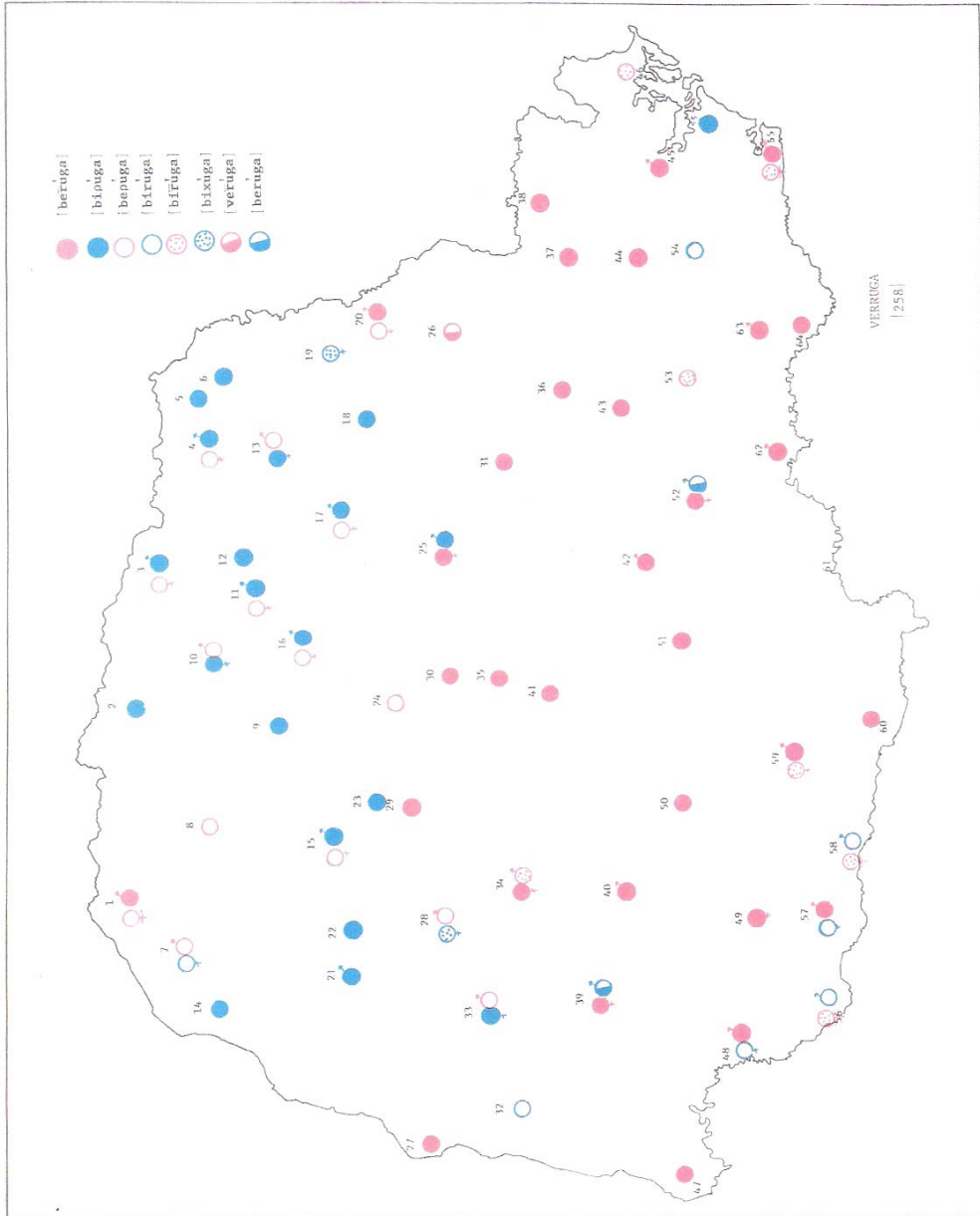
CARTA 135

293

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ



# CARTA 136 - VERUGA

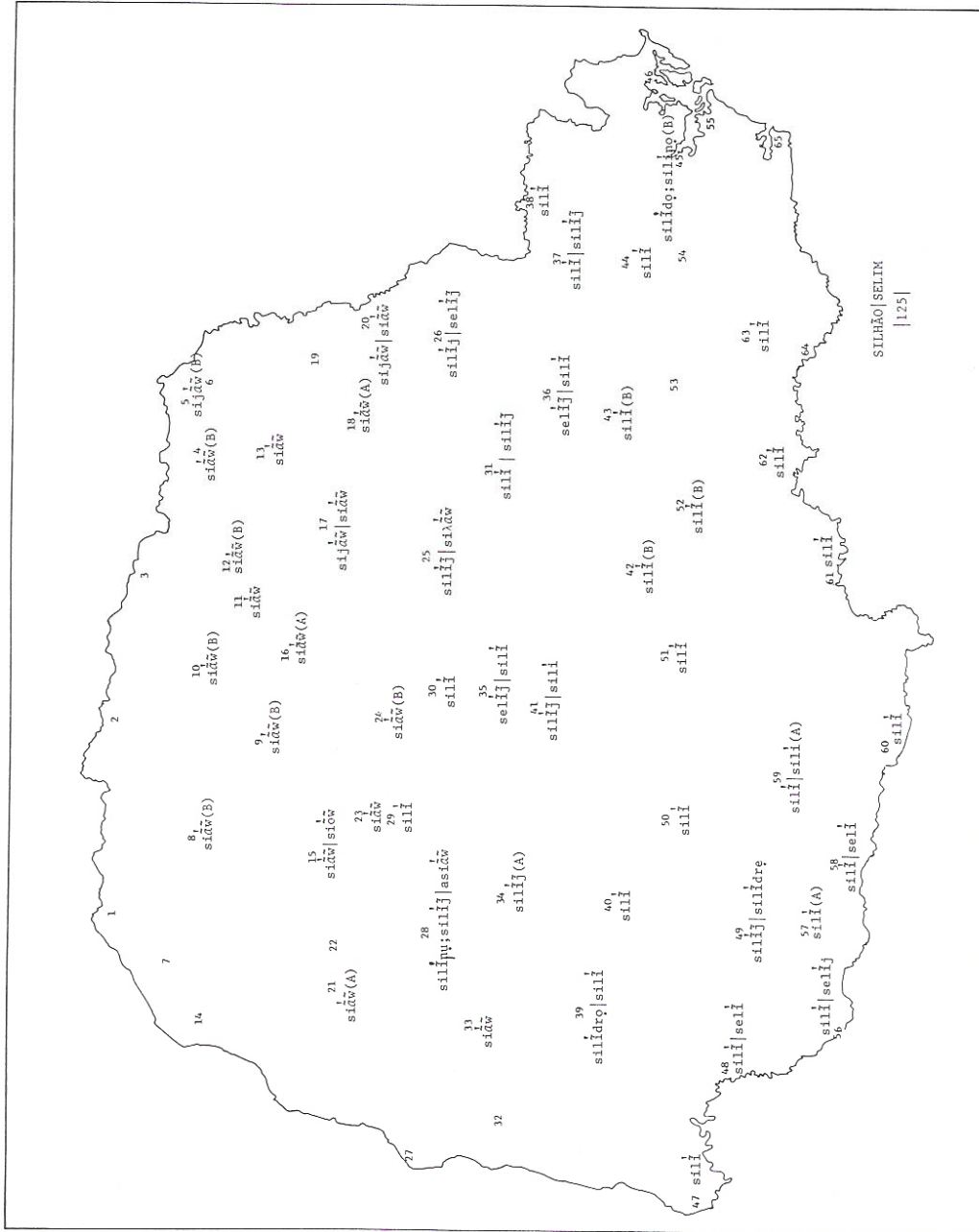


CARTA 136

295

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

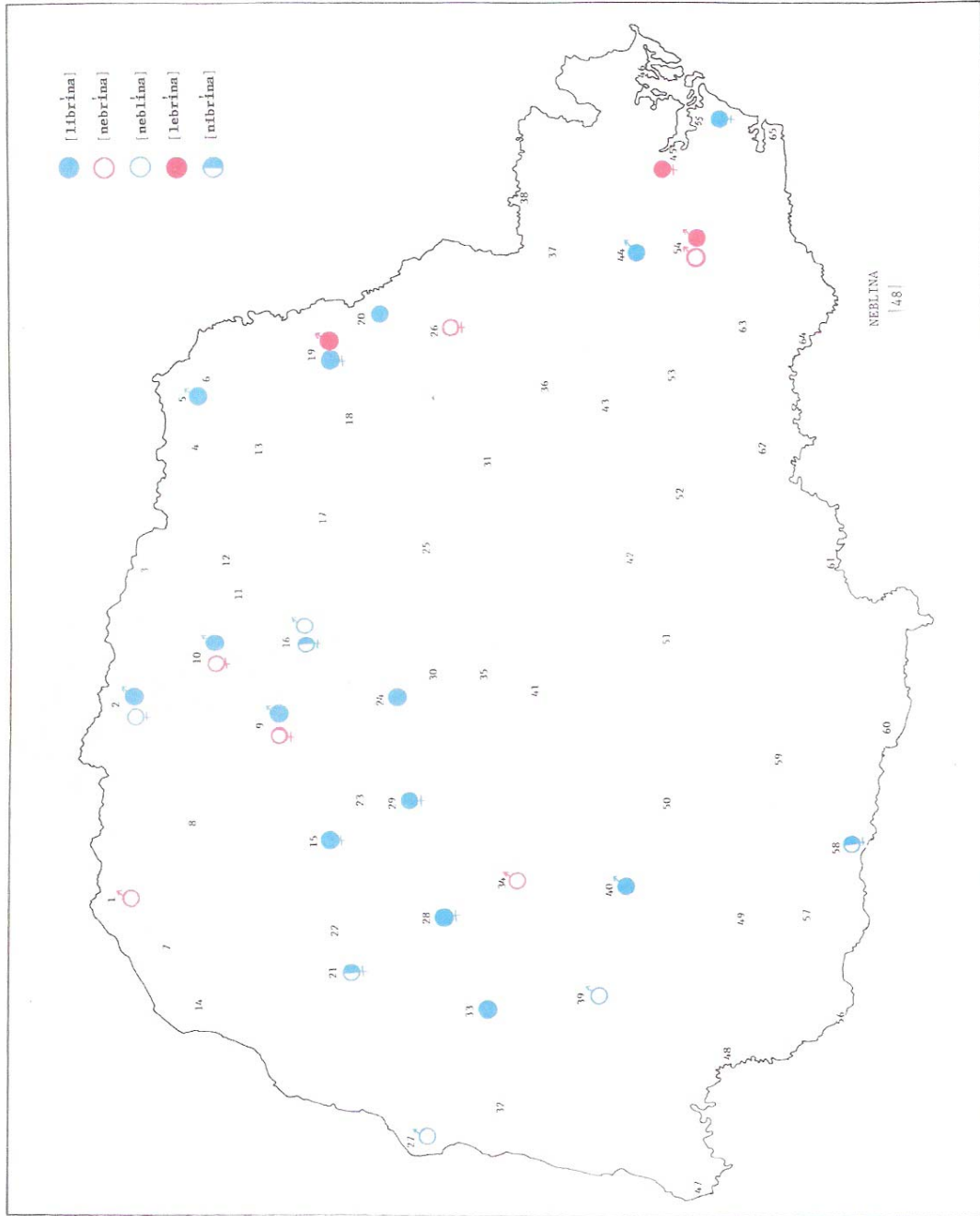
CARTA 146 – SILHÃO E SELIM



CARTA 146

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

# CARTA 151 - NEBLINA

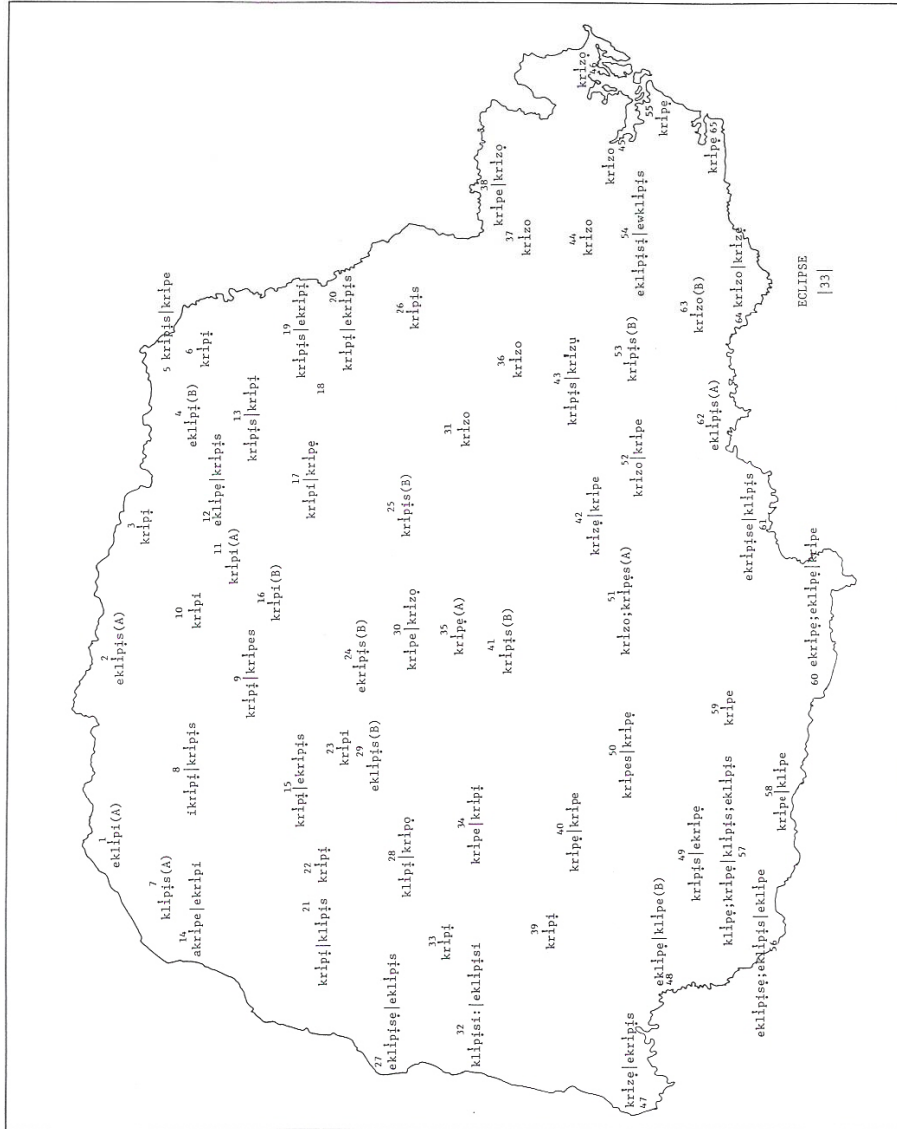


CARTA 151

325

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

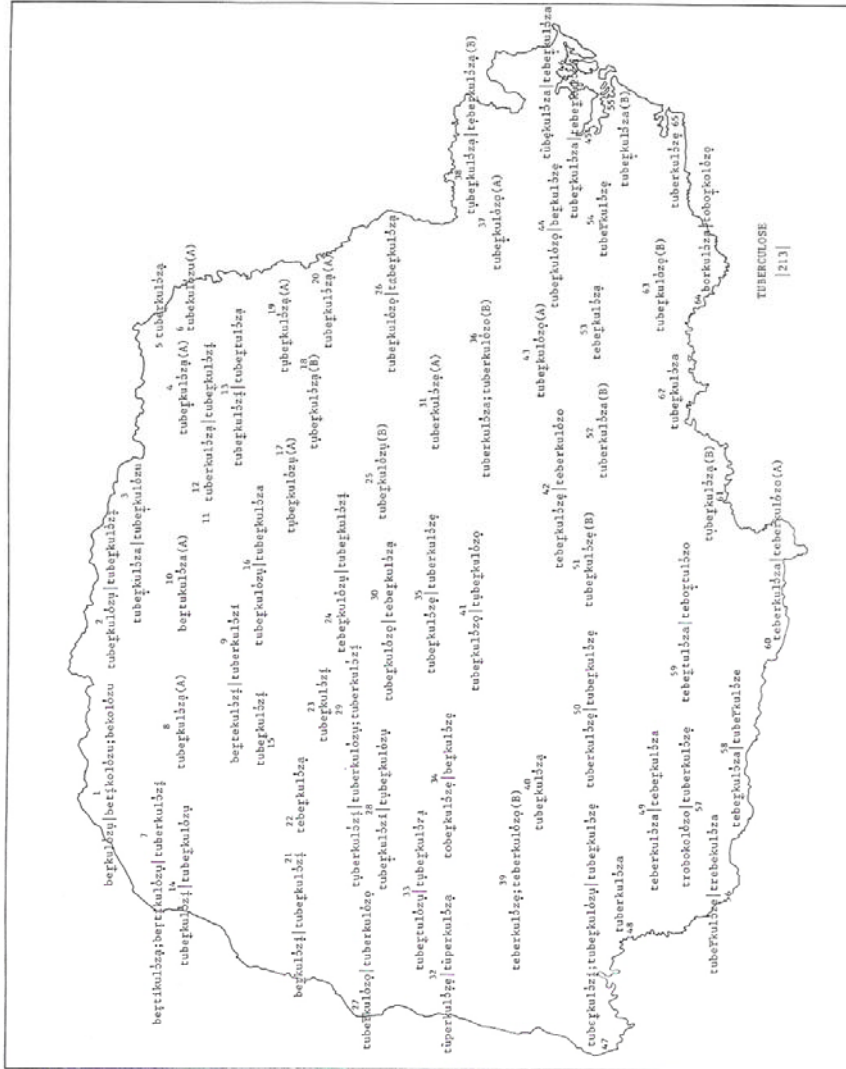
CARTA 152 - ECLIPSE



CARTA 152

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

CARTA 160 - TUBERCULOSE

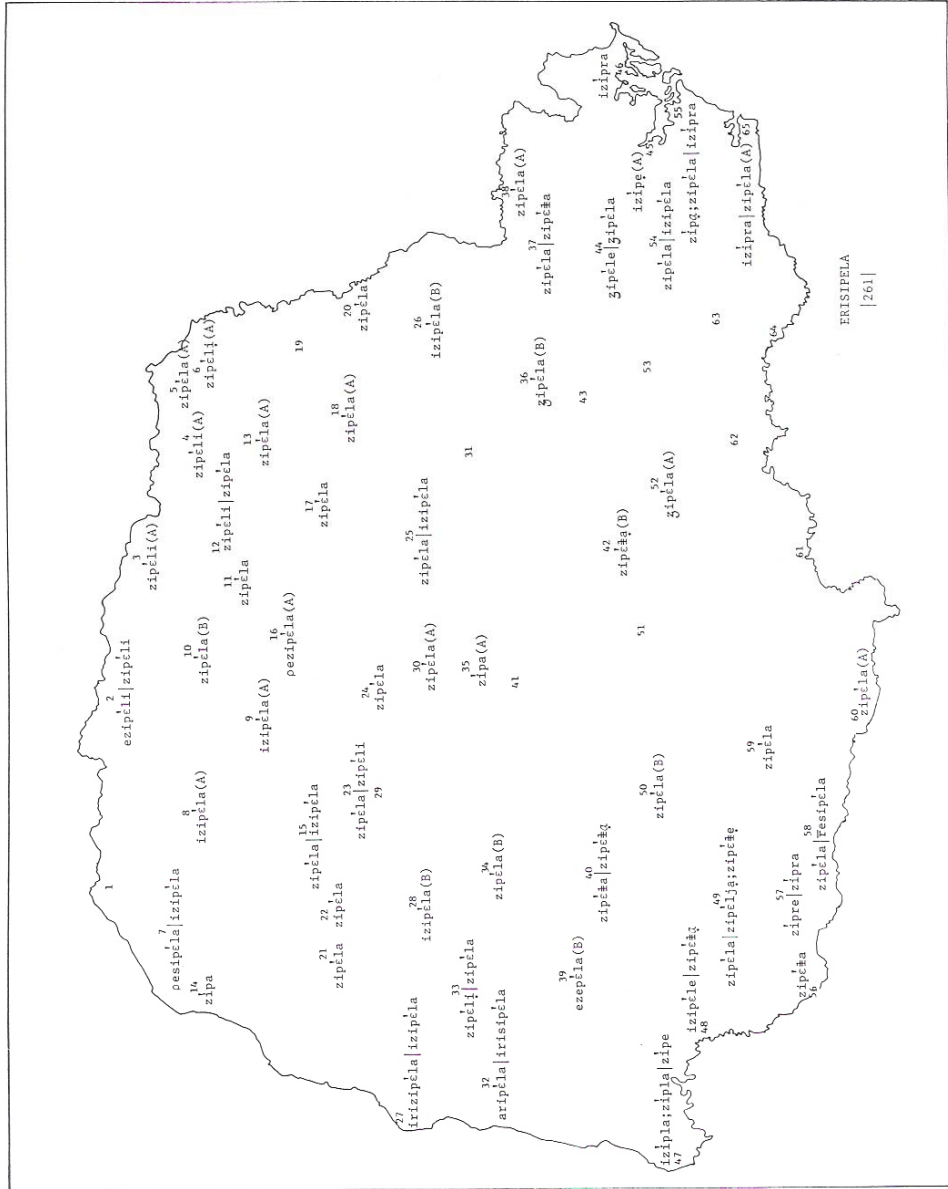


CARTA 160

343

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

CARTA 161 - ERISIPELA



CARTA 161

345

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

ERISIPELA  
| 261 |